



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Isadora de Mélo Costa

Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a *A Esperança* (Porto; 1865-1866)

Rio de Janeiro

2021

Isadora de Mélo Costa

Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a *A Esperança* (Porto; 1865-1866)



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientadora: Prof. Dr.^a Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

Coorientadora: Prof. Dr.^a Ana Carolina Galante Delmas

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

C837 Costa, Isadora de Mélo.
Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a A Esperança (Porto; 1865-1866) / Isadora de Mélo Costa. – 2021. 256 f.

Orientador: Lucia Maria Bastos Pereira das Neves.

Coorientadora: Ana Carolina Galante Delmas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imprensa – História – Teses. 2. Periódicos para mulheres – História – Teses. 3. Mulheres na imprensa – História – Teses. I. Neves, Lucia Maria Bastos Pereira das. II. Delmas, Ana Carolina Galante. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 070(091)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Isadora de Mélo Costa

Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a *A Esperança* (Porto; 1865-1866)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Bastos Pereira das Neves (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Galante Delmas (Coorientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Eiras Coelho Soares
Universidade Federal de Goiás

Rio de Janeiro
2021

DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que me deram sustento e coragem para propor um novo mundo de possibilidades, os parentes de sangue e os postigos: Wallace, minha mãe, minhas irmãs, meu pai, meus avôs, meu avô (in memoriam), meus sogros, meus tios e tias, meus amigos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço ao meu companheiro Wallace pelas inúmeras revisões, auxílio na montagem de gráficos, tabelas e formatação de texto. Agradeço, também, pela compreensão de sempre, pelo companheirismo de vida e de profissão.

Agradeço, aos meus pais, Gláucia e Rogério, meus sogros Ana e Luís e a toda minha família. Agradeço pelas visitas bem-humoradas, as horas de lazer, de tranquilidade e mansidão que foram fundamentais para o andamento deste trabalho. Em especial, agradeço os afetos, afagos, palavras e orações da minha madrinha de casamento Rubelita e meu padrinho Sidney. Amo todos vocês!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por ter me proporcionado significativas oportunidades de aprimoramento intelectual, através de seu corpo docente.

Sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento – Código de Financiamento 88882.450797/2019 –, sem a qual seria inviável, dentre outras coisas, os investimentos em livros, minicursos e participação em eventos acadêmicos.

Agradeço à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e minha coorientadora Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Galantes Delmas por terem acreditado no potencial do meu projeto desde a Iniciação Científica. Também agradeço toda a paciência e o cuidado de leitura, correção e orientação desta dissertação. Em especial, agradeço a *Ana* indicação da fonte utilizada neste trabalho e a *Lúcia* pela credibilidade depositada em mim e nesta pesquisa, sua atenção, dedicação e presença.

Sou grata às professoras Ana Carolina Eiras Coelho Soares e Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira pelo aceite em compor a banca avaliadora desta dissertação, assim como, pelas sugestões, indicações bibliográficas e respeito pelo meu trabalho durante todo o Exame de Qualificação. Também agradeço às professoras Lucia Maria Paschoal Guimarães e Isadora Tavares Maleval por aceitarem serem suplentes na defesa desta dissertação.

Agradeço ao Denilson e sua família por toda ajuda fornecida com fotocópias, livros digitais, fontes e toda assistência e carinho, seja pessoalmente, seja no trabalho remoto ocasionado pela Pandemia de COVID-19.

Sou grata aos /às colegas Aimée Schneider, Everton Barbosa, Laura Junqueira, Leila Gibin, Lívia Santos, Luíza Batista, Marco Túlio Baptista, Matheus Albuquerque, Maíra Villares, Natalia Oliveira, Stefanie Cavalcanti, Thaís Felix, Sérgio Filho e o pessoal do *Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais* que me deram força e inspiração, apoio acadêmico e psicológico durante o processo de formulação do projeto, levantamento de fontes, cruzamentos de dados e escrita desta dissertação.

Em meio a um cenário de Pandemia, o último ano do mestrado me deu horas de tremenda desmotivação e outras de uma escrita prazerosa e serena. Os altos e baixos vivenciados na construção desta dissertação foram marcados por trocas de e-mail, áudios, ligações e vídeo chamadas que me ajudaram a prosseguir. As trocas de ideias foram fundamentais para a compreensão das minhas próprias descobertas e formulação de novas inquietudes.

Obrigada professores, amigos e familiares, pelo acolhimento, conversas, leituras, revisões e contribuições. Muito obrigada!

RESUMO

COSTA, Isadora de Mélo. *Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) e A Esperança (Porto; 1865-1866)*. 2021. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho teve como fonte e objeto de estudo dois periódicos inaugurados na segunda metade do século XIX: *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e *A Esperança* (Porto; 1865-1866). Esses periódicos tinham um mesmo público alvo feminino e se relacionam a um contexto comum de ampliação das produções impressas, de reformas urbanas, materiais, nos sistemas de ensino e de transporte que se desenvolviam tanto no Brasil quanto em Portugal no decorrer das primeiras décadas de meados do XIX. Nesse mesmo cenário, as publicações voltadas às mulheres leitoras passaram a ganhar protagonismo e até admitir colaboradoras no interior e na redação dos jornais, como é o caso dos referidos periódicos. Assim, partindo desses impressos que se encontram on-line na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional* e na *Hemeroteca Municipal de Lisboa*, respectivamente, assim como utilizando-se da História Comparada, nos moldes de Marc Bloch e da abordagem da História Política e Cultural, esta pesquisa buscou analisar o cenário conjuntural e historiográfico desses objetos. Examinar seus dirigentes, táticas de venda, produção, além da própria representação feminina contida e idealizada nesses periódicos. Mesmo se situando em décadas, cidades e países distintos, tanto no *Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança* encontram-se convergências de ideias em torno da definição das mulheres e sua representação. Esses impressos apresentavam um discurso de cunho religioso que ora consideravam as mulheres seres de virtude e anjo dos lares, ora seres maléficos e maliciosos, voltados para o luxo e a perdição. Além disso, foi possível perceber que ambos os periódicos defendiam que os projetos de educação da mulher deveriam ser atrelados ao papel principal de esposa e mãe, e dificilmente às atividades de escrita e publicação de ideias por meio da imprensa.

Palavras-chave: Imprensa Feminina. Representação. História Comparada. Brasil-Portugal.

ABSTRACT

COSTA, Isadora de Mélo. *Printed synchrony between Rio de Janeiro and Porto: A comparative study on women's representations in Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) and A Esperança (Porto; 1865-1866)*. 2021. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The present work had as both source and object of study two periodicals opened in the second half of the 19th Century: *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) and *A Esperança* (Porto; 1865-1866). These journals had the same female audience as target and were related to a common context of expansion of printed productions, of urban reforms, of material reforms, of reforms in the educational and transport systems that were in development both in Brazil and in Portugal during the first decades of the mid eighteen hundreds. In this same scenario publications that aimed at female readers started to gain prominence and even admit female collaborators in the interior and on the writing of journals, as it is the case of the referred papers. Thus, starting from these printed materials that can be found online at the Digital Library of the National Library and in the Municipal Library of Lisbon, respectively, as well as using Comparative History according to Marc Bloch and the approach of Political and Cultural History, this research sought to analyze the conjunctural and historiographic scenario of these objects. We examined its leaders, sales tactics, production, in addition to the female representation itself contained and idealized in these journals. Even if they were located in different cities, countries, and even decades, both the *Jornal das Senhoras* and *A Esperança* brought to the light the convergences of ideas around the definition of women and their representation. These papers presented a discourse of religious nature that sometimes considered women beings of virtue and angels of the homes, and sometimes evil and malicious beings, turned to luxury and perdition. Besides, it was possible to notice that both journals argued that women's education projects should be linked to the main role of wife and mother, and hardly to the activities of writing and publishing ideas through the press.

Keywords: Women's Press. Representation. Comparative History. Brazil-Portugal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Moça lendo em Itu, s.d. José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899), óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo.	26
Figura 2- Henrique Pousão (1959-1884): Cecília, 1882. Óleo Sobre Tela. 82,3x 57,2 cm. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis.....	47
Figura 3 - Mapa Cartográfico e Histórico do Reino de Portugal em 1851 com destaque para as cidades que produziram periódicos femininos entre os anos de 1850-1860	54
Figura 4 - Plano Topográfico da Cidade do Porto com destaque para região de grande concentração de tipografias da cidade do Porto.	55
Gráfico 1 - Ocorrências do termo "Jornal das Senhoras" nas páginas do Jornal do Comércio e sua relação com o termo "Escrito por senhoras"	91
Figura 5 - Capa da 1ª Edição do <i>Jornal das Senhoras</i>	99
Figura 6 - Capa da 10ª edição do ano de 1853 do <i>Jornal das Senhoras</i>	100
Figura 7- Capa da 1ª edição do ano de 1854 do <i>Jornal das Senhoras</i>	101
Figura 8 – Fragmento do artigo “Presente e Passado”, presente no <i>Jornal das Senhoras</i>	102
Figura 9 - Planta do centro da cidade do Rio de Janeiro com as principais ruas do comércio de moda (1852).....	112
Figura 10 - Igreja de Nossa Senhora da Esperança, Portugal.....	128
Figura 11 – Matriz de N. S. da Estrella da villa da Ribeira Grande, Portugal.	129
Figura 12 - Ilustração da capa da 1ª edição de <i>A Esperança</i>	130
Figura 13 - Plano topográfico da cidade do Porto com destaque, em vermelho, para os locais de assinatura do periódico <i>A Esperança</i> e, em azul, ruas e locais próximos.	135
Figura 14 - Plano topográfico da cidade do Porto com destaque, em preto, para os locais de assinatura do periódico <i>A Esperança</i> e, vermelho, ruas e locais próximos.	137
Figura 15 – Fragmentos do <i>Jornal do Porto</i>	140
Gráfico 2 - Anúncios ou informes nas páginas de <i>A Esperança</i>	147
Figura 16- Última página do periódico <i>A Esperança</i>	151
Figura 17 – Fragmento da Capa do Periódico <i>A Esperança</i>	152

Figura 18 – Capa do 1 ^a e 2 ^o ano de publicação de <i>A Esperança</i>	153
Gráfico 3 - Proporção do n ^o de ocorrência de autores no 1 ^a ano de circulação de <i>A Esperança</i> (1865)	157
Gráfico 4 - Proporção do n ^o de ocorrência de autores no 2 ^o ano de circulação de <i>A Esperança</i> (1866)	161
Figura 19 – Páginas do livro de Joaquim Pedro de Sousa e Silêncio Cristão de Barros.....	165
Gráfico 5 - Classificação, por assunto, no periódico <i>A Esperança</i> – 1 ^a ano (1865).....	168
Gráfico 6 - Classificação, por assunto, no periódico <i>A Esperança</i> – 1 ^a ano (1866).....	168
Figura 20 – Fragmento de <i>A Esperança</i> sobre a Exposição Internacional Portuguesa.....	170
Figura 21 – Anúncios em jornais portugueses	173
Figura 22 - Anúncio presente em <i>A Marmota</i>	180
Figura 23- Anúncio do periódico <i>Imprensa e Lei</i>	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Periódicos brasileiros da década de 1850.....	32
Tabela 2 - Revistas direcionadas para o público feminino na década de 1850, no Rio de Janeiro.	35
Tabela 3 - Periódicos femininos portugueses nas décadas de 1850 e 1860	52
Tabela 4 - Datas de publicação e padrões de anúncios do <i>Jornal das Senhoras</i> nas páginas do <i>Jornal do Comércio</i> (1851-1856).....	88
Tabela 5 - Listagem publicada no <i>Almanak Administrativo</i> relativo aos “Armazéns e lojas de modas e fazendas francesas, de seda, ditas em casa, morim etc”, do ano de 1852.	93
Tabela 6 - Locais de venda e confecção de peças relacionadas à moda anunciadas no <i>Correio Mercantil</i> (1852).....	108
Tabela 7 - Locais de venda e confecção de peças relacionadas à moda anunciadas no <i>Jornal do Comércio</i> (1852).....	109
Tabela 8 - Anúncios e informes de <i>A Esperança</i> (1865-1866)	141
Tabela 9 – Romances folhetins do jornal <i>A Esperança</i> (1865-1866).....	174

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	O AMBIENTE DO <i>JORNAL DAS SENHORAS E A ESPERANÇA</i>	21
1.1	O Brasil do <i>Jornal das Senhoras</i>	21
1.2	A imprensa feminina brasileira dos faustos anos do II Reinado	30
1.3	Em meio à Regeneração Portuguesa	41
1.4	A imprensa feminina da Regeneração	49
1.4.1	<u>O cenário historiográfico dos periódicos <i>O Jornal das Senhoras e A Esperança</i></u>	59
1.4.2	<u>A historiografia acerca do <i>Jornal das Senhoras</i></u>	62
1.4.3	<u>A <i>Esperança</i> na historiografia</u>	67
2	DESBRAVANDO PÁGINAS DO RIO DE JANEIRO	72
2.1	O corpo dirigente do <i>Jornal das Senhoras</i>	73
2.2	Eis um jornal “só das senhoras”	85
2.3	Conteúdos de interesse feminino nas páginas da corte do Rio de Janeiro	105
3	ANALISANDO UM IMPRESSO PORTUENSE	125
3.1	<i>A Esperança</i>: objetivos e práticas de um periódico feminino portuense	125
3.2	Os bastidores de <i>A Esperança</i>	152
3.3	Por dentro do conteúdo de <i>A Esperança</i>	167
4	ENTRE DEMÔNIOS DE SAIAS E ROSAS COM ESPINHOS: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	177
4.1	A busca da definição da “mulher” como um princípio	177
4.2	Para além das primeiras definições	187
4.3	A escrita feminina periodista: entre práticas e representações	197
4.4	Educar para emancipar, emancipar para cuidar: as idealizações e desejos	211
4.5	Ideias e funções vistas como próprias do comportamento feminino: o ser mulher, mãe e esposa	222
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
	REFERÊNCIAS	243

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início ainda na Graduação, mais precisamente no 3º período do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Apresentou seus primeiros questionamentos em meio às conversas nos corredores e rampas da UERJ, nas aulas regulares do curso de História e nas reuniões de Iniciação Científica do projeto intitulado “Entre as Luzes e as belas letras: A linguagem dos impressos no século XIX”, coordenado pela Prof.^a Dr^a Lúcia Bastos.

Durante as inúmeras reuniões de Iniciação Científica, foi possível debater textos que explicitavam a presença significativa, desde o começo do século XIX, das trocas do mercado do livro e do impresso entre Brasil, Portugal e França. Também estudávamos textos que evidenciavam que, na conjuntura da segunda metade do século XIX, eram encontrados junto à literatura brasileira textos de autores portugueses como Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Theófilo Braga, Pinheiro Chagas, e outros, que juntamente com Alexandre Herculano, Almeida Garret e Eça de Queirós eram lidos no Brasil de modo tão corriqueiro quanto as traduções de “Verne, Montepin, Zola, Balzac, Lamartine, Flaubert, Hugo, Bellot, Scott, Sand, Voltaire, Le Bom, Spencer”¹, dentre outros. Os textos explicitavam que o potencial da palavra impressa difundida pelas ideias, costumes e hábitos criavam ligações tão profundas que se podia falar de um “elo transatlântico”².

O diálogo entre Brasil e Portugal abrigou grande parte das discussões textuais que se sucediam na mesa redonda no *Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais*, onde aconteciam as reuniões. Num desses encontros, a prof^a Dr^a Ana Carolina Galante Delmas comentou que havia um novo periódico português “dedicado às Damas” digitalizado e disponível para consulta na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Municipal de Lisboa*. Pronto! A partir disso, as indagações em torno das possíveis ligações entre esses papéis dedicados às mulheres portuguesas e os que se encontram voltados para as mulheres no Brasil mostraram-se supereendentes e proporcionaram um tema a ser questionado e analisado.

Foi a partir desse processo de indagações, iniciado ainda em fins de 2015, que a presente dissertação se sucedeu, tendo como objetivo o estudo comparado de dois periódicos que

¹EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia da Letras, 2004. p. 68.

² RAFAEL, Gina. Jornais, Romance- Folhetim e a Leitura Feminina no Século XIX: Influências Transatlântica? Recife: *Revista Iris*. Vol 1. N.1. p. 32-42. Jul/dez 2012. p.38. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/6015/2/gina.pdf>>. Acessado em: Fev. de 2020.

circulavam na cidade do Rio de Janeiro e do Porto, em meados do XIX. Mais precisamente entre 1852-1855, período de publicação do periódico fluminense *O Jornal das Senhoras*, e entre 1865-1866, contexto de produção e circulação do periódico português *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas*.

Essas publicações, que tinham como público alvo as mulheres leitoras, podem ser denominadas de “Imprensa feminina”³, pois esses impressos se constituíam tanto dos jornais que se proclamavam destinados às mulheres e concebidos por elas, quanto dos que tinham como público alvo o feminino e eram produzidos por homens. Essa imprensa se distinguia dos papéis voltados para o grande público por se direcionar a consumidores específicos e, portanto, tratar de assuntos, hábitos, gostos e condutas do interesse desse mesmo público⁴. Esse tipo de impresso surgiu no século XVII, com o *Lady’s Mercury*⁵ e, em termos de Brasil e Portugal, se desenvolveu ao longo do XIX, apresentando a maior quantidade de seus títulos na segunda metade do século. Isto é, justamente no momento em que *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* vieram à luz.

O periódico fluminense *O Jornal das Senhoras* foi inaugurado em 1^a de janeiro de 1852, em um momento, no Brasil, do estabelecimento de uma identidade nacional que tentava se desvincular de seu passado colonial. Buscavam-se novas regras de controle social baseadas no ideário de progresso, sobretudo, motivados pelos exemplos francês e inglês⁶. Havia apaziguamentos políticos, como a chamada “Conciliação dos anos de 1850”, que promoveu o apogeu do Império brasileiro e um remodelamento do “universo dos papéis impressos”⁷. Os jornais diminuíram suas temáticas voltadas estritamente às causas políticas-partidárias, privilegiaram o desejo comum de progresso e os acordos feitos pelos partidos conservadores e liberais do contexto conhecido como “*O tempo Saquarema*”⁸.

Ainda na segunda metade do século XIX, do outro lado do Atlântico, o periódico *A Esperança* circulava não somente na cidade do Porto, mas em outras províncias por meio de importes e graças à subscrição num período conhecido na historiografia portuguesa como *A Regeneração* (1851-1910)⁹. Nesse período, houve uma ruptura na história de Portugal, tanto na

³ BUITONI, Dulcília Schroeder. *A Imprensa Feminina*. 2^a Edição. São Paulo: Ética, 1990. p. 7.

⁴ *Ibidem*... p. 8.

⁵ *Ibidem*... p. 7

⁶ DIAS, M. Odila da Silva. “A Interiorização da Metrópole (1808-1852)”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

⁷ MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 43.

⁸ MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo/Brasília: Hucitec/INL, 1987.

⁹ BOURDON. Albert-Alain. *História de Portugal*. Paris: Edições texto e grafia. 2010, p. 112. .

economia – com as inovações técnicas e industriais –, quanto na política – com o relativo apaziguamento dos conflitos das forças de ação e reação em voga. E dentro desse quadro o periódico *A Esperança* não ficou alheio, mas procurou levar às damas de seu tempo a “ideia generosa de difundir conhecimentos enflorando horas de ócio com uma leitura barata”, cooperando com o almejo da regeneração, compreendido como o progresso de Portugal¹⁰.

Segundo Constância Lima Duarte, nessa época, “jornal e revista [...] tinham a mesma aparência, distinguindo-se apenas na diversidade de gêneros literários e nas matérias de entretenimento, que costumavam ser maiores nas denominadas revistas¹¹. Vivenciando essa indefinição do termo entre jornal e revista, *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* se denominavam como “Jornal” e devido a isso, é assim que que a presente pesquisa irá referenciá-lo. Enfim, entre textos literários e algumas imagens, textos de entretenimento e informação, esses periódicos devem ser compreendidos como “lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”¹². Eram produções coletivas nas quais diferentes agentes individuais atuavam em prol de objetivos ou temas em comum.

Tomando os periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* como principal fonte e objeto, a pesquisa ainda se debruça em fontes multifacetadas vizinhas a eles que tem como finalidade auxiliar na compreensão do contexto histórico que esses periódicos se assentavam e como esses jornais interagiam com o tecido cultural que o cercavam. Como exemplo dessas fontes, destaca-se, primeiramente, a literatura de época. Utiliza-se das obras *Memória de Um Sargento de Milícias* (1852-1853)¹³ e *Amor de Perdição* (1862)¹⁴, escolhidos por se aproximar do ano de publicação, respectivamente, dos periódicos, *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, e, portanto, descortinar grande parte do cenário cultural do momento, como a urbanização, a construção de ferrovias, hábitos e costumes e, sobretudo, o modo como a mulher era tratada e compreendida no decorrer de meados do século XIX.

Do mesmo jeito, nesta pesquisa, pinturas que evidenciavam a mulher leitora também foram utilizadas, pois permitem aproximarmos de determinado tempo histórico, suas

¹⁰ *A Esperança, Semanário Literário dedicado às Damas*. Volume I, Porto: 1865, p. 3

¹¹ DUARTE, Constância Lima. *A Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX. Dicionário Ilustrado*. 1ª ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2016, p. 21.

¹² DE LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Orgs.)... [et al]. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2006, p 140.

¹³ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícia*, Rio de Janeiro, 1852-1853. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/milicias.pdf>. Acessado em: Mai. de 2020.

¹⁴ BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*, 1862. Universidade do Amazônia (Unama). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16586>. Acessado em: Mai. de 2020.

idealizações e expectativa de futuro como as obras do brasileiro Almeida Júnior¹⁵ e do português Henrique Pousão. Tanto nas obras de Almeida Júnior como do português Henrique Pousão, chama a atenção o desaparecimento dos traços comuns do Antigo Regime, por exemplo, “a leitura oral”¹⁶ pela leitura silenciosa, como a presente na obra *Cecília*¹⁷ e “*Moça Lendo em Itu*”¹⁸.

Em termos de impressos, além de livros de época, utiliza-se de dicionários e periódicos. *O Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva mostrou-se de suma importância para a compreensão do modo como os contemporâneos compreendiam alguns conceitos de época, como “civilização”, “selvagem”, “escravidão”, “despotismo” e outros. Além disso, a pesquisa explorou anúncios em jornais como *Diário do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro; 1821-1858) *Correio Mercantil* (Rio de Janeiro; 1848-1868), *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro; 1827-2013) e *O Jornal do Porto* (Porto; 1859- 1892). Utilizou-se, também, de fragmentos de periódicos vizinhos ao *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Destacam-se extratos dos periódicos: *Imprensa e Lei* (Lisboa; 1854), *O Mágico* (Rio de Janeiro; 1851-1852), *Periódico dos Pobres* (Rio de Janeiro; 1850-1871), *A Marmota* (Rio de Janeiro; 1859-1864)¹⁹ *Novo Correio das Modas* (Rio de Janeiro; 1852-1854) e outros.

Além dos periódicos, a pesquisa também se utilizou de mapas de época que auxiliam a localizar pontos estratégicos de produção e disseminação do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, assim como, álbuns de retratos para a compreensão das redes de sociabilidades que tais periódicos abarcavam. Afinal, alguns dos colaboradores de *A Esperança* fizeram parte de um mesmo álbum de fotografias produzido por Joaquim Pedro de Sousa (1818-1878) e Silêncio Cristão de Barros (1792-ca 1870), entre os anos de 1859 e 1865, e muitos desses nomes pertenceram à *Revista contemporânea de Portugal e Brasil* (Lisboa, 1859-1865) e à Academia Real de Belas Artes de Lisboa, nos fazendo perceber as redes de sociabilidades que tais periódicos nutriam. Enfim, álbuns, periódicos, literatura de época, pinturas, mapas mostram-se fontes complementares que auxiliam no entendimento e análise de *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*.

¹⁵ Ver mais em: SANTOS, Simone Cléa dos. *Mulheres Leitoras: Representações Iconográficas na Pintura de Almeida Júnior (1890-1900)*. Universidade Federal de Uberlândia: Mestrado em Educação, 2015.

¹⁶ *Ibidem...* p. 54

¹⁷ Henrique Pousão (1959-1884): *Cecília*, 1882. Óleo Sobre Tela. 82,3x 57,2 cm. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cecilia-henrique-pousao/>>. Acessado em: Mai. de 2020.

¹⁸ *Moça lendo em Itu*, s.d. José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899), óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

¹⁹ *A Marmota*. Rio de Janeiro. (1859-1864). Tomo 1. n. 1307. p. 2. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=>>. Acessado em: Fev. de 2020.

Em termos de quadro teórico-metodológico, para se aproximar desses periódicos, esta pesquisa pauta-se, também, na renovação da História Política e sua nova forma de compreender os impressos como fontes privilegiadas de entendimento dos aspectos estruturantes do processo histórico, não mais como mero reflexo das estruturas como outrora se colocavam²⁰. Nessa abordagem a imprensa é percebida como um importante espaço de poder, de reivindicações, disputas, debates, espaço de comunicação coletiva e participação social; assim como um meio para compreensão de projetos, anseios e costumes de uma determinada época²¹. Nesta pesquisa, o campo do político, renovado nas últimas décadas, passa a trabalhar em conjunto com o cultural para preencher lacunas, direcionando-se sobre as relações entre o individual e o coletivo, desvendando as relações de poder que se consolidam no tecido cultural da sociedade, como nas relações de poder que se estabelecem, inclusive, entre os gêneros, como considerou Joan Scott²².

Por analisarmos produções culturais, torna-se pertinente abordarmos o político juntamente com as contribuições da História Cultural. Para Roger Chartier, a História cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler”.²³ Nessa abordagem, livro e impresso são tratados como objeto histórico, transformando-se em instrumentos tanto da difusão do saber, quanto da formação de sociabilidades e de representações de *status*. O conceito de representação, assim, torna-se de suma importância para compreensão da formação dos perfis de mulheres que habitavam as páginas do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, assim como os modos em que as mesmas se viam e eram tratadas. O conceito de representação seria “a imagem presente de um objeto ausente” e/ou a exibição pública de algo existente.²⁴ É a possibilidade de que o indivíduo se situe historicamente no tempo a que pertence, e nele se oriente. O que ocorre por um conjunto de códigos de comunicação que nos ajuda a interpretar e, portanto, compreender o mundo e as visões de um tempo distante do nosso. É sob este ângulo que se pretende examinar os conteúdos dos impressos *O jornal das Senhoras* e *A Esperança* e outras fontes que atravessam as relações e debates travados no seio desses periódicos.

²⁰ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: Jean-Pierre Rioux & Jean François Sirinelli. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, 351.

²¹ DE LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla et al (orgs.) *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2006, p.111.

²² SCOTT, Joan. Gênero. *Uma categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n2, jul/dez. 1995, p. 86.

²³ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e Representações* 2ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 17.

²⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Á Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2002. p. 20.

A pesquisa debruça-se fundamentalmente sobre a História das Mulheres, por se tratar de impressos voltados para mulheres, dirigidos e/ou colaborados por mulheres e que tratava de temáticas consideradas de interesse das “senhoras”²⁵, “damas”²⁶, “o belo sexo”²⁷ ou o “gênio”²⁸ feminino²⁹ / “feminis”³⁰ como afirmavam as próprias fontes ao se relacionar à elas. O campo da História das Mulheres, que vem se constituindo desde a década de 1960³¹, pode nos ajudar a explicar não necessariamente as causas da opressão feminina, mas identificar a criação de discursos que buscaram legitimar sua inferioridade, sua subordinação. Além disso, auxilia-nos a compreender as brechas que permitiram que as mulheres atuassem em prol dos seus direitos, mesmo estando à margem das garantias políticas, como é o caso das conjunturas de Brasil e Portugal em meados do século XIX. Acredita-se que a partir da História das mulheres torna-se possível compreender a agência feminina, suas lutas, vontades, desejos e expectativas que ora se aproximavam do papel destinado aos homens, ora se afastavam³².

Por apresentar fontes com analogias e diferenças, que guardam relações recíprocas este trabalho também se insere nas contribuições da História Comparada aos moldes de Marc Bloch. Essa história mistura-se a crítica às fontes ao mesmo tempo em que demarca e possibilita adentrarmos a novos olhares sobre um mesmo assunto. Por trás do que se lê há “morais de inteligência”,³³ que devem ser levados em conta, para nos aproximarmos de um universo cultural diferente do nosso. Busca-se compreender o jogo de semelhanças e diferenças de sociedades dinâmicas e vivas em que cada sociedade é vista por seu dinamismo próprio. Em outras palavras, visa-se uma história comparada aos moldes de Marc Bloch por se tratar de sociedades sincrônicas que guardam relações recíprocas entre si, guardadas num passado comum e num presente cheio de heranças e interações.

Pautando-se nesse quadro teórico-metodológico como proposta de trabalho, foi possível trabalhar sob as seguintes hipóteses:

²⁵ *A Esperança*. Porto. Tomo 1, p.164, 1865. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>> Acessado em: Nov. de 2020.

²⁶ *A Esperança*. Porto...p.1, 1865...

²⁷ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 6, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=&pagfis=51>>. Acessado em: Dez. de 2020.

²⁸ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro. Tomo1, n. 05, p. 8, 1853...

²⁹ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro. Tomo1, n. 43, p. 3, 1852....

³⁰ *O Jornal das Senhoras*. Tomo 2, n. 2, p. 3, 1853...

³¹ SOIHET, Raquel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p. 285.

³² PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 16.

³³ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações euroaméricas, 1997, p. 128.

- 1) Os debates acerca da emancipação moral e social que ocupam as páginas do *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e *A Esperança* (Porto; 1865-1866) partem de uma postura pedagógica, que compreendia emancipação de distintas formas, mas relacionava-se à ideia de educação e melhoramento da condição feminina que adentrava a cultura letrada da época. Essa emancipação ocupou visões distintas entre esses periódicos, por se tratar de jornais que circulavam em diferentes contextos produtores. Para ter acesso à compreensão dessa emancipação e das demais temáticas que tinham abrigo no interior desses jornais, é necessário vasculhar seus contextos produtores com um olhar atento ao modo como os contemporâneos viam e compreendiam o que se desenhava a sua volta.
- 2) Os diferentes redatores que atuaram nesses jornais propiciaram táticas de venda, sociabilidades e novas ideias para manter os periódicos circulando e atraindo o público feminino, mas sem com isso, criar uma oposição à proposta lançada pelo editorial inicial de cada um desses periódicos.
- 3) Acredita-se que a representação da mulher, abordada nos periódicos, colocava-se a partir de um dualismo em que a ideia de *anjo* e *demônio* fazia-se presente. Esse dualismo decorre das transformações nos comportamentos e perfis sociais femininos, as quais acarretaram debates, conflitos entre os gêneros, e reformulações dos papéis e funções desempenhados pelo feminino em ambos os lados do Atlântico.

Procurou-se comprovar essas hipóteses ao longo dos quatro capítulos. No primeiro capítulo, objetivou-se analisar o cenário conjuntural e historiográfico dos periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* na segunda metade do século XIX, buscando traçar a ambiência e a sincronia das sociedades produtoras desses impressos – Brasil e Portugal. Para isso, em primeiro lugar, foi possível recuperar o terreno conjuntural do Segundo Reinado brasileiro, revelando uma época de apaziguamento político, melhorias econômicas, educacionais, técnicas, urbanísticas e de transporte que, certamente, contribuíram para o surgimento de uma imprensa mais dinâmica, diversificada e voltada para o público feminino. Frisa-se o surgimento de sua imprensa feminina, com temas próprios para esse público leitor, como a moda, o teatro e a literatura que proliferaram em páginas produzidas nos principais centros urbanos do Segundo Reinado, como a corte do Rio de Janeiro, local de produção do *Jornal das Senhoras*.

Ainda no primeiro capítulo, buscou-se delimitar a conjuntura portuguesa da segunda metade do XIX, sinalizando as especificidades de Portugal do período da *Regeneração*, tanto em termos políticos, quanto das diversas reformas econômicas e culturais do contexto. No bojo de reformas educacionais, nos transportes e na indústria portuguesa, houve a produção de um maior número de jornais femininos, com seus assuntos e problemáticas em cidades como a do Porto, local que abrigava a tipografia do jornal *A Esperança*. Ao lado do cenário conjuntural, o capítulo se encerra localizando os periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* dentro do

cenário historiográfico, de modo a demonstrar a originalidade do estudo comparado, mas também, analisar os avanços e desencontros da própria historiografia em relação a esses impressos e, em segundo lugar, à própria história da imprensa.

No segundo capítulo a presente pesquisa voltou-se para a análise do periódico *O Jornal das Senhoras*. Destacou-se o corpo dirigente desse impresso: as redatoras Joana Paula Manso de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Vellasco e Gevária Nunezia Pires dos Santos Neves, suas ligações, redes familiares, de amizade, suas táticas editoriais e de venda. Além disso, buscou-se compreender como os conteúdos do jornal interagem com o que se passava em sua cidade produtora.

Posteriormente, no terceiro capítulo, buscou-se analisar o periódico *A Esperança* e suas especificidades. Isso é, suas principais características, redatores – Ricardo Dias César Rey e António Pereira da Silva – e colaboradores: Maria Peregrina Sousa, Maria Adelaide Fernandes, Camilo Castelo Branco, Alberto Pimentel, F. M de Sousa Viterbo, Ana Plácido, Teófilo Braga e Ernesto Biester e outros que, de maneira geral, podem ser compreendidos como nomes de vulto, seja na produção da literatura portuguesa em formato de livro, seja em colaborações e edições de outros periódicos. O capítulo se encerra ligando as páginas impressas de *A Esperança* ao cotidiano da cidade do Porto.

No último capítulo foi feita uma análise da representação da mulher nos dois periódicos aqui referenciados: *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Privilegiou-se as definições, dilemas e representações da mulher nessas sociedades. Foi possível traçar um quadro comparativo a respeito de como esses periódicos compreendiam e representavam um tipo de mulher específica que, em geral, se caracterizavam como a mulher branca, letrada, esposa e mãe de família. Além disso, tornou-se viável entrelaçar as semelhanças e diferenças enfatizando como era tratada a representação da mulher em tais sociedades. Enfim, objetivou-se identificar as possíveis convergências e divergências dessas sociedades do Atlântico de modo a perceber as heranças culturais, as proximidades e distanciamentos existentes entre Brasil e Portugal na segunda metade do XIX no que tange a representação das mulheres letradas.

Portanto, o presente trabalho objetivou aproximar visões até então não comparadas e exaltar opiniões e perspectivas de fontes que por muito tempo não foram consideradas de importância histórica. Seja devido a não serem compreendidas como parciais no tocante da história metódica, seja devido ao estigma por parte da historiografia marxista, que por muito

tempo considerou os impressos como uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos”.³⁴

Mais que isso, a análise do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança* propicia compreender como as perspectivas femininas acerca das transformações do século começavam a deixar marcas nas posturas políticas, econômicas e sociais de época de modo mais público. Além disso, possibilita aproximarmos do momento em que algumas mulheres letradas deixaram o poder de suas penas fluírem, fosse como formas de reivindicações, fosse como formas pedagógicas de anunciar as novas ideias reinantes sobre os diferentes assuntos de interesse feminino, no próprio meio público da mídia impressa. Isso é, proporcionou o entendimento de anseios, interesses, planos, medos e receios dos contemporâneos de época e, com isso, perceber as múltiplas visões do que seria ser mulher de acordo com as específicas conjunturas e sincronias do Brasil e de Portugal.

³⁴ DE LUCA, Tania Regina. “Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (Orgs.)... [et al]. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-112.

1 O AMBIENTE DO *JORNAL DAS SENHORAS* E A ESPERANÇA

1.1 O Brasil do *Jornal das Senhoras*

Por ventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade?

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do império, Metrópole do Sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia *O Jornal das Senhoras* [...]³⁵.

Era com entusiasmo e confiança que o periódico fluminense *O Jornal das Senhoras* (1852-1855) inaugurava seu primeiro número. Além da crença no progresso, na intervenção humana no curso dos acontecimentos e no potencial cosmopolita da cidade do Rio de Janeiro, o periódico evidenciava o papel transformador que a palavra impressa desempenhava no cenário dos primeiros anos da segunda metade do século XIX. O acolhimento do jornal, na expectativa de seus entusiastas, podia inserir toda uma sociedade na “marcha ao progresso” ou deixá-la “estacionária”, no caso de sua ausência.

Na segunda metade do século XIX brasileiro, esse ímpeto de progresso desempenhado pela palavra impressa era uma visão compartilhada não apenas pelo *Jornal das Senhoras*. Após a agitação política da maioridade de D. Pedro II, em 1840, a imprensa foi pouco a pouco arrefecendo os debates destinados às causas extritamnete políticas-partidárias e se inserindo no projeto que visava aproximar o Brasil de certo padrão de corte, progresso e civilidade de nações vistas como socialmente avançadas, caso da França e da Inglaterra³⁶. Assim, além de suas funções enquanto propagadora dos papéis de cunho político e oficial (desde sua criação, em 1808), ou de arena dos papéis que incendiavam os debates políticos (após a liberdade de imprensa de 1821), os papéis impressos, nos faustos anos da década de 1850, ganhavam a função de portadores do progresso da nação e eram incentivados “pela carga de civilidade” que comportavam³⁷.

Naquele período, a imprensa se abria para temas diversos, tornando-se mais sólida e multiplicando-se as funções que desempenhava. Aumentava o número de tipografias, criava-se

³⁵ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro (1852-1855). Tomo 1, n. 1, p.1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=>>. Acessado em: Mar. de 2020

³⁶ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em Tempos de Império”. In: MARTINS, Ana Luiza LUCA, Tania Regina de Luca (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 42.

³⁷*Ibidem...* p. 46.

a profissão de jornalista³⁸, consolidavam-se jornais literários, satíricos, ilustrados, comerciais, de moda e de diversas outras temáticas. Cresciam, também, as casas tipográficas, com os almanaques, os diários, as traduções, os romances-folhetins, as crônicas e firmavam-se os impressos que se direcionavam para públicos específicos e com interesses próprios, como se verifica no título de *O Jornal das Senhoras*³⁹.

A imprensa ainda prestava serviços diversos à sociedade. Era nela que se anunciavam o movimento das navegações do porto, os produtos de diferentes lojas, a busca por um serviço específico, a chegada ou partida de um morador ilustre e todas as novidades que se materializavam, fosse na sede da corte, fosse em locais distantes que passavam a ser conhecidos por meio da rapidez das notícias que se deslocavam pelos novos caminhos de ferro⁴⁰. Com tamanhas funções e serviços, é compreensível a confiança e a crença no progresso que o editorial do *Jornal das Senhoras* depositava na palavra impressa. Em seu cenário de publicação, a imprensa passava a fazer parte do tecido cultural da sociedade de modo cada vez mais dinâmico, interferindo, debatendo, discordando, concordando, moldando e sendo moldada pelo espaço que se desenhava a sua volta.

Nesse contexto, em termos políticos, vivia-se o apaziguamento dos conflitos regionais e partidários do Segundo Reinado (1840-1889). Esse apaziguamento apresentou maior êxito ao fim da revolta pernambucana conhecida como Praieira (1848-1850)⁴¹. Após esse marco, pouco a pouco os partidos políticos estabeleceram conciliações visando a manutenção do poder, a legitimidade da coroa, a centralização política e a consolidação de certa identidade nacional de modo a impedir que novas revoltas locais estourassem no vasto território da nação brasileira que ainda se construía. Os liberais, conhecidos na época como *Luzias*, e conservadores, como *Saquaremas*, embora apresentassem suas diferenças, nesse cenário da década de 1850, perpetuaram mais pontos em comum do que divergências. Tanto que a frase – “Nada há mais parecido com um saquarema do que um luzia no poder” – expressou parte significativa das acomodações políticas dos grupos partidários e a visão que esses grupos tinham uns dos outros no decorrer desse tempo⁴².

O contexto político era marcado pela confluência de objetivos e a manutenção de interesses que assegurassem o “princípio da autoridade”, como assim desejavam os

³⁸ *Ibidem...* p. 52.

³⁹ *Ibidem...* p. 57

⁴⁰ *Ibidem...* p. 44-80.

⁴¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 239-241

⁴² Ver mais em: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 243.

conservadores, e prosseguissem com “o progresso refletido e explicado pela experiência”, como ditavam os liberais⁴³. Quem vivia na década de 1850 se deparava, portanto, com uma relativa calma política, uma conciliação “realizada sob a égide conservadora, mas com a cooptação de grupos liberais”⁴⁴. A trégua política, logicamente, permitiu que novos assuntos, não apenas de cunho político, ocupassem a arena das páginas impressas e, de fato, o tecido cultural da sociedade que se construía⁴⁵. Além disso, contribuiu para o desenvolvimento de melhorias técnicas, urbanísticas e a estabilidade necessária para a consolidação do Estado-nação brasileiro que pouco a pouco se assentava por meio da unidade nacional, da integridade territorial e da manutenção da escravidão como forma de assegurar a ordem e a estabilidade política⁴⁶.

Naquela conjuntura, também havia certa euforia quanto à constituição de um Império forte e vitorioso. Pois, se com o fim da Praiera, “estava assegurada a supremacia da ideia de nação sobre as pátrias locais”⁴⁷, vitórias em guerras fronteiriças fortaleceram o ímpeto da nação brasileira frente aos outros países da América, que também se consolidavam como Estado-nação naquele mesmo momento. No período, com o intuito de conter a ameaça de uma Argentina “unificada e militarmente forte”, o Império brasileiro travou conflitos com o ditador argentino Juan Manuel Rosas, que estava no poder desde 1835. Em 1852, a vitória do Brasil, na Batalha de Monte Caseros, frente à Argentina de Rosas⁴⁸, assegurou a independência do Uruguai em relação a Buenos Aires e, pelo menos temporariamente, o Brasil havia se tornado, na América, “a potência regional dominante”⁴⁹.

O cenário político brasileiro era estável, marcado por vitórias e conciliações partidárias, com um Imperador nascido no Brasil que reinava, governava e administrava tendo como ferramenta de governo, dentre outras coisas, o chamado Poder Moderador⁵⁰. Embora D. Pedro II acabasse por escolher uma postura mais parlamentar e conciliadora, o Poder Moderador⁵¹ mantinha certa hierarquia que era firmada em sua própria personalidade. Era por esse quarto poder que o monarca podia dissolver a Assembleia dos Deputados, sempre que achasse

⁴³ NEVES, Lúcia Maria. B. P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op Cit...* 1999, p. 243.

⁴⁴ *Ibidem...*p. 246

⁴⁵ MOREL, Marco. “Os Primeiros Passos da Palavra Impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.p. 42-43.*

⁴⁶ *Ibidem...*p. 238

⁴⁷ *Ibidem...*p. 241

⁴⁸ *Ibidem...*p. 243.

⁴⁹ BETHELL, Leslie. “O Brasil no Mundo”. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012. p.159.

⁵⁰ NEVES, Lúcia Maria B. P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999. p. 283.

⁵¹ É válido sublinhar que se de início o Poder moderador dava “instabilidade a política do país”, gradualmente ele foi minando a legitimidade do imperador, pois os partidos políticos passaram a acusar o Imperador, sempre que ele fosse contra a suas ideias, de fazer o uso oportunista do poder. Ver mais em: CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012. p. 28.

necessário, e opinar nos atos sancionados pelos demais poderes. Além disso, nessa política do Império brasileiro (ao contrário das vizinhas latino-americanas, e mesmo da Europa), “não era a Câmara que fazia o Gabinete, mas o inverso. O imperador escolhia o presidente do Conselho de Ministros e este cuidava e selecionava os demais membros do Gabinete”⁵². Enfim, com hierarquias e permanências de privilégios, os anos áureos do Império do Brasil constituíam-se com a manutenção do equilíbrio político partidário e regional, com vitória em guerras fronteiriças, mas também, na trágica lógica social da escravidão, e tudo aquilo que fora consolidado na constituição de 1824, como o voto censitário masculino e a presença do poder moderador⁵³.

Com a conciliação de interesses políticos, o quadro econômico também trazia uma diversidade de transformações, sobretudo em relação ao modelo de inspiração europeia que se firmava no tecido cultural brasileiro da época. Buscavam-se hábitos vistos como refinados, importavam-se produtos e objetos próximos aos que existiam nos países europeus, principalmente, países como França e Inglaterra. Desenvolviam-se transformações materiais, surtos industriais, ao mesmo tempo em que se desfrutava de uma exponencial valorização do café⁵⁴. A vida econômica das principais cidades do Império era atingida por diversas reformas e melhorias, como o movimento de regulamentação das sociedades anônimas, a fundação do segundo Banco do Brasil, a expansão do crédito bancário (que estimulou a iniciativa particular), o incremento de negócios favorecidos pela rapidez das notícias, a introdução dos telégrafos, a iluminação pública à gás, o surgimento de uma elite comercial e financeira, e, enfim, o estabelecimento de meios de transportes modernos entre os centros de produção agrária e as grandes praças comerciais do Império⁵⁵. O país desfrutava de um universo econômico de melhorias significativas, que transparecia em diversos setores da sociedade, como a indústria tipográfica, de transportes e as melhorias na vida urbana como um todo. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, tratava-se de transformações econômicas que tentava inserir o Brasil na economia liberal e essas se desenvolveram, não à toa, logo após um importante passo para abolição da escravidão no Brasil: a Lei Euzébio de Queirós, de 1850⁵⁶.

A partir dessa lei foi proibido o tráfico transatlântico de escravos no país. O cenário de contrabando e as estratégias para burlá-la continuaram a existir, no entanto, esse passo dado em direção à abolição, precedida pela expansão do crédito e diversas outras melhorias, evidenciava,

⁵² NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999. p. 284

⁵³ *Ibidem...* p. 283

⁵⁴ *Ibidem...* p. 137.

⁵⁵ *Ibidem...* p. 74.

⁵⁶ *Ibidem...*

no dizer de Sérgio Buarque de Holanda, as tentativas de “liquidação mais ou menos rápida” de certa “herança colonial” e buscas por modelos de comportamento próximos às nações vistas como “socialmente avançadas”⁵⁷. No mesmo ano de 1850, outros fatores contribuíram para nortear esses novos ares do Segundo Reinado, como a aprovação do Código Comercial e a legislação sobre a propriedade privada, com a chamada *Lei de Terras*⁵⁸, que previa a legalização das sesmarias e as posses daquelas terras que os donos apresentavam cultivo e registro de propriedades⁵⁹.

Não era apenas na política e na economia que certas transformações eram sentidas. O cenário cultural iniciado na década de 1850 reverberava entusiasmo quanto à crença no progresso, como transparecia *O Jornal das Senhoras*, assim como na apropriação de novos gostos e hábitos vistos como civilizados. Com os objetos que vinham da Europa – porcelanas, pratarias, móveis, cristais, tecidos, livros, jornais e outros – surgiam também novas práticas de se portar, se vestir e frequentar determinados ambientes. Nas principais cidades do Império, expandiam-se as lojas, as casas de impressão, os clubes particulares, as bibliotecas e os teatros. Até mesmo as faixadas das casas se transformavam. Ao lado de locais fechados, com varandas finas, rentes às calçadas, como os sobrados, os mais favorecidos tomaram preferência por casas sinuosas e verticais, com varandas para as moças, escritórios, salões para bailes e mirantes de observação⁶⁰.

Nas pinturas da época podemos ter acesso às representações e às idealizações dessas transformações que se relacionavam ao gosto e aos hábitos daqueles que viviam toda a rapidez das mudanças do Segundo Reinado. Nas pinceladas de Almeida Júnior⁶¹, um dos bolsistas que o imperador D. Pedro II enviou ao estrangeiro para que aperfeiçoasse suas técnicas⁶², representava-se a abertura dos cômodos das casas e como essa facilitara a visão do observador que passou a desbravar e contemplar o que acontecia atrás dos muros de sua propriedade. A própria iluminação das casas se transformara, facilitando o incremento de práticas vistas como civilizadas, como o hábito da leitura. Em diferentes telas do mesmo pintor⁶³, jardins, varandas

⁵⁷ *Ibidem...* p. 79.

⁵⁸ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999, p. 242.

⁵⁹ *Ibidem...* p. 148

⁶⁰ *Ibidem...* p. 325-326

⁶¹ Ver mais em: SANTOS, Simone Cléa dos. *Mulheres Leitoras: Representações Iconográficas na Pintura de Almeida Júnior (1890-1900)*. Universidade Federal de Uberlândia: Mestrado em Educação, 2015.

⁶² CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012, p.29

⁶³ Como as telas: *Moça com livro, s.d.* José Ferraz de Almeida Jr (Brasil, 1850-1899), óleo sobre tela, Dimensões 50.00 cm x 61.00 cm. Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)/ *Repouso*. José Almeida Júnior (Brasil, 1850-1899), óleo sobre tela, Dimensões 85.00 cm x 115.00 cm. Acervo Particular. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra943/repouso>>. Acesso em: Abr. 2020.

e janelas mostravam-se os locais favoritos, sobretudo, para a leitura feminina que privada, muitas vezes, do escritório, achava nesses espaços silêncio, iluminação e conforto, ainda que continuassem sendo vigiada pela figura de seu pai ou de seu marido – como nos dão a entender a cadeira e a casaca no canto direito da tela abaixo:

Figura 1 - Moça lendo em Itu, s.d. José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899), óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo.



Fonte: *Moça lendo em Itu*, s.d. José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899), óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/>>. Acessado em: Abr. de 2020.

Ainda que os setores mais pobres da sociedade continuassem a morar nos sobrados e em habitações comunitárias, como os cortiços, no cenário cultural da segunda metade do XIX brasileiro eram acentuados os desejos por hábitos vistos como civilizados e símbolos que projetassem certa burguesia em ascensão. Os saraus, os teatros, as livrarias, os cafés, os bailes e os passeios ao ar livre emergiam como de bom tom entre os indivíduos da “boa sociedade”⁶⁴, embora não se restringissem a eles, nas principais praças urbanas no Império brasileiro⁶⁵.

⁶⁴Ver mais em: NEVES, Lúcia Maria B. P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999. p. 187.

⁶⁵ Segundo alguns autores, esses novos hábitos circulavam e atravessavam os demais status sociais pelos burburinhos das ruas, pelas vitrines das lojas, pela venda de bilhetes na frente dos eventos ou pela compra de ingressos para assentos menos valorizados de um teatro, como constatou Andréa Marzano. Ver mais em: MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008, p. 64-65.

O contexto cultural evidenciava novos contornos e formas que não passavam despercebidos aos olhos dos diversos escritores da época que formavam e idealizavam uma literatura nacional “com o qual também se identificavam”⁶⁶. Em romances como *Memórias de um Sargento de Milícias* (Rio de Janeiro; 1852-1853) observamos uma preocupação quanto à reclusão feminina. Em suas páginas, percebe-se que não se achava aconselhável que as mulheres ficassem reclusas e isoladas. Inclusive, tratava com certa crítica, o chamado “marido-dragão”, aquele que mantinha a esposa em casa, sem promover passeios e sem permitir que recebesse visitas:

Tinha-se José Manuel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquele tempo os conta tão perfeitos, que eram um suplício constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula: então chorava ela aquela liberdade de que gozava outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aqueles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam⁶⁷.

Novos hábitos e costumes adentravam a sociedade não como uma “cópia servil”⁶⁸ da Europa, mas com toda uma lógica de acomodações e resistências em diferentes esferas do cotidiano de homens e mulheres. Práticas eram revistas e reacomodadas, como a substituição do entrudo português (com seus combates de limões-de-cheiro, borrachas com água perfumada, e amos e servos convivendo em um mesmo ambiente) pelos bailes de máscara e os luxuosos carros alegóricos de passeatas carnavalescas que a partir de 1850 passaram a abrilhantar os eventos particulares. Também havia a gradual substituição do antigo costume português das amas-de-leite, ou amas-pretas, pelo hábito da amamentação materna, que pouco a pouco passava a ser valorizada como uma postura mais higiênica, civilizada e cuidadosa das senhoras do Império brasileiro⁶⁹.

Tratava-se de um cenário cultural que reverberava novos hábitos e também novas formas de distinção social, marcadas pelo uso das indumentárias, da frequência em certos ambientes, dos objetos materiais, das regras de etiqueta e, principalmente, pelo nível de educação dos indivíduos. Embora ainda faltassem escolas para o sexo feminino e a educação das meninas fosse marcada, tradicionalmente, por estudos de natureza doméstica, como

⁶⁶ NEVES, Lúcia Maria B. P. das. MACHADO, Humberto F. M... Op. Cit..., 1999. p. 234.

⁶⁷ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícia*, Rio de Janeiro, 1852-1853, p. 100. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/milicias.pdf>. Acessado em: Mai. de 2020.

⁶⁸ CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012. p. 33.

⁶⁹ Ver mais em: SILVA, Robson R. da. “A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX”. In: *Antíteses*, v.9, pp. 297-322, 2016. p. 302 Disponível em: www.redalyc.org/service/redalyc/downloadPdf/1933/193346401016/6. Acessado em 08/04/2020.

engomar e costurar, a educação, no período, também se intensificou em termos de importância, prestígio e utilidade. Apresentou melhorias: a educação passou a ser considerada como mola da propagação do progresso e da civilização e foi dividida em estágios que deveriam ser avançados com disciplinas específicas para os alunos do: “primeiro grau e segundo grau”, como previa as leis 1854⁷⁰. Educar era quase um sinônimo de evoluir o indivíduo e homogeneizar a nação, pois era vista com o poder de unificar gostos e costumes, possibilitando, inclusive, “fabricar o cidadão” do país que se formava, fomentar certo patriotismo e, sobretudo, projetar a evolução social⁷¹.

Nesse cenário cultural brasileiro, a educação e certa visão de mundo, como já apontava o editorial do *Jornal das Senhoras*, caminhavam numa lógica linear, iluminista, mas que pouco a pouco ganhava os toques, ajustes e apropriações da corrente de pensamento positivista que era importada da França. No decorrer do período, o positivismo se caracterizou quase como uma religião dentro da lógica cultural do Império do Brasil, pois foi na doutrina de Auguste Comte (1798-1857) que os contemporâneos encontraram um suporte, “substituto da religião, que servisse, como esta fizera no Antigo Regime, de fiador para a ordem social”⁷². A doutrina pautava-se, grosso modo, na valorização da ciência, na busca de comprovações científicas para se explicar certas ordens, estagnações e progresso dos povos e das coisas. Assim como valorizava a ordem, o progresso, a autoridade e a hierarquia como seus pilares, acomodando-se, dessa forma, sem grandes contrastes às crenças do tecido cultural brasileiro e toda sua hierarquia, liturgia e manutenção de privilégios⁷³.

Ainda em termos culturais, vale destacar a religiosidade do período. O batismo, o casamento, e o funeral marcavam a vida dos diferentes indivíduos do Império e podiam fazer parte de assuntos literários, como apontava alguns jornais da época⁷⁴. A religião estava no cotidiano dos contemporâneos ainda que medidas das autoridades governamentais pudessem modificar o modo com que essa religião fosse vivida, como as medidas do município da corte da década de 1850, que restringiu a utilização dos fogueteiros, barracas, fogueiras nas festas públicas da corte, assim como proibiram os enterros no interior das igrejas como forma de

⁷⁰ Ao primeiro grau foi estipulado o ensino da instrução moral e religiosa, a leitura, a escrita, noções de gramáticas, aritmética e sistemas de pesos e medidas como elementos obrigatórios. Já ao segundo grau, cabia aprofundar os estudos da etapa anterior com as disciplinas de história natural, ciências físicas, geometria, história, geografia, e história sagradas. Ver mais em: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999. p. p. 230.

⁷¹ NEVES, Lúcia Maria B. P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999, p. 227.

⁷² *Ibidem...* p.236

⁷³ *Ibidem...* p. 236-237

⁷⁴ *Ibidem...*p. 211

implementação de práticas mais civilizadas e higiênicas⁷⁵. Enfim, ainda que com certas mudanças, a religiosidade, sobretudo a católica, continuava a abrir as cerimônias políticas, lembrada por meio de seus impressos de cunho religioso que circulavam em diferentes cantos do Brasil⁷⁶, bem como adentravam o ambiente das casas e se fundiam com muitas outras formas religiosas que existiam no período⁷⁷.

O contexto cultural brasileiro mostrava-se múltiplo e a esse quadro deve-se ainda adicionar a diversidade de imigrantes – portugueses, ingleses, italianos, franceses e outros – que estabeleciam residência no Brasil, motivados pelo inchaço populacional europeu, os conflitos ocorridos na Europa – como as invasões napoleônicas no início do XIX e as Revoluções de 1848 na França (no caso francês). Soma-se a isso a melhoria dos meios de transporte e a relativa mudança de posição das bases econômicas do Império do Brasil. Principalmente a partir de 1850, com a expansão do capitalismo e a proibição do tráfico transatlântico de escravos, o que forçou uma gradual substituição de mão de obra. Esses imigrantes, muitas vezes, formavam seus próprios hospitais, casas de eventos, clubes, comércios e jornais adicionando novos contornos à sociedade brasileira da segunda metade do século, como o próprio *Jornal das Senhoras*, que foi fundado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha⁷⁸.

O Brasil que abrigava *O Jornal das Senhoras* era um país rural, dos grandes latifúndios de café, mas também, do açúcar, do tabaco, do algodão, do charque e da borracha. Ele crescia tendo como base a mão de obra escrava e convivia com um Brasil da modernização das cidades (sobretudo as litorâneas), com o surto industrial, o incremento de camadas urbanas intermediárias, a introdução das ferrovias, certa racionalização das crenças e o almejar dos requintes europeus. Viviam-se um momento de calma política e “mudanças” que, embora trouxessem a circulação de novos ares, não promoviam intemperes que abalasses as estruturas mais profundas da sociedade. Tratava-se de mudanças como já apontava Sérgio Buarque de Holanda “superficiais e artificiosas”⁷⁹, pois contradições sociais e culturais pairavam sob as diferentes províncias e entre elas, como a manutenção da escravidão e o fato das cidades

⁷⁵ *Ibidem...*p. 224-225

⁷⁶ Tais como *O pae de família catholico* (RJ; 1858-1859), *A voz da Religião: Unus Dominus, una Fides* (PE; 1846-1850), *A Abelha Religiosa: Verdade e Caridade* (RJ; 1854), *A Assembléia Catholica: periódico consagrado aos interesses da religião* (SE; 1859), *A Voz do Bacanga: Deos e Liberdade* (MA; 1848-1853) e outros.

⁷⁷ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. MACHADO, Humberto F. M... *Op. Cit...*, 1999, p. 211

⁷⁸ *Ibidem...* 1999, p. 175.

⁷⁹ HOLANDA; Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição, 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 78.

litorâneas desfrutarem de um maior número de melhorias materiais e urbanísticas que outras províncias do interior.

Nesse cenário destoante, dentre outros mecanismos, como a própria educação, muitos identificaram a imprensa como responsável por levar o progresso a diferentes indivíduos e locais. Pois, além de sua capacidade de penetrar lugares distantes, principalmente, pelas novas linhas férreas, colocava ao público certa homogeneização de hábitos, costumes e conhecimentos vistos como úteis aos novos padrões de corte e civilidade que se estabelecia e desejava-se que fosse compartilhado. Principalmente, nas áreas mais interioranas do país e àqueles indivíduos que ainda não apresentavam os hábitos vistos como civilizados, como as damas, que somente nessa segunda metade do século se firmaram como um crescente público leitor.

Portanto, nos faustos anos de 1850, que marcaram o apogeu do Império de D. Pedro II, a imprensa mostrava-se produto e agente de um contexto diversificado que buscava o progresso e novos hábitos culturais com jornais segmentados que pretendiam atender a complexidade e objetivos da nação que se formava. Vivia-se um período de mudanças técnicas e materiais, de melhorias da imprensa, da multiplicação das casas tipográficas, do aumento do número de leitores e da inauguração de impressos para públicos diversos e com diferentes temáticas, como os jornais literários, científicos, comerciais, de religião, satíricos, de imigrantes e aqueles voltados para a mulher leitora, como era *O Jornal das Senhoras*.

1.2 A imprensa feminina brasileira dos *faustos* anos do II Reinado

Ora pois, uma Senhora a testa da redação de um Jornal! Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas á literatura colaborando em diferentes jornais⁸⁰.

Em 1852, o periódico fluminense *O Jornal das Senhoras* anunciava, em tom de novidade, a inserção da escrita feminina na redação de diferentes jornais do planeta. O mesmo explicava que existiam senhoras que se dedicavam ao mundo dos impressos como redatoras e colaboradoras, contribuindo, sobretudo, nas folhas dedicadas aos assuntos literários. Revelava-se um cenário de mudança, que ainda poderia ser visto com estranheza ou um “bicho de sete cabeças” entre as leitoras do Império do Brasil, a quem *O Jornal das Senhoras* se destinava.

⁸⁰ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro. (1852-1855). Tomo 1, n. 1, p.1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=>>>. Acessado em: Abr. de 2020.

Essa arena de novidade em relação à inserção da escrita feminina no interior dos periódicos, assim como o florescimento do público leitor feminino e dos papéis que abrigavam um maior número de páginas destinadas aos conteúdos literários caracterizaram as folhas do *Jornal das Senhoras* e de muitos outros contemporâneos a ele nos primeiros anos da segunda metade do século XIX brasileiro. Tratava-se de um contexto que se assentava na estabilidade política, no desenvolvimento técnico, no aumento do número de mulheres alfabetizadas, no surgimento de novas formas de lazer e de um crescente interesse feminino às temáticas que extrapolavam a exclusividade do ambiente doméstico⁸¹. Tais condições deram força e propiciaram a consolidação dos impressos que não somente tinham mulheres em sua produção, mas efetivamente, se destinavam ao público feminino.

Segundo Dulcília Buitoni, esse tipo de impresso se distingue pelo sexo de suas consumidoras e pode ser caracterizado pelo termo *Imprensa Feminina*. Trata-se de impressos feitos para um público específico e com temáticas próprias para esse mesmo público. Seu surgimento datou do século XVII, com o *Lady's Mercury* e, em termos de Brasil, esse tipo de imprensa se desenvolveu ao longo do XIX, apresentando a maior quantidade de seus títulos na segunda metade do século⁸².

O percurso dessa imprensa brasileira, porém, teve início no ano de 1827⁸³. Naquele ano, juntamente com o surgimento da primeira lei de inserção do ensino feminino na legislação do Império brasileiro, é inaugurado o primeiro periódico feminino do Brasil: *O Espelho Diamantino* (1827-1828), no Rio de Janeiro. Esse jornal definia-se como um “Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas, Dedicado às Senhoras Brasileiras”. Circulou por cerca de dois anos, contando no cargo de redator com o imigrante francês Pierre René François Plancher (1779 – 1844) e apresentando um posicionamento a favor da educação feminina, pois ela cooperaria com todo o trajeto de evolução da humanidade⁸⁴. Pierre Plancher esteve atento às preocupações quanto à educação das mulheres e o crescimento de um público

⁸¹ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em Tempos de Império”. In: MARTINS, Ana Luiza LUCA, Tania Regina de Luca (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 54.

⁸² BUITONI, Dulcília Schoeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática AS, 1989, p. 7.

⁸³ Ver mais em: STAMATTO, Maria Inês Sucupira. “Um olhar na história: A mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910)”. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acessado em: Jan de 2020.

⁸⁴ DUARTE, Constância Lima. *A Imprensa feminina e feminista no Brasil : Século XIX*. Dicionário Ilustrado. 1ª ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2016, p. 20

leitor feminino que, possivelmente, não interessavam em suas outras publicações como *O Espectador Brasileiro* (1824-1827) e *O Jornal do Comércio* (1827)⁸⁵.

Nas primeiras décadas do XIX, Minas Gerais, São Paulo, Salvador e Recife não ficaram longe dos impressos voltados exclusivamente ao público feminino. Periódicos como *O Mentor das Brasileiras* (São João Del-Rei - MG, 1829), *Manual das Brasileiras* (São Paulo, 1830), *O despertador das Brasileiras* (Salvador, 1830) e *Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831) tomaram a cena com redatores que providenciavam manuais de primeiras letras, regras de etiqueta e outras variedades. Inclusive, alguns deram espaço para mulheres colaborarem com seus escritos, como fez uma das primeiras mulheres jornalista no Brasil, Nísia Floresta (1810-1885), em *O Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831)⁸⁶.

Desde a década de 1820, lado a lado com a busca e a conquista de certa instrução feminina, a imprensa dedicada às leitoras tomou seus contornos com jornais que se caracterizavam como espelhos, professores, manuais, despertadores e outras referências que denotavam em seus títulos a ideia de que as mulheres deveriam ser guiadas, mediadas e instruídas. Em meados do século, outros periódicos femininos entraram em cena à medida em que a imprensa brasileira se expandia, favorecida pelas melhorias que traziam novos ares ao Segundo Reinado brasileiro. Na década de 1850, é possível encontrar, segundo cruzamentos de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e a pesquisa de Constância Lima Duarte, a inauguração de, pelo menos, vinte e dois impressos destinados às mulheres no Brasil, inclusive, o próprio *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855).

Tabela 1 - Periódicos brasileiros da década de 1850

Nº	Nome	Período de publicação	Localidades
1	<i>A Marmota na Corte / A Marmota Fluminense / A Marmota</i>	1849- 1864	Rio de Janeiro
2	<i>O Recreio das Bellas: Periódico Literário</i>	1849-1850	Recife
3	<i>A Grinalda: Periódico Dedicado às Damas</i>	1849-1850	Recife
4	<i>Novo Gabinete de Leitura: Repertório oferecido às Famílias Brasileiras, para seu recreio e Instrução</i>	1850	Rio de Janeiro

⁸⁵ FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. “As leitoras no rio de janeiro do século xix: a difusão da leitura”. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005, p. 5. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31141>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁸⁶ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 400.

5	<i>O Bello Sexo: Periódico Literário e Recreativo</i>	1850 -1851	Recife
6	<i>O Jasmim: periódico dedicado ao Belo Sexo</i>	1850	Recife
7	<i>O Beija Flor</i>	1850-1851	Belém
8	<i>A Esmeralda: Periódico dedicado às Pernambucanas</i>	1850	Recife
9	<i>Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas: Revista Feminina da Casa Laemmert</i>	1851	Rio de Janeiro
10	<i>O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Bellas-Artes, Teatros e Crítica</i>	1852	Rio de Janeiro
11	<i>O Jardim das Damas: Periódico de Instrução e Recreio dedicado ao Belo Sexo</i>	1852	Recife
12	<i>Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e theatro.</i>	1852-1856	Rio de Janeiro
13	<i>Novo Correio das Modas: Novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas</i>	1852-1854	Rio de Janeiro
14	<i>A Bonina: Periódico Literário e Recreativo</i>	1854	Recife
15	<i>A Camelia: periódico Recrativo</i>	1854	Recife
16	<i>Estrela das Bellas</i>	1856	Recife
17	<i>A Borboleta</i>	1857	Rio de Janeiro
18	<i>A violeta Fluminense: Folhas Críticas e Literárias Dedicada ao Belo Sexo</i>	1857-1858	Rio de Janeiro
19	<i>Figaro-Chroniqueur</i>	1859	Paris, Rio de Janeiro
20	<i>O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Industria e Arte</i>	1859	Rio de Janeiro
21	<i>O Monitor das Famílias: Periódico de Intrução e Recreio Dedicado ao Belo Sexo</i>	1859-1861	Recife
22	<i>A Borboleta: Periódico Literário e Recreativo</i>	1859	Recife

Fonte: DUARTE. Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 // Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acessado em: Fevereiro de 2020.

Ao comparar a primeira e a segunda metade do século XIX brasileiro em relação à imprensa voltada a mulher leitora, percebemos que vinte e dois periódicos femininos foram inaugurados na década de 1850 (como aponta a tabela 1) e antes de 1849, de acordo com Constância Lima Duarte, dezoito jornais femininos foram publicados⁸⁷. Tirando uma média das publicações, pode-se dizer que com o caminhar do século XIX os jornais femininos

⁸⁷ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 31

proliferaram de modo exponencial. Na década de 1850, foram publicados mais de dois jornais por ano (isso é, 2,2 jornais ao ano), ao passo que se considerarmos a primeira metade do século XIX, a produção não chegou a um (aproximadamente 0,79 ao longo de 23 anos de publicações). Enfim, a produção anual de periódicos femininos quase triplicou na década de 1850, dando-nos uma ideia de como se deu a consolidação desse tipo de publicação, no Brasil.

Além do visível aumento do número de impressos femininos, na conjuntura de inauguração e circulação do *Jornal das Senhoras* essa imprensa florescia com títulos diversificados que atingiam cidades litorâneas do nordeste e do sudeste do país. Ela despertava o interesse do crescente público leitor e mobilizava redatores e redatoras que se interessavam em escrever sobre as mulheres e para as mulheres. O cenário de transformações técnicas também cooperava para aumentar o raio de propagação desses papéis. Periódicos escritos em francês circularam no Rio de Janeiro com suas poesias, contos, piadas, anedotas, críticas, anúncios de peças teatrais e vendas de gravuras e livros franceses, como era o caso do jornal *Figaro-Chroniqueur* (1859)⁸⁸.

O interesse nessa imprensa também pode ser verificado pela durabilidade das publicações da segunda metade do século. Se, em princípio, esses periódicos duravam de um a cinco anos, como aponta a tabela, ao longo da segunda metade do XIX surgiram periódicos que duraram mais de uma década. Como exemplo dessas publicações temos *A Marmota* (Rio de Janeiro; 1849-1864) que apresentou quinze anos de circulação, *O Correio das Damas* (Lisboa-Rio de Janeiro; 1836-1852) com dezessete anos, *O Sexo Feminino* (Minas Gerais, Rio de Janeiro; 1873-1889) também com dezessete anos e outros que “completaram décadas” se aproximando ou mesmo rompendo com o final do século, como: “*A Estação* (Rio de Janeiro, 1879-1927), com vinte e cinco anos; *Almanach das Senhoras* (Portugal/Brasil, 1871-1927), com cinquenta e seis anos; e o mais longevo: *O Corymbo* (RS, 1884-1944), com sessenta anos”⁸⁹.

Nesse cenário de consolidação, proliferação e interesse dos impressos femininos brasileiros de meados do XIX, em termos de local de impressão, é possível afirmar que Recife e Rio de Janeiro se constituíam como os locais em que mais se publicaram periódicos destinados ao público feminino nos anos de 1850 (como aponta a tabela), mas também, ao longo de todo o XIX, como aponta Constância Lima Duarte. Segundo a mesma, foram esses os locais em que mais circularam jornais voltados às leitoras do Império. Ao todo, vinte e cinco periódicos

⁸⁸ *Ibidem...* p. 136.

⁸⁹ *Ibidem...* p. 18

dedicados às damas circularam em Recife e quarenta e cinco na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do XIX⁹⁰. E desses quarenta e cinco, somente na década de 1850, (como aponta a tabela 2) pelo menos dez revistas foram publicadas exclusivamente para o público feminino na corte e capital política do Império.

Tabela 2 - Revistas direcionadas para o público feminino na década de 1850, no Rio de Janeiro.

Nº	Nome	Duração	Primeira Tipografia	Primeiro Redator(a)
1	<i>A Marmota na Corte/ A Marmota Fluminense/ A Marmota</i>	1849-1864	Rua do Ourives n. 21/ Praça da Constituição n.64, Tipografia Dois de Dezembro. Rio de Janeiro	Próspero Diniz e Francisco de Paula Brito/ Paula Brito
2	<i>Novo Gabinete de Leitura: Repertório oferecido às Famílias Brasileiras, para seu recreio e Instrução</i>	1850	Rio de Janeiro	Eduardo e Henrique Laemmert
3	<i>Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas: Revista Feminina da Casa Laemmert</i>	1851	Rio de Janeiro	Eduardo e Henrique Laemmert
4	<i>O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Bellas-Artes, Teatros e Crítica</i>	1852-1855	Typographia Parisiense Rua Nova do Ouvidor n. 20	Joana Paula Manso de Noronha
5	<i>Novo Correio das Modas: Novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas</i>	1852 - 1854	Casas de E. & H. Laemmert ou Tipografia Universal de Laemmert Rua da Quintanda n ° 77	
6	<i>Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e teatro.</i>	1852-1856	Rio de Janeiro	
7	<i>A Borboleta</i>	1857	Tipografia de Peixoto & Leite/ Tipografia Fluminense Rua do Ouvidor, n. 8/ Rua dos Ciganos n. 23. Rio de Janeiro	
8	<i>A Violeta Fluminense: Folhas Críticas e Literárias Dedicada ao Belo Sexo</i>	1857-1858	Rua da Valla, Rio de Janeiro	Fortes e Almeida Oliveira
9	<i>Figaro-Chroniqueur</i>	1859	Imprimerie Moderne de Georges Bertrand.	Arthur Du Mouton

⁹⁰ DUARTE, Constância Lima... *Op Cit...* 2016, p. 18

			Rua da Ajuda, n. 73. Rio de Janeiro	
10	<i>O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Industria e Arte</i>	1859-1860	Tipografia de F. de Paula Brito Praça da Constituição n° 64	F. Eleuterio de Sousa

Fonte: DUARTE. Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 // Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acessado em: Fevereiro de 2020.

Tomando a corte do Rio de Janeiro para análise, percebemos na tabela acima que jornais como *A Marmota* (1849-1864), o próprio *Jornal das Senhoras* (1852-1855), *O Novo Correio das Modas* (1852-1854), *O Recreio do Bello Sexo* (1852- 1856) e outros vinham à luz trazendo subtítulos que tinham por objetivo atrair um crescente público leitor feminino com elementos que pouco a pouco se consolidavam como próprios dessa imprensa: moda, literatura, teatro e outras temáticas que, na época, eram estimadas como de bom tom e útil às mulheres do império.

Esses conteúdos, no Rio de Janeiro, podiam ser impressos em jornais produzidos na Rua do Ouvidor e em suas adjacências. Isso é, na Rua do Cano, da Ajuda, dos Ciganos e outras, visto que, normalmente, muitos periódicos mudavam de endereço tipográfico ao longo de suas publicações e os locais de impressão eram apenas um dos diversos pontos de subscrição para a venda desses impressos.

Na Rua do Ourives, por exemplo, foi inaugurado um dos jornais femininos mais longevos da década de 1850: *A Marmota* (1849-1864), do tipógrafo e editor Francisco de Paula Brito (1809-1861). Mulato e de origem modesta, Paula Brito foi gradualmente conquistando grande prestígio nas produções editoriais das “décadas de 1840 e 1850”. Ele trabalhou na *Typographia Nacional*, no *Jornal do Comércio* (1827-2016) e começou sua trajetória como livreiro e editor quando comprou uma loja de encadernação de livros na Praça da Constituição, n. 31, atual Praça Tiradentes, em 1831. A partir daí, destacou-se no ramo dos impressos, conquistou uma relação de mecenato por parte de D. Pedro II e foi intitulado “Impressor da Imperial Casa”, em referência a sua tipografia Dois de Dezembro⁹¹.

Francisco de Paula Brito soube “perceber a importância da mulher leitora”⁹². Escreveu para o público feminino e procurou se aproximar dele assinando com pseudônimo feminino e citando mulheres em suas publicações, assim como fez com Nísia Floresta (1810-1885). Antes

⁹¹ EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro* (1870-1924). São Paulo: Companhia da Letras, 2004, p. 36-37.

⁹² FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Cruz. “Perspectivas da Cidadania no Brasil Império”. In: CARVALHO, José Murilo de Carvalho. CAMPOS, Adriana Pereira Campos. *Livros e Cidadania no Rio de Janeiro do século XIX*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011, p. 317.

de *A Marmota* (1849-1864) e suas sucessivas mudanças de título, Paula Brito já havia publicado jornais femininos, como *A Mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada* (Rio de Janeiro, 1832-1846)⁹³ e, em todos, disponibilizou a descrição de figurinos de moda, procurando chamar a atenção das diferentes leitoras fluminenses⁹⁴. Em *A Marmota* (1849- 1864), produziu páginas que, além de moda, apresentavam “charadas, logogrifos, receitas”, crônicas, anúncios e correspondências de homens e mulheres⁹⁵.

Os irmãos Eduard e Heirinch Laemmert também se mostraram editores de destaque nas publicações femininas do Rio de Janeiro da década de 1850. Ambos imigrantes, Eduard foi o primeiro entre os irmãos a vir ao Brasil consolidando, primeiramente, a empresa *Souza Laemmert*, em parceria com um imigrante português chamado Souza. Com a vinda do segundo irmão uma nova firma é formada: a E. & H. Laemmert. Os Laemmert tomaram vulto no mundo editorial, sobretudo, com o famoso *Almanack Laemmert Administrativo Mercantil e Industrial de Corte e da Província do Rio de Janeiro* (1891- 1840) e com a *Livraria Universal*, localizada na Rua do Ouvidor⁹⁶. Como aponta a tabela 2, em meados do século, os Laemmert foram redatores de duas publicações destinadas ao público feminino. Tratava-se do *Novo Gabinete de Leitura* (1850) e *Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas: Revista Feminina da Casa Laemmert* (1851). O primeiro se caracterizava como um “periódico-livro”, com textos em prosa, traduções do francês, anedotas e Charadas⁹⁷, e o segundo brindava suas leitoras com matérias ilustradas com trajes para festas e passeios, comentários acerca dos bailes e dos espetáculos e trazia romances folhetins de modo a instigar o hábito da leitura⁹⁸.

Na mesma década, os Laemmert estiveram ainda envolvidos na publicação do periódico contemporâneo ao *Jornal das Senhoras* que tinha por título *Novo Correio das Modas* (1852-1854). Esse periódico era “editado duas vezes por ano” e tinha por objetivo levar as suas leitoras “Novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas”, charadas, textos de figurinos produzidos em Paris e valores morais que, quase sempre, colocavam o casamento e a maternidade como os locais de maior significado na vida das mulheres⁹⁹.

⁹³ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 21

⁹⁴ FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. “As leitoras no rio de janeiro do século XIX: a difusão da leitura”. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005, p. 5. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31141>>. Acessado em: Fev. de 2020.

⁹⁵ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 97-102.

⁹⁶ FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz... *Op. Cit...* 2005, p. 6-7.

⁹⁷ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 105-106.

⁹⁸ *Ibidem...* p. 116.

⁹⁹ *Ibidem...* p. 126-128.

Contemporâneo ao *Jornal das Senhoras*, ao *Novo Correio das Modas* (1852-1854) e à *Marmota* (1849- 1864) existia, ainda, *O Recreio do Belo-Sexo* (1852-1856)¹⁰⁰. Ele se definia como “Jornal de Modas, Literatura, Belas-Artes e Recreio”. Na *Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional*, no Rio de Janeiro, encontramos apenas um número desse periódico, o mesmo encontrado pela pesquisadora Constância Lima Duarte. Segundo a mesma, é provável que esse jornal tenha “sido lançado no Rio de Janeiro em 1852, pois o único número encontrado no Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional corresponde ao quinto ano de circulação e está datado de 17 de janeiro de 1856”¹⁰¹. Ainda que já existam algumas pesquisas a respeito desse impresso, não foi possível saber quem eram seus redatores, ou mesmo redatoras.

Além de redatores homens, essa imprensa feminina de meados do século apresentava o diferencial que era o gradual aumento da presença de algumas mulheres no meio público da palavra impressa. No período, vozes femininas adentraram a redação de alguns periódicos, colaborando com escritos e até mesmo fundando seus próprios jornais.

Dentro da imprensa oitocentista, uma das primeiras mulheres jornalistas brasileiras foi a gaúcha Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), conhecida sob o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira. Nísia, desde a década de 1830, colaborou com poesias e artigos para alguns periódicos e publicou, em 1832, *Direitos das Mulheres e injustiças dos homens* “o qual qualificou como uma tradução livre de *Reivindicação dos direitos das Mulheres*”¹⁰² de autoria de Mary Wollstonecraft (1759-1797). De acordo com a historiadora Maria Lucia Garcia Pallares Burke, essa obra “seria a tradução de *Woman not Inferior to Man*, de autoria desconhecida [...] e por sua vez composta de trechos retirados [...] originalmente publicado em 1673 por François Poullain de La Barre”¹⁰³. Como naquela época era comum o empréstimo de textos e a cópia de manuscritos, é possível que Nísia tenha se enganado, mas seja como for, a tradução brasileira fez sucesso e apresentou muitas edições que se proliferaram em diferentes cidades, como Porto Alegre e Rio de Janeiro, possivelmente, devido a importância social que a obra dava as mulheres enquanto mães e mentoras do futuro da nação: as crianças.

É verdade que o emprego de nutrir as crianças nos pertence, assim como a eles unicamente pertence o de gerá-los; se este último lhes dá algum direito à estima e respeito públicos, o primeiro nos deve merecer uma porção igual, pois que o concurso imediato dos dois sexos é tão essencialmente necessário à propagação da espécie humana, que um será

¹⁰⁰ *Recreio do Bello Sexo*: Modas, Literatura, belas-Artes e theatro. Rio de Janeiro, 1852- 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700070&Pesq=homens&pagfis=1>>. Acessado em: Jun. de 2020.

¹⁰¹ *Ibidem...* 2016, p. 124.

¹⁰² MOTTA, Ivania Pocinho. *Wollstonecraft, Mary: Reivindicação dos direitos da mulher* - Edição Comentada do Clássico Feminista. Tradução Ivania Pocinho Motta – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016, p.8.

¹⁰³ *Ibidem...* p.8

absolutamente inútil sem o outro. Que direito pois têm eles de nos desprezar, e pretender uma superioridade sobre nós, por um exercício que eles partilham igualmente conosco? Todos sabem, nem se pode negar, que os homens olham com desprezo para o emprego de criar filhos e que é isso, às suas vistas, uma função baixa e desprezível; mas se consultassem a natureza nesta parte, sentiriam sem que fosse preciso dizer-lhes, que não há no Estado Social um emprego que mereça mais honra, confiança e recompensa. Basta atender às vantagens que resultam ao gênero humano para convir-se nisto; eu não sei se até por essa razão unicamente, as mulheres não mereciam o primeiro lugar na sociedade civil. [...]

Os homens podem absolutamente passar sem príncipes, generais, soldados, jurisconsultos, como antigamente e ainda hoje passam os selvagens; mas podem passar sem amas na sua infância? E se por si são incapazes de exercer esse importante emprego, não precisam indispensavelmente das mulheres? Em um Estado tranquilo e bem regido, a maior parte dos homens são inúteis em seus ofícios e inútil toda sua autoridade, mas as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos¹⁰⁴.

Nísia ainda publicou outras obras no Brasil, na França e na Itália – tais como *Opúsculo humanitário* e *Cintilações de uma alma brasileira*, que defendiam os direitos das mulheres e “a emancipação feminina”, compreendida, grosso modo, como a necessidade da educação formal da mulher e sua equidade intelectual ao homem¹⁰⁵. Além de escritora e jornalista, foi fundadora de um dos principais colégios do Império, o Colégio Augusto (Rio de Janeiro; 1838), e foi lembrada com prestígio por importantes intelectuais, como o escritor português Alexandre Herculano (1810-1877), o sociólogo francês Augusto Comte (1798-1857) e muitas escritoras que, mesmo em finais do século XIX, citavam Nísia Floresta como um exemplo a ser seguido¹⁰⁶.

Além de Nísia Floresta, Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), primeira redatora do *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852 a 1855), é destacada pela historiografia como uma das primeiras mulheres a se manifestar publicamente como redatora de um periódico fundado na corte do Rio de Janeiro. Assim como a outra redatora, Noronha visitou outros países, identificou diferentes métodos de ensino entre meninos e meninas, e esteve atenta às formas que, nesses lugares, as mulheres se comportavam e eram tratadas¹⁰⁷. Tais questões foram fundamentais, pois renderam conteúdos literários, relatos de viagens e redes de sociabilidades que acabaram por preencher boa parte das páginas do *Jornal das Senhoras*, enquanto esteve como redatora chefe dessa folhinha.

¹⁰⁴ FLORESTA, Nísia. “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”. In: Duarte, Constância Lima. *Nísia Floresta – Constância Lima Duarte*. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 82-83. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>>. Acessado em: Mai. de 2020.

¹⁰⁵ MOREL & BARROS ... *Op. Cit.*...2003, p. 62.

¹⁰⁶ TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 405-406.

¹⁰⁷ BARBOSA; Everton Viera. “Em buscas de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs). *Imprensa, livros e política nos oitocentos*. São Paulo: Alameda. 2018, p. 200.

Juntamente com Joana Paula Manso de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Vellasco (1817-1876) e Gevária Nunezia Pires dos Santos Neves foram as redatoras do jornal, que é considerado um dos primeiros a ser redigido somente por “senhoras” na corte do Rio de Janeiro: *O Jornal das Senhoras*¹⁰⁸. Essas e outras mulheres contribuíram com jornais, revistas e livros como coautoras, autoras, assinando com seus próprios nomes ou ainda com pseudônimos, de forma a não sofrer perseguições ou calúnias. Ainda que poucas, elas atuaram e reivindicaram a necessidade das mulheres apresentarem direito à educação e à equidade intelectual entre os sexos, de formas distintas, utilizando muitas vezes a imprensa como veículo de publicação de ideias, mercado até então predominantemente masculino¹⁰⁹.

No cenário de publicação do *Jornal das Senhoras* (1852-1855), pouco a pouco o caminho para a escrita feminina ia sendo aberto em diferentes ramos culturais do Império do Brasil – como a educação, o teatro¹¹⁰, a moda e o jornalismo – sem com isso deixar de apresentar preconceitos e hierarquias entre os gêneros. Nas décadas de 1860 e 1870 continuavam as críticas acerca do potencial de escrita do feminino. Narcisa Amália (1852-1924), por exemplo, defendeu ideias liberais, democráticas e progressistas, mas foi alvo de “discriminação sexual, como anteriormente aconteceu com Nísia Floresta”¹¹¹ e Joana Paula Manso de Noronha. Inclusive, algumas mulheres passaram a vida enfatizando sua carreira e seu próprio potencial como fez Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Júlia iniciou sua vida jornalística com crônicas na *Gazeta de Campinas* em São Paulo e passou sua jornada escrevendo e se autointitulando “profissional das letras”, como forma de provar sua competência e espaço no mundo dos impressos¹¹².

Portanto, a imprensa feminina brasileira das primeiras décadas da segunda metade do XIX apresentava uma fase mais dinâmica, expandia-se em número de impressos, leitores e duração nas principais cidades do Império. A segmentação temática trazia novos desafios a esses homens e mulheres de letras que souberam pouco a pouco se adaptar ao gosto do público. Tratava-se de uma imprensa repleta de subtítulos que anunciava conteúdos teatrais, literários, de moda, mas também, de defesas, argumentos, opiniões e repulsas que, embora se

¹⁰⁸ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 117.

¹⁰⁹ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em Tempos de Império”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. 67-68.

¹¹⁰ Inclusive, mulheres passaram a ocupar a direção de companhias teatrais. Ver mais em: MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008, p. 28.

¹¹¹ MOREL & BARROS ... *Op. Cit...* 2003, p. 62.

¹¹² MOREIRA, Nadilza M. de B. “Júlia Lopes de Almeida: O lugar do Feminino na Imprensa oitocentista brasileira”. *Letr Viv@*, v. 9, n.1, 2008, p. 153.

diferenciassem por meio dos distintos jornais, mostravam-se transformadores de certa posição feminina na sociedade, carregados de ambiguidades e tensões entre os gêneros.

Enfim, entre muitos títulos que abordavam espelhos, modas e manuais, a imprensa feminina brasileira se constituiu, pelo menos em primeiro momento, a partir de jornais como: o *Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro; 1827-1828), *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832; Minas Gerais), *Manual das Brasileiras* (1830, São Paulo) *O Correio das Modas* (1839; Rio de Janeiro), *O Espelho das Brasileiras* (1831, Recife) e outras 143 revistas e jornais femininos encontrados ao longo do século XIX¹¹³. Principalmente, aqueles que eram produzidos por mulheres e para mulheres, como o jornal *A Esmeralda* (1850, Recife), *O Jasmim* (1850, Recife) e *O jornal das Senhoras* (1852, Rio de Janeiro) que entraram em cena num período de expansão dos títulos, do público leitor e da presença feminina no interior desses impressos¹¹⁴. Enfim, possivelmente, foi nessas páginas que diferentes leitoras tomaram para si hábitos vistos como civilizados. E, os escritores e escritoras periodistas deram publicidade a assuntos que construía uma representação e uma identidade designadas como próprias do feminino, fosse em meio às transformações do Segundo Reinado brasileiro, fosse em outros locais que, na mesma época, também expandiam suas publicações destinadas às mulheres leitoras, como “em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo” – como já constatava *O Jornal das Senhoras*¹¹⁵.

1.3 Em meio à *Regeneração Portuguesa*

É indispensável que aquele que se destina a traduzir em verso, tudo quanto se lhe apresentar diante dos olhos da alma, se lembre de que o povo é o que mais precisa d’ ilustração e o que mais a deseja, e que para lhe dar e poder alcançar dele alguma coisa, é necessário fazer-lhe compreender a que se destina hoje a vida e para ela se sacrifica¹¹⁶.

Se quereis regenerar a sociedade, substituir a corrupção pela virtude, educai a mulher, só ela o poderá conseguir¹¹⁷.

¹¹³ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2003, p.31-35.

¹¹⁴ BARBOSA, Everton Vieira. “A Escrita Feminina Periodista no Brasil em Meados do Século XIX”. São Leopoldo: *XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS*, 2014, p. 6. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/30/1405352600_ARQUIVO_AESCRITAFEMININAPERIODISTICANOBRASEMMEADOSDOSECULOXIX_completo.pdf>. Acessado em: Mai. De 2020.

¹¹⁵ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro (1852-1855). Tomo 1, n. 1, p.1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=>>>. Acessado em: Mai. De 2020.

¹¹⁶ *A Esperança*. Porto (1865-1866). Tomo 1, p.26, 1865. Disponível: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>>. Acessado em: Mai. De 2020.

¹¹⁷ *A Esperança...* p. 51... 1865.

Na segunda metade do século, do outro lado do Atlântico, na cidade do Porto, o periódico feminino *A Esperança* (Porto; 1865-1866) também demonstrava preocupação e desejo por novos ares ou “regenerar a sociedade”. Para o periódico, regenerar significava inserir a educação como um caminho da substituição da “corrupção” pela “virtude” e atribuir aos letrados a missão de levar conhecimento ao povo, pois eram os que mais precisavam “d’illustração”. As mulheres também entravam nesse rol de mudanças. Na visão da escritora Henriqueta Elisa (1843-?), autora da segunda citação acima, era a mulher que poderia regenerar a sociedade ao passo que tinha a capacidade de ser educada.

Essa busca por educação, assim como pelo “mudar de rumo, em vários níveis da vida social”¹¹⁸, caracterizou um período de ruptura na história portuguesa que ficou conhecido como *A Regeneração* (1851-1889). Nesse período, foram colocados em prática melhorias materiais e princípios civilizadores que apontavam a escola e a imprensa como vetores de civilidade¹¹⁹. Além disso, diferentemente do longo processo de Invasões Napoleônicas, de Guerra Civil, de Independência do Brasil e de estagnação das principais atividades econômicas que perpassou Portugal na primeira metade do século XIX, a partir de 1851 inaugura-se um momento de equilíbrio do sistema político português.

Essa estabilidade política foi conquistada por meio da coalizão de partidos e ideias. Os partidos, fossem eles *progressistas regeneradores* (aqueles que buscavam reformas econômicas, administrativas e sociais¹²⁰), fossem *progressistas históricos* (os que buscavam mudanças mais radicais como o voto universal, cortes constituintes e seleção dos administradores do conselho por eleição popular¹²¹), uniram forças a partir de 1852, chegando a se fundir em um único ministério entre 1865-1868¹²². Instaurava-se uma conjuntura de alternância de poder, pautada no parlamentarismo, na monarquia constitucional, no bipartidarismo e na busca de um projeto comum que visava, em ambos os grupamentos políticos, a um Portugal moderno, participando das transações da economia liberal.

Para se atingir essa estabilidade partidária foi necessário “um longo e espinhoso trajeto”¹²³ que teve como principal passo o triunfo do golpe militar liderado pelo Duque de

¹¹⁸ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998. p. 101.

¹¹⁹ VARGUES, Isabel Nobre. RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “Ideologias e Práticas Políticas”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 188-189.

¹²⁰ *Ibidem...* p. 102.

¹²¹ *Ibidem...* p. 102.

¹²² *Ibidem...* p. 104.

¹²³ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 101.

Saldanha, no norte do país. No período de abril a maio de 1851, Saldanha depôs o ministro António Bernardo da Costa Cabral, que tinha uma política pautada no fortalecimento da aristocracia, na burocratização do Estado e no fortalecimento do exército como forma de manter a “ordem” e o enriquecimento do país. No governo cabralista, a pequena e média burguesia ficavam à margem dos objetivos políticos. Ao lado disso, havia a “viciação das eleições, a estagnação da indústria, a paralização do crédito [e] a insubordinação do exército”¹²⁴.

No contexto de 1851, mesmo “os utopistas portugueses que, em 1848, apoiavam (mais na teoria do que na prática) o regime republicano, aderiram, muito deles, ao golpe militar de Saldanha” em troca das “nobres aspirações liberais”, “de todo o progresso e de toda regeneração” do país¹²⁵. O sucesso do golpe iniciado por João Carlos Saldanha (1790- 1876) pautou-se, desse modo, no fato de atender às esperanças de grupamentos políticos diversificados que almejavam, acima de tudo, a manutenção da paz e a “viabilidade de um Portugal moderno”¹²⁶.

Ao se concretizar o golpe militar, o quadro político português manteve uma estabilidade das forças políticas e de suas instituições. Os monarcas D. Pedro V, entre 1853 e 1861, e seu sucessor D. Luís I, de 1861 a 1889, usufruíram da calma partidária e do poder moderador firmado na carta de 1826 (que foi restaurada em 1842, ainda por Costa Cabral, e reajustada em 1852 pelo governo regenerador). Era a carta com a qual, segundo alguns regeneradores, “assegurava-se o sustentáculo do equilíbrio de forças. E o poder moderador [...] representava a instituição que garantia a ordem e ‘o desenfreamento das paixões políticas’”¹²⁷. A defesa do poder moderador e da monarquia constitucional evidenciava parte significativa das acomodações das instituições e princípios políticos nesse tempo de tranquilidade.

Essa estabilidade possibilitou melhorias diversas, a começar pelo sistema de ensino. A partir de 1851, o governo português passou a dar maior atenção às crianças e aos indivíduos não letrados, na crença de que esses deveriam avançar por estágios educacionais para serem civilizados. Educação passou a ser sinônimo de escolarização e diversas medidas foram tomadas acreditando que a escola pública poderia ser o baluarte do movimento de reestruturação do Estado-Nação, pois ela era fator de consensos sociais, “regeneração nacional

¹²⁴ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Portugal e a Revolução de 1848*. Coimbra: Livraria Minerva, 1990, p. 22-23.

¹²⁵ *Ibidem...* p. 24-25.

¹²⁶ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 101.

¹²⁷ *Ibidem...* p.104.

e de promoção individual”¹²⁸. Assim, o Estado ratificou a institucionalização do Ensino Normal, firmou o processo de implementação da escolaridade pública¹²⁹ e promoveu a designação do professor de instrução primária, que agora deveria ser instruído por uma instituição, diferentemente dos antigos mestres de primeiras letras. Ao lado disso, aumentaram-se o número de escolas e o ensino técnico foi regulamentado, já que era “inerente a qualquer processo de industrialização”¹³⁰. Inaugurava-se escolas normais, industriais e de desenho industrial como a “Escola Industrial Portuense” (1852)¹³¹.

Nesse contexto, o Estado pouco a pouco colocou em prática medidas que projetaram transformações na própria forma de se pensar e manter certas representações e crenças, ainda que essas fossem mais lentas à mudança. Em 1852 foi abolida a pena de morte para crimes políticos e em 1867 para crimes civis¹³². Em 1869, ao se levar o Código Civil às colônias, foi abolida toda a forma de escravatura no território de além-mar, embora os escravos mantivessem ligações com seus senhores até 1878, possivelmente, devido à dificuldade de o Estado português arcar com o pagamento das indenizações previstas na lei¹³³. De modo geral, durante o período de regeneração havia tentativas de eliminar práticas e valores que eram vistos como vetores de atraso nacional e prejudicial ao sistema liberal que passava a ser valorizado nessa segunda metade do século.

Nesse mesmo íterim, os regeneradores promoveram a desamortização de terras da Igreja. Esta medida objetivou rendimento agrícola, mas também, a diminuição da força do clero frente ao Estado português. No projeto liberal anticlerical do momento, pautado no constitucionalismo e nas reformas materiais da nação, cabia ao padre ser visto como um agente do Estado-Nação, ainda que essa não fosse a prática de muitas cidades portuguesas do período. O “nacionalismo liberal e o imaginário social burguês colidiam com a mentalidade teocrática de muitos párocos, que se mantiveram fiéis à ortodoxia romana”¹³⁴. Enfim, a religião católica

¹²⁸ NÓVOA, António. “Do Mestre-Escola ao Professor de Ensino Primário – Subsídios para a história da Profissão docente em Portugal (séculos XV-XX)”. *Revista Análise Psicológica*, 3 (v): 413-440, 1987 p. 424. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987_3_413.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

¹²⁹ RAFAEL, Gina. “Jornais, Romance-Folhetim e a Leitura Feminina no Século XIX: Influências Transatlântica?”. Recife: *Revista Iris*. Vol 1. n.1. p. 32-42. Jul/dez 2012, p. 37. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/37992>>. Acessado em: Dez. de 2020.

¹³⁰ MENDES, J. Amado. “Etapas e Limites da Industrialização”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 313.

¹³¹ *Ibidem...* p. 314.

¹³² RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 106-107.

¹³³ LUCAS, Maria Manuela. “Organização do Império”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 260.

¹³⁴ NETO, Vítor. “O Estado e a Igreja”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 229

persistia como a religião oficial do Estado, mesmo com a existência de tentativas liberais que pudessem lhe enfraquecer¹³⁵.

As transformações não eram apenas políticas. Em termos econômicos, houve melhorias no sistema de crédito, na equidade da distribuição dos impostos¹³⁶, no investimento em obras públicas e na busca de rendimentos agrícolas por meio da desamortização das terras, não somente da Igreja, mas também, de nobres. Além disso, houve progressos na indústria, na diminuição da dependência em relação à Inglaterra e certo desenvolvimento das colônias de Ásia e África¹³⁷. Embora essas transformações tenham passado por algumas recessões, principalmente, com a praga do oídio e as más colheitas de milho, a continuação da conciliação política entre históricos e regeneradores foi de fundamental relevância para a perpetuação do projeto reformista e civilizador do período¹³⁸.

Substituíam-se as rodas hidráulicas por máquinas a vapor, criavam-se novas tecnologias de moagem e inauguravam-se indústrias de cimento e vidro¹³⁹. Igualmente importante, economicamente, foi a criação de redes de transportes e de comunicações que atendia ao escoamento de produtos, o tráfego de pessoas e ideias, ao mesmo tempo em que “diminuía as assimetrias regionais” e “facilitava a integração europeia de Portugal”¹⁴⁰. Foram construídas estradas, pontes, portos, quilômetros de caminhos-de-ferro e as antigas formas de navegação ganharam ligações internas com a construção de ferrovias e a abertura de diversas estradas que eram elos entre os transportes ferroviários e fluviais¹⁴¹.

Em termos culturais, como no Brasil, vivia-se um período de otimismo e crença no progresso da nação que não passaram despercebidos à literatura de época. Segundo o escritor português Camilo Castelo Branco (1825-1890), por exemplo, em seu tempo, não se podia

¹³⁵ Afinal, como pontou Mendes e Pereira, embora a dissociação entre religião e política começasse a ser rompida com código civil de 1867, “no qual de forma explícita se afirma que a naturalização é independente da religião professada”, ela se “desfaz claramente somente com a Constituição republicana de 1911. Ver mais em: PEREIRA, Miriam Halpern. “Nação, Cidadania e Religião em Portugal nos Séculos XIX-XX”. In: CARVALHO, José Murilo. CAMPOS, Adriana Pereira. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 178-189

¹³⁶RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p.102.

¹³⁷ *Ibidem...* p. 104-105

¹³⁸ FONSECA, Fernando Tavares da. “Flutuações e Crises Econômicas”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 348-349.

¹³⁹MENDES, J. Amado. “Etapas e Limites da Industrialização”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 314.

¹⁴⁰ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p.105.

¹⁴⁰ *Ibidem...* p. 104-105

¹⁴¹ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 107.

duvidar que existissem, “estradas para o Japão”, como nos revela o trecho de seu romance, publicado em 1862, em que o autor evidencia transformações no tempo atual de escrita e publicação do romance:

Não é bonito deixar a gente vulgarizar-se o seu herói [...] um momento depois que escreveu à mulher estremecida uma carta [...]. Quem a lesse, diria que o rapaz tinha postadas, em diferentes estações das estradas do país, carroças e folgadas parelhas de mulas para transportarem a Paris, a Veneza, ou ao Japão a bela fugitiva! As estradas, naquele tempo, deviam ser boas para isso, mas não tenho a certeza de que houvesse estradas para o Japão. Agora creio que há, porque me dizem que há tudo¹⁴².

Nesse clima de euforia em que era possível pensar que tudo podia acontecer e ser criado, como evidenciava o trecho do romance *Amor de Perdição* (1862), além de Lisboa, Porto e Coimbra mostravam-se os centros mais importantes de publicação de impressos, assim como, do desenvolvimento do surto industrial, urbanístico e demográfico do período¹⁴³. Na cidade de publicação do jornal *A Esperança*, o Porto, havia um vertiginoso crescimento industrial que a colocou num lugar ímpar do contexto nacional ao fim do século. Segundo dados de Miriam Pereira, no ano de 1890, o distrito do Porto e Covilhã apresentavam juntos 43% de sua população ativa industrialmente, quando em Lisboa eram 31% e nacionalmente, 19%¹⁴⁴.

No Porto ainda havia exposições do mundo das artes e congressos religiosos. Foi nessa cidade que ocorreu, em 1865, a grande Exposição Internacional de Belas Artes e foi, também, no Porto que construíram, no período, um modelo do famoso Palácio de Cristal Londrino¹⁴⁵.

Na cidade do Porto, “de 1864 a 1890, a população quase duplica”¹⁴⁶ e os meios de transportes ligavam-na às outras duas principais cidades do país: Coimbra e Lisboa. A vida cultural mostrava-se interligada, dinâmica e urbana. Jovens escritores, bacharéis recém-formados em Coimbra, modistas, industriais e mesmo negreiros e “ex-negreiros” habitavam o núcleo da vida cultural portuguesa¹⁴⁷ juntamente com a proliferação de novas formas de sociabilidade que ascendiam em meio a gradual inserção de Portugal na economia liberal. Ir aos passeios públicos, aos teatros, aos clubes, aos cafés, aos recintos de bailes, aos casinos, às

¹⁴² BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*, 1862. Universidade do Amazônia (Unama), p. 41. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16586>. Acessado em: Mar. de 2020.

¹⁴³ TENGARRINHA, José Manuel. *História da Imprensa periódica Portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Lisboa: Caminho, 1989, p. 170

¹⁴⁴ PEREIRA, MIRIAM, Diversidade e Crescimento Industrial. In: TENGARRINHA, José (Org.) *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000. p. 218-219.

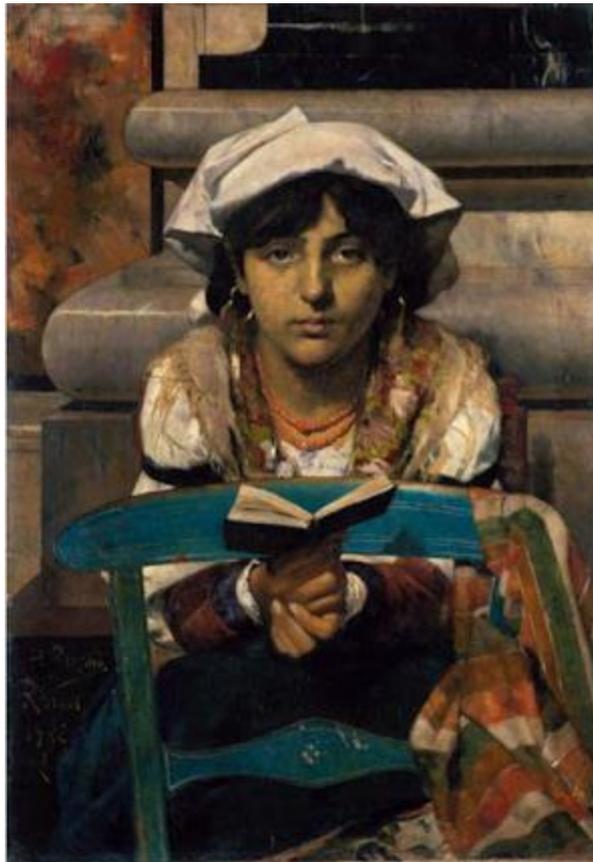
¹⁴⁵ MENDES, J. Amado. “Etapas e Limites da Industrialização”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998, p. 312-313.

¹⁴⁶ ROLDÃO, Helena. “A Mulher”. Biblioteca Municipal de Lisboa, 2013, p. 3. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AMulher.pdf>>. Acessado em: Jan. de 2020.

¹⁴⁷ *Ibidem...*

tertúlias e, sobretudo, aos locais de leitura, como as bibliotecas, eram hábitos cada vez mais comuns e, quanto a leitura, se esperava que fossem lidos de forma “silenciosa, individual”. Afinal, idealizava-se o desaparecimento dos traços comuns do Antigo Regime, como “a leitura oral”¹⁴⁸, conforme esboçava a tela de Henrique Pousão (1959-1884) – ainda que a prática nem sempre fosse assim.

Figura 2- Henrique Pousão (1959-1884): *Cecília*, 1882. Óleo Sobre Tela. 82,3x 57,2 cm. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis.



Fonte: Henrique Pousão (1959-1884): *Cecília*, 1882. Óleo Sobre Tela. 82,3x 57,2 cm. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cecilia-henrique-pousao/>. Acessado em: 27/05/2020.

Tratava-se de um período de efervescência da palavra impressa, proliferando-se os números de periódicos com temáticas variadas. Títulos como *O Civilizador* (Porto; 1860-1862), *Eco Artístico* (Porto; 1863), *O Espelho: Semanário im-político, mas cortez* (Porto; 1865-1866), *Facho Literário* (Porto; 1864-1865), *Gazeta dos Teatros* (1863-1866), *Bocage: Piparores Lietrários* (Porto; 1865-1867), *Gazeta Homeopática* (1863-1866) *Emancipação: Folha*

¹⁴⁸ *Ibidem...*p. 54

Industrial (1863-1864) e outros¹⁴⁹ recheavam as páginas portuenses com publicações semanais, quinzenais e até diárias.

De acordo com Francisco Dias, de 1850 e 1890 houve a publicação de, pelo menos, 68 diários¹⁵⁰. Isso é, impressos publicados todos os dias da semana ou, pelo menos, “cinco vezes por semana”.¹⁵¹ – como *O Jornal do Porto* (Porto; 1859-1892), *O Diário do Povo de Portugal e Possessões* (Porto; 1861-1863) *Diário do Porto: Notícias e Anúncios* (Porto; 1865-1866), *Diário Mercantil Político Literário, industrial e Agrícola de Portugal e Brasil* (Porto; 1860-1872) – o que denotava um interesse ativo da população letrada portuense ao que havia de mais novo na vida cultural que o cercava seja no Porto, seja em suas possessões de além-mar ou mesmo no Brasil.

O cenário português com o qual dialogava o periódico *A Esperança* nessas primeiras décadas da segunda metade do século era o de uma consolidação de vida cultural diversificada, reformista e civilizadora. As novas formas de sociabilidade se intensificavam e a imprensa se consolidava por meio do aumento do raio de propagação dos impressos, pela estabilidade política, pelas melhorias técnicas e educacionais, pela resolução dos problemas das primeiras greves dos tipógrafos (as novas formas de sociabilidade se intensificavam e a imprensa se afirmava, pelo aumento do raio de propagação dos impressos, pela estabilidade política, pelas melhorias técnicas principalmente aquelas do Porto decorrente da implantação dos prelos mecânicos) pela busca da diminuição do preço do papel¹⁵², pela melhoria da indústria tipográfica, pela invenção de vagões especiais para os correios e pela invenção do telégrafo que facilitava a comunicação dos diferentes atores culturais¹⁵³. Enfim, no decorrer desse período, embora o letramento fosse ainda muito baixo, gradualmente a palavra impressa ganhava o gosto, o hábito, os cafés, as ruas e gerava novas engrenagens para transformações sociais que ganhavam contornos e difusão a partir do impresso.

Portanto, tal como no Brasil, o cenário português no qual foi inaugurado o jornal *A Esperança* era marcado por transformações urbanísticas, técnicas, nos sistemas de ensino, de transporte, na indústria e na política. A estabilidade política promovia uma atmosfera de reformas e otimismo em relação ao progresso da nação. No entanto, as marcas do Antigo

¹⁴⁹ Ver mais em: RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela (orgs.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 2001.

¹⁵⁰ SILVA, Francisco Ribeiro da. *Jornais e Revistas do Tempo de Camilo*. Porto, *História do Porto*, 1990, p. 121. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8265.pdf>>. Acessado em: Maio. De 2020.

¹⁵¹ FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 420.

¹⁵² Ver mais em: TENGARRINHA, J... *Op Cit...* 1989, p. 199.

¹⁵³ TENGARRINHA, J... *Op Cit...* 1989, p. 200-204.

Regime e do colonialismo subsistiam, fosse pelo peso da religião católica, fosse pela presença do poder moderador exercido pelo rei, que na visão de alguns autores, como J. Amado Mendes, era um exemplo de “apego a distinções e privilégios”¹⁵⁴. O período de Regeneração portuguesa mostrou “um grande dinamismo a nível político-literário e foi, sobretudo, reformista e civilizador”¹⁵⁵. Portugal ingressava na economia liberal com uma vida urbana mais ativa e dinâmica, com o incremento de um maior número de escolas, bibliotecas, cafés, bailes, ferrovias, pontes, estradas, indústrias e uma variedade de títulos de periódicos, inclusive, aqueles destinados às damas, como mostra o periódico *A Esperança: Semanário de Recreio Literário dedicado às Damas*.

1.4 A imprensa feminina da *Regeneração*

Os jornais de hoje são para tudo e para todos. Tratam do agradável e do útil, do belo e do bom, do que diverte e do que instrui; são as flores e o perfume. É por isso que ninguém os deixa de ler: ou para entreter as horas d’ócio depois da lida, ou para alargar os horizontes do espírito e abrir a alma à luz da instrução.

[...] ele circula desde os grandes povoados até ao canto mais ignorado da terra e, sendo o termómetro da inteligência, vai lá mostrar o progresso de um espírito, que são incentivos ao trabalho d’outro!¹⁵⁶

No editorial do periódico feminino *A Esperança*, em 1866, a imprensa era lembrada como o “termómetro da inteligência”, pois levava a seus leitores instrução e progresso à medida que circulava desde os grandes centros urbanos até os locais mais ignorados. Além disso, enfatizava-se sua diversidade temática e de público, sendo a imprensa destinada “para tudo e para todos”. Divertia, levava entretenimento, tratava do belo, do útil e alargava os horizontes daqueles que desejavam se instruir. Ela podia ser propagada em diferentes locais, num cenário que incentivava sua visibilidade tanto nos centros urbanos quanto nos locais mais distantes do país por comportar o progresso e a civilidade desejada.

Na segunda metade do século, esse cenário de proliferação, diversidade e liberdade da palavra impressa se distanciava da situação vivenciada pela imprensa portuguesa em sua primeira metade do século XIX. Nesse período, houve sucessivas censuras, com avanços e recuos à liberdade de imprensa, como a primeira Lei de Liberdade de Imprensa de 1821 (que

¹⁵⁴ MENDES, J. Amado. “O fim do Antigo Regime Econômico?”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 362.

¹⁵⁵ VARGUES, Isabel Nobre. RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “Ideologias e Práticas Políticas”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal* – quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998, p. 184.

¹⁵⁶ *A Esperança* (Porto; 1865-1866). Tomo 2, p.1, 1865. Disponível: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>>. Acessado em: Mai. De 2020.

abolia a censura prévia), as considerações da carta outorgada de 1826 (que eliminava a censura prévia somente na teoria), a Segunda Lei de Liberdade de Imprensa de 1834 (na qual promoveu uma intensa atividade jornalística), a suspensão dos jornais de cunho político da década de 1840, (que proibiu a publicação de jornais sem o esclarecimento de seus editores), a Guerra Civil (1846-1847)¹⁵⁷ na qual prorrogou, de maneira geral, a suspensão da imprensa política e, enfim, a chamada “Lei de Rolhas” (1850)¹⁵⁸, que dava ao Estado o poder de prender editores que colocassem à público impressos que utilizava de ironia ou qualquer outro artifício que prejudicasse a “conservação da ordem pública”¹⁵⁹.

A partir de 1851, o equilíbrio político da conciliação partidária entre históricos e regeneradores promoveu um terreno mais propício à propagação e a consolidação da imprensa portuguesa. A partir do que ficou conhecido como Regeneração (1851-1889), caíram por terra diversas medidas autoritárias que enfatizavam o poder da censura prévia e o controle do Estado nos estabelecimentos tipográficos. Ao lado disso, as reformas técnicas do período trouxeram a superação de algumas dificuldades da imprensa periodista portuguesa. Houve melhorias no sistema de correios, auxílio na distribuição dos impressos para os assinantes, o barateamento da matéria prima, o desenvolvimento de mão de obra especializada e outros aspectos que possibilitaram a estruturação de um cenário mais sólido, à proliferação da palavra impressa, sua importância e diversidade. Proliferavam-se jornais religiosos, científicos, comerciais, da imprensa operária, de humor e aqueles voltados para as leitoras, que podemos chamar de *imprensa feminina*.

Assim, há de se supor que, em Portugal, a trajetória dessa imprensa feminina, como qualquer outro impresso, mostrava-se sensível às contingências dos acontecimentos políticos. Em meio à instabilidade política de 1807 foi inaugurado um único e “primeiro periódico conhecido”, em Portugal, voltado para o público feminino: *O Correio das Modas* (Lisboa; 1807). O próximo periódico feminino foi inaugurado somente em 1822 com *Gazeta das Damas* (Lisboa; 1822), após a primeira lei de liberdade de imprensa. Posteriormente à *Gazeta das Damas* alguns títulos voltados ao público feminino foram inaugurados de modo isolado como *O Toucador* (Lisboa, 1822), *Periódico das Damas* (Lisboa, 1822), e outros, todos na capital Lisboa. Novos títulos femininos foram publicados apenas em fins da década de 1830, possivelmente devido a Liberdade de Imprensa de 1834.

¹⁵⁷ TENGARRINHA, José. *História da Imprensa periódica portuguesa*. 2ª Edição. Lisboa: Caminho, 1989, p. 128-164.

¹⁵⁸ *Ibidem...*p. 178.

¹⁵⁹ *Ibidem...*p. 179.

O Toucador (Lisboa, 1822), *O Periódico das Damas* (Lisboa, 1822), *O Correio das Damas* (Lisboa; 1836-1841 e 1842-1852) e outros vinte títulos femininos¹⁶⁰ abrilhantaram a imprensa feminina portuguesa do período de 1807 a 1849, trazendo, em geral, descrição de moda, romances, poesias máximas de virtudes e morais femininas. A partir da segunda metade do século, tal como apontava o jornal *A Esperança*, os títulos se multiplicaram e eram inaugurados periódicos que apresentavam local de publicação em outras cidades que não somente a capital, Lisboa¹⁶¹, como *O Interessante* (Braga; 1856), *Mundo Elegante* (Porto; 1858-1860), *A Moda Portuguesa* (Porto; 1860) e outros.

Se na primeira metade do século era possível contabilizar vinte publicações voltadas para o feminino, nas décadas de 1849 a 1869, é possível contabilizar, pelo menos, vinte e quatro números dessas publicações¹⁶². Isso é na primeira metade do século, em 50 anos, o número de periódicos, em média, é de 0,4 publicações ao ano. Já no recorte acima citado, em 20 anos, a média sobe para 1,2 publicações ao ano, o que significa que a produção triplica a partir da *Regeneração* com seu contexto de maior estabilidade política, melhorias técnicas e educacionais que demarcavam as décadas de 1850 e 1860. Além da estabilidade política, segundo dados de Gina Rafael, outro fator que contribuiu para o aumento do número de periódicos femininos, possivelmente, foi o aumento das escolas femininas. Elas “passam de 53 em 1854 (4,4%), para 153 em 1862 (9,7%) e 362 em 1899 (15,3%), nunca mais parando de crescer a bom ritmo até final do oitocentos quando atingem as 1345 (29,9%)”¹⁶³. Além do aumento do público leitor feminino, o jornalismo da segunda metade do XIX se caracterizou por uma fase mais rápida, segmentada e com o aumento dos diários de notícia e publicação periodista como um todo¹⁶⁴. Ampliava-se, também, o número de tipografias, de páginas impressas e das narrativas literárias. Substituíam-se os textos de “opinião” pelos “noticiosos”¹⁶⁵ e proliferavam os periódicos destinados a públicos específicos, como os que pertenciam à chamada imprensa feminina.

¹⁶⁰ Ver mais em: LEAL, Maria Ivone... *Op. Cit...* 1992.

¹⁶¹ SALVADOR, Teresa. “Em torno dos periódicos femininos”. *Cultura: Revista de história e teoria das ideias*. Lisboa, vol. 26, 2009, 2013, p.108-109.

¹⁶² *Ibidem*, 2013. p.108-115.

¹⁶³ RAFAEL, Gina Guedes. *A Leitura Feminina na Segunda Metade do Século XIX em Portugal: Testemunhos e Problemas*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011, p. 36. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/6015/2/gina.pdf>>. Acessado em: Fev. de 2020.

¹⁶⁴ TENGARRINHA, J... *Op. Cit...* 1989, p. 184.

¹⁶⁵ *Ibidem...* p. 184.

Ao pesquisarmos sobre a publicação de periódicos femininos, percebemos por meio de trabalhos como os de Maria Ivone Leal¹⁶⁶ e Tereza Salvador¹⁶⁷, que existiam diversos títulos e assuntos que essa imprensa feminina divulgava nas diferentes cidades portuguesas entre os anos de 1850 e 1860, como indicam os títulos e subtítulos da tabela abaixo:

Tabela 3 - Periódicos femininos portugueses nas décadas de 1850 e 1860

Nº	Nome	Duração	Cidade de publicação	Primeiros Proprietários e Redatores(as)
1	<i>Assembleia Literária: Jornal d'instrução</i>	1849-1850	Lisboa	Prop. e red Antónia Gertrudes Pusich
2	<i>O Judeu Errante: Jornal de modas e de literatura amena dedicado às Senhoras</i>	1850-1851	Lisboa	
3	<i>Açucena: Jornal de Moda e Literatura</i>	1851	Lisboa	
4	<i>A Quinzena: Literatura, modas e teatros</i>	1851	Lisboa	
5	<i>Beneficência: Jornal dedicado à Associação Consoladora dos Aflitos.</i>	1852-1855	Lisboa	Prop. e red Antónia Gertrudes Pusich
6	<i>Mensageiros das Damas: Jornal de Modas</i>	1853-1862	Lisboa: D. Moraes	Ed. Deniz Moraes
7	<i>Interessante: Jornal de segredos</i>	1856	Braga	Prop. e red. J.J. A. de S. Monteiro.
8	<i>Almanaque das Damas para o ano de 1856 (Bisssexto). Dedicado às assinantes do Mensageiro das Damas.</i>	1856	Lisboa	
9	<i>A Cruzada: Jornal religioso e Literário</i>	1858-1859	Lisboa	Prop. e red Antónia Gertrudes Pusich
10	<i>Mundo Elegante: Periódico Semanal de Modas, Literatura, teatros, belas artes, etc.</i>	1858	Porto: Villa Nova & Emygdio, 185	prop. e ed. Villa Nova & Emygdio ; red. Camilo Castello Branco.
11	<i>Recreio das Damas: Periódico quinzenal de Literatura e Moda</i>	1859	Porto	
12	<i>A Moda Portuguesa</i>	1860	Porto	
13	<i>Mundo Elegante: Segunda série de publicação do mesmo nome que se publicou em 1858</i>	1860	Porto	Prop. Villa Nova e Emydio
14	<i>Emancipação da Mulher</i>	1862	Porto	

¹⁶⁶ LEAL, Maria Ivone. *Um século de Periódicos Femininos – Cadernos Condições Femininas nº 35*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992. p. 14-19.

¹⁶⁷ SALVADOR, Teresa. “Em torno dos periódicos femininos”. In: *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol. 26, 2009, p.109-110.

15	<i>Hymnos e Flores</i>	1862-1863	Coimbra	Alfredo Elysio Pinto d'Almeida
16	<i>Mensageiro das Damas: Jornal de Literatura e Modas</i>	1862	Lisboa	
17	<i>Boudoir: Críticas, theatros, músicas, modas, notícias, caricaturas.</i>	1863-1865	Lisboa; Typ. Universal	
18	<i>Recreio das Damas: Periódico semanal de recreação oferecido às damas portuguesas de toda a Índia.</i>	1863	Nova Goa: na Imprensa Nacional.	Ed. J. F. de Gouveya
19	<i>A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas</i>	1865-1866	Porto	Eds. R.D. César Rey e A. Pereira da Silva.
20	<i>Flor Literária: Periódico científico, instrutivo, literário e de modas</i>	1867	Lisboa	
21	<i>Jornal das Damas: Revista de Literatura e de Modas</i>	1867-1879	Lisboa	Prop. e dir. J. J. Bordalo
22	<i>A Ilustração Feminina: Semanário de instrução e recreio dedicado ao sexo feminino</i>	1868	Lisboa	
23	<i>Voz Feminina: Jornal semanal científico, literário e noticioso. Exclusivamente colaborado por Senhoras</i>	1868-1869	Lisboa	Prop. Janeiro e Macedo; red. Pinho Almeida
24	<i>Progresso: Jornal Político, Literário e Noticioso (Continuação da Voz feminina)</i>	1869	Lisboa	Prop. Guilherme Wood; red. Francisca Wood

Fonte: LEAL, Maria Ivone. *Um século de Periódicos Femininos – Cadernos Condições Femininas nº 35*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992. p. 14-19 // SALVADOR, Teresa. Em torno dos periódicos femininos. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol. 26, 2009, p.109-110.

Nessa segunda metade do século, com periódicos que duravam em média de um a cinco anos e que podiam ser produzidos em cidades como Coimbra, Braga, Lisboa, Porto e mesmo Goa, as cidades de Lisboa e Porto destacavam-se como os centros de maior publicação de periódicos destinados às damas em território português. E, não à toa, eram os locais de maior letramento feminino e desenvolvimento técnico e econômico do país. No mapa abaixo, datado de 1851, percebemos como tais cidades se localizavam e apresentavam rotas de ligação, fosse pelas estradas que as cortavam, fosse pelos afluentes que as perpassavam.

Figura 3 - Mapa Cartográfico e Histórico do Reino de Portugal em 1851 com destaque para as cidades que produziram periódicos femininos entre os anos de 1850-1860



Fonte: Mapa datado do século XIX, anexado, em preto, nome das principais cidades de produção de impressos femininos. Nome original: MAPPA CHOROGRAPHICO E HISTORICO DO REINO DE PORTUGAL EM 1851 [MATERIAL CARTOGRÁFICO] / POR JOSÉ DIONYSIO DE MELLO E FARO. litografia, p&b, com traçados color. ; 42,60x31,00 cm, em folha de 43,30x31,60 cm. Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!1087233~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%3%83%3%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>. Acessado em: 28/12/2020.

Segundo Maria da Conceição Miereles, no Porto, cidade localizada entre dois centros importantes de Portugal, Braga e Coimbra, ruas como D. Pedro, dos Caldeiros, da Cancela Velha, da Batalha, da Fábrica, de Santa Catarina, de Entreparedes, Passos Manuel, Flores, Cedofeita, Carmo, entre outras, apontavam “uma mancha geográfica” na área oriental da cidade de aproximadamente cinquenta tipografias¹⁶⁸, que publicavam jornais como *Mundo Elegante: Periódico Semanal de Modas, Literatura, teatros, belas artes, etc* (Porto, 1858), *Recreio das Damas* (Porto, 1859) *A Moda Portuguesa* (Porto, 1860), *Mundo Elegante* (Porto, 1860), *Emancipação da Mulher* (Porto, 1862), *A Esperança* (1865-1866) e outras publicações portuenses que surgiram a partir do final da década de 1870, como *Teatro e Modas* (Porto, 1876) e *O Jornal das Senhoras* (Porto, 1877).

Figura 4 - Plano Topográfico da Cidade do Porto com destaque para região de grande concentração de tipografias da cidade do Porto.



Fonte: Mapa datado do século XIX, recortado e anexado a localização da região de grande concentração tipográfica da cidade do Porto, em azul, com programação gráfica. Mapa original nomeado como: “Plano Topográfico da cidade do Porto, impresso em Londres em 1813”. Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em:

<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!636061~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>. Acessado em: Dez. de 2020.

Porém, não era apenas no Porto em que os jornais se empenhavam em detalhar um conteúdo que fosse de interesse para a mulher leitora, como transparecia nos títulos acima. Em *Recreio das Damas* (Nova Goa, 1863), o editor F. de Gouveya objetivou oferecer um jornal

¹⁶⁸ PEREIRA, Maria da Conceição Meireles. *Jornais, editores e Tipografias do Porto (1866-1898)*, p. 102-103. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5283.pdf>>. Acessado em: Abr. de 2020.

para as “damas da Índia Portuguesa e a’s damas portuguesas de toda a Índia” colocando a público duas folhas de impressão “sendo uma de variedades, a outra [...] continuação de qualquer obra”. Publicando sempre aos sábados, em Nova Goa, o editor Gouveya tinha uma preocupação em agradar e atingir o gosto de suas assinantes, então para isso investiu seu jornal de romances, poesias, obras literárias e autores que eram de preferência de suas leitoras, como é possível perceber em seu editorial:

Dando hoje começo à publicação do – Recreio das Damas – vamos encetar uma trabalhosa tarefa, que assim consideramos a conjuntura arriscadíssima de lutar com o gosto do Belo sexo! Quais serão as obras literárias, que mais agradam as Damas? Quais que agradam a maioria? Que autores serão preferidos?... É, em realidade, dificultosíssimo querer ter aspirações a por no prelo uma obra, que se ofereça ao Belo Sexo, porque um pequeno equívoco na escolha d’um romance, ou d’uma poesia de menor gosto, pode redundar na perda d’assinatura d’uma, ou de muitas de nossas belas subscritoras e bem podem os leitores e interessantes leitoras prever, que só nós é que perdemos com tal improvidência involuntária!¹⁶⁹

As temáticas que, na época, eram cogitadas como de interesse das leitoras também não se resumiam aos impressos voltados ao público feminino. Em *A Gazeta Literária do Porto*, (Porto, 1868), dentre seus dezesseis números editados semanalmente por Camilo Castelo Branco, é possível identificar a descrição de pelo menos três figurinos de modas francesas que foram colocados a público somente após a primeira edição do periódico, possivelmente, em virtude da “dificuldade [...] em fazer transportar nos caminhos de ferro franceses os figurinos”¹⁷⁰. Segundo Helena Roldão, a presença de figurinos de moda nesse jornal literário evidenciava a busca por “cativar as leitoras”, ainda que por pouco tempo, uma vez que a seção foi finalizada no décimo número”¹⁷¹.

A defesa da instrução feminina e a introdução dos novos gostos e condutas burguesas em ascensão, como a literatura, o teatro e, de certa maneira, a moda, marcavam cada vez mais os assuntos dessa imprensa, em Portugal, assim como acontecia nos impressos femininos brasileiros. Diferentemente de periódicos precursores como *O Toucador* (Lisboa, 1822), *Correio das Damas* (Lisboa, 1836) e *Periódicos das Damas* (Lisboa, 1836), nessa segunda metade do século, moda, teatro, literatura eram colocados não apenas nos conteúdos impressos,

¹⁶⁹ *Recreio das Damas*. Nova Goa. Tomo 1, Número 1, p. 1, 1863. Disponível em: <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=E59085657R2W0.79802&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!601908~!0&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Recreio+das+Damas+&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>. Acessado em: 30/05/2020.

¹⁷⁰ *Gazeta Literária do Porto*. Typographia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, Porto. Tomo 1, número 1, p. 12, 1868. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetaLiterariadoPorto/N01/N01_master/GazetaLiterariadoPortoN01.pdf. Acessado em: 30/05/2020.

¹⁷¹ ROLDÃO, Helena. “Gazeta Literária do Porto”. Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2015, p.5. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/GazetaLiterariadoPorto.pdf>. Disponível em: 30/05/2020.

mas também nos títulos e subtítulos que os destacavam como de interesse da mulher leitora. Esses conteúdos estavam presentes nesses diversos jornais, como o próprio periódico português *A Esperança*.

O cenário da imprensa feminina, em que se inaugurava o jornal *A Esperança*, foi não somente habitado pela maior proliferação, consolidação e diversificação dos interesses que se firmavam como próprios do feminino, das melhorias técnicas e de ensino do seu público leitor, mas também, da inserção da mulher escritora no mundo desses impressos. A “leitura e a escrita que sempre estiveram associadas ao poder e eram usadas como forma de dominação, passaram a ser as novas aliadas da mulher”¹⁷². Isso é, as mulheres passaram a fazer parte da imprensa que se destinava ao público leitor feminino, como escritoras e até redatoras.

Uma das primeiras mulheres portuguesas a se lançar publicamente em periódicos de época foi Antónia Gertudes Pusich (1805-1883). Além de colaboradora de periódicos diversos, como *O Correio das Damas* (Lisboa, 1836-1841 e 1842-1852), inaugurou o primeiro periódico redigido por uma mulher em Portugal: *Assembleia Literária* (Lisboa, 1849-1851). Pusich desenvolveu longas páginas de sua revista acerca da necessidade da mulher “erguer a voz ‘a favor da ilustração feminil’”, ao mesmo tempo em que defendeu a liberdade intelectual da mulher e sua função de escritora e jornalista¹⁷³. Ao contrário do que se esperava das produções masculinas feitas para o público feminino, esse jornal desprezava o assunto moda, assim como fez o periódico *A Beneficência: Jornal dedicado à Associação Consoladora dos Aflitos* (Lisboa, 1852-1853) e *A Cruzada jornal religioso e litterario* (1858) na qual Pusich também foi redatora¹⁷⁴. No entanto, longe de um conservadorismo, Pusich defendeu insistentemente o direito das mulheres à educação e à cultura, com “uma mentalidade liberal que lhe era inerente e de figuras com quem trabalhou, tal como A. Feliciano de Castilho e Alexandre Herculano”¹⁷⁵.

Em *A Assembleia Literária* (Lisboa, 1849-1851), Pusich deixou a redação e a posse do jornal em favor de M. J. Cabral e, em todo o percurso do jornal ele foi formado por “Mulheres e homens [...] uma equipe notável unida certamente pela adesão à justiça que sentem ser a ‘emancipação intelectual da mulher’”¹⁷⁶ – emancipação essa que pode ser compreendida de diferentes formas entre os diferentes periódicos de época.

¹⁷² RAFAEL, Gina Guedes... *Op. Cit...* 2011, p.7.

¹⁷³ LOPES; Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos – percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005, p. 338-339.

¹⁷⁴ ROLDÃO, Helena... *Op. Cit...* 2013, p. 4.

¹⁷⁵ RAFAEL, Gina Guedes... *Op. Cit...* 2011, p.15.

¹⁷⁶ *Ibidem...* p. 57.

Além de Antônia Gertrudes, outras mulheres escreveram em periódicos portugueses, fossem eles destinados ao sexo feminino ou não. Como exemplo dessas mulheres temos Maria Peregrina de Sousa (1809-1894), Maria Adelaide Fernandes Prata (1826-1881), Henriqueta Elisa (1843-?), Efigénia do Carvalho Sousa Teles (1839-1932) e outras que, juntamente com escritores e redatores de destaque, como Antero Quental (1843-1890) Castilho (1800-1875), Augusto de Almeida Pimentel (1849-1925), Sousa Viterbo (1845-1910), Ramalho Ortigão (1836-1915) e Camilo Castelo Branco (1825-1890) fizeram parte do corpo de colaboradores do periódico *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas* (Porto; 1865-1866). Em *A Esperança* esses autores cooperaram lado a lado com diferentes artigos, romances e poesias. Alguns, inclusive, defendiam que, nessa segunda metade do século, homens e mulheres deveriam se convencer que “o criar, o escrever ia deixando de ter sexo”, como assim atestava Sousa Viterbo¹⁷⁷.

No entanto, debates também existiam nos diferentes impressos voltados ao público feminino que eram contemporâneos de *A Esperança*. Em *O Mundo Elegante* (Porto, 1858-1869), por exemplo, em meio a biografias femininas, mas também textos literários e em prosa, se “retoma um problema velho: serão as mulheres capazes de criar ou isso será uma prerrogativa do homem?”¹⁷⁸. A resposta do redator Camilo Castelo Branco se desenhava a partir de sua repulsa a uma escrita feminina sentimental, que trocava a razão pela emoção. Para ele, a escrita feminina, muitas vezes, deixava de lado a objetividade e o poder de criação, principalmente, por se prender as coisas “do coração”¹⁷⁹. Enfim, o potencial da escrita feminina ainda era colocado à prova e era motivo de questionamentos nos debates impressos femininos de meados do século, fosse na visão de homens, como Camilo, fosse na visão de mulheres, como no caso de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1821) que apresentou uma postura mais conservadora em relação à defesa do feminino ao recusar o convite em participar de *A Voz Feminina* (Lisboa, 1868-1869) e defender que “o jornal, enfim, devesse ser masculino, exclusivamente masculino, porque só os homens têm o espírito positivo que este gênero demanda”¹⁸⁰.

Portanto, a imprensa feminina da qual o jornal *A Esperança* fazia parte inseria-se num momento em que pouco a pouco a defesa dos direitos das mulheres escreverem e educarem-se ia ganhando forma nas diferentes páginas impressas e nas próprias transformações do século tanto no Porto, quanto em outras importantes cidades do país. No bojo das transformações no

¹⁷⁷ LOPES; Ana Maria Costa... *Op.Cit* ... 2005, p. 351

¹⁷⁸ *Ibidem*... p. 354.

¹⁷⁹ *Ibidem*... p. 355

¹⁸⁰ Maria Amália Vaz de Carvalho. *Apud*. SALVADOR, Teresa...*Op. Cit*..., p. 107.

sistema de ensino, transporte, comunicação e diversas outras áreas, a imprensa estabeleceu laços entre diferentes cidades, regiões e países, mas também, entre os sexos, principalmente, devido ao crescimento da mulher leitora e escritora. A partir de jornais como *A Assembleia Literária* (Lisboa, 1849-1851), *Mundo Elegante* (Porto, 1858), *Recreio das Damas* (Porto, 1859), *A Voz Feminina* (Lisboa, 1868-1869), *Emancipação da Mulher* (Porto, 1862), *A Esperança* (Porto, 1865-1866)¹⁸¹ e outros eram estipulados debates, críticas e assuntos vistos como de interesse feminino. Essas e outras características constituíam uma identidade, um interesse e uma vulgarização cultural colocado como próprio do e para o feminino.

1.4.1 O cenário historiográfico dos periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*

As conjunturas dos periódicos *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro, 1852-1855) e *A Esperança* (Porto, 1865-1866) reverberavam laços de proximidades. Em cada uma dessas sociedades se desenvolvia uma conjuntura de debates sobre a representação do feminino que se relacionava às reformas de cunho liberal vivenciadas na indústria, no transporte e na educação que eram colocadas em prática nesse mesmo momento. Afinal, como coloca José Murilo de Carvalho, durante séculos de colonização, no Brasil, de alguma forma, Portugal construiu uma colônia “à sua imagem e semelhança”. Ambas as elites tiveram formação em Coimbra, “concentrada na formação jurídica, e tornaram-se, em sua grande maioria, parte do funcionalismo público”¹⁸². Com tais características, não é de se espantar que na segunda metade do século, pontos em comum pudessem ser apontados, mesmo após todo o processo de ruptura política vivenciada por esses países.

O Brasil do *Jornal das Senhoras* e o Portugal de *A Esperança* vivenciaram a presença de um país ainda rural e de uma industrialização tardia, com a monarquia constitucional, o poder moderador e o catolicismo como religião oficial. Com tamanhos laços em comum entre suas sociedades produtoras, será que *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* defendiam as mesmas representações do feminino? Existem trabalhos que analisam a representação do feminino por meio de tais impressos? Como esses jornais foram analisados pela historiografia? Enfim, é a partir desses e outros questionamentos que se busca localizar tais periódicos, dessa vez, não mais em suas conjunturas, mas em seus cenários historiográficos, enquanto veículo para a reconstrução do passado.

¹⁸¹ LEAL, Maria Ivone... *Op. Cit...*, 1992. p. 14-15.

¹⁸² CARVALHO, José Murilo de. “Elites políticas e construção do Estado”. In: *A construção da ordem e Teatro das sombras*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996. p. 37.

A historiografia destaca que o reconhecimento da importância da imprensa pelos historiadores enquanto fonte e objeto remontam à década de 1970. Naquela época, juntamente com a emergência de novas tendências historiográficas, a imprensa foi gradativamente ocupando um papel central nos estudos históricos¹⁸³. O jornal, que por muito tempo não foi considerado de importância histórica, seja devido a não serem compreendidos como imparciais aos moldes da história metódica, seja devido ao estigma da historiografia marxista, que os considerou como uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos”¹⁸⁴, ganhava destaque na escrita da história. Esse destaque, no entanto, foi gradual e, na década de 1970, por exemplo, ainda era “relativamente pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história”¹⁸⁵.

Nesse contexto, vale destacar a primazia das obras de Hélio Viana, Nelson Werneck Sodré e José Manuel Tengarrinha como trabalhos de caráter pioneiro no mundo lusófono no que tange à história da imprensa. As respectivas obras *Contribuição à História da Imprensa brasileira* (1946), *História da Imprensa no Brasil* (1966) e *História da Imprensa Periódica Portuguesa* (1965), publicadas entre as décadas de 1940 e 1970, mostram a abundante pesquisa em arquivo, sobretudo de Tengarrinha e Hélio Viana, e o esforço de sistematização que esses autores tiveram ao construir trabalhos que, de maneira geral, abordam a história da imprensa desde os primeiros impressos de caráter artesanal até a sua fase industrial.

Nessas obras, não é comum encontrarmos referências à imprensa feminina, ainda que Tengarrinha cite o periódico *O Correio das Damas* (Lisboa, 1807, quinzenário) como “o primeiro jornal dirigido especialmente a um público feminino”¹⁸⁶ em Portugal e aponte como a liberdade de imprensa passou a estimular “mesmo, as camadas femininas”¹⁸⁷ em meados do século XIX. E, na mesma linha, Hélio Viana elenca alguns periódicos e seus editores de modo cuidadoso chegando, inclusive, a localizar *O Jornal das Senhoras* na trajetória da imprensa brasileira, ao mesmo tempo em que analisava o periódico *A Mineira no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro; 1833) e, ainda, apresentou detalhes de uma das redatoras do *Jornal das Senhoras*, Violante Bivar e Velasco, em suas palavras:

¹⁸³ LEITE, Carlos Henrique Ferreira. “Teoria, Metodologia e possibilidades: Os Jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica”. *Revista Escritas*. Vol. 7. N.1, 2015.

¹⁸⁴ DE LUCA, Tania Regina. “Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (Orgs.)... [et al]. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-112.

¹⁸⁵ *Ibidem...*, p. 111

¹⁸⁶ TENGARRINHA, José Manuel. *História da Imprensa periódica Portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Lisboa: Caminho, 1989. p. 53.

¹⁸⁷ *Ibidem...* p.155

Embora se apresente *A Mineira* no Rio de Janeiro como jornal dirigido por uma senhora, nada nos assegura a veracidade da afirmação. Seria, aliás, o primeiro órgão da imprensa feminina do país, pois *A Mulher do Simplício*, que o antecedeu, era sabidamente redigido pelo tipógrafo Francisco de Paula Brito. E o *Jornal das Senhoras*, dirigido por Joana Paula Manso de Noronha e por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, somente apareceria em 1852¹⁸⁸.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875), musicista, poetisa, constante tradutora, principalmente de peças teatrais, boa conhecedora do inglês, francês e italiano, seria por muitos autores considerada a primeira jornalista brasileira, pela direção, que em julho de 1852 assumiu, do *Jornal das Senhoras*, que durou até 1855, tendo mais tarde fundado outro hebdomadário, *O Domingo* (1873-1875), que dirigiu até seu falecimento¹⁸⁹.

Percebe-se que desde meados da década de 1940, *O Jornal das Senhoras*, algumas de suas redatoras e outros jornais femininos eram conhecidos pelos pesquisadores da imprensa brasileira, ainda que de modo breve e com incertezas acerca do jornal feminino *A Mineira no Rio de Janeiro* (1833)¹⁹⁰. Muitos anos após a obra de Hélio Viana, Nelson Werneck Sodré ao apresentar sua trajetória da imprensa brasileira também não teve como objetivo tratar especificamente da imprensa feminina, mas em sua obra é possível encontrar passagens sobre *O Jornal das Senhoras*. Em sua análise, Werneck citou *O Jornal das Senhoras* como um impresso lançado, somente, pela baiana Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco¹⁹¹. Tal questão foi revista por trabalhos posteriores, mas nos aponta a antiguidade dos estudos que mobilizaram tal periódico em suas pesquisas.

Encontramos um maior cuidado acerca da presença feminina nos estudos históricos, segundo Margareth Rago, a partir do momento em que as “pressões e demandas do movimento feminista [...], assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras”¹⁹². Esse movimento remonta à década de 1980, quando os estudos sobre mulheres deixam de frisá-las como “vítima das injunções do sistema” para mostrá-las como atuantes no cotidiano, nas questões sociais e “criando estratégias informais de sobrevivência”¹⁹³. A partir desse novo lugar da mulher na historiografia podemos observar um maior diálogo entre os estudos de história das mulheres e da imprensa e, logo, maiores incidências de trabalhos que mobilizaram *O Jornal das Senhoras*

¹⁸⁸ VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. p. 208.

¹⁸⁹ *Ibidem...* 1946, p. 23.

¹⁹⁰ As incertezas acerca da identidade e do sexo de quem ocupava a redação de *A Mineira no Rio de Janeiro* (1833) persistem. Ver mais em: DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016, p. 72-74.

¹⁹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996, p. 214.

¹⁹² RAGO, Margareth. “As mulheres na historiografia brasileira”. In Silva, Zélia Lopes (Org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81.

¹⁹³ *Ibidem...* p. 82.

e *A Esperança* como fontes e objetos do conhecimento histórico. Nesse sentido, vale nos debruçarmos, primeiramente, sobre alguns estudos que tiveram *O Jornal das Senhoras* no centro das indagações de suas pesquisas, ou mesmo que fizeram dele item de atenção na trajetória da história da imprensa.

1.4.2 A historiografia acerca do *Jornal das Senhoras*

A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937 (1981) foi um dos primeiros trabalhos historiográficos que relacionou *O Jornal das Senhoras* a partir da perspectiva da História das Mulheres. Nessa obra, June E. Hahner analisou “a emergência do feminismo no Brasil, no início do século XX, com a movimentação das mulheres de elite e a criação de sua imprensa”¹⁹⁴. No bojo dessa criação, a autora aprofunda o estudo de Nelson Sodr e acerca do *Jornal das Senhoras* ao afirmar: “Embora impossível de avaliar plenamente, a reação aos apelos fervorosos de O ‘Jornal das Senhoras’ parece incluir tanto hostilidade masculina quanto timidez feminina”¹⁹⁵. Dessa forma, já se observa o quanto *O Jornal das Senhoras* chamou atenção desde as primeiras obras que trabalhavam não somente a imprensa feminina, como aquelas que tinham como objetivo um panorama mais geral, como a obra do próprio Nelson Werneck Sodr e e a obra de June E. Hahner.

Ainda no ano de 1981, Dulcília Helena Schroeder Buitoni¹⁹⁶ publicou o trabalho *A mulher de Papel: a representa o da mulher na imprensa feminina brasileira* (1981). Algo peculiar nesse trabalho   que a autora dividiu a imprensa feminina do século XIX em dois grupos: “tradicional: que não permite liberdade de a o fora do lar e engrandece as virtudes domésticas e as qualidades ‘femininas’ e a progressista, que defende os direitos das mulheres”¹⁹⁷. Nessa chave de compreensão, a autora caracteriza o primeiro grupo composto por jornais feitos, em sua maioria, por homens e com textos que transitam entre moda, entretenimento e serviços. Já o segundo grupo apresentaria como precursor o próprio periódico *O Jornal das Senhoras*, que naquele momento da década de 1980, ainda era visto com dúvidas acerca de quem seriam suas redatoras¹⁹⁸. Essa obra abre diversas reflexões sobre a representa o da mulher na imprensa brasileira, mas também, ajuda a compreender que para

¹⁹⁴ *Ibidem...* p. 82.

¹⁹⁵ HAHNER J. E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850- 1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 39.

¹⁹⁶ BUITONI, Dulcília Schroeder. *A Imprensa Feminina*. 2  Edi o. São Paulo:  tica, 1990.

¹⁹⁷ BUITONI, D...*Op. Cit...*, 1981, p. 29.

¹⁹⁸ *Ibidem...* p. 21

além de dúvidas historiográficas sobre quem foi a fundadora e primeira redatora do *Jornal das Senhoras*, esse jornal era visto como um divisor de águas: foi categorizado como um dos primeiros jornais da chamada imprensa progressista¹⁹⁹.

Outra obra de grande vulto que apresentou o periódico *O Jornal das Senhoras* na arena de suas indagações foi a coletânea *História da Imprensa no Brasil* (2008), organizada por Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca. Ao lado de outros jornais femininos, a análise cita *O Jornal das Senhoras* (1852) “editado por Joana Paula Manso de Noronha” como “um dos primeiros jornais de propósitos femininos e abrigo da mulher escritora, contando inclusive com mulheres na redação”²⁰⁰. Tal como nas obras já citadas, nessa abordagem, o *Jornal das Senhoras* continua sendo colocado em destaque, mesmo que não se tenha a intenção de abordá-lo de forma específica. Porém, diferente de outras obras, a coletânea afirma que somente após seis meses da fundação do jornal por Joana Paula Manso de Noronha, a redação passou para as mãos de Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, por último, Gervasia Nunésia Pires dos Santos Neves, sendo todas essas, “uma das primeiras mulheres a exercerem funções de direção na imprensa brasileira”²⁰¹. A partir de então percebemos que as dúvidas levantadas na década de 1980 começaram a tomar novos contornos ao se localizar quem eram as redadoras do periódico *O Jornal das Senhoras*.

Tudo indica que Joelma Lima Varão foi uma das primeiras pesquisadoras a trabalhar esse periódico como fonte e objeto. Na dissertação intitulada *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: Mulher, Educação, Maternidade e Corpo* (2012), Varão compreendeu *O Jornal das Senhoras* como “o primeiro periódico escrito por mulheres, direcionado ao público feminino”²⁰² e utilizou essa folhinha para analisar as transformações e permanências do cotidiano feminino na passagem para a segunda metade do XIX²⁰³. Varão conseguiu resgatar o cenário social e cultural da segunda metade do século XIX, mostrando como em meio à implantação de um discurso civilizador, cosmopolita e de distinção dos espaços públicos e privado, houve o estabelecimento de mecanismos que colocaram a mulher como agente civilizador e a rainha do lar”, numa perspectiva de sacralização da maternidade própria do

¹⁹⁹ BUITONI, D...*Op. Cit...*, 1981, p. 29.

²⁰⁰ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 67-68.

²⁰¹ MARTINS, A. LUCA, T. (Org)... *Op. Cit...*, 2008, p. 68

²⁰² LIMA, Joelma V. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (RJ, segunda metade do século XIX)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012 p. 7.

²⁰³ LIMA, J. *Op. Cit.*, 2012, p.7.

positivismo e do catolicismo²⁰⁴, ao mesmo tempo em que essas transformações reforçavam a preponderância masculina no espaço público.

Em linhas gerais, para a autora, a imprensa foi veículo de divulgação de novas ideias de progresso que, por meio de um discurso pedagógico, ousou preparar as mulheres para o processo transformador pelo qual passava o contexto. Nesse sentido, o trabalho auxilia a pensar novos questionamentos a respeito do *Jornal das Senhoras*, pois esse periódico não era somente produto desse contexto de transformações e rupturas, como enfatiza Varão, mas também agente de sua época, que contribuiu para modificações e dialogou com redes de ideias que, como apontam os trabalhos posteriores, não se limitavam ao território local.

A partir de Joelma Varão, percebemos estudos que trabalharam com seções ou temáticas específicas do *Jornal das Senhoras*, como a seção moda. No estudo monográfico *Moda e Emancipação Feminina: Um Estudo do Jornal das Senhoras* (2014), Guilherme Domingues Gonçalves achou diálogos entre a apropriação dos figurinos franceses na corte do Rio de Janeiro e como essa abertura cultural promoveu ideias femininas emancipacionistas a partir da moda. Trabalhando com a história cultural e enfatizando que “O Jornal das Senhoras [...] é considerado pela historiografia o primeiro periódico redigido por mulheres no Brasil”²⁰⁵, o trabalho aprofundou o estudo acerca da sessão "Moda", presente no jornal durante os seus seis primeiros meses, e compreendeu que esse periódico não somente lançou questões que até então já eram compreendidas como pertencentes ao interesse feminino, mas também, foi promotor de novas ideias em seu cenário político das relações de poder. A dissertação de Guilherme Gonçalves também aprofunda o estudo do *Jornal das Senhoras*, principalmente, ao revelar a ideia de que *O Jornal das Senhoras* não é o primeiro a lançar a moda dos coletes femininos inspirados nas vestimentas masculinas, mas que esse é um hábito que desde 1846 esteve em voga²⁰⁶.

Não foi apenas a seção "Moda" do periódico *O Jornal das Senhoras* que apresentou destaque na historiografia; a seção de folhetins também. Em *Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)*²⁰⁷, Monique Ribeiro Montilha analisou – por meio da história da literatura, da História Cultural e das perspectivas de gênero – as

²⁰⁴ *Ibidem...* p. 108-110.

²⁰⁵ GONÇALES, Guilherme Domingues. *Moda e Emancipação Feminina: Um Estudo do Jornal das Senhoras*. 2014 Monografia (apresentado ao final do curso de história). Instituto de Ciências Humanas: Universidade de Brasília. p.4

²⁰⁶ GONÇALES, Guilherme Domingues. *Mulheres engravatadas: moda e comportamento feminino no Brasil, 1851-1911*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 20019, p.43.

²⁰⁷ MONTILHA, Monique Ribeiro. *Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)*. 2015. 280f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

características das mulheres nos romances de folhetim publicadas nesse periódico. Também refletiu sobre o lento processo de redefinição das funções sociais das mulheres na sociedade oitocentista. Montilha defendeu que “as narrativas históricas e narrativas literárias cooperam questionando-se e iluminando-se reciprocamente”²⁰⁸. Partindo da tese que o romance carregava um cunho pedagógico, o trabalho mostra-se de grande contribuição ao expor um índice alfabético de algumas escritoras do XIX²⁰⁹, ao sistematizar catorze títulos de romance folhetim presentes no jornal e ao inserir uma tabela que pontua o dia-dia do *Jornal das Senhoras*, possibilitando a produção de um balanço dos principais assuntos tratados no periódico, mas também, a percepção de suas lacunas historiográficas, tais como: a constante falta de informação sobre a última redatora do jornal, o não “interesse” em “mapear a autoria ou a versão original das obras publicadas no *Jornal das Senhoras*”²¹⁰ e por só analisar os personagens femininos de cada romance presente nesse periódico.

Também analisando a literatura, mas utilizando-se das abordagens da História Política e Cultural, Ana Carolina Soares exaltou a participação do *Jornal das Senhoras* na dissertação intitulada *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de Gênero e História em José de Alencar*²¹¹. Através do periódico *Jornal das Senhoras* e de três romances urbanos de José de Alencar, Soares analisa as disputas de poder entre os gêneros e a formação dos contornos culturais do feminino e do masculino nesse cenário. A análise abarcou a Corte do Rio de Janeiro e levantou a ideia de que no âmbito da palavra impressa existiam discursos que normatizam e definem os limites sociais dos gêneros e que homens e mulheres apresentavam, nessa segunda metade do século XIX, pensamentos comuns que sacralizavam o casamento e o amor como local de consenso e equilíbrio entre os sexos. Além disso, a dissertação contribuiu para a compreensão do jornal e da literatura como locais revestidos de um viés pedagógico, voltado para a construção da mulher moderna²¹² ideal, assemelhando-se, nessa perspectiva, à análise de Joelma Lima Varão.

²⁰⁸ MONTILHA, M...*Op. Cit...* 2015 p. 7.

²⁰⁹ *Ibidem...* p. 88-94; 100-103

²¹⁰ MONTILHA, M., *Op. Cit.*, 2015, p. 142.

²¹¹ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz*. São Paulo: Edusc, 2012.

²¹² Termo utilizado por Joelma Varão e outros trabalhos como os de: OLIVEIRA, Cláudia de. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado”. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize [et.al] (orgs). *Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2011. // SANTOS, Livia Assunção V. dos. “A mulher por ela mesma”. In: *Anais do XVIII Encontro de história da Anpuh Rio: História e Parcerias*, 2018.

No *Dicionário Ilustrado - Imprensa Feminina e Feminista no Brasil Século XIX* (2016), Constância Lima Duarte²¹³ faz um breve balanço historiográfico de *O Jornal das Senhoras*. Duarte afirma: “Essa folha, surgida no Rio de Janeiro em 1852 [...] por muito tempo foi considerada a primeira dirigida por uma mulher”²¹⁴. A autora não tem a preocupação em dizer quem afirmava essa informação sobre o periódico e nem esclarece quem teria sido o primeiro periódico brasileiro a ser dirigido por uma mulher. No entanto, explicita o quão distinto foi o periódico *O Jornal das Senhoras* frente a outras folhinhas nacionais: “Enquanto os outros se ocupam principalmente em distrair a mulher que permanecia em casa, *O Jornal das Senhoras* assumiu um discurso emancipacionista incentivando as mulheres a buscarem instrução e se conscientizarem do seu valor”²¹⁵. Duarte não teve como objetivo falar de modo específico desse jornal, mas nos fez compreender suas principais características e as mudanças historiográficas recentes que o jornal passou: deixou de ser considerado pela historiografia o primeiro periódico escrito por mulheres no Brasil.

Ainda tratando de uma temática específica do jornal, em *Páginas de sociabilidade feminina: Sensibilidade musical no Rio de Janeiro*²¹⁶, Everton Vieira Barbosa utilizou a perspectiva de se trabalhar os espaços de sociabilidades, assim como, a abordagem da História Cultural para compreender e analisar as partituras musicais presentes no *Jornal das Senhoras*. A dissertação frisou que as temáticas relacionadas à música, publicadas no periódico, faziam parte do projeto de emancipação moral e intelectual da mulher defendido pelo mesmo²¹⁷. Além disso, compreendeu que a localização geográfica das tipografias que rodeava o *Jornal das Senhoras* demonstrava as redes de sociabilidades que as leitoras e escritoras conseguiram tecer²¹⁸. Nesse trabalho, há uma análise mais ampla sobre as editoras e seus maridos, principalmente quanto à Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves, a terceira redatora do *Jornal das Senhoras*²¹⁹, cuja trajetória os demais estudos não especificaram. Enfim, a referida dissertação nos leva a descobertas, mas também, a indagar se havia apenas ligações internacionais francesas ao longo do jornal.

²¹³ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit...* 2016.

²¹⁴ *Ibidem...* p. 117.

²¹⁵ *Ibidem...* p. 118.

²¹⁶ BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: Sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

²¹⁷ *Ibidem...* 2016, p. 54.

²¹⁸ *Ibidem...* p. 58

²¹⁹ BARBOSA, Everton... *Op. Cit...* 2016, p. 88-90

Não somente as seções do *Jornal das Senhoras* mostraram-se de interesse para os historiadores, mas também sua recepção. Em *Discutindo a emancipação da mulher: O Jornal das Senhoras e sua recepção na província do Rio de Janeiro*²²⁰ foram estudados os primeiros seis meses de publicação desse jornal tendo como foco sua recepção. Essa recepção foi trabalhada a partir de cartas destinadas à redatora do *Jornal das Senhoras* que abordavam tanto o conteúdo do jornal que mais causava dúvidas, receios, críticas e curiosidades, quanto se a postura da redatora estava sendo aprovada dentro das condutas femininas do Segundo Reinado brasileiro. A partir disso, foi possível verificar conflito entre os gêneros e o limite dos papéis que eram destinados ao feminino e ao masculino. Ainda que o estudo não esgote o assunto da recepção desse periódico feminino, ele suscita outros estudos ao localizar cartas e repercussões dessa discussão impressa nas próprias páginas periodistas de época²²¹.

Por meio do que foi apresentado e debatido, chama atenção o fato de que desde a década de 1940 o periódico *O Jornal das Senhoras* é destacado pela historiografia, seja por ter sido escrito por redadoras, seja por sua defesa pela emancipação e educação da mulher. Ainda é possível perceber que, por muito tempo, esse jornal foi encarado como o primeiro jornal brasileiro dirigido por uma mulher, sendo considerado, portanto, o marco inicial de um tipo de imprensa: aquela feita por mulheres e para mulheres ou mais, aquela que defendia o direito da mulher, sendo classificada como progressista.

Observamos que nenhuma análise compara esse periódico com os periódicos portugueses e os laços de proximidade entre essas sociedades do Atlântico nesse mesmo momento histórico da segunda metade do XIX. Nesse sentido, cabe agora atentarmos aos estudos que trazem contribuições para a análise do periódico feminino português *A Esperança* (1865-1866) e quem sabe, desbravar os estudos que unem os laços, ainda presentes, do Brasil e de Portugal no pós-independência.

1.4.3 A Esperança na historiografia

Enquanto as produções que analisaram o periódico feminino *O Jornal das Senhoras* foram muitas, tudo indica que nenhuma análise mais precisa foi feita em relação ao jornal *A Esperança* (Porto, 1865-1866). Tendo em vista tal lacuna nas bases de dados e teses de

²²⁰ COSTA, Isadora de Mélo. *Discutindo a Emancipação Feminina: O Jornal das Senhoras (1852-1855) e sua recepção na província do Rio de Janeiro*. 2019. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

²²¹ *Ibidem...*p. 82.

diferentes universidades, vale destacar alguns estudos próximos à temática estudada a fim de melhor detectarmos seu cenário historiográfico.

Maria Ivone Leal, em *Um século de periódicos femininos: Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*²²² promoveu a publicação de uma lista de periódicos inventariados entre o século XIX e começo do XX, ao mesmo tempo em que analisou alguns desses. Nessa análise, Leal pontuou a dificuldade do acesso a fontes que permeiam a autoria feminina e ressaltou que os periódicos femininos portugueses ampliaram questões que estavam fora da privacidade familiar, que era o único espaço reconhecido como autenticamente feminino em boa parte do XIX. De modo geral, o estudo se mostra de grande importância, pois embora não analise o periódico *A Esperança*, cita-o como o 35º periódico português voltado ao público feminino e analisa a conjuntura de periódicos próximos a ele como *O Correio das Damas* (Lisboa, 1842-1852), *A Assembléia Literária* (Lisboa, 1849-1851) e *A Voz Feminina* (Lisboa, 1868-1869).

Em *A leitura Feminina na segunda metade do XIX*²²³, Gina Guedes Rafael analisou como Portugal entrou no caminho da modernização na segunda metade do XIX. Utilizando-se dos trabalhos sobre a mulher, ainda no Oitocentos, aliado ao estudo de três periódicos femininos portugueses, Gina Rafael analisou como, nesse período na história portuguesa, expandem-se os acontecimentos pedagógicos ligados ao feminino. O estudo permite uma maior compreensão não apenas do contexto histórico desse período, mas dos próprios impressos portugueses analisados pela referida autora como *A Assembleia Literária* (Lisboa, 1849-1851) e *A Voz Feminina* (Lisboa, 1868-1869) e *A Cruzada* (Lisboa, 1858) e o estilo e gosto da leitura feminina na segunda metade do século XIX. Enfim, esse estudo contribui para novos questionamentos na área, uma vez que insere as demandas e projetos de mulheres que não se mostravam unânimes mesmo dentro de jornais pertencentes a um mesmo território nacional.

Se Leal somente cita o periódico *A Esperança*, encontramos algo mais em *Imagens da mulher na imprensa feminina dos oitocentos – percursos de modernidade*²²⁴. Nessa obra, Ana Maria Costa Lopes refletiu acerca das relações entre a imprensa feminina, a educação e os projetos de emancipação da mulher compreendendo-os como percursos de modernidade. A obra ajuda a entender o cenário feminino da segunda metade do XIX em Portugal, assim como

²²² LEAL; Maria Ivone. *Um século de Periódicos Femininos – Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1826*. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1992.

²²³ RAFAEL, Gina Guedes. *A Leitura Feminina na segunda metade do século XIX em Portugal*. 2011. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

²²⁴ LOPES; Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos – percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005.

contribuiu para a análise dos colaboradores do periódico português *A Esperança*, haja vista que, ao longo de seus capítulos é possível perceber trechos e análises de colaboradores do periódico *A Esperança*, tais como: Camilo Castelo Branco, Maria Peregrina de Sousa, Henriqueta Elisa e outros escritores portugueses do século XIX. Além disso, analisou textos polêmicos do jornal *A Esperança* tendo como objetivo compreender qual imagem os jornais femininos do Oitocentos veiculavam e defendiam.

Encontramos novas citações do periódico *A Esperança* em *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*²²⁵, organizado e coordenado por Gina Guedes Rafael e Manuela Santos. Trata-se de uma obra composta por um arrolamento de periódicos do século XIX em todo o território português. A obra ajuda a localizar periódicos contemporâneos ao jornal *A Esperança*, os principais editores e tipografias portuguesas do XIX. Além disso, leva ao questionamento do porquê de tantos periódicos se intitularem *A Esperança* na segunda metade do XIX português. Afinal, ao pesquisarmos por *A Esperança* encontramos, no interior desse guia, pelo menos cinco nomes de periódicos que se intitulam dessa forma em território português, são eles: *A Esperança: Jornal Político, literário e religioso* (Lisboa, 1852- 1854) *A Esperança: Semanário dedicado à Associação dos Artistas Almadenses* (Almada, 1857) *A Esperança: edição popular da Nação* (Lisboa, 1878- 1882) e o periódico, que se mostra objeto de nossa análise, *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas* (1865- 1866, Porto)

É importante salientarmos, também, a tese de Valéria Augusti, *Trajetoórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*²²⁶. Esse estudo ajuda a pensar as relações Brasil-Portugal no tocante às críticas literárias semeadas em ambas as partes do Atlântico: Brasil e Portugal em meados do XIX.

Em um ensaio intitulado *Polêmicas Literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do XIX*²²⁷, tal questão fica ainda mais visível. As principais críticas dos intelectuais portugueses e brasileiros, segundo a autora, giravam em torno da busca por mercado editorial e o consumo de língua portuguesa. Dentro dessas polêmicas o que mais era debatido era o “grande consumo de livros portugueses pela ex-colônia”. Tal questão mostrava-se, frequentemente, “em contra-argumentos para as representações negativas elaboradas pelas

²²⁵ RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela (orgs.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 2001.

²²⁶ AUGUSTI, Valéria. *Trajetoórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

²²⁷ AUGUSTI, Valéria. “Polêmicas Literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do XIX”. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Casa Rui Barbosa, 2004.

elites portuguesas acerca do Brasil” e quando um livro brasileiro ganhava espaço no mercado editorial português acabava por alcançar uma recepção que oscilava “entre a indiferença e a avaliação negativa”²²⁸. A autora nos leva a perceber a dimensão das relações Brasil-Portugal ao trazer exemplos relacionados a Camilo Castello Branco, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, autores que não somente teceram polêmicas e críticas ao mercado brasileiro, como também, foram colaboradores ou amigos de colaboradores do periódico *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas*.

Ao lado dessas obras, cabe destacar algumas coletâneas que promoveram diálogos entre Brasil-Portugal, dentre essas: *História de Portugal*²²⁹, *Literatura, história e política em Portugal (1829-1856)*²³⁰, *Livros e impressos – retratos dos setecentos e dos oitocentos*²³¹, *Linguagens e Fronteiras do Poder*²³², *Linguagens da Identidade e da Diferença no Mundo Ibero-americano (1750-1890)*²³³. Esses trabalhos, embora não tratem especificamente dos periódicos aqui destacados, possibilitam uma visão mais ampla não somente das sociedades que produziam os referidos periódicos, como também, os laços que os uniam.

Portanto, no cenário conjuntural *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* relacionavam-se a um período de reformas ou regenerações em que novos hábitos e condutas se inseriam no horizonte da mulher letrada. Já no cenário historiográfico tais fontes mostram-se multifacetadas, motivo de debates, como é o caso do *Jornal das Senhoras*, e não completamente exploradas pela historiografia, como o periódico *A Esperança*.

A Esperança é uma fonte inventariada e já mencionada na historiografia, mas não trabalhada enquanto documento e objeto da história. Diferentemente de *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro, 1852-1855), o terreno historiográfico do periódico *A Esperança* apresenta-se silencioso, localizando-o numa lacuna que diz respeito não somente a esse impresso em específico, quanto dos impressos que extrapolavam a produção da capital lisbonense. Enfim, *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* são periódicos lembrados e analisados historiograficamente, mas que nunca foram estudados em conjunto sob o olhar da história comparada, embora fizessem parte de sociedades que apresentavam um passado em comum e,

²²⁸ *Ibidem...*p.4.

²²⁹ TENGARRINHA, José (Org.) *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

²³⁰ NEVES, Lúcia Maria Bastos das... [et al]. *Literatura, história e política em Portugal (1829-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

²³¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das (Org.) *Livros e impressos – retratos dos setecentos e dos oitocentos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

²³² CARVALHO, José Murilo de... [et. al]. *Linguagens e Fronteiras do Poder*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

²³³ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das...[et. all]. *Linguagens da Identidade e da Diferença no Mundo Ibero-americano (1750-1890)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

portanto, heranças e dinâmicas próprias que afastam e aproximam tais sociedades, mesmo após a Independência ²³⁴.

²³⁴ Tal como aponta a História Comparada de Marc Bloch. Ver mais em: BLOCH, Marc. *História e Historiadores – textos reunidos por Étienne Bloch*. Tradução de Telma Costa. Portugal: Editora Teorema, 1998.

2 DESBRAVANDO PÁGINAS DO RIO DE JANEIRO

Como afirma Tania de Luca, ter um periódico como objeto de pesquisa é, antes de tudo, estar disposto a ir além do que está visível no interior de suas páginas. É necessário vasculhar seus bastidores, as “motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”²³⁵, identificar o grupo responsável, as redes que os mesmos habitavam e tudo o que ligava o jornal ao tecido cultural das sociedades produtoras. Como a materialidade, os procedimentos tipográficos, os processos que envolvem a organização, o lançamento, a propagação e a manutenção do periódico²³⁶.

Trata-se de uma tarefa complexa, principalmente quando se visa aproximar produções femininas de ambos os lados do Atlântico: Rio de Janeiro e Porto. Sociedades com lógicas e condições periodistas distintas, mas, também, heranças e diálogos que, de certa forma, cooperavam para o florescimento de uma escrita periodista feminina quase que de modo simultâneo, na segunda metade do século XIX.

Dentro desse florescimento, produções como *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* eram inauguradas e circulavam em diferentes locais, do Brasil e de Portugal, respectivamente. Eram produtos e agentes de um momento de transformação da própria atuação e representação da mulher letrada no interior dessas sociedades. Dessa forma, no presente capítulo, objetiva-se desbravar o corpo dirigente desses periódicos, assim como as linhas editoriais, as táticas de venda e os conteúdos distribuídos. Especificidades que, certamente, contribuíram direta ou indiretamente para a confecção dessas obras, para a escolha e ênfase de alguns temas de publicação em detrimento de outros que se projetavam no interior de cada uma dessas sociedades.

Nesse intuito, parece pertinente começarmos por identificar o corpo dirigente de um dos primeiros²³⁷ jornais brasileiros redigidos somente por mulheres e voltado ao público feminino, como seu próprio título legitimava: *O Jornal das Senhoras*.

²³⁵ LUCA, Tania Regina. Fontes Históricas. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanzi (Org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto: 2008, p. 140.

²³⁶ *Ibidem*... 140.

²³⁷ Haja vista que, como coloca Everton Barbosa, o primeiro jornal de redação feminina foi o *A Esmeralda* (1850, Recife), seguido de *O Jasmim* (Recife, 1850). Ver mais em: BARBOSA; Everton Vieira. “A escrita feminina periodista no Brasil em meados do século XIX”. XVII São Lourenço, RS: Encontro Estadual de História Anpuh/RS, 2014.p.6.

2.1 O corpo dirigente do *Jornal das Senhoras*

Pela primeira vez apareceu no Brasil um jornal escrito por SENHORAS ILUSTRADAS, que não duvidaram assinar seu nome, empregar seus esforços, à testa de uma tão útil empresa²³⁸.

Ao percorrermos as páginas do *Jornal das Senhoras*, percebemos que seu corpo dirigente era formado por redatoras que se compreendiam como as primeiras, no Brasil, a escrever um jornal que contava com “senhoras” à testa desse tipo de empresa. A historiografia mais recente, porém, revisitou tal posição do impresso, firmando a existência de jornais brasileiros redigidos por mulheres “bem antes do *Jornal das Senhoras*”²³⁹, como afirma Constância Lima Duarte:

As primeiras iniciativas femininas de que se tem notícia – bem antes do *Jornal das Senhoras*, de 1852 – surgiram em Porto Alegre, em 1833, sob a responsabilidade da escritora Maria Josefa Barreto (1786-1837), sob os títulos *Belona Irada contra os Secretários de Momo* (1833-1834) e *Idade d’Ouro* (1833). Ambos, francamente políticos [...]. Outros surgidos na mesma época no Rio de Janeiro também merecem ser citados – *A Filha Única da Mulher do Simplício* (1832) e *A Mineira no Rio de Janeiro* (1833) – por terem sido escrito na primeira pessoa e sugerem que uma mulher estava à sua frente²⁴⁰.

Sendo o primeiro periódico redigido por mulheres ou não, é inegável a coragem que suas redatoras tiveram ao publicarem um jornal cuja redação era formada somente por mulheres num período em que o mundo dos impressos era “predominantemente masculino” e a mulher “um público tradicionalmente desconsiderado”²⁴¹, cuja autoria e autoridade pública ainda começavam a se firmar.

Sempre buscando dar voz à mulher escritora, durante seus quatro anos de publicação, *O Jornal das Senhoras* foi dirigido por três senhoras e todas as redes de sociabilidade que as mesmas puderam tecer com amigos, familiares e colaboradores, atores que, certamente, cooperaram de diferentes maneiras para a formação, manutenção e direção da folha. Uma dessas mulheres foi a argentina Joana Paula Manso de Noronha, primeira redatora e fundadora do *Jornal das Senhoras*.

Joana Manso nasceu em 26 de junho de 1919 em Buenos Aires e presenciou o exílio a partir do momento que seu pai escapou da ditadura argentina de Juan Manuel Rosas, que durou

²³⁸ *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro (1852-1855). Tomo 2, n. 1, p.2, 1853. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&PagFis=856&Pesq=%22Misterios%20del%20Plata%20%22>. Acessado em: 22/06/2020.

²³⁹ DUARTE, Constância. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.21.

²⁴⁰ *Ibidem*... p. 21

²⁴¹ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em Tempos de Império”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 67.

de 1829 a 1852. Depois de exilada no Uruguai, Montevideú, veio ao Brasil em 1842 devido ao cerco de Manuel Oribe (1792-1857), aliado de Rosas, na região uruguaia. Voltou ao Uruguai em 1843 e retornou ao Rio de Janeiro em 1844, demonstrando a dificuldade de se firmar economicamente e politicamente em um país diferente do seu²⁴². No Brasil, Manso teve contato com os costumes e hábitos da corte imperial e conheceu pessoas que atuavam no cenário cultural fluminense, como a tradutora Violante Bivar²⁴³ e o violinista português Francisco Sá Noronha, com quem Manso se casou²⁴⁴.

Na década de 1840, Joana voltou a conhecer novas cidades e a viajar por diferentes países, mas dessa vez, visando o sucesso na carreira artística do marido²⁴⁵. O casal viajou pelos Estados Unidos e Cuba observando os métodos de ensino, os comportamentos e modos de distinção nas condutas de homens e mulheres de época²⁴⁶. Nas páginas da imprensa periodista, percebemos que o nome de Francisco Noronha e Joana estiveram presentes nas colunas de diferentes impressos que se destinavam a tratar das movimentações dos portos brasileiros durante o final da década de 1840. Em outubro de 1845, Francisco Noronha e Joana Noronha saíram do Brasil pelo *Vapor S. Salvador* em direção aos portos do norte²⁴⁷. Em 24 de dezembro 1848, “Noronha, sua mulher e 2 filhos” entravam no Brasil por uma embarcação que vinha de Nova York²⁴⁸. Em 22 de agosto de 1849 o *Paquete Paraense* levou Francisco Noronha, novamente, aos Portos do Norte²⁴⁹, dessa vez, sem sua mulher e as duas crianças: Eulália e Hermínia Noronha²⁵⁰. Em 7 de junho de 1851, o nome de Francisco era publicado na lista de passageiros que entravam nos portos brasileiros por Santa Catarina e Rio Grande do Sul²⁵¹. O

²⁴² BARBOSA, Everton Vieira. A Impressão de ideais e ideias de uma argentina em um periódico brasileiro feminino em meados do oitocentos. In: *Dourados*, MS, v. 12, n. 23, p. 16-32. Jan-jun. 2018, p. 25

²⁴³ SHUMANHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000, p. 521.

²⁴⁴ LOBO, Luiza. “Juana Manso: uma Exilada em três Pátrias”. *Revista Gênero*: Niterói, v. 9, n. 2, 1. sem, 2009, p. 47-59.

²⁴⁵ *Ibidem...* p. 47

²⁴⁶ BARBOSA, Everton... Op. Cit... 2018, p. 27

²⁴⁷ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro (1827- 2013). Tomo 18, n. 297, p. 4, 1845. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03. Acessado em: 22/06/2020.

²⁴⁸ *Jornal do Commercio* ... Tomo 21, n. 355, p. 4, 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&pesq=%22Francisco%20%20Noronha%22&pas ta=ano%20184>. Acessado em: 22/06/2020.

²⁴⁹ *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*. Rio de Janeiro (1848 a 1868). Tomo 2, n. 230, p. 4, 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=>. Acessado em: 22/06/2020.

²⁵⁰ Nomes referenciados no anúncio “repartição da polícia”, quanto às relações das pessoas legitimadas para obterem passaporte. In: *O Correio da Tarde: Jornal Comercial, Político, Literário e Noticioso (RJ; 1855-1862)*, Tomo 5, Edição 40, p. 3, 1859. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090000&pesq=Joana%20Paula%20Manso%20de%20Nor onha>. Acessado em: 20/01/1019.

²⁵¹ *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 30, n. 8714, p. 4. 1851. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01. Acessado em: 22/06/2020.

que nos sugere que, com o passar do tempo e o nascimento das meninas, Joana Noronha não mais conseguia acompanhar a rotina do músico.

No entanto, é inegável que esse quadro de entradas e saídas dos portos brasileiros explicita que grande parte da vida do casal era marcada pelas viagens de Francisco e seu ofício de músico, carreira que era respeitada e admirada no tecido cultural de seu tempo, como comunicava o *Jornal do Comércio*, em 1849:

O Sr. Francisco de Sá Noronha, que tão saudoso se retirou de nós [...] e entre nós primeiro que ninguém, e em muitas vezes em notas mágicas nos arrebatou o pensamento com o poder de seu gênio e de sua Rabeca; o Sr. Noronha acaba de chegar de New York, depois de ausência de três anos e tanto²⁵².

Em fins de 1851, Francisco e Joana enveredavam em uma nova atividade, sem deixar de lado a música e o teatro. Começavam-se os preparativos para a fundação do periódico *O Jornal das Senhoras*, em que Joana Paula Manso de Noronha seria a “redatora em chefe”. Tal função possibilitou Manso de Noronha cooperar na carreira de seu marido, sem necessitar sair de casa com frequência, ou mesmo, fazer longas viagens. O que permite perceber como a imprensa periodista foi pouco a pouco se moldando como um lugar privilegiado da mulher oitocentista, em meio as tensões e limites culturais de época.

Desde novembro de 1851 é possível observar anúncios acerca do local de assinatura, dos dias de publicação, dos conteúdos que seriam veiculados, assim como, da data exata de inauguração desse impresso feminino: 1º de Janeiro de 1852²⁵³. Alguns anúncios, em fins de 1851, já informavam o nome de Joana no cargo de redatora, e chamavam atenção das leitoras fluminense para que essas tomassem a assinatura do periódico o quanto antes²⁵⁴. Em outras palavras, *O Jornal das Senhoras* foi divulgado de forma prévia, condições que evidenciam certo planejamento da redatora e seus colaboradores, tanto em relação às assinaturas, quanto ao planejamento dos artigos e conteúdos que iriam preencher, pelo menos, os primeiros números da obra.

Mantendo sempre esse cuidado no preparo e organização do periódico, Joana manteve-se no cargo de “redatora em chefe”²⁵⁵ durante seis meses ininterruptos. Durante esses meses,

²⁵² *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (1827- 2013). Tomo 22, n. 3, p. 2, 1849. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&PagFis=7379&Pesq=%22Francisco%20%20Noronha%22. Acessado em: 22/06/2020

²⁵³ *Jornal do Comércio*... Tomo 24, n. 311, p. 3, 1851. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22&pasta=ano%20185. Acessado em: 02/06/2020.

²⁵⁴ *O Jornal do Comércio*... Tomo 24, n. 352, p. 3, 1851...

²⁵⁵ *O Jornal das Senhoras* ... Tomo 1, n.1, p. 1, 1852...

publicou músicas e poesias de autoria de seu marido e colaborador da empresa. Também colocou a público suas ideias políticas e ideológicas, como aquelas, que se destinavam a tratar da ditadura de Manuel Rosas, com a publicação do folhetim *Misterios del Plata*, impresso em sete números do *Jornal das Senhoras* e, possivelmente, inspirado no famoso *Mistérios de Paris*, do autor francês Eugène Sue (1804-1857).

Em *Misterios del Plata* Noronha colocava “a existência de uma mulher heroína: é ela quem desafia a história e quem protege a família e salva o seu bem amado”²⁵⁶ dos conflitos da ditadura de Manoel Rosas. Enfim, tal romance apresentava um enredo politizado e foi produzido pela própria Paula Manso de Noronha durante suas viagens, como a mesma explica:

Comecei a esboçar este romance em Philadelphia, em 1846; foi concluído na fortaleza do Gravatá, onde morei cinco meses, em fins de 1849 e princípio de 1850. Temia publicá-lo, porque a maior parte dos personagens [estão] vivas ainda, sobretudo Rosas não me perdoaria facilmente a revelação de fatos, que muitos não acreditam, e são pela nossa desgraça assas verídicos²⁵⁷.

Além de se interessar e publicar assuntos políticos de seu tempo (o que não era comum entre as mulheres da época²⁵⁸), quando existia alguma data comemorativa nacional ou mesmo o aniversário de membros da família real, Joana publicava uma edição do periódico toda voltada a prestação de homenagens. Nessas edições, a redatora demonstrava conhecimento, proximidade e simpatia não somente com a própria concepção política do Império brasileiro, como também, com seus governantes. Questão que pode ser percebida no número que começava com uma “Dedicatória a S. M. A. Imperatriz” Tereza Cristina, colocada à público logo no 11º número do jornal²⁵⁹. Posição que, certamente, tornava mais fácil a inserção dessa argentina na sociedade e nos círculos de letrados brasileiros.

Manso de Noronha ainda publicou artigos que defendiam a melhoria na condição feminina, a ilustração da mulher e tudo aquilo que levasse à “emancipação moral” e melhoramento social delas²⁶⁰. Tal assunto marcou muitos números do jornal e foi motivo de burburinhos dentro e fora das páginas do periódico que fundou, como serão trabalhados mais à frente²⁶¹.

²⁵⁶ MONTILHA, Monique Ribeiro... *Op. Cit.*... 2015, p. 151.

²⁵⁷ *O Jornal das Senhoras*... n. 27, p. 9, 1852...

²⁵⁸ LOBO, Luiza... *Op. Cit.*...2009, p. 57...

²⁵⁹ *O Jornal das Senhoras* ... n. 11, p. 1, 1852...

²⁶⁰ *O Jornal das Senhoras*... n. 1, p. 1, 1852...

²⁶¹ Alguns desses “burburinhos” podem ser encontrados em: *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro (1850-1871). Tomo 3, n. 14, p. 1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709697&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20moral%20da%20Mulher%22&pasta=ano%20185>>. Acessado em: Ago. de 2020.

Já se adianta, porém, que os burburinhos e as críticas não abalaram Manso de Noronha. Durante os seis meses que estivera na redação, ela enfatizava a defesa da mulher, sua educação e potencial da escrita feminina. Corroborava com um perfil de mulher civilizada que não ficasse reclusa ou alheia ao que se passava ao seu entorno, mas que soubesse se vestir, se atualizar com os eventos da corte e utilizasse de suas virtudes para cooperar com o progresso da nação. Afinal, a folhinha, foi inaugurada visando a veicular “Moda, literatura, belas artes, teatro e crítica”²⁶², e defendia que a mulher não devia ser um “objeto”, mas ter uma “missão”, ser “útil”²⁶³ em sociedade.

Possivelmente por acreditar na atuação da mulher, Joana foi motivada a se naturalizar brasileira²⁶⁴ e pleitear uma vaga na *Escola de Medicina do Rio de Janeiro* no mesmo ano de inauguração do jornal, em 1852²⁶⁵. Tal projeto, infelizmente, não se concretizou devido ao fato dessa escola só aceitar homens em seu ingresso²⁶⁶. Embora Manso não tenha conseguido completar seus estudos no ramo da medicina, sem dúvida, ela reverberava, publicamente, que sua trajetória pessoal se mostrava compatível com o que defendia nas páginas do *Jornal das Senhoras*: a atuação feminina na sociedade, embora com as dificuldades e empecilhos da mentalidade patriarcal de seu tempo.

O interesse em ser “útil”, em estudar na *Escola de Medicina do Rio de Janeiro*, a defesa da ilustração feminina, presente nos ideais de Joana, evidenciavam bandeiras defendidas por ela e por outras letradas de época, como Nísia Floresta, que tomou grande vulto no decorrer desse tempo, com a tradução intitulada *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, na qual a mesma defendia:

Nosso sexo parece ter nascido para ensinar, e praticar a medicina, para tornar a saúde aos doentes, e a lhes conservar. O asseio, a prontidão e o cuidado fazem a metade de uma cura; e por esse motivo os homens nos deviam adorar²⁶⁷.

Nísia Floresta e Noronha faziam parte de um pequeno número de mulheres letradas e que, possivelmente, apresentavam relações de sociabilidade, já que tinham semelhanças não apenas pelo fato de considerarem a medicina como uma função que poderia ser exercida pelas mulheres, mas também, por atuarem no meio público dos impressos, com experiências de

²⁶² *O Jornal das Senhoras*...n. 1, p.1, 1852...

²⁶³ *O Jornal das Senhoras*... n.2, p. 4 ...

²⁶⁴ SHUMANHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.).... *Op Cit...* 2000, p. 294

²⁶⁵ *Ibidem*.... p. 294

²⁶⁶ BARBOSA; Everton Vieira. “A escrita feminina periodista no Brasil em meados do século XIX”. São Lourenço, RS: *Encontro Estadual de História Anpuh/RS*, 2014.p.6.

²⁶⁷FLORESTA, Nísia, “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”. In: DUARTE, Constância. Recife: Massangana, 2010, p. 97. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205214>. Acessado em Mai. de 2020.

viagens internacionais e uma percepção aguçada em relação ao desejo de melhorar a condição feminina, o modo como a mulher era vista e se comportava em sociedade.

A proximidade entre essas pioneiras melhor se verifica quando Joana não somente cita, como demonstra proximidade, admiração, conhecimento, respeito e amizade pela trajetória e trabalho de Nísia Floresta nas páginas de seu próprio jornal:

Sentimos vivo prazer em anunciar as nossas Assinantes a chegada da Sra. D. Nisia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de nossa admiração por sua delicada constância ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria. A Sra. D. Nísia estava ausente de nós há dois anos e meio, viajando neste intervalo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores colégios de instrução, os mais abalizados literatos, e senhoras ilustradas; e ultimamente esteve em Portugal, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões na ciência. Está pois entre nós a Sra. D. Nísia, demos-lhe um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo²⁶⁸.

Estando sempre atualizada com o que acontecia em seu entorno, recebendo as correspondências do *Jornal das Senhoras* em sua própria casa – no Beco dos Cotovelos n.18²⁶⁹ – e mantendo o periódico nas ruas durante seis meses, a redatora argentina soube lidar com um público leitor e uma nação (que ainda se formava como tal), completamente diferentes das condições vivenciadas na Argentina e nos locais que observara em suas viagens. Embora mostrasse compreender que ocupava um lugar que, normalmente, não era desempenhado por mulheres²⁷⁰, Joana se mostrou firme em suas ideias e em suas atividades de redatora durante os exatos vinte e seis números que publicou do *O Jornal das Senhoras*.

Mesmo com seu afastamento do cargo de redatora, Manso de Noronha colaborou e esteve a todo o momento em contato com o jornal que fundara. Sempre que possível publicava cartas reverberando o desejo da mulher ilustrada e atuante, como se verifica na carta abaixo, de outubro de 1853, na qual valorizava a produção feminina, considerando as “conquistas” que apresentavam “os sagrados segredos da inteligência”:

Carta dirigida pela Ilm^a. Sra. D. Joana Paula Manso de Noronha à redação do *Jornal das Senhoras*.

Dignai-vos aceitar esta fraca homenagem da simpatia que consagro a um Jornal, da redação do qual me afastaram circunstâncias alheias da minha vontade. Assisti, com as vossas colaboradoras, à representação das minhas peças, não porque sejam elas de súbito merecimento, mas sim, porque produções de uma senhora, são o padrão da conquista dos sagrados direitos da nossa inteligência, presente este do Criador; e porque essa exceção ao preconceito que nos condenava a inação intelectual

²⁶⁸ *O Jornal das Senhoras...* n. 8, p. 10, 1852...

²⁶⁹ *O Jornal das Senhoras...* n. 1, p. 8, 1852...

²⁷⁰ *O Jornal das Senhoras ...* n. 1, p. 1, 1852...

merece ser sancionada por todos aqueles, que têm confiança no porvir da humanidade, que amam o progresso das letras no Brasil e cooperam para este fim. Com esta distinta carta honrou-nos a ilustre Autora dramática, convidando-nos ao seu benefício, que terá lugar na noite do dia 8 de outubro, no Teatro São Pedro de Alcântara; e mais uma vez nos outorgou as vivas demonstrações do quanto presa e estima o Jornal, de que foi a primeira e tão digna redatora em chefe²⁷¹.

Peças como *O Ditador Rosas* (1853), *A Regeneração* (1853)²⁷², *As Manias do Século* (1853)²⁷³, *A Esmeralda* (1853)²⁷⁴, *A Atriz, o Teatro e os Doidos* (1855)²⁷⁵ e outras foram espetáculos que tiveram a participação de Joana Paula Manso de Noronha e tomaram os palcos dos principais teatros da época, justamente, no período de seu afastamento da redação do periódico que fundou. Anunciadas dentro e fora das páginas do próprio *Jornal das Senhoras*, essas peças e seus anúncios podem ser vistos como indicativos de que não apenas Joana continuou a participar no mundo cultural de seu tempo, mas também, que seu afastamento da redação do *Jornal das Senhoras* se vinculava, possivelmente, com esses novos deveres no ramo da dramaturgia que passou a lhe tomar tempo.

Além de Joana, Francisco Noronha também esteve presente nas publicações do *Jornal das Senhoras* mesmo com o afastamento de sua mulher do cargo de redatora e a separação do casal em fins de 1853²⁷⁶. Durante todo o tempo de circulação do impresso, Francisco Noronha colaborou com poesias, partituras musicais e esteve ao lado de Joana em boa parte dos eventos teatrais anunciados dentro e fora do *Jornal das Senhoras*. Se Nísia pode ser considerada uma inspiração para Joana, Francisco foi não apenas marido, como também, seu companheiro no ramo da dramaturgia, da música e da publicação periodista, como se pode observar no anúncio veiculado no *Correio Mercantil*, em 1853:

Hoje representam-se no teatro de S. Pedro duas produções dramáticas em benefício da autora, a Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha. Nada diremos a prol da escritora que com a sua pena soube achar independência na terra do exílio. O espetáculo compõe-se do drama *O Ditador Rosas* e da comédia *As manias do século*. Os intervalos são preenchidos com composições musicais do Sr. Noronha²⁷⁷.

Juntamente com esses espetáculos, que pelo visto, colocavam Joana e seu esposo no mesmo palco, essa redatora e dramaturga ainda publicou muitas de suas ideias em livros, como

²⁷¹ *O Jornal das Senhoras*... n. 40, p. 1, 1853...

²⁷² *Diário do Rio de Janeiro* *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 32, n. 272, p. 4, 1853...

²⁷³ *Diário do Rio de Janeiro*... n. 291, p. 4, 1853...

²⁷⁴ *Diário do Rio de Janeiro*... n. 257, p. 4, 1853.

²⁷⁵ *Diário do Rio de Janeiro* (RJ; 1821 a 1858). Tomo 34, n.193, p. 4, 1855.

²⁷⁶ Informação observada por outros pesquisadores como em: MONTILHA, Monique Ribeiro... *Op. Cit...* 2015, p. 107.

²⁷⁷ *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*. Rio de Janeiro. (1848-1868). Tomo 6. Edição 281, p. 1, 1853. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=Jornal%20das%20Senhoras>>. Acessado em: Jan. de 2019.

La Família del Comendador e Los Mistérios del Plata, Esmeralda (drama), *As manias do século* (comédia); e a *Família Morel*²⁷⁸. Todas essas atividades demonstram um íntimo relacionamento de Joana com o mundo dos impressos e a vida literária de seu tempo. Prerrogativa que, sem dúvida, lhe rendia exposição pública, tempo e necessidade de fazer escolhas, como a de deixar a redação do periódico que fundara em meados de 1852, possivelmente, para administrar todas essas atividades e posição pública.

Tal posição também pode ter sido um fator decisivo no fato de, em fins de 1853, Joana decidir voltar a Buenos Aires – como demonstrava o anúncio do Leilão abaixo – possivelmente, para evitar problemas à sua carreira literária e maiores exposições, dentro da corte do Rio de Janeiro, em decorrência de sua separação²⁷⁹.

LEILÃO EXTRAORDINÁRIO

Hoje sábado, 29 de outubro, às 10 e meia horas em ponto, rua do Regente n. 35, de ordem e por conta da Ilma. Sra. D. JOANNA PAULA MANSO DE NORONHA Que se retirou para Buenos – Ayres, pelo paquete *Olinda*.

CARLOS TANIÈRE

Faz leilão hoje sábado, [...] na casa acima mencionada, de todos os objetos ali existentes, constando de uma linda mobília moderna de Jacarandá, um legítimo piano do afiançado autor Pleyel, uma linda cama francesa, um belo guarda-vestidos, aparador de sala de jantar, mesas, cadeiras, cômodas, lavatórios, tapetes, cobertores adamascados, cadeira de retrete, mesa de cabeceira de retrete, mesa de cabeceira, espelhos, lampiões, vasos, duas lindas arandelas de 3 luzes de bronze dourado com mangas e pingentes, objetos de fantasia, e mais outros artigos²⁸⁰.

Também vale lembrar que no período findou a Ditadura de Manuel Rosas, o que também pode ter motivado o regresso de Joana para sua terra natal, para levar suas filhas para o encontro de seus parênteses e possivelmente deixá-las abrigadas com eles, depois que Joanna retornasse ao Brasil anos mais tarde.

Assim, em 4 de julho de 1852, com respeito e admiração, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, uma das principais colaboradoras do jornal e amiga de Joana, anunciou a saída da mesma e sua entrada no cargo de redatora chefe do periódico:

Completaram-se no dia 1^a do corrente, seis meses da existência do *Jornal das Senhoras*, que sob a redação da Ilm^a Sra. D. Joana Paula Manso de Noronha, radiante e esbelto se apresentou em tão longo espaço. Motivos, porém, imperiosos obrigaram a nossa Ilm^a amiga a atender a outros deveres e, por conseguinte, a não dirigir a redação deste periódico. Sobre mim recai a escolha para tão pesado encargo e, enquanto balda dos conhecimentos e ilustração que adornam a Ilm^a Sr^a D. Joana, eu empenharei todos os meus esforços para imitar e seguir a senda que ela traçou na redação deste jornal²⁸¹.

²⁷⁸ DUARTE. Constância Lima... *Op. Cit.*... 2016, p. 117.

²⁷⁹ Estudos acerca da biografia de Noronha afirmam que “em 1853, o músico abandonou a família e voltou para Portugal com outra mulher”. Ver mais em: LOBO, Luiza. 2009, p. 48. //SHUMANHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.).... *Op Cit.*... 2000, p. 294.

²⁸⁰ *Diário do Rio de Janeiro* (RJ; 1821 a 1858). Tomo 32, n. 295, p. 3, 1853.

²⁸¹ *O Jornal das Senhoras*... n. 27, p. 1, n. 1852...

A segunda redatora da folhinha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875), era filha de Violante Lima de Bivar e do conselheiro imperial, bacharel em direito formado em Coimbra, redator e presidente do conservatório dramático, Diogo Soares da Silva Bivar (1785-1865), o que, sem dúvida, cooperava para o interesse e acesso de Violante nos assuntos literários, teatrais e jornalístico de seu tempo.

Desde 1811, a família de Violante esteve envolvida no ramo público dos impressos. Diogo Bivar, segundo Hélio Viana, foi um dos redatores de *A Idade d'Ouro do Brasil* (1811-1823), “o segundo periódico fundado no Brasil”²⁸², e *As Variedades ou Ensaaios de literatura* (1812) “a primeira publicação periódica de caráter literário aparecida no Brasil”²⁸³. Ambas publicadas na tipografia Manoel Antônio da Silva Serva, única existente em Salvador, no decorrer desse tempo e, também a única tipografia particular do Brasil durante um bom tempo²⁸⁴.

Diogo Bivar exerceu a advocacia, se casou com a mãe de Violante, uma “senhora pertencente a uma das boas famílias de Salvador”²⁸⁵. Juntos, tiveram 3 filhos: além da caçula Violante Atabalipa Ximenes de Bivar (1817- 1874), Rodrigo Soares Cid de Bivar (1812) e Luiz Garcia Soares de Bivar (1813-1901).

Em razão do trabalho, o pai de Violante logo precisou se mudar para o Rio de Janeiro, deixando a filha e sua família em Salvador por algum tempo, enquanto se firmava em inúmeros postos na corte imperial, dentre eles, o de censor. Pelos trabalhos prestados, ao longo do século XIX, Diogo foi condecorado como Cavaleiro das ordens de Cristo e da Rosa. Ainda conquistou o título de Conselheiro e atuou em inúmeras instituições do Rio de Janeiro, como o Conservatório Dramático Brasileiro, local que fundou e dirigiu, gratuitamente, desde 1843, como Presidente Perpétuo e Honorário²⁸⁶.

No Conservatório, o pai de Violante apresentava a função de censurar “todas as composições dramáticas destinadas à representação em teatros do Rio de Janeiro”²⁸⁷, o que, sem dúvida, era uma tarefa que rendia prestígio e status a ele e sua família. E, além disso, possibilitava que Violante tivesse “acesso ao espaço teatral, bem como à tradução e transcrição de textos encenados por muitos artistas”²⁸⁸.

²⁸² VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946., p. 19.

²⁸³ *Ibidem...* p. 16.

²⁸⁴ *Ibidem...* p. 16-19

²⁸⁵ *Ibidem...* p. 20

²⁸⁶ *Ibidem...* p. 21.

²⁸⁷ *Ibidem...* p. 21.

²⁸⁸ BARBOSA; Everton Viera. “Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs)... *Op. Cit...* 2018, p. 193.

Pertencente a um núcleo familiar voltado à prestação de serviços públicos e do ramo cultural, Violante e, certamente, seus irmãos, tiveram uma educação refinada, com o domínio do francês, do italiano e do inglês. Por volta da década de 1830, aos vinte anos, já no Rio de Janeiro, Violante traduziu a peça *O Xale de Casemira Verde*, de Alexandre Dumas e Eugène Sue, o que lhe concedeu prestígio e a futura entrada no que viria a ser o grêmio do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro²⁸⁹. Tal empreitada, possivelmente, teve o incentivo de seu pai e do restante de sua família, como seu irmão Luiz Bivar que também adentrou o mundo público das letras nesse mesmo período. Além de funcionário público, tornou-se um “ativo jornalista”, chegando a dirigir seu próprio periódico – *A Regeneração* (Rio de Janeiro; 1866-1867)²⁹⁰. O que nos leva a perceber que o termo fazia parte dos anseios, de alguma forma, em ambos os lados do Atlântico: Brasil e Portugal.

Quando assumiu o cargo de redatora do *Jornal das Senhoras*, assim como Joana, Violante era uma mulher casada, uma senhora, como afirmava o discurso de época²⁹¹. Ela havia se casado com um oficial da marinha, o tenente João Antônio Boaventura Velasco em meados da década de 1840, no mesmo período em que Joana Manso de Noronha e Violante Bivar e Velasco haviam se conhecido e firmado uma amizade²⁹².

Enquanto redatora, a atuação de Bivar trouxe algumas alterações nos assuntos impressos e na própria localização tipográfica do jornal. Vieram à tona textos relacionados à saúde, receituários caseiros, pastilhas, economia doméstica e outros de modo a formar e informar uma dona de cabeça bem preparada e asseada²⁹³. No entanto, os artigos que se relacionavam à emancipação da mulher, embora tenham diminuído, não cessaram. O desejo por melhorias nas condições femininas e de sua educação continuavam presentes, demonstrando que Violante manteve-se fiel aos objetivos editoriais da folhinha fundada por Noronha²⁹⁴, como se observa abaixo:

O JORNAL DAS SENHORAS não tem unicamente por fim realçar os encantos do belo sexo, nem se limita a indicar com que a arte e a moda fazem sobressair sua beleza e suas graças. Esta só aspiração bastaria de certo para enobrecer nossas tarefas; mas temos ainda outra missão; nossas leitoras bem o sabem. Os progressos de todas as artes, o desenvolvimento de todos os encantos, tudo enfim quanto possa melhorar o

²⁸⁹ SHUMAHAR, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. P. 521.

²⁹⁰ VIANA, Hélio... *Op. Cit...* 1846, p. 23

²⁹¹ Sempre que o Jornal relacionava o termo “senhora”, colocava-o na condição de uma mulher letrada, casada e distinta das camadas mais baixas da sociedade. Na seção moda, o jornal explica que existiam trajes específicos para essas mulheres, utilizando esse termo: “O presente figurino representa uma senhora, casada; tira-lhe a touca, e tereis para uma jovem solteira um traje lindissimo”. Ver mais em: *O Jornal das Senhoras* ... n. 5, p. 3, 1852...

²⁹² VIANA, Hélio... *Op. Cit...* 1846, p. 23

²⁹³ DUARTE, Constância Lima... *Op. Cit ...* 2016, 120.

²⁹⁴ *Ibidem...*, 2016, p. 120.

estado de nossa civilização, e aproximarmo-nos das nações, esclarecidas, excita nossas simpatias e ocupa nossas lucubrações²⁹⁵.

Mantendo o objetivo de realçar os talentos e encantos femininos, Violante vivenciou o período inicial e intermediário do impresso embora o jornal passasse por uma boa fase, sem aumento de preço ou outros imprevistos – no período em que esteve a frente do jornal, no mesmo ano de 1853, a mãe de Violante faleceu e seu pai, “não resistindo a esse golpe” passou a fracassar nos negócios em que pusera grande empenho, como o próprio Conservatório Dramático. A família passou por dificuldades financeiras e somente a partir de 1857 a Câmara aprovou a concessão de uma pensão a Diogo Bivar, em decorrência dos serviços prestados à nação²⁹⁶. Assim, embora não explicitado nas páginas do *Jornal das Senhoras*, possivelmente, o afastamento de Violante da redação do periódico, em final de maio de 1853, foi motivado por questões econômicas e pela perda de sua mãe, ocorrida nesse mesmo ano.

Bivar, porém, continuou no mundo público dos impressos colaborando com uma coletânea intitulada “Algumas traduções das línguas francesas, italiana e inglesa”, que foi impressa em 1859. Além disso, mesmo após alguns anos da finitude do *Jornal das Senhoras*, Bivar era lembrada com mérito por ter sido uma de suas redatoras, como se pode perceber no seguinte anúncio de 1858:

Breve serão publicadas algumas traduções das línguas francesas, italiana e inglesa, em 3 volumes pela Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. O nome da tradutora, que foi por muito tempo redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, é suficiente garantia dessas publicações²⁹⁷.

Em 1865, após a perda de seu pai e, posteriormente, de seu marido, Bivar novamente silencia, voltando à público somente oito anos depois ao criar o jornal *O Domingo*. Este seguia a mesma linha editorial do *Jornal das Senhoras*²⁹⁸, demonstrando o quanto esse periódico apresentou experiências marcantes na vida profissional dessa tradutora, colaboradora e redatora e como o silêncio no ramo das letras se vinculava ao seu luto.

Na 23ª edição, do ano de 1853, o jornal afirmava que em 1º de junho daquele mesmo ano, a colaboradora D. Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves (1824-1872) passava a ser a

²⁹⁵ *O Jornal das Senhoras...* Tomo I, n. 30, p. 1, 1852.

²⁹⁶ VIANA, Hélio... *Op Cit...* 1846, p. 22.

²⁹⁷ *A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro* (RJ; 1856-1889), Tomo 3, n. 236, p.2, 1858. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830330&pesq=Jornal%20das%20Senhoras>>. Acessado em: Jan. de 2019.

Anúncio similar também foi publicado no *Correio Mercantil, e instrutivo, Político Universal* (RJ, 1848-1868), Tomo 10, n. 347, p. 1, 1857. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=Jornal%20das%20Senhoras> Acessado em: 22/01/2019.

²⁹⁸ SHUMAHAR, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. P. 521.

nova redatora do *Jornal das Senhoras*. Gervásia manteve “praticamente a mesma linha editorial desenvolvida por Violante Atabalipa”²⁹⁹. Ela era filha do então já falecido Sr. Innocencio Nunes Pires e se casou um mês antes de assumir a redação do periódico com o Sr. Antônio José dos Santos Neves (1827-1874), como o próprio jornal anunciava:

Antes de vos dar conta do movimento dos Salões, sou incumbida de vos participar, que no dia primeiro deste mês dignou-se tomar conta da Redação em chefe do JORNAL DAS SENHORAS, a Ilm. Sra. D. Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves, filha do falecido Sr. Innocencio Nunes Pires, e recentemente casada com o Sr. Antonio José Santos Neves³⁰⁰.

Santos Neves era taquígrafo do Senado, funcionário do Ministério de Guerra, poeta e compositor em diferentes teatros da corte³⁰¹. Prerrogativa que leva a perceber mais um ponto em comum entre Joana, Violante e Gervásia. Todas as redadoras, direta ou indiretamente, apresentavam proximidades com os teatros da corte do Rio de Janeiro, já que Joana colocava suas peças e os concertos musicais de seu marido para serem apresentados neles. Violante tinha seu pai atuando no Conservatório Dramático Brasileiro, bem como o esposo de Gervásia, que trabalhava na mesma instituição.

É possível compreender que a apresentação de boas-vindas de Gervásia na redação do periódico como uma mulher casada não tenha sido à toa. A união de Gervásia com Antônio, certamente, contribuiu para sua entrada na redação do periódico. Como marido de Gervásia, Santos Neves poderia arcar com as despesas financeiras da publicação³⁰² e, também, ampliar as redes de sociabilidades de sua mulher, prerrogativa fundamental para manter o jornal circulando. Além disso, por ser funcionário público no Rio de Janeiro, membro da Igreja Presbiteriana e nutrir interesses no ramo da imprensa, dera condições que permitiram Gervásia permanecer na redação do periódico durante dois anos e sete meses, o maior tempo, comparado com as demais redadoras. Gervásia ficou à frente da redação do periódico até dezembro de 1855, quando a mesma anunciou uma breve parada nas publicações, que acabou sendo o fim do *Jornal das Senhoras*³⁰³.

²⁹⁹ DUARTE, Constância... *Op. Cit...* 2016, p. 120.

³⁰⁰ *O Jornal das Senhoras*. Tomo 2, n. 23, p. 1, 1853.

³⁰¹ BARBOSA; Everton Viera. “Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs)... *Op Cit...* 2018, p.192-193

³⁰² BARBOSA, Everton... *Op Cit...* 2016, p. 32.

³⁰³ Sabe-se que após “o fim do periódico, em dezembro de 1855, [...] Gervasia se converteu à Igreja Presbiteriana, assim como seu marido Antonio Neves, em 09 de agosto de 1863”. Além disso, foi “diretora da escola paroquial, professora da escola dominial e organista da igreja”. Ver mais em: BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de Sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. Dissertação (mestrado em História) – UFCL – Unesp, Assis, p. 90.

Joana, Violante e Gervásia preencheram e redigiram *O Jornal das Senhoras* com uma escrita repleta de emoções. Contando, certamente, com uma rede de amigos, maridos e familiares que condicionaram temas, fundos financeiros e assuntos que poderiam vir à tona nas, em média, oito páginas do periódico. Além disso, essas mulheres colocaram a público ideais que não somente veiculavam como também defendiam. Elas acreditavam cooperar com a condição feminina com artigos que fossem úteis às leitoras que vivenciavam, assim como elas, as transformações do Segundo Reinado brasileiro. Enfim, essas redatoras teceram redes de sociabilidades que possibilitaram condições para dar publicidade a um jornal que se legitimava como sendo “só das Senhoras”³⁰⁴.

2.2 Eis um jornal “só das senhoras”

AO BOM TOM

do Rio de Janeiro e de todas as províncias do império do Brasil. No domingo 1º de Janeiro de 1852 sairá à luz o *Jornal das Senhoras*, folhetim de 8 páginas, todo consagrado ao BELO SEXO BRASILEIRO aos seus direitos e conveniências e ao seu toilettes. O *Jornal das Senhoras* será acompanhado no princípio de cada mês por um elegante figurino da mais recente moda de Paris, expressamente composto por um dos seus mais hábeis artistas: e em todos os domingos seguintes irá oferecer às suas assinantes moldes e riscos de bordado, modinhas e lundus brasileiros e lindos romances franceses, além dos delicados artigos que devem compor este jornal só – das Senhoras. Os diretores mais tarde terão a honra de declarar as condições das assinaturas, que será efetuada nas casas dos Srs. B. Walerstein, Desmarais e Mongie [grifos do original]³⁰⁵.

Era assim que, em 15 de novembro de 1851, os leitores do Rio de Janeiro eram apresentados com o que viria a ser *O Jornal das Senhoras*. Publicado nas páginas do *Jornal do Comércio*, esse foi um dos primeiros anúncios sobre a folhinha. Ele omitia o nome dos “diretores” da obra e valorizava as linhas editoriais do periódico, como os assuntos que diziam respeito aos “direitos e conveniências” das mulheres e aqueles que viriam acompanhando, quase como brinde, no interior do impresso. Isso é, o figurino de moda, a partitura musical, o molde e risco de bordado.

Publicado sempre aos domingos, o anúncio destacava também os locais de assinatura, sem informar seus endereços, demonstrando que eram, possivelmente, lugares de amplo conhecimento entre os leitores da época. Chamavam atenção, ainda, os diferentes formatos e tamanhos de letras que frisavam o público a quem se dirigia tal periódico: “consagrado ao

³⁰⁴ *Jornal do Comércio...* Tomo 24, n. 311, p. 3, 1851....

³⁰⁵ *Jornal do Comércio...* Tomo 24, n. 311, p. 3, 1851....

BELO SEXO BRASILEIRO”, AO BOM TOM do Rio de Janeiro e de todas as províncias do Império do Brasil”³⁰⁶.

E tal como se anunciava, *O Jornal das Senhoras* veio a público no dia 1^a de janeiro de 1852, numa quinta-feira, não um domingo como outrora se havia divulgado, certamente, por enganos de datação. Publicado no primeiro dia do ano, o impresso estreou com assuntos que se relacionavam às festas de final de ano, moda, definições do que é ser mulher, romance, teatro, poesia e um tom de novidade e entusiasmo em relação ao acolhimento do jornal e de sua redatora³⁰⁷. Pois, para a surpresa das futuras leitoras da época, o periódico não apresentou “diretores”, como demonstrava um de seus primeiros anúncios, mas foi fundada sob a direção da argentina, poetiza dramaturga e jornalista Joana Paula Manso de Noronha.

Desde a primeira página do jornal, Manso de Noronha mostrava-se atenta ao fato de que “ser redator” era uma função, comumente, desempenhada por homens e um cargo, dentro do “círculo ilustrado”, “recebido com certo prestígio” e que envolvia um poderoso poder de fala³⁰⁸. Devido a importância do cargo, a busca pela legitimidade dessa redatora e da própria autoria feminina marcou boa parte das páginas dessa publicação.

Por apresentar uma redatora e dar visibilidade à escrita feminina, Joana Manso de Noronha e, possivelmente, os demais colaboradores e colaboradoras souberam valorizar essa especificidade desde os primeiros meses do jornal. Afinal, não era comum ter um periódico “escrito e redigido por Senhoras” na corte do Rio de Janeiro, como se observa nos anúncios abaixo, colocados a público entre fevereiro de 1852 e agosto de 1854:

O JORNAL DAS SENHORAS,

Escrito e redigido por Senhoras. Publicou-se hoje o 2º número [...] ³⁰⁹.

O JORNAL DAS SENHORAS ESCRITO POR SENHORAS.

A redatora em chefe, apresentando hoje o 5º número do Jornal das Senhoras as suas assinantes, com um figurino lindíssimo todo apropriado a nossa estação ³¹⁰.

MODAS, TEATROS E LITERATURA

Publica-se ontem o n. 19 do Jornal das Senhoras,

escrito por senhoras contendo artigos sempre instrutivos, alegres e interessantes, lindíssimas poesias e a Crônica da Semana [...] ³¹¹

Jornal das Senhoras,

Escrito por Senhoras.

³⁰⁶ *Jornal do Comércio...* Tomo 24, n. 311...p.3, 1851...

³⁰⁷ *O Jornal das Senhoras...* n.1...p.1, 1852...

³⁰⁸ *O Jornal das Senhoras...* n.1, p. 1...

³⁰⁹ *Jornal do Commercio.* Rio de Janeiro (1827-3013). Tomo 25, n. 11, p.3, 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acessado em: Ago. de 2020.

³¹⁰ *Jornal do Commercio...* Tomo 25, n.32, p.3, 1852...

³¹¹ *Jornal do Commercio...* Tomo 25, n.130, p.3, 1852...

[...] Distribui-se hoje aos Srs. Assinantes o n. 17 [...] ³¹².

O 3º Número do Jornal das Senhoras,
Escrito por senhoras,
Publica-se hoje ornado de uma brilhante estampa colorida [...] ³¹³.

PUBLICOU-SE hoje o n. 31 do
Jornal das Senhoras,
Escrito por Senhoras,
Com figurinos coloridos e artigos interessantes [...] ³¹⁴

Embora seja possível identificar escritos com pseudônimos e assinaturas masculinas, como as dos próprios maridos dessas redatoras, em meio às páginas do *Jornal das Senhoras*, durante todo o período de publicação a frase “Jornal das Senhoras, escrito por Senhoras” estampou diferentes anúncios que colocavam em destaque essa peculiaridade da autoria feminina como característica marcante do conteúdo do jornal. O que evidenciava, certamente, uma fórmula de venda, já que a imprensa escrita por mulheres, nesse período, era algo incomum e ainda florescia.

Ao pesquisarmos sobre *O Jornal das Senhoras*, encontramos diferentes anúncios que apresentavam, em linhas gerais, as seguintes características: a presença de frases como “Escrito por senhoras”, realces quanto ao conteúdo do jornal, seu local de assinatura, preço e o destaque para o número do periódico que estava saindo no momento. Esses anúncios eram inseridos em periódicos como *O Jornal do Comércio* e *O Correio Mercantil*, pois mostravam-se estratégicos para a divulgação do *Jornal das Senhoras*, haja vista que eram publicações diárias, que podiam ser assinados em diferentes cantos do Brasil, apresentando tradição e certa circulação.

Tomando *O Jornal do Comércio* para análise, é possível dizer que ele podia ser assinado na Bahia, em Pernambuco e em diferentes cantos do Brasil e do exterior por importes e subscrições ³¹⁵. *O Jornal das Senhoras*, possivelmente, visava colocar seus anúncios nas páginas desse impresso, justamente, devido a esse grau de circulação. Não à toa, o contato do *Jornal das Senhoras* com esse diário foi constante durante todos os anos desse impresso feminino, mas com diferentes intensidades, como se observa na tabela abaixo:

³¹² *Jornal do Commercio...* Tomo 26, n.113, p.3, 1853...

³¹³ *Jornal do Commercio...* Tomo 27, n.15, p.3, 1854...

³¹⁴ *Jornal do Commercio...* Tomo 27, n. 230, p.3, 1854...

³¹⁵ *O Jornal do Commercio*, Tomo 26, n. 352, 1865, p. 1...

Tabela 4 - Datas de publicação e padrões de anúncios do *Jornal das Senhoras* nas páginas do *Jornal do Comércio* (1851-1856)

Dia	Mês	Ano	Edição	Presença da frase “Escrito por senhoras”	Presença da frase “O Jornal das Senhoras, escrita e redigido por senhoras”	Presença de destaques quanto ao conteúdo do jornal	Presença do local de assinatura do jornal	Presença do preço do jornal	Presença de ênfase na divulgação de um número específico do jornal	Número valorizado	Não anúncios do Jornal das Senhoras/ Outros
25	Dez.	1851	352								Promessa de inauguração do Jornal e, portanto, pede-se que as “senhoras” o assinem.
11	Jan.	1852	11		X	X	X	X	X	2	
14	Jan.	1852	14			X	X	X	X	2	
01	Fev.	1852	32		X	X	X	X	X	5	
27	Abr.	1852	116								Comunicado sobre a morte da colaboradora do <i>Jornal das Senhoras</i> “Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo. Falecido cerca de 1 mês, feita pelo próprio <i>Jornal do Comercio</i> .
11	Mai.	1852	130			X	X	X	X	19	
16	Mai.	1852	135			X	X	X	X	20	
23	Mai.	1852	142			X	X	X	X	21	
06	Jun.	1852	155			X	X		X	28	
12	Jun.	1852	161			X	X	X	X	não (não menciona o número, mas dedica-se ao dia de Santo Antônio).	
12	Jul.	1852	191	X		X	X	X	X	28	
26	Jul.	1852	205	X		X	X	X	X	30	
01	Ago.	1852	211	X		X	X	X	X	31	
09	Ago.	1852	219	X		X	X	X	X	32	
15	Ago.	1852	225	X		X	X	X	X	33	
22	Ago.	1852	232	X		X	X	X	X	34	
12	Set.	1852	252	X		X	X	X	X	37	

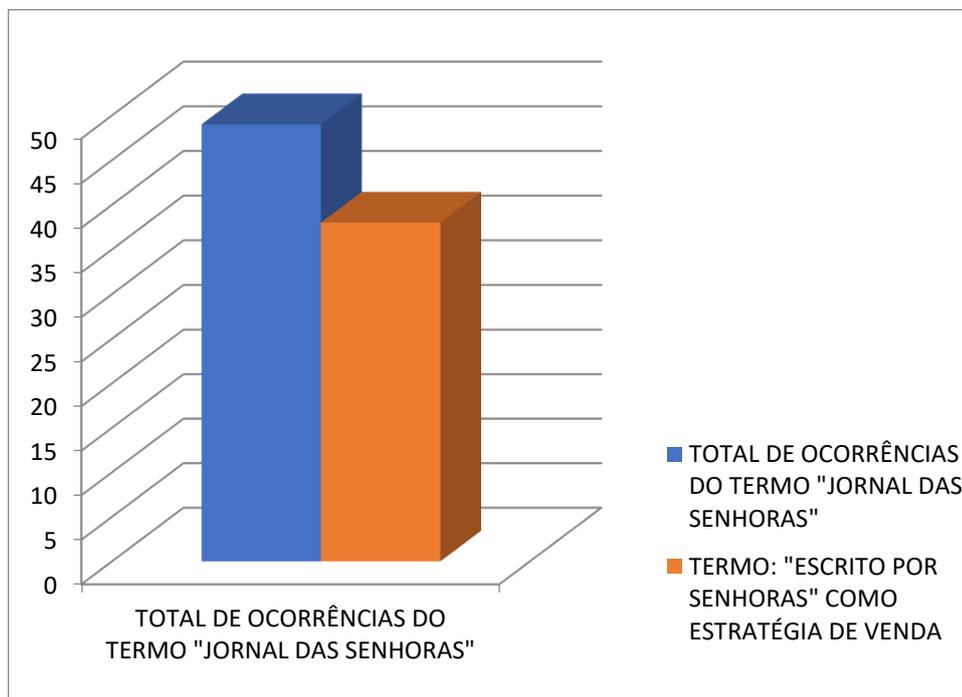
26	Set.	1852	266	X		X	X	Não	X	39	
03	Out.	1852	273	X		X	X	X	X	40	
15	Out.	1852	285								Trecho retirado do jornal das Senhoras intitulado "Bazar Fluminense"
20	Out.	1852	290								Indicação do <i>Jornal das Senhoras</i> para o público ir ao estabelecimento de Wallerstein e C.
24	Out.	1852	294	X		X	X	X	X	43	
31	Out.	1852	301	X		X			X	44	
28	Nov.	1852	328	X		X			X	48	
05	Dez.	1852	335	X		X	X	X	X	49	
21	Dez.	1852	351	X		X	X	X	X	não (Refere-se a um anúncio para o próximo ano do periódico; enfatiza-se a frase "Jornal da Boa Companhia)	
09	Jan.	1853	09	X		X	X	X	X	não (Refere-se, apenas, que saiu no dia).	
30	Jan.	1853	30	X		X	X	X	X	05	
20	Fev.	1853	51	X		X	X	X	X	08	
06	Mar.	1853	65	X		X	X	X	X		
24	Abri.	1853	113	X		X	X	X	X	17	
26	Jun.	1853	176	X		X	X	X	X	25	
03	Jul.	1853	183	X		X	X		X	1ª n° do 2º Semestre	
18	Dez.	1853	349	X		X	X	X	X	Não (apenas agradece os assinantes de 1853 por todo o empenho em preservar a empresa que tem como redatora Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves).	
15	Jan.	1854	15	X		X	X	X	X	03	
05	Fev.	1854	36	X		X	X	X	X	06	

		1854	57	X		X	X	X	X	não [ênfatiza-se apenas que é o número do dia]	
12	Mar.	1854	71	X		X	X	X	X	11	
02	Jul.	1854	181	X		X	X	X	X	Não (Apenas diz “2º Semestre)	
09	Jul.	1854	188	X		X	X	X	X	Não (Apenas afirma “distribui-se hoje)	
30	Jul.	1854	209	X		X	X	X	X	31	
20	Ago.	1854	230	X		X	X		X	31	
3	Set.	1854	244	X		X	X		X	36	
19	Nov.	1854	320	X		X	X		X	47	
09	Jan.	1855	09	X		X	X	X		Não (Apenas “nova assinatura para o 4º ano do <i>Jornal das Senhoras</i> ”)	
04	Fev.	1855	35								Trata-se de um anúncio da “Marmota” citando <i>O Jornal das Senhoras</i> .
04	Mar.	1855	63			X	X		X	09 (interessante que se anuncia o fim do <i>Correio das Modas</i> e pede-se para que, os assinantes de <i>O Correio das Modas</i> passe a assinar <i>O Jornal das Senhoras</i>)	
06	Jan.	1856	06								Promessa de retorno do <i>Jornal das Senhoras</i> em 1857 com o nome <i>Recreio das Senhoras</i> .
12	Jan.	1856									Citação de uma carta acerca do jornal.

Fonte: Jornal do Comércio, consultado entre os anos de 1851-1856. ³¹⁶

No *Jornal do Comércio* é possível encontrar um total de 49 ocorrências do termo “Jornal das Senhoras”. Desses, pelo menos 38 vezes a ênfase na escrita e redação feminina é destacada, sendo 36 vezes com a frase “escrito por senhoras” e 2 vezes “escrito e redigido por senhoras”, deixando perceber uma proporção muito próxima, como se percebe no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Ocorrências do termo "Jornal das Senhoras" nas páginas do Jornal do Comércio e sua relação com o termo "Escrito por senhoras".



Fonte: Jornal do Comércio, consultado entre os anos de 1851-1856. ³¹⁷

Assim, pode-se dizer que, de fato, juntamente com os demais itens que comumente acompanhavam os anúncios de periódicos – como preço, local de assinatura, ênfase no conteúdo publicado – o destaque para a escrita feminina era um diferencial do *Jornal das Senhoras* e certamente se mostrava uma estratégia de venda.

Sempre buscando colocar a escrita feminina em destaque, tanto em suas páginas, quanto em seus anúncios (veiculados nos principais jornais do Rio de Janeiro, em princípio), *O Jornal das Senhoras* foi publicado pela *Tipografia Parisiense*, localizada na prestigiada Rua Nova do

³¹⁶*Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro (1827-2013). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22&pagfis=3141>. Acessado em: Fev. de 2020.

³¹⁷*Ibidem...*

Ouvidor n.º 20. Porém, a partir de março de 1852, passou a ser impresso na Rua da Carioca n.º 32, na Tipografia Santos & Silva, possivelmente, em decorrência de alguns erros tipográficos que não somente foram detectados por Joana, mas relatados nas páginas do periódico em tom de desculpa, dois números antes da mudança de tipografia.

Por imperdoável descuido do nosso litografo vieram alguns erros no romance francês que publicamos com o último n. deste jornal, por isso apressamo-nos em retificá-los publicando seus versos³¹⁸.

Publicado em um período de ampliação das tipografias, mas com um reduzido número de mulheres letradas que atuavam e redigiam periódicos no mundo dos impressos, somente após março de 1853 se estabeleceu em uma tipografia com um mesmo nome do jornal, quando, migrou para o estabelecimento de George Leuzinger, na Rua do Ouvidor, no n.º 36. Posteriormente, ainda com o nome *Tipografia do Jornal das Senhoras* fixou endereço na Rua da Alfândega, n.º 54, e em julho de 1853, se estabeleceu na Rua do Cano, n.º 165, até o fim de suas publicações

Todas essas mudanças evidenciam a variedade de pontos tipográficos disponíveis na corte Imperial onde, segundo dados de Tania de Luca, no ano de 1850, poderia se contabilizar vinte e cinco pontos tipográficos e no começo da década seguinte, trinta³¹⁹. Além disso, demonstrava o empenho que tanto Joana Paula Manso de Noronha, quanto as demais redatoras tiveram ao buscarem novas oportunidades de expansão e, possivelmente, barateamento ou melhorias na qualidade das impressões em diferentes tipografias do Rio de Janeiro. Afinal, Joana, Violante e Gervásia, cada uma em seu tempo, cooperaram e acabaram por inserir, direta ou indiretamente, *O Jornal das Senhoras* numa tipografia própria, o que, possivelmente, proporcionou maior visibilidade e importância ao jornal, dentro do ramo dos impressos.

Sendo um dos primeiros impressos redigidos por mulheres na corte do Rio de Janeiro, essas redatoras se viam desafiadas a promover a aceitação do periódico por seu público-alvo, assim como angariar um número de assinantes suficiente para manterem os gastos de impressão, transporte e custeio de papel, selo e outros custos relativos à manutenção de tal impresso.

Assim, visando atingir a maior quantidade de leitoras, essas redatoras fixaram a assinatura de seu periódico em três pontos estratégicos da cidade: na *Casa dos Snrs. Wallertein e C*, n.º 70, A. e F. *Desmarais* n. 86 e em *Mongie* n. 87. Todos localizados na rua do Ouvidor,

³¹⁸ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.8, p.10, 1852.

³¹⁹ “a atividade foi crescendo ao longo do século, registrando-se no Rio de Janeiro uma tipografia em 1808; meia dúzia em 1822; vinte e cinco em 1850, trinta em 1862 [...]”. Ver mais em: GODIM DA FONSECA. *Apud*. MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em Tempos de Império”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCAS, Tania Regina de... *Op. Cit...* 2008, p. 57.

conhecida por suas lojas de luxo, importantes tipografias e negociantes que atendiam, em geral, um público letrado, de boa sociedade e que vendiam, em sua maioria, artigos que atendiam aos interesses do público feminino da época, como “os armazéns e lojas de modas e fazendas francesas”, como nos evidenciam o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, no ano de 1852:

Tabela 5 - Listagem publicada no *Almanak Administrativo* relativo aos “Armazéns e lojas de modas e fazendas francesas, de seda, ditas em casa, morim etc”, do ano de 1852³²⁰.

Nome do estabelecimento	Endereço	Complemento
Alexandre Castel & C.	Rua do Ouvidor,	“Em sua casa acha-se sempre um completo sortimento de modas e fazendas francesas por varejo e atacado, que não deixam nada a desejar em bom gosto e qualidade, por serem compradas por sua própria casa de Paris, rua d’Enghien, 19”
Mme. Breton	Rua do Ouvidor, 54	
Casimiro Junior & C.,	R. do Ouvidor, 42, esquina do becco das Cancelas.	
Casimiro Junior & C., Maison de Confections. Modes et nouveautés, à Notre-Dame de Paris	Rua do Ouvidor, 155	
Mme Dantigny (Adèle).	Rua do Ouvidor, 100	
DavidAmigo & C., r.	Rua dos Ourives, 36.	
Mme. Dujardin.	Rua do Ouvidor, 48	“Vende por atacado e a varejo para a Cortes e as Províncias”
Fernando de Vasconcelos Lemos Castelo Branco.	Rua do Ouvidor, 96	
Féraudy,	Rua do Ouvidor 106	“casa do preço fixo. Recebe encomendas para França”
Godart	Rua do Ouvidor 72	

³²⁰ Informações coletadas em: *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ; 1844 - 1940). Tomo 9, n. 9, 1852, p. 471. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394x&pesq=&pagfis=5385>. Acessado em: 10/07/2020.

Mmes S. Gudin & C.	Rua do Ouvidor 82, sobrado.	“modista de S. M. a Imperatriz e de SS. AA. II”
F. Paquet	Rua do Ouvidor, 64	“Grande depósito de pano de linho das mais afamadas fábricas da Europa”
Mme. Hortense	Rua do Ouvidor, 68	
Mme. Josephina Meunier & C.	Rua do Ouvidor, 97	
M. me Jules Gueffier	Rua do Ouvidor, 119	
Luiz Eugenio Gilles	Rua do Ouvidor, 40 A	
Manoel Bernandes da Costa e Silva	Rua do Rosario, 75, sobrado	
Mme, Murat.	Rua do Ouvidor 81	
Mme Oliveira	Rua dos Ourives, 171	
Pantaleão & Faria	Rua do Ouvidor 28, esquina da Rua Direita	
Paulo Seurat	Rua do Ouvidor 55 A. e Rua da Quitanda, 71	
Payant,	R. D’Ouvidor,81, sobrado.	
Mme Siebs.	Rua do Ouvidor, 137	
Tholozan & Macedo	Rua d’Ouvidor, 161	
Wallerstein, Musset & C.	Rua do Ouvidor 70	“[...] toda a qualidade de artigos próprios para o toilette de uma senhora [...]”

Fonte: *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, 1852.

Os endereços das assinaturas do jornal eram, portanto, vizinhos de porta de diversos estabelecimentos que atraíam o público feminino. Esses endereços e as condições de aquisição do periódico foram comumente estampados ao fim de cada número até sua 42ª edição. A partir daí, fosse pela necessidade de espaço para acomodar os textos e conteúdos publicados, fosse porque já era do conhecimento do público a referida informação, o jornal passou a omitir esses endereços, reservando-os para os anúncios veiculados, principalmente, no período de renovação de assinatura. Mas, seja como for, todos esses estabelecimentos se localizavam em uma rua que

tinha as melhores condições de acomodar e atender mulheres letradas “dotadas de inteligência”³²¹, público-alvo do periódico.

Nas páginas do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, observamos que o estabelecimento de *Alexandre & Francisco Desmarais* n. 86 caracterizava-se pela venda de Charutos³²², perfumes³²³ “objetos de luxo” e prestava serviços de cabelereiro³²⁴, com o prestigioso título de “cabelereiro da casa imperial” desde 1850³²⁵. O estabelecimento *Mongie* se dedicava ao comércio de papéis pintados³²⁶ e funcionava como “Gabinete”³²⁷ de leitura. Já a loja dos *Snr. Wallerstein* vendia sapatos³²⁸, alguns acessórios, objetos e se dedicava aos artigos de moda das “fazendas francesas”³²⁹.

Todos esses endereços não apenas se localizavam em uma rua importante da corte imperial, como também lidavam com distintos produtos de luxo e serviços de interesse das senhoras da corte do Rio de Janeiro. Como se observa abaixo, quando o próprio *Jornal das Senhoras* cita o estabelecimento dos *Snrs. Wallerstein* como um ponto de venda de tecidos importados, sendo alguns específicos e de grande interesse e demanda das senhoras de “bom tom” da corte imperial³³⁰:

O vestido é de cambraína, chamada – Rosa da China – Esta fazenda pela novidade da sua cor viva e brilhante, e ao mesmo tempo grave e de bom gosto, deve fazer efeito entre as elegantes de Paris na sua próxima primavera, a avaliarmos pela rápida extração que tiveram algumas peças que chegaram à casa Wallerstein e C, que se não fosse esperarem eles um outro sortimento pelo Pacote d’este mês, nem todas as elegantes poderiam obter um corte da cambraína, Rosa da China³³¹.

Valendo-se da estratégia de fixar sua assinatura em pontos de circulação feminina, outro mecanismo que igualmente cooperou para a continuidade da publicação do jornal, durante seus quatro anos interruptos, foi a estabilidade do preço. Em princípio, o jornal recebia assinaturas que custavam 3 mil réis para as assinaturas trimestrais na Corte e 4 mil réis para as assinaturas trimestrais das províncias, preço que, na época, se mostrava compatível à compra de um

³²¹ *Jornal das Senhoras* ... n. 1, p. 1, 1852.

³²² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1844-1885). Tomo 6, n. 7, p. 373, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394x&pesq=%22Desmarais%22&pasta=ano%20185> . Acessado em: 08/06/2020.

³²³ *Ibidem*... n. 7, p. 373...

³²⁴ *Ibidem*...n. 7, p. 406...

³²⁵ *Ibidem*... n. 7, p. 428, 1850...

³²⁶ *Ibidem*... n. 7, p. 373...

³²⁷ *Ibidem*... n. 7, p. 271...

³²⁸ *Ibidem*... n.7, p. 362 ...

³²⁹ *Ibidem* ...n. 7, p. 372...

³³⁰ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 24, n. 311, p. 3, 1851. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22&pasta=ano%20185. Acessado em: 02/06/2020.

³³¹ *O Jornal das Senhoras*... n.5, p. 2, 1852...

“côvado³³² de pano preto tino”³³³ e mais barato que “um pote de sal refinado inglês”³³⁴, que de acordo com o *Diário do Rio de Janeiro*, no ano de 1850, era vendido a 520 réis.

Em comparação com o preço de outros periódicos femininos da época, *O Jornal das Senhoras* mostrava-se mais barato que *O Novo Correio das Modas* (Rio de Janeiro; 1852-1854) que apresentava, em 1852, a assinatura de 7 mil réis por semestre e 12 mil réis ao ano³³⁵ e mais caro que *A Marmota Fluminense* (Rio de Janeiro; 1849-1852), do prestigiado e já estabelecido jornal de Paula Brito, que, nesse mesmo ano, recebia assinaturas a 4 mil réis por seis meses e 80 réis os números avulsos³³⁶.

O Jornal das Senhoras via-se disputando espaço com impressos femininos que chegavam a custar a metade de seu preço e interagiam com um mercado concorrente consolidado e formado, majoritariamente, por homens. Nessas condições, coube ao jornal se lançar como um intermediário no ranque dos preços das publicações femininas ofertadas na corte do Rio de Janeiro. No decorrer de seus anos de publicação, por manter a estabilidade de seu preço, *O Jornal das Senhoras* ainda conseguiu diminuir a diferença entre seu custo de aquisição e de um de seu, possível, maior concorrente: *A Marmota Fluminense*³³⁷. Prerrogativa que transparecia o esforço que as redatoras tiveram em segurar o preço do jornal.

O Jornal das Senhoras se distinguia de outras publicações de seu tempo não somente por seu preço estável, mas, também, por promover poucas mudanças no modo de assinatura de suas leitoras. Ao manter os mesmos locais de assinatura, preço e tempo de assinatura das publicações, certamente, o jornal criava uma tradição no cotidiano das renovações das assinaturas e, portanto, evitava possíveis perdas de leitoras e, logo, de lucro. A única mudança em relação ao tempo de assinatura foi exposta no 26º número do periódico, quando se anunciava sutis mudanças na frequência de alguns conteúdos, uma extensão no tempo de assinatura e um

³³² Medida de comprimento que se baseia no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. Ver mais em: <<http://extraconversion.com/pt/comprimento/covados/covados-para-metros.html>>. Acessado em: Jun. de 2020.

³³³ *Jornal do Comércio*... Tomo 23, n. 16, p. 4, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=300%20r%C3%A9is&pasta=ano%20185>. Acessado em: Jan de 2020

³³⁴ *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 29, n. 15, p. 3, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&pesq=300%20r%C3%A9is%20&pasta=ano%20185>. Acessado em: Jan. de 2020.

³³⁵ *O Novo Correio das Modas*, (Rio de Janeiro; 1852-1854). Tomo 1, n.1, p. 7, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pesq=>>>. Acessado em: Mai. de 2020.

³³⁶ *A Marmota na Corte* (Rio de Janeiro; 1849-1853). Tomo 4, n. 247, p. 1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706906&pasta=ano%20185&pesq=>>>. Acessível em: Jun de 2020.

³³⁷ Afinal, em 1853, a partir do aumento do preço de *A Marmota na Corte*, em decorrência do aumento do custo do selo, a diferença no custo de aquisição desses jornais, por semestre, variava de mil réis para a corte e dois mil para as províncias. Ver mais em: BARBOSA, Everton... *Op Cit...* p. 34.

barateamento em relação às assinaturas da província, já que de 4 mil réis trimestrais, o jornal passou a ser assinado, fora da corte do Rio de Janeiro, por 7 mil réis semestrais.³³⁸

Tal mudança se efetivou um número antes de se anunciar a transição da redação do periódico. Isso é, na eminência da saída de Joana e a entrada de Violante, redatora que, por apresentar sua família ligada ao ramo da imprensa, possivelmente, soube melhor observar que seria benéfico ao jornal se aproximar do modelo das tabelas de preço das outras publicações voltadas para o público feminino, estendendo, assim, o tempo de assinatura. Além disso, percebeu que seria mais vantajoso baratear o preço se seu impresso para as assinaturas que estavam fora da corte, já que geraria a expansão do periódico para outras províncias, como a própria Bahia, local de origem da família de Violante.

Embora não se saiba ao certo quem eram as assinantes do jornal, barateá-lo foi um fator que possibilitou o aumento das colaborações de autores de fora da corte do Rio de Janeiro, como se observa abaixo, o anúncio de um texto que foi publicado por uma jovem colaboradora de Pernambuco:

A UMA INTELIGENTE jovem de quinze anos devemos o prazer de publicar a seguinte produção sua, que nos remeteu de Pernambuco, de cuja província é uma de suas mais interessantes filhas. Que ela caminhe a par das virtudes que a adornam e da ilustração que corajosamente enceta³³⁹.

De fato, o jornal já havia publicado o editorial de um jornal feminino pernambucano intitulado “Jardim das Damas”, logo no 6º número da folhinha³⁴⁰. Mas essa foi uma decisão das próprias redadoras. O intercâmbio inverso, isso é, alguém querendo colaborar por livre decisão, sendo de uma província que não a do Rio de Janeiro, dentro do periódico, ainda não havia acontecido nas páginas do jornal.

Depois de fixar a assinatura por seis meses e promover o barateamento das assinaturas provinciais, o preço e o modo de assinatura do *Jornal das Senhoras* mantiveram-se da mesma forma durante os próximos anos de publicação, demonstrando, certamente, um empenho de suas redadoras em manter a estabilidade no modo de venda e custo de publicação, mesmo com as possíveis intemperes no custeio do periódico, como o aumento do preço do selo, em 1853³⁴¹.

Além de manter o modo, os locais e o preço da assinatura, o periódico não procurou fazer transformações profundas em suas temáticas anunciadas desde o início das publicações, mesmo com a mudança de redatora. Quando ocorreu transição no comando da redação, tanto

³³⁸ *O Jornal das Senhoras...* n. 26, p. 10, 1852...

³³⁹ *O Jornal das Senhoras...* n. 30, p. 2, 1852...

³⁴⁰ *O Jornal das Senhoras...* n. 6, p. 6, 1852...

³⁴¹ Como é o caso da *A Marmota na Corte, O Correio Mercantil e o Periódico dos Pobres*. Ver mais em: BARBOSA, Everton... *Op. Cit...* p. 34.

Violante, quanto Gervásia anunciaram trazer melhorias ou reajustar a frequência de determinado conteúdo, visando a comodidade de seu trabalho, ao invés de transformações bruscas. O que se pode observar nas mudanças editoriais publicadas em 27 de junho de 1852, um número antes da saída, oficial, de Joana da redação do periódico e no anúncio de 18 de dezembro de 1853, quando Gervásia entrava na redação do jornal, respectivamente:

Com este nosso nº 26 completamos o último número do segundo trimestre [...] 215 páginas de impressão – mais do que tínhamos prometido pouco para o que desejamos oferecer. Do mês que vem em diante daremos dois figurinos coloridos em uma brilhante estampa do mais moderno gosto de Paris, todos os domingos, e no último uma peça de música, cada mês. Rogamos, portanto, a todos os nossos Assinantes o favor de mandarem renovar as suas assinaturas, que ficam estabelecidas em um só semestre até o fim do ano. [...] O preço de cada assinatura por semestre fica sendo de 6\$000 para a Corte, e 7\$000 para as Províncias³⁴².

MODAS E LITERATURA

Figurinos coloridos, dos mais modernos de Paris, vindos mensalmente pelos paquetes ingleses, padrões de babados de todas as qualidades; moldes de corpinhos, mangas e camisinhas [...] em grande formato, impressão de Paris.

PUBLICA NOS DOMINGOS DE CADA MÊS O JORNAL DAS SENHORAS,

Escrito por Senhoras,

Cuja redação está afiada à Ilm. Sra. D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves, coadjuvada por hábeis penas brasileiras.

A REDAÇÃO DO JORNAL DAS SENHORAS

[...] entende não dever desamparar seus postos de honra, tendo felizmente alcançado tão nobre proteção; e por isso caminhará para o ano de 1854 debaixo dos mesmos princípios e com as mesmas esperanças que até aqui a tem animado.

TODOS OS QUE ASSINAM POR UM ANO

[...]

Por um ano 12\$, na corte; 14 \$, para as províncias. – Por seis meses 6\$, na corte; 7\$, para as províncias. Os semestres findam em junho e dezembro³⁴³.

Por não suceder mudanças bruscas no preço e no conteúdo do *Jornal das Senhoras*, o mesmo procurou tomar tal característica pública em diferentes anúncios como um atributo vantajoso. Nesses, suas redatoras destacavam, em diferentes momentos de sua circulação, a vantagem de se assinar o periódico. Pois, embora algumas melhorias fossem colocadas, como o aumento do número de páginas e a frequência de alguns conteúdos, o preço mantinha-se o mesmo, como é possível observar no anúncio publicado no *Jornal do Comércio* em 2 de dezembro de 1852:.

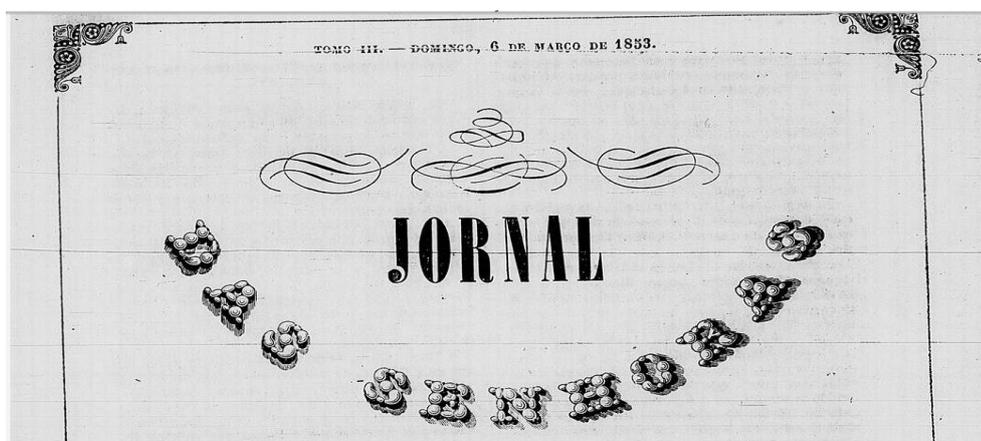
³⁴² *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855), Tomo 1, Edição 26, p. 10, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&PagFis=1>>. Acessado em: Fev. de 2020.

³⁴³ *Jornal do Commercio...* Tomo 26, n. 349, p. 3, 1853. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22Gervasia%20Nunezia%20Pires%20dos%20Santos%20Neves%22&pasta=ano%201852>. Acessado em: Jun. de 2020.

Observamos que as redatoras, de maneira geral, tentaram manter o padrão visual escolhido na fundação do jornal, com pequenos ajustes. Uma dessas mudanças é verificada no primeiro número de 1853. Nele, a palavra “crítica”, presente no subtítulo original do periódico, é omitida³⁴⁶. Possivelmente, Violante não achava necessário tal temática em seu periódico, se esquivando, possivelmente, de fazer críticas e, conseqüentemente ser criticada, tal como aconteceu com Joana Paula Manso de Noronha durante os seis primeiros meses que esteve à frente da publicação do jornal.

A partir da 10ª edição, ainda com Violante na redação, *O Jornal das Senhoras* inova sua capa, novamente, com uma pequena modificação em torno da primeira letra do título e as molduras de sua margem. A mudança se deu em 6 de março de 1853, justamente no primeiro número impresso na tipografia que acompanhava o próprio nome do Jornal: “Ty. do Jornal das Senhoras de G. Leuzinger, Rua do Ouvidor n. 36”³⁴⁷. O que podemos supor que fossem os ajustes necessários para comportar a tradicional capa do jornal nas técnicas existentes nesse novo estabelecimento tipográfico.

Figura 6 - Capa da 10ª edição do ano de 1853 do *Jornal das Senhoras*



Fonte: *O Jornal das Senhoras...* Tomo 2, n. 10, p. 1, 1853...

No primeiro número do ano de 1854, outra mudança na materialidade do periódico pode ser notada. Retira-se a tradicional meia lua do título do jornal e mantém-se a omissão do “O” e da palavra “Crítica”. Em outras palavras, o jornal parece continuar a expor seu nome sem o artigo “O”, dando indícios que, possivelmente, esse periódico era conhecido somente como “Jornal das Senhoras”. Além disso, quanto a permanência da omissão do termo crítica, podemos supor que ao longo da trajetória do periódico ele buscou baixar seu tom áspero e ser um

³⁴⁶ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 2, n. 1, p. 1, 1853...

³⁴⁷ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 2, n. 10, p. 9, 1853...

periódico mais de entretenimento ou “da boa companhia”, como revela o modelo de capa de seus últimos números:

Figura 7- Capa da 1ª edição do ano de 1854 do *Jornal das Senhoras*



Fonte: *O Jornal das Senhoras...* Tomo 3, n. 1, p. 1, 1854.

Se ao longo de seu percurso o periódico precisou reajustar seu tom crítico, o mesmo foi inaugurado sem tal pudor. Ele tinha o objetivo de “propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” sem medir suas críticas àquilo que ia contra ao seu ideal³⁴⁸.

E, mesmo baixando seu tom, Violante e Gervásia também buscaram dar publicidade a artigos que cooperassem para os objetivos do jornal. Almejavam deixar as leitoras informadas e atualizadas acerca da “Moda, Literatura, Belas-Artes e Teatro”. Assim, introduziam informações adicionais que não necessariamente se relacionavam a uma seção específica do periódico, como os textos relacionados à educação, condutas femininas, romances, religiosidades, dicas sobre locais de venda de acessórios de moda, informações do âmbito público e privado acerca dos bailes, apresentações, festas e jantares do Rio de Janeiro.

Tratava-se de um jornal que tinha uma posição favorável à melhoria na condição feminina e igualdade intelectual entre os sexos. E por defender essa igualdade, Noronha, Violante e Gervásia incentivaram suas leitoras a cooperarem com o próprio conteúdo do jornal, com textos que podiam ser endereçados a casa dessas redatoras ou nos tradicionais locais de

³⁴⁸ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 1, p. 1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&PagFis=1>>. Acessado em: Ago. de 2020.

sua assinatura em carta fechada e com a opção do anonimato³⁴⁹ como forma de impedir críticas, calúnias ou difamações às pessoas que colaborassem com a empresa, como transparecia a 15ª edição da folhinha:

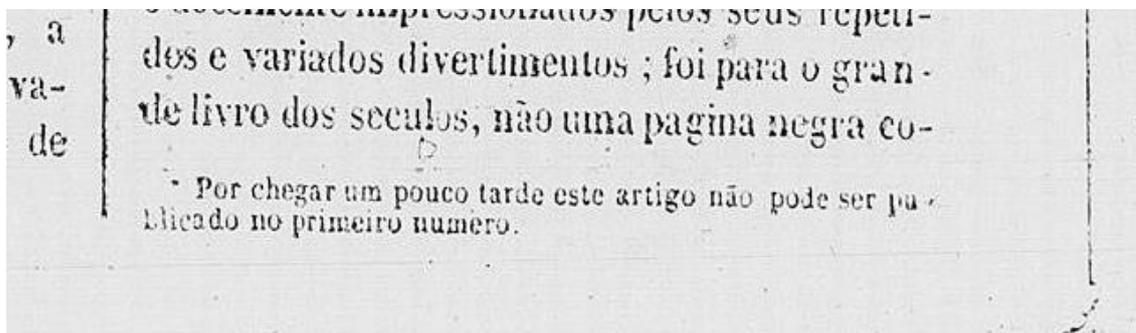
A.J.P.C.

Ilha das Cobras, 12 de Fevereiro de 1852.

Muito nos honra a nossa nova e digna colaboradora com a continuação das suas interessantes poesias. Não vai o nome por extenso por precisarmos ainda de autorização³⁵⁰.

As cartas e textos enviados eram lidos e analisados de modo cuidadoso. Depois, respondidas individualmente, e caso o artigo fosse pertinente às temáticas do periódico, era publicado com os devidos créditos de autoria, anonimato ou pseudônimo escolhido pelo colaborador (a). Além disso, as redatoras, certamente, lidavam com problemas que podia atrasar ou adiantar a vinda de uma carta e, logo, a publicação de um texto. Como se percebe no canto abaixo do segundo número do periódico, no qual Noronha sinaliza, em letras pequenas, que o artigo “Presente e Passado” deveria vir no primeiro número da revista.

Figura 8 – Fragmento do artigo “Presente e Passado”, presente no *Jornal das Senhoras*.



Fonte: *O Jornal das Senhoras*...Tomo 1, n.2, p. 2, 1852....

As cartas que não podiam ser respondidas, por omitir o nome ou endereço, de modo algum eram esquecidas. Esses casos eram tratados de modo público, nas próprias páginas do jornal, mantendo o anonimato do remetente, em breves anúncios comumente assinados pela redatora em chefe, demonstrando zelo e cuidado que tanto Noronha, quanto Violante e Gervásia tiveram ao se portar a seus colaboradores e leitores.

Temos recebido, ultimamente, das nossas assinantes algumas cartas às quais nos privamos de responder, como era de nosso dever, por não sabermos a quem nos dirigir

³⁴⁹ Condição estipulada desde o editorial do periódico. Ver mais em: *O Jornal das Senhoras*, Tomo 1, n. 1, p. 1, 1852.

³⁵⁰ *O Jornal das Senhoras*...Tomo 1, n. 15, p. 3, 1852...

em casos tais. Rogamos pois a todos quantos nos queiram fazer a honra de se corresponder com esta redação de firmar as suas cartas com o seu nome e morada, todas as vezes que elas tratarem *somente de assuntos* particulares e de conveniência a esta empresa: com direção às casas designadas nas condições que se acham estampadas na última página do jornal.

O digno [...] – *Ninguém* – será satisfeito em tempo, sobretudo se quiser ir remetendo, desde já, a continuação do seu belo e poderoso artigo A Redatora em Chefe³⁵¹.

Em 30 dezembro de 1855, Gervásia anunciava uma breve parada nas publicações. Embora não explicasse os motivos da pausa, cita o grande número de assinantes que o jornal veio nutrindo e “ainda não havia esmorecido” desde a antiga redatora, como se observa abaixo:

ÀS NOSSAS ASSINANTES

Deixarmos de confessar nossa viva e cordial gratidão às nossas boas e nobres assinantes, em todo o tempo, seria um revoltante crime, perante Deus e a sociedade, que viu nascer o *Jornal das Senhoras* sob sua animadora influencia florescer cultivada por elas, e por elas existentes para seus cuidados e vida consagrar somente a elas.

Há quatro anos é o *Jornal das Senhoras* protegido por um crescido número de assinantes que constantemente o tem sustentado com as avultadas despesas de uma publicação de sua ordem.

Ainda não havia esmorecido, nem uma só, sua tão franca e legal proteção.

Nem tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmorecemos jamais. Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessária, no próximo ano de 1856; e com o favor de Deus o *Jornal das Senhoras* reaparecerá em 1857, para prosseguirmos ao honroso fim a que nos propusemos, cultivando com esmero as imarcescíveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redatora, a Sra. D. Joana Paula de Noronha.

[...]

Que nossas nobres assinantes nos relevem, pois esta deliberação que tomamos, e que esperem pelo dia em que lhe revelemos a razão de suspendermos hoje a publicação do *Jornal das Senhoras*.

A todas e a cada uma em particular dirigimos nossos agradecimentos e um – adeus – até o ano de 1857.

A Redação³⁵².

Embora seja possível achar anúncios, em fins de 1856, acerca da futura inauguração do *O Recreio das Senhoras Brasileiras*, periódico que visava continuar com as temáticas e as assinantes do *Jornal das Senhoras*, não foi possível encontrar nenhuma das edições desse periódico nas bases da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. O que nos faz ter dúvidas acerca de sua real publicação, ou “aceitação”, como indicava o anúncio referido:

Recreio das Senhoras Brasileiras

Tendo cessado a publicação do *Jornal das Senhoras*, publica-se-há, em continuação, o *Recreio das Senhoras Brasileiras*, com as mesmas condições daquele jornal, dando os mais modernos figurinos de Paris todos os domingos, bordados e músicas.

Assina-se no escritório do jornal, rua do S. Jorge n. 35, 1ª andar, ou na tipografia da rua do Cano. Preço, 3\$000 por trimestre. O primeiro número será distribuído aos Srs. Antigos assinantes do *Jornal das Senhoras*, e a sua aceitação será indicativo de que

³⁵¹ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 28, p. 1, 1852....

³⁵² *O Jornal das Senhoras...* Tomo 4, n. 52, p. 1, 1855...

protegem a nova empresa com as suas assinaturas. O primeiro número saíra domingo, 6 de janeiro³⁵³.

Assim, tudo indica que o último número do jornal foi o do dia 30 de dezembro de 1855. Embora os motivos para o fim do *Jornal das Senhoras* sejam desconhecidos, sabe-se que a defesa pela emancipação da mulher, objetivo principal do *Jornal das Senhoras*, foi mal interpretada e vista com receio por alguns contemporâneos da corte do Rio de Janeiro, como se pode perceber em algumas cartas anônimas que foram enviadas a Joana Paula Manso de Noronha logo no começo da publicação do jornal, como já comentado. As cartas tinham como remetente o pseudônimo de *O Homem* e saíram de modo público nas páginas do periódico *O Mágico* (1851-1852):

No primeiro número o que foi que disse V.S? Que grito levantou?!... A emancipação da mulher. Falemos disso, argumentemos sobre essa base, e deixemo-nos de bonitas palavras que só podem iludir infantes e imbecis? O que quer dizer emancipação, em bom português? [...] Ato pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital! [...] Horrível proposição! Sediciosa e aniquiladora! Acaso com esse grito, nos podereis fazer crer, que tendes em vista só fazer uma boa mãe de família?! [...] Julgareis, que nos arrepiamos com esse grito, com receio que as mulheres invadam nossas profissões? Não nos julgueis tão néscios: nós sabemos muito bem que a mulher não pode passar além daquilo que a sociedade civilizada lhe tem reservado. [...] Quereis ilustra-la! Isto é, quereis que enquanto os filhos precisam remendar uma calça, ela estude Geografia, que enquanto choram por falta de alimento, ela leia história, em vez de lhe dar a mama: que enquanto o marido s'afadiga [batalha] na rua para ter sua casa farta e limpa, e seus filhos bem pensados e aseados, ela abandone seu lar para ir ouvir lição de matemática! Ora perdoe-me, mas isso não tem o cunho de razão³⁵⁴.

O Periódico dos Pobres (1850-1871)³⁵⁵ e *A Marmota* (1859-1864)³⁵⁶ repercutiram essa discussão impressa. Além disso, encontramos novas críticas ao *Jornal das Senhoras*, mas dessa vez sob completo anonimato no periódico *Novo Correio das Modas* (1852-1854)³⁵⁷.

Em outras palavras, no decorrer das publicações do *Jornal das Senhoras* é possível perceber que o mesmo recebeu diferentes críticas. Essas evidenciavam que o contexto era ainda hostil às defesas acerca do letramento da mulher e sua atuação em tarefas que, tradicionalmente, eram desempenhadas por homens. Além disso, evidencia que o desejo pela chamada emancipação feminina parecia ser uma novidade para o público leitor do jornal, e até mesmo

³⁵³ *O Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). Rio de Janeiro, Tomo 9, n. 1, p.3, 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%22O%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acessado em: Jun. de 2020.

³⁵⁴ *O Mágico*. Rio de Janeiro (1851-1852). Tomo 2, n. 11, p.1-2, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717428&pesq=&pagfis=1>>. Acessado em: Fev. de 2020.

³⁵⁵ *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro. (1850-1871). Tomo 3, n. 14, p.1, 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709697&pesq=>. Acessado em: Fev. de 2020.

³⁵⁶ *A Marmota*. Rio de Janeiro. (1859-1864). Tomo 1. n. 1307. p. 2. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=>>. Acessado em: Fev, de 2020.

³⁵⁷ *Novo Correio das Modas*. Rio de Janeiro (1852-1854). Rio de Janeiro. Tomo 1, n. 2, p. 144, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pesq=>>. Acesso em Dez. de 2019.

para seus críticos, sendo necessário debatê-lo, defini-lo e explicá-lo inúmeras vezes. E isso foi feito em diferentes momentos do periódico, como se observa abaixo:

[...] o que vem a ser tal emancipação moral da mulher?

Eu vos digo.

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhes rouba, e dos quais a deserdá, porque tem em si a força material, e porque não se convenceu que um anjo lhe será mais útil que uma boneca³⁵⁸.

Enfim, sendo vendido em locais de grande fluxo de mulheres, o *Jornal das Senhoras* apresentou não somente em seu título um ideal de se dirigir às senhoras, mas procurou estratégias de venda e de sociabilidades para atingir esse público em específico. Inserindo figurinos de moda, recebendo cartas de redatoras, sendo vendido em locais de fluxo feminino, e ainda, apresentando uma postura que defendia melhores condições educacionais para as mulheres. Esse periódico contribuiu para “atualizar, formar e informar”³⁵⁹ especificamente suas assinantes. E, embora exibisse ao longo de suas páginas partituras de modinhas – tipo musical muito apreciado no decorrer desse tempo – e até textos feitos por homens, na maior parte das vezes pelos próprios maridos dessas redatoras, esse periódico se dirigia exclusivamente às mulheres, as quais poderiam publicar seus sentimentos, práticas de sociabilidades, suas frustrações, e até locais de venda e interesse de objetos femininos, temáticas que, certamente, se consolidavam dentro e fora das páginas do *Jornal das Senhoras*.

2.3 Conteúdos de interesse feminino nas páginas da corte do Rio de Janeiro

[...] desejamos a emancipação moral da mulher; porque lutamos sempre em demonstrar que ela não é inferior ao homem em inteligência, e porque pugnaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida³⁶⁰.

Era assim que a primeira redatora do *Jornal das Senhoras* desenvolvia os objetivos que acompanharam o periódico até sua última edição. Esse conteúdo era publicado em seções não fixas, por meio dos textos que eram enviados por seus colaboradores e colaboradoras à casa da “redatora em chefe”.

³⁵⁸ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.2, p. 4, 1852 ... [grifo da autora]

³⁵⁹ BARBOSA; Everton Viera. “Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs)... *Op. Cit.*...2018, p. 198.

³⁶⁰ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.2, p. 6, 1852...

Mesmo recebendo textos de diferentes assinantes e sem se utilizar de seções rigidamente fixas, ao analisarmos as páginas do *Jornal das Senhoras* observa-se que alguns assuntos não deixavam de estar presentes nas edições desse impresso. E, em certa medida, se ligavam aos mesmos conteúdos da imprensa feminina que se desenvolviam nos primeiros anos da década de 1850 do Império brasileiro, como tratado no capítulo anterior.

Assuntos teatrais, de moda, literatura e outros chamavam atenção das jovens leitoras. Esses assuntos, certamente, atravessavam as páginas impressas, caíam nos burburinhos das ruas, nas conversas em cafés, bailes e outras atividades comuns às senhoras da época.

No *Jornal das Senhoras* essas temáticas eram trabalhadas tendo como prerrogativa alcançar os objetivos do jornal. Isso é, a chamada emancipação moral da mulher, sua igualdade intelectual, seus direitos e sua missão em sociedade. Assim, baseando-se no subtítulo que acompanhou boa parte das capas de publicação da folhinha – “Modas, Literatura, Belas-Artes e Teatro” – objetiva-se compreender como esses conteúdos eram veiculados e interagem com o tecido cultural da sociedade do Rio de Janeiro, cidade produtora desse impresso.

Ao olhar a imprensa feminina da época – como já comentado – podemos afirmar que a moda fez parte da maioria dos títulos e subtítulos dos periódicos femininos da década de 1850. Títulos como *Novo Correio das Modas* (Rio de Janeiro; 1852-1854); *Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e teatro* (Rio de Janeiro; 1852-1856) ; *O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Industria e Arte* (Rio de Janeiro; 1859-1860); e o próprio *O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Bellas- Artes, Teatros e Crítica* (Rio de Janeiro; 1852-1855) evidenciava o quanto tal temática fazia parte das páginas femininas fluminense com alguma abundância.

Ao aprofundarmos a pesquisa, constatamos que, desde as primeiras publicações femininas brasileiras, a moda esteve presente. No entanto, é com o *Correio das Modas* (Rio de Janeiro, 1839-1840) que as colunas são estampadas com gravuras vindas da Europa e proliferaram as imagens de vestidos, corpinhos (parte da vestimenta que comumente ficava entre a cintura e o busto das senhoras e damas de época) e saias de forma combinada com a descrição do figurino publicado. Essa tática, segundo Ana Cláudia Suriani, foi uma importante fórmula de venda para a consolidação de diferentes periódicos femininos e de moda, principalmente, na segunda metade do século, quando se desenvolve a maior proliferação deles³⁶¹.

³⁶¹ SILVA, Ana Cláudia Suriani da. “O Texto e a Imagem nas Revistas Brasileiras com conteúdos de Moda”. In: GRANJA, Lúcia. LUCA, Tania de (Orgs.). *Suportes e Mediadores – A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2018, p. 362-364.

As redatoras do *Jornal das Senhoras* não desconheciam tal tática, mas antes, colocaram a público figurinos franceses que eram reapropriados ao clima, acessórios e tecidos presentes na corte imperial. Era um trabalho cuidadoso e que demandava tempo, já que era necessário conhecer tanto da moda da corte quanto o que era veiculado em Paris. Além disso, era um conteúdo dispendioso que necessitava de planejamento em estabelecer os tramites dos acordos firmados em ambos os lados do Atlântico e esperar a chegada das encomendas de modo rápido, já que dependiam dela para a publicação dos números. Mas todos esses riscos não assustavam a colaboradora dos textos relacionados à “Moda”, como bem explica:

Um jornal desta ordem, minhas queridas, com o timbre honroso de – Jornal das Senhoras – escrito por elas mesmas com o duplo fim de defender os direitos do seu sexo, e centralizar as modas e a sua direção, jamais seria publicado, sem ter estabelecido todas as precisas circunstâncias para bem desempenhar a missão de que se encarregou para convosco.

A Redação cuidou antecipadamente de relacionar-se com as primeiras casas francesas do Rio de Janeiro, encomendou os seus figurinos, com as mais restritas condições em favor, a primeira e mais importante das nossas casas de modas, estabeleceu uma correspondência especial com os agentes e sócios d’essa casa em Paris, pessoas aqui já muito notáveis pelo seu apurado gosto e completo conhecimento do nosso mundo elegante brasileiro, habilitou-se em tudo e por tudo e com passo seguro encetou sua obra, cônica do que ia fazer e certa do que devia dizer

[...]

Das preocupações assim tomadas resulta poderem aparecer os artigos de modas do JORNAL DAS SENHORAS acompanhados sempre da verdade e da exatidão.

Nossos figurinos não vos serão apresentados por mero capricho de fantasia, ou o quer que for, que não seja o ardente desejo que há muito alimentava a redação de instituir um jornal deste porte, a cujas enormes despesas não recuou, nem recuará, enquanto vós os sustentardes³⁶².

No *Jornal das Senhoras* os figurinos eram descritos, normalmente, abaixo do subtítulo “Moda” ou “Descrição da Estampa”. A estampa encontrava-se anexada no interior do impresso, sem estar atrelado à numeração das páginas do periódico, de modo que a leitora pudesse colocar a imagem e a descrição lado a lado para melhor visualização e, por vezes, melhor comodidade para a cópia da peça por alguma costureira ou modista – como nos aponta o seguinte trecho do *Jornal das Senhoras*:

Não é figurino das modas que lá se usam hoje, porque, como já vos disse, a moda ainda por estes dois meses é de inverno.

Não é feito aqui no Rio de Janeiro, porque Deus não nos deu o *dom* especial de idear, combinar, executar modas com essa graça, originalidade e gosto delicado, que para elas tem os Parisienses, e ninguém mais.

Temos sim atualmente quem os possa copiar com perfeição (já não é tão pouco), mas a invenção é, e será sempre dos Franceses³⁶³.

³⁶² *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 4, p. 1-2, 1852...

³⁶³ *O Jornal das Senhoras* Tomo 1, n. 5, p. 2, 1852...

E, de fato, tal como apontava *O Jornal das Senhoras*, ao buscar o termo “Modista” na *Hemeroteca Digital da Hemeroteca Nacional*, é possível identificar, no ano da citação acima, vários anúncios de casas dedicadas à produção de vestimentas. Selecionamos alguns anúncios encontrados, repetitivamente, em dois dos principais jornais de época.

Tabela 6 - Locais de venda e confecção de peças relacionadas à moda anunciadas no *Correio Mercantil* (1852)

Nº	Nome do estabelecimento anunciado	Local	Ano e Jornal do anúncio
01	Mme. Dujardin, modista costureira	<u>Rua da Quitanda n. 45.</u> ³⁶⁴	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
02	Carolina Remy, Costureira	Rua dos Ourives n. 101.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
03	Madame Van de Cappelle, Costureira.	Rua da Quitanda 29.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
04	Fábrica de Camisas Imperial para homem. Madame Creten e Irmã, costureiras de Camisas de S. M. O Imperador.	Rua do Ouvidor, n. 81.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
05	Mme. O. Jaccard. Modista costureira.	Rua da Quitanda n. 48.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
06	Chapéus de Palha, de Seda, Escomilha, etc.	Rua do Ouvidor 64.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
07	Concerto de Leques Perrin Escuktor em Marfim	Rua do Ouvidor, Loja 137.	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
08	Mme Julia Gueffifr, Costureira de Paris	Rua do Ouvidor 119	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
09	Mme Celine, costureira de camisas de homem e de mulher	Rua dos Latoeiros n. 87	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
10	Fábrica de Chapéus de Sol	Rua do Ouvidor n. 89	<i>Correio Mercantil</i> (1852)
11	Paletós de pano preto	Rua da Saúde n. 51	<i>Correio Mercantil</i> (1852)

³⁶⁴ Sublinhou-se os endereços que aparecem mais de uma vez nas tabelas 5 e 6.

12	Fabrica de Luvas de Pellica	Rua dos Ourives n. 39	Correio Mercantil (1852)
13	Mme Vande Capelle, costureira	Rua da Quitanda n. 29	Correio Mercantil (1852)
14	Mme Celinf, Costureira	Rua do Rosário n. 61	Correio Mercantil (1852)
15	Costrejean, rico sortimento, de cassas bordadas para cortinados [...] Ornamentos de madeiras, camas ricas de Mogno Jacarandá	Rua do Ouvidor n. 66 Em frente ao Jornal do Comércio	Correio Mercantil (1852)
16	Madame de La Brière, a única habilitada nesta côrte para cortar camisas sobre medidas	<u>Rua do Ouvidor n. 56</u>	Correio Mercantil (1852)
17	Mlle. Emma da Costa, primeira modista e costureira de Paris	Rua do Ouvidor, primeiro andar, entrada pela Rua dos Latoeiros 78.	Correio Mercantil (1852)
18	Madame Fournel, fornecedora de S. M. a Imperatriz traz Grande Sortimento de Coletes para Senhora.	<u>Rua dos Ourives n. 56, Loja.</u>	Correio Mercantil (1852)
19	Mme Hortence Etienne, Costureira Modista.	Rua da Imperatriz 57	Correio Mercantil (1852)
20	Mmm. Van de Cappelle, costureira	Rua do Príncipe do Catete 49	Correio Mercantil (1852)

Fonte: *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal* (Rio de Janeiro; 1848 a 1868). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=>>>. Acessado em: Fev. de 2020.

Tabela 7 - Locais de venda e confecção de peças relacionadas à moda anunciadas no Jornal do Comércio (1852).

Nº	Nome do estabelecimento anunciado	Local	Ano e Jornal do anúncio
01	Mme Dujardin, modista e costureira	<u>Rua da Quitanda n. 45.</u>	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
02	Mme Heruville, Costureira Modista	Travessa do Ouvidor n. 35	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)

03	Precisa-se de uma senhora de ilibada conduta, que saiba cortar e fazer vestidos, para ajudar uma senhora modista	Praia de Botafogo, n. 56.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
04	Mme Emma, costureira modista, discípula das primeiras casas de Paris	Rua da Quitanda n. 34.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
05	Aluga-se [...] uma perfeita senhora modista	Rua do Cano n. 43.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
06	Aluga-se [...] uma boa costureira de vestidos para alguma sra. Modista.	<u>Rua das Violas n. 105</u>	<i>Jornal do Comercio</i> (1852)
07	Aluga-se uma moça branca, boa costureira de vestidos para alguma senhora modista	<u>Rua das Violas n. 105</u>	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
08	Modista Francesa	Rua do Carmo n. 61.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
09	Uma senhora estrangeira, modista, faz vestidos do último gosto sobre figurinos	Rua dos Latoeiros n. 48, sobrado.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
10	Mme Hortence, costureira modista	Rua da Imperatriz 57	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
11	Precisa-se de uma modista e costureiras	Rua do Ouvidor n. 54, loja	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)
12	Mlle Octavie Lemaitre, modista e costureira de Paris	Rua da Vala, esquina da Rua do Ouvidor, n. 69.	<i>Jornal do Commercio</i> (1852)

Fonte: *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro; 1827-2013). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=>>. Acessado em: Mai. De 2020.

As tabelas acima, logicamente, não esgotam a variedade de locais disponíveis para a finalidade da confecção de vestuários dentro da corte do Império brasileiro, mas evidenciam uma razoável quantidade de lugares que atendiam a essa finalidade. O que nos permite perceber como o *Jornal das Senhoras* estava atualizado com as transformações de seu tempo, já que, de fato, no período, havia anúncios e, portanto, certa demanda a respeito da moda. A moda era partilhada na realidade vivenciada nas ruas do Império e nas páginas do *Jornal das Senhoras*.

Dentro do *Jornal do Comércio* e *O Correio Mercantil*, contabilizamos 29 anúncios de estabelecimentos distintos, mas, certamente, esse número era muito maior, já que nem todos os estabelecimentos se interessavam ou arcavam com os custos de anunciar em jornais deste porte.

Seja como for, no tecido cultural da época havia anúncios veiculados diretamente pelos nomes dos donos dos estabelecimentos ou outras características, como a cor da pele de seus entusiastas, bons requisitos para a costura, ou venda de uma vestimenta específica. Tais prerrogativas demonstram prestígio, mas também, o quanto esse ramo vinha crescendo e se consolidando como universo próprio do feminino, inspirado em ideias francesas que eram apropriadas pela boa sociedade da época. Isso é, pessoas letradas, com acesso a capital cultural de distinção social. E isso se dava, não somente nas páginas impressas, mas efetivamente no modo como as mulheres se vestiam e passaram a, de fato, se preocupar, cada vez mais, com sua aparência, a atualização da moda e do seu próprio agir em público no decorrer desse tempo.

Outro dado que se verifica é que a quantidade de estabelecimentos anunciados em jornais nem sempre corresponde à que havia nos guias ou Almanques, como no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Costureiras informais certamente auxiliavam a consolidação da moda como um atributo de interesse do feminino, mas essas não eram colocadas no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*.

No entanto, seja como for, a vontade pela atualização da moda e de sua confecção era, de fato, bastante espessa dentro dos anúncios ou dos meios mais formais, como os almanques, no mesmo momento em que *Jornal das Senhoras* publicava figurinos parisienses que atualizava, ensinava e mediava a moda do período, adaptando-a à realidade vivida na corte imperial.

Tratava-se de uma temática que atendia ao interesse do público leitor do momento. Afinal, como se observa no mapa abaixo, pode-se perceber que, muitas das ruas que abrigavam os locais relacionados a moda, conectavam-se, proporcionando observar uma verdadeira mancha da moda, nos fazendo compreender a dimensão desse interesse.

Uma senhora estrangeira, modista, faz vestidos do último gosto sobre figurinos. Aceita mais algumas negrinhas para ensiná-las a esse ofício. Precisa-se também de preta para o serviço ordinário de casa, e não a quer de casa de comissão; na rua dos Latoeiros n. 48, sobrado³⁶⁷.

E no *Jornal das Senhoras* não era diferente. O jornal adentrava ao meio cultural de seu tempo e suas contradições e omissões. Durante os textos destinados a tratar da moda, é possível encontrar uma reclamação da colaboradora do periódico, a respeito de um escravo barbeiro do vizinho que “atormentava a vizinhança que não partilha de *seu bom gosto*”³⁶⁸:

Já me lembrei de fazer a minha criada aprender a tocar zabumba as mesmas horas, a ver que tal vai o concerto a duo aos ouvidos musicais do bom do homem. Se achar uma zabumba em segunda mão é muito possível que compunha em prática o meu plano³⁶⁹.

A colaboradora da seção moda não buscava fazer referência à escravidão, mas aos grandes bailes e à moda parisiense. Quando tratava dela, demonstrava ser o inverso do “bom tom”, definindo, certamente, dentro de seu gosto, aqueles que compartilhavam dos mesmos códigos que elas e aqueles em que elas não se identificavam.

Nos artigos de moda, a colaboradora tratava de diferentes temáticas que não se restringia à moda. E isso era percebido pela própria colaboradora que assinava com o pseudônimo de Christine: “Sra. Christina este artigo é de modas e Vmc. Nada diz que e cheirasse a isso”³⁷⁰.

Nesses artigos, falava-se sobre a intimidade vivenciada por essas mulheres, sobre como estavam trajadas as principais pessoas que frequentaram um evento público ou particular da cidade. Assim como publicavam-se normas de etiqueta, dicas de onde comprar um figurino e a melhor forma de comprá-los. Normalmente, aconselhavam que as próprias senhoras fossem às lojas destinadas à venda de tecidos e itens da vestimenta feminina. Alertavam que não mandassem seus pais ou maridos, pois isso facilitaria a compra do que, de fato, elas precisavam:

Enfim, visitem as nossas assinantes os primeiros armazéns de modas [...] feminizem-se com as nossas modistas de primeira ordem, que elas por certo terem nisso muito prazer. Não mandem, vão mesmo em pessoa, que assim melhor comprarão e alcançarão com mais facilidade as explicações de que carecem.

Para sempre acabe o cediço costume de encarregarem ao pai, ao marido, aos irmãos e aos primos, essas encomendas que eles chamam de – senhoras – e que levam a resmungar horas inteiras primeiro que as vão comprar. E, por fim! Fazem compras que poucas vezes sabem ao nosso gosto [...]

Homens, comprem calças, casacas, rapé e charuto, que nós compramos os nossos

³⁶⁷ *Jornal do Commercio...* Tomo 25, Edição 241, p. 1, 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_459980.1787836.DocLstX&pasta=ano%20185&pesq=modista>. Acessado em: Fev. de 2020

³⁶⁸ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 21, p. 1, 1852...

³⁶⁹ *Ibidem...*

³⁷⁰ *O Jornal das Senhoras.* Tomo 1, n. 28, p. 2, 1852...

enfeites e as nossas fazendas. Salva as honrosas exceções desses homens *mulherengos* que sabem mais de agulhas e alfinetes, do que da ponta do seu nariz dois dedos para diante³⁷¹.

Divulgando o que julgava “digno” de ser “apresentado” e “não se prendendo às normas que todo sábado fazia muitos parisienses ficarem ansiosos em seguir à risca a divulgação de novos modelitos”³⁷² a moda era veiculada, dentro do *Jornal das Senhoras*, com intuito de informar e atualizar suas leitoras. Assim, com uma voz amigável, os textos referentes à moda informavam as leitoras desde os mais mínimos detalhes de um vestido, até que rua ela poderia achar materiais para copiar os figurinos descritos e litografado do próprio periódico: “Hei de visitar, já agora que principiei, todos os armazéns de mais bom-tom da rua do Ouvidor e vos irei dando notícias – do bom e do melhor – que for encontrado, para satisfação das vossas Assinantes³⁷³.

Exemplo das informações veiculadas nos textos de moda era o chamado “Collete da Emancipação”, que veio a público desde os primeiros números desse periódico³⁷⁴. Esse colete ficava na parte de cima do vestido das moças e apresentavam cortes e acessórios de vestimentas masculinas. De acordo com a descrição do próprio jornal, esse vestuário era uma novidade de origem francesa que se difundiu penetrando no gosto de diferentes locais da Europa, e “por fim” alcançando a América. Como fica explícito na citação abaixo:

O colete da emancipação é uma destas modas distintas e especiais, que de tempos em tempos Paris oferece às suas elegantes para nelas produzir uma revolução e um furor que, como a eletricidade, vai tocar todos os pontos da Europa [...] e por fim [...] chega à América [...]. Mas um colete, um colete de homem (ora vejam que diferença!) bem talhado, com sua golinha em pé, ou de rebuço ou de transpasse, empregado sobre o corpo esbelto e piramidal de uma menina [...] é por certo muito bonito.³⁷⁵

Segundo Diana Crane, no período, era comum a estratégia de inserir peças com traços do vestuário masculino em roupas femininas. Trata-se de “um conjunto de sinais, extraídos do vestuário masculino, composto por itens usados separadamente ou em conjunto, que modificavam sutilmente o efeito do traje feminino”³⁷⁶. Além do colete, o jornal ainda citava outros elementos da vestimenta masculina como gravatinha, relógio e o hábito de colocar uma das mãos no paletó, tal como mandava o figurino masculino:

O que porém rematava este lindo Toilette de campo com inexplicável graça era a feliz e bem combinada mistura, expliquemo-nos assim, que a elegante fazia, da sua

³⁷¹ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 10, p. 2, 1852...

³⁷² *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 1, p. 4, 1852... [grifo da autora]

³⁷³ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.3, p.3, 1852. ...

³⁷⁴ Ver mais em: GONÇALES, Guilherme Domingues... *Op. Cit...* 2014.

³⁷⁵ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.2, p. 1-2, 1852...

³⁷⁶ CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 202.

gentileza com um bocadinho de garbo masculino: ela passeava com uma das mãos apoiada ao seu colete e com a outra graciosamente brincava com os sinetes do seu relógio. Era um semi homem cheio de feitiços e de encantos³⁷⁷.

Ao analisarmos as páginas do *Jornal das Senhoras* é possível encontrar variadas estampas que saíam com a assinatura do litógrafo francês Jean-Baptista David (1808-1892)³⁷⁸. Tudo indica que esses figurinos provinham da França em acordo firmado entre as colaboradoras do *Jornal das Senhoras* e o jornal francês *Moniteur de La Mode* (1843-1913), como afirma o pesquisador Everton Barbosa. Tal visão pode ser melhor compreendida ao percebermos que as próprias redatoras se orgulhavam dessa empreitada e preferiam que as estampas fossem reimpressas no Rio de Janeiro sem as comuns omissões das credenciais de Paris, que, muitas vezes, escondia o nome “*Moniteur de La Mode*”:

Querida leitora, há muito que eu clamo contra a triste opinião de darem às nossas assinantes Estampas sem os componentes foros, deixa-me assim dizer, do país em que elas foram publicadas. [...]

Desde que a Redação do JORNAL DAS SENHORAS foi autorizada para poder publicar regularmente os figurinos do *Moniteur de la Mode* que os deve apresentar às suas assinantes tais quais chegam eles de Paris.

O *Moniteur de la Mode*, querida leitora, é sem dúvida o primeiro dos mais bem conceituados jornais de Paris, e suas delicadíssimas Estampas o comprovam. Não podendo portanto o JORNAL DAS SENHORAS apresentar por ora modas inventadas no seu país e querendo apresentar aquelas que mais felizmente são criadas em terra estranha, apoiou-se na primazia do *Moniteur de la Mode*, e publica no Rio de Janeiro a gravura deste Jornal. Ora, assim procedendo o JORNAL DAS SENHORAS, nenhuma dúvida resta de que seria falta de lealdade se continuássemos a consentir que se arrancasse dos figurinos o seu título de honra, o qual vem a ser, o letreiro que eles trazem abaixo³⁷⁹.

A partir daí percebemos que a influência francesa na linha editorial desse periódico era motivo de distinção e de orgulho das redatoras do *Jornal das Senhoras*, a ponto de, em 1853, admitirem de onde a redação retirava as estampas que vinha de Paris e se orgulharem de tal empreitada.

As redatoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras*, nessas circunstâncias, atuavam como mediadoras³⁸⁰, das articulações comerciais, dos gostos, dos costumes, influências e trocas culturais entre países, já que desde o começo do jornal, mostravam-se atentas ao que acontecia ao seu entorno, vasculhando tanto o que se passava na Europa, a partir de jornais como *O Petir*

³⁷⁷ *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 3, p. 2, 1852....

³⁷⁸ BARBOSA; Everton Viera. “Em busca de (in) formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs)... *Op Cit...*, 2018 p. 196.

³⁷⁹ *O Jornal das Senhoras*... Tomo 2, n.13, p. 2, 1853...[grifo da autora]

³⁸⁰ Ver mais em: GRANJA, Lúcia. LUCA, Tania de (Orgs.). *Suportes e Mediadores – A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2018.

*Courrier de Dames, Les Modes Parisiennes, Le Follet*³⁸¹, *Diário de Lisboa*³⁸² e outros³⁸³, quanto o que ocorria nas ruas e jornais brasileiros, principalmente, do Rio de Janeiro como *O Diário do Rio de Janeiro, Novo Correio das Damas, Correio Mercantil* e muitos outros³⁸⁴. Afinal, elas se interessavam em saber se suas ideias, veiculadas nas páginas do *Jornal das Senhoras* estavam lidas ou mesmo colocadas em prática, como fica evidente na observação da colaboradora que assinava com o pseudônimo de “Christina”:

[...] durante a semana tive o gosto de saber que muitos coletes já se estão fazendo pelas delicadas mãozinhas mesmo das nossas patricias, além de outros muitos, que o mundo elegante confiou aos cuidados das nossas primeiras modistas, que não tem mão a medir³⁸⁵.

Toda essa interação entre as leitoras e as páginas do *Jornal das Senhoras*, certamente, alarmava a concorrência que não media esforços em expor críticas, também, a respeito da moda publicada no *Jornal das Senhoras*. A crítica tratava de desqualificar e desmistificar o sucesso da moda parisiense e sua confecção prática no vestuário das mulheres de época. Jornais como *A Marmota Fluminense* alertavam para o fato das estações de Paris e Rio de Janeiro se configurarem de modo distinto e o gosto das senhoras, possivelmente, não serem os mesmos:

MODAS.

Prometemos falar das modas, e demonstrar que a moda, no Rio de Janeiro, é – especial – porque nunca se usa aqui que se usa em Paris, cujos figurinos recebemos e distribuimos.

O Jornal das Senhoras, o Correio das Modas, que, com mais especialidade, se ocupam das Senhoras, em relação a elas, aos bailes, etc., tem dado este ano diversos figurinos, mas as nossas moças vestem-se atualmente todas ao contrário do que tais estampas determinam, no gosto das fazendas, no corte dos vestidos, das mantas, e no feitio dos chapéus³⁸⁶.

Ainda não se sabe até que ponto a crítica é válida, já que *O Jornal das Senhoras* finaliza suas publicações no mesmo ano de 1855, em que foram tecidas as críticas da *Marmota Fluminense*. Mas, de fato, ao apurarmos as páginas do *Jornal das Senhoras* percebemos que ao contrário do antigo hábito de se publicar os figurinos 11 meses depois que aparece em Paris, não apenas *O Jornal das Senhoras*, mas outras empresas, como o estabelecimento de Wallerstein, investiram em diminuir esse tempo e publicarem de modo quase imediato as

³⁸¹ *O Jornal das Senhoras...* Tomo1, n.47, p. 1-2, 1852...

³⁸² Como é o caso do comunicado acerca da morte da princesa Maria Amália, filha de D. Pedro I em 27 de Janeiro de 1853. Segundo o próprio jornal, a informação foi retirada do *Diário de Lisboa*. Ver mais em: *O Jornal das Senhoras...* Tomo 2, n. 15, p. 3, 1853...

³⁸³ Ver mais em: BARBOSA; Everton Viera. “Em busca de (in) formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs)... *Op Cit...*, 2018 p.199.

³⁸⁴ *Ibidem...* p. 198-199.

³⁸⁵ *O Jornal das Senhoras...* Tomo1, n.3, p. 2, 1852...

³⁸⁶ *Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades*. Rio de Janeiro (1854 a 1858). Tomo 2, n. 547, p. 1, 1855. [grifo do autor]

novidades parisienses. Ambas as empresas acreditavam que ao vender figurinos do que ainda viria a ser usado, estariam atualizando ao máximo o vestuário de suas clientes/leitoras³⁸⁷.

Ao lado da moda, que colocava os figurinos franceses como modelos de inspiração, os textos literários também tiveram papel de destaque no *Jornal das Senhoras* e nas produções femininas de seu tempo. Como já evidenciavam títulos e subtítulos como *Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas* (1851); *Novo Correio das Modas: Novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas* (1852-1854); *Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e teatro* (1852-1856); *O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Industria e Arte* (1859-1860) e o próprio *O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Bellas-Artes, Teatros e Crítica* (1852-1855), faziam sucesso entre as mulheres as histórias de amor, os textos leves e as poesias de cunho romântico, enfim, tudo que dizia respeito ao ramo literário, certamente, era de interesse das leitoras.

No *Jornal das Senhoras* podemos observar traduções e textos originais além das poesias que sempre estavam presente em cada edição do periódico. Havia relatos de viagens, artigos acerca da educação, poesias e textos assinadas por mulheres e homens. Todos esses eram publicados, muitas vezes, sob completo anonimato ou com pseudônimos, o que dificulta a identificação. Mas mesmo com esse empecilho, é possível elencar a autoria de alguns textos que saíam em formato de folhetim, como *Os Mistérios Del Plata* (1852), de Joana Paula Manso de Noronha, *O Protetor* (1852), *A Dama das Camélias* (1853), *A Louca* (1853), *A confissão de um suicida* (1853), *Uma só paixão e dois casamentos por amor* (1853), *Um amor de mulher* (1853), tradução incompleta de Alexandre Dumas, *A desditosa* (1854), romance assinado pelo pernambucano ex- militar Demetrio Acacio Fernandes da Cruz, *A rosa do sepulcro* (1854), *Jarilla* (1854), *O Condescendente* (1855), *Um suicídio por amor* (1855), *Os pupilos da guarda* (1855), de Emilio Marco de Saint-Hilaire livremente traduzido em anônimo, *A promessa cumprida ou o sonho realizado* (1855) e *O pobre Matheus* (1855)³⁸⁸.

Percebe-se que *O Jornal das Senhoras* apreciava colocar a público romances açucarados, com mulheres algumas vezes frágeis e outras fortes. Mas todas tinham alguma agência no decorrer da trama que era narrada e publicada pouco a pouco, de modo sequencial, nos diferentes números da folhinha. Esses romances aguçavam a curiosidade das leitoras e

³⁸⁷ *O Jornal das Senhoras...* Tomo1, n. 5, p. 2, 1852...

³⁸⁸ MONTILHA, Monique Ribeiro. *Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)*. 2015. 280f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015, p. 140-187.

mostravam-se mais baratos que a compra de um livro completo e encadernado³⁸⁹. Tática, portanto, que se mostrava mais em conta para o público e vantajoso para o jornal, já que poderia atrair um maior número de leitoras.

Na época, os romances folhetins, como ficaram conhecidos, poderiam fazer parte de qualquer periódico, não sendo exclusivos dos impressos voltados para o público feminino ou mesmo do *Jornal das Senhoras*. Mas, sem dúvida, as mulheres mostravam-se suas principais leitoras e os autores faziam questão de citá-las e instigá-las como fez Manuel Antônio de Almeida (em anônimo) no romance publicado em formato folhetim no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1852 e 1853, período que marcou os dois primeiros anos do *Jornal das Senhoras*:

[...] chegamos por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porque é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convençam-me do contrário, se são disso capazes³⁹⁰.

Assim, pode-se dizer que *O Jornal das Senhoras* não se esquivou dessa demanda do público feminino, mas antes, estava sempre disposto a publicar folhetins, fossem eles traduzidos ou de autoria de suas próprias redatoras ou colaboradores (as). Afinal, os romances, artigos literários em prosa ou em verso não se ausentaram do desse periódico durante seus quatro anos de publicação.

Nas revistas e jornais voltados para o público feminino de meados do século, principalmente, dentro da corte imperial, o teatro também era comumente apontado como de interesse da mulher leitora. As resenhas teatrais faziam parte dos títulos da imprensa brasileira não apenas dentro do *Jornal das Senhoras*, mas em outros que podiam fazer parte da imprensa feminina ou não³⁹¹.

No *Jornal das Senhoras*, o teatro apareceu, primeiramente, sob o subtítulo “Teatro” ou “Semana”. Depois, “Crônica Teatral”, sendo a todo o tempo uma temática que preenchia as últimas páginas da folhinha. Porém, aos poucos esse assunto foi se expandindo e se inseriu dentro dos artigos que tinham como título “Crônicas da Semana”, evidenciando a ideia de que os bailes, os concertos, peças teatrais, jantares e o que era chamado de “Belas-Artes” estavam se proliferando, sendo necessário tratar não apenas do teatro, mas de todos esses eventos que agitavam a vida cultural da cidade e dos entusiastas do *Jornal das Senhoras*.

³⁸⁹ MOREL, Marco. BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, Imagem e poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 60.

³⁹⁰ ALMEIDA, Manuel Antônio de... *Op. Cit...*, 1852-1853, p.102.

³⁹¹ Como *O Belo Sexo* e *O Jornal do Commercio*.

De qualquer forma, o periódico não se preocupava em abordar o teatro de forma meticulosa, atento aos detalhes de uma peça teatral ou qualquer outro evento. Isso é, o jornal afirmava que estava “comprometido a fazer a resenha teatral”, mas não de forma minuciosa, pois poderia ser cansativo e exaustivo para suas “queridas leitoras”³⁹². O objetivo era levar ao público do periódico as engrenagens de como funcionava esse mundo cultural e artístico, trazendo informações que instruíam, divertiam e podiam ser vistas como instrumento de requinte, refinamento e certa distinção social pela carga de civilidade que o teatro comportava no entendimento de época.

Comentava-se sobre o teatro lírico, dramático, as óperas, a introdução de reformas ou iluminação a gás³⁹³, a vinda de artistas estrangeiros e outras questões que reverberavam que as redatoras e colaboradoras apresentavam um vasto conhecimento e interesse acerca da temática. Elas estavam atentas aos eventos que frequentavam e aqueles que não eram vistos com seus próprios olhos, comparando opiniões e até criticando, se assim fosse necessário, como transparece os dois trechos abaixo:

O Folhetinista do *Jornal do Comércio* tem estado muito severo, e muito científico na sua crítica; saiba para outra vez que isso de ciência é tempo perdido, e que ao público não lhe é permitido ter orelhas; dizer que a Sra. Zechini desafinou! V. M. não entende d’isso Sr. Ela quis dar um dó agudo e engasgou-se; quer dizer que não acabou como ela tencionava [...] ³⁹⁴.

Domingo passado foram o – *Dois Regenerados*, - este drama do Snr. Mendes Leal, que tantas vezes foi à cena nesta Corte, obteve ainda numerosa concorrência esta última vez.

Os papeis não estavam tão bem sabidos, quanto se devia esperar [...] com alguns dos atores, assaz incertos dos seus papeis ³⁹⁵.

Na época, no Rio de Janeiro, um dos mais importantes teatros era o então chamado Teatro Pedro de Alcântara³⁹⁶, onde a companhia João Caetano exibiu suas peças de 1850 a 1862³⁹⁷, subsidiadas pelo próprio governo Imperial, cativando e instigando o público não apenas com peças teatrais, mas também com eventos de ópera³⁹⁸, como no caso da citação acima. Além desse, havia o Teatro do Valongo, o de São Januário, o de São Francisco e outros que apresentavam tragédias neoclássicas, dramas e outros clássicos de autores estrangeiros

³⁹² *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 1, p. 7, 1852...

³⁹³ Como é o caso da introdução da iluminação a gás no Teatro D. Pedro II referenciada na seguinte edição: *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 25, p. 8, 1852...

³⁹⁴ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.3, p. 9, 1852...

³⁹⁵ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n.5, p. 8, 1852...

³⁹⁶ Ver mais em: MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008, p. 24.

³⁹⁷ MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008, p. 26.

³⁹⁸ *Ibidem...* p. 24-25.

como Victor Hugo (1802-1885) e Alexandre Dumas (1802-1870). Também eram apresentados as comédias e os melodramas, com seus personagens que explicavam as relações humanas com figuras claramente antagônicas³⁹⁹, tal como os binarismos da moral burguesa do período, que se fundava em oposições como: “natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior”⁴⁰⁰.

E no *Jornal das Senhoras* todos esses enredos não foram silenciados, mas exacerbados em páginas que não apenas exibiam a presença de determinado evento, mas, de fato, tinha o objetivo de encorajar seu desenvolvimento, já que o teatro brasileiro ainda estava por levantar seus alicerces, como se observa abaixo, quando o periódico comenta uma peça original do Snr. Santos Neves, futuro esposo da última redatora desse impresso:

Domingo passado foi pôr fim à cena *Manoel Raymundo*, produção original do Snr. Santos Neves.

Não podemos emitir a nossa opinião a este respeito, porque é necessário encorajar os operários que se empenham em levantar os primeiros alicerces, de um Teatro Nacional Brasileiro. A originalidade dos nossos costumes já é um vasto campo de exploração, e se a ele ajuntarmos uma rígida observância das leis do bom senso, uma moral pura e a possível clareza na exposição do argumento, sem dúvida atingiremos o nosso objetivo.

Os inconvenientes que se apresentam não são pequenos; o nosso curto passado, é tão pouco tradicional, tão nu de acontecimentos cavalheirescos, que a não ser o presente nada mais podemos explorar; por isso o drama de costumes, merece ser estudado com aquela atenção de uma obra destinada a traçar o caminho que outros hão de percorrer. A naturalidade dos acontecimentos, a pintura fiel dos costumes, o pensamento moral e a elegância das formas, no drama, não se devem desprezar [...]⁴⁰¹.

Os teatros, comentados ou ao vivo, levavam para cidade da corte do Rio de Janeiro a carga de civilidade almejada no decorrer desse tempo e valorizava os costumes do presente vivenciado, com o intuito de promover a consolidação de um Teatro Nacional tal como dizia a “lei do bom tom”.

Mas, assim como a moda, esses mesmos teatros conviviam com as diferentes camadas sociais que não necessariamente fazia parte da boa sociedade: quituteiras (libertas, forras, cativas ou de ganho) ocupavam as ruas ao redor dos teatros e meninos escravizados, possivelmente, continuavam a entregar recados aos casais românticos em meio a uma cena ou outra do espetáculo, como transpareceu a narrativa de Joaquim Manuel de Macedo em *A Moreninha* (1844)⁴⁰².

³⁹⁹ *Ibidem...* p. 28.

⁴⁰⁰ TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 403.

⁴⁰¹ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 4, p. 10, 1852...

⁴⁰² MARZANO, Andrea... *Op. Cit...* 2008, p. 45-52

Todas essas contradições não passavam despercebidas aos olhos das colaboradoras e redatoras do *Jornal das Senhoras*. Nessa publicação, seus atores colocavam a público gostos e condutas que deveriam ser partilhados por suas leitoras. Aconselhavam às senhoras, saber qual música era apropriada nas diferentes ocasiões, hora e lugar.

Eu porém (e comigo muita gente) sou o resumo de todas essas inclinações ou gostos, porque gosto de tudo que é bem cantado, segundo é a hora a ocasião e o luar. Ora está claro que nos teatros quero ouvir os coros, as arias, os duetos italianos, mas nas salas de intimidade, prefiro as nossas Modinhas, entoadas por uma voz angélica, expressiva no verso, e engraçada ou sentimental na execução.

E se ela canta depois um lundu! Meu bom Jesus, que fio elétrico! Que movimento risonho vai na sala! Os meninos chegam-se para o piano, os velhos babam-se de gosto, os moços ficam perdidos, e como que enfeitiçada fica a reunião!

Nenhum heresiarca musical poderá contestar os efeitos diversos, mas agradáveis, que produzem as nossas Modinhas e Lundus⁴⁰³.

Ao olhar a literatura da época, percebemos que o Lundu e a Modinha poderiam adentrar o cotidiano das camadas mais baixas da sociedade, como o batizado do filho de um barbeiro, como assim se sucedia na escrita de *Manuel Antônio de Almeida*⁴⁰⁴. Tal dado nos levar a compreender que o *Jornal das Senhoras*, embora defendesse condutas ditas de corte, civilizada e do bom tom, não deixavam de matizar gostos e condutas que extrapolavam esse meio social.

Cabe ainda ressaltar que o subtítulo *Belas Artes* também abrigava eventos públicos e privados da corte. Isso é, era mais uma temática que consagrava o teatro e os eventos de grande vulto da corte do Rio de Janeiro. Tal prerrogativa evidenciava que o que ocorria na cidade produtora do jornal era considerado de grande importância para as escritoras, escritores e redatoras que publicavam seus textos nessa folhinha a ponto de disponibilizar diferentes títulos para abrigo da temática:

Belas artes

Há muito ambicionávamos nós o dia em que o Sr. Stokmeyer Junior pudesse desenvolver toda a sua habilidade e gênio musical perante o público do seu país que o desejava julgar. A noite de 7 de setembro nos veio essa ambição, nós tivemos o prazer de ouvir e apreciar a magnífica ouvertura. Não podemos acabar este artigo sem também nos lembramos da ouvertura executada no teatro de S. Pedro, intitulada – Regeneração – composta pelo [...] Sr. Noronha. O que diremos nós sobre a sua composição tão bela, tão vivaz, e que nos arrebatou durante o tempo da sua perfeita execução?⁴⁰⁵

Pode-se afirmar que os artigos demonstravam preocupação com o que acontecia no interior e nos arredores, não somente do teatro, mas de diversos eventos que se passavam na corte do Rio de Janeiro. Além disso, buscavam atualizar e levar ao público leitor novos hábitos

⁴⁰³ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 13, p. 2-3, 1852...

⁴⁰⁴ ALMEIDA, Manuel Antônio de... *Op. Cit...*, 1852-1853, p. 2.

⁴⁰⁵ *O Jornal das Senhoras ...* Tomo 1, n.34, p. 4, 1852...

e informação, principalmente, às mulheres que ainda apresentavam, dentro das hierarquias do Segundo Reinado, “pouca liberdade de saírem sozinhas”⁴⁰⁶.

E, por tal razão, Joana, Violante e Gervásia e as demais entusiastas do *Jornal das Senhoras* souberam apreciar todas as informações que saltavam aos seus solhos nos momentos que assistiam uma peça de teatro, um evento musical ou quando frequentava um baile ou o comércio da Rua do Ouvidor, acompanhadas de algum homem da família⁴⁰⁷. Essas mulheres estavam atentas ao que vinha às suas mãos e na extensão de suas vistas a partir de colaboradores e redes de amizade. Amizades nutridas com seus familiares, conhecidos, mas também, pessoas anônimas, como é o caso do guarda portão referenciado como “Santos”, que passou a ser um dos informantes da colaboradora que escrevia os textos publicados sob o título “Crônica da Semana”:

Confesso-vos minha estimável D. Joana que ainda ousou escrever desta vez, porque muito me tem animado o velho Santos, aquele antigo guarda portão da nossa casa: vós o conhecestes antes de fazerdes a vossa viagem aos Estados Unidos. Pois ainda é o mesmo. Songamonga viverio, conhecendo a meio mundo, não conhece a ninguém, ouvindo às mil maravilhas, é surdo rematado, muitas vezes quase que diz que é cego, quando ele é capaz de ver um mosquito no corcovado.

Enfim, o Santos é aquele mesmo Santos que cá deixastes ficar, e que ainda não se despediu do nosso serviço, porque diz, que nos ama muito e que me viu pequenina.

Esta última parte é recomendável.

Com efeito parece que assim é: depois que vos levou os meus primeiros originais e o recado que voz mandei, dizendo-vos que não podia continuar a escrever a semana por não ter quem para esse fim me oferecesse certos dados, que nós mulheres não podemos estar com essas cousas; voltou no dia seguinte pela manhã à minha sala, e com a cabeça fixa, mastigando muito as palavras disse-me o seguinte:

- Minha ama saberá que toda a noite não pude pregar o olho! Tenho levado a malucar até agora n'aquela recado que mandou à Sra. Noronha... [...]

- A senhora ... [...] o que me fez martelar a cabeça toda a noite, foi a Sra... com licença da Sra, foi a Sra. Mandar dizer no fim – nós mulheres não podemos estar com estas cousas. Eis aí está.

- Mas o que tem isso para te causar essa atrapalhão toda?

- O que tem? Tem cá para vosso velho criado, que vos viu pequenina e vos estima até o gasgate, uns riscos de afronta, assim como diz: tenho um criado que me podia servir, mas não me serve porque não presta, é estúpido! Perdi-me de riso a ouvir estas observações do Santos. Não pude, entretanto, deixar de lhe reconhecer mais uma prova de dedicação, ou de refinada curiosidade de querer descobrir em que consiste a nossa correspondência; e para ensaiá-lo sem entrar em declarações, respondi-lhe apenas.

- Está bem, Santos, não te aflijas por isso; Eu vou dar-te provas do contrário. De hoje em diante debes passear por essas ruas da cidade quando e como quiseres; para, conversa, escuta, dá fé de tudo, mas, que ninguém te suspeite, sentido Santos! Depois volta quando entenderes que assim o debes fazer, e dá-me conta do que vistes e ouvistes durante o dia [...]⁴⁰⁸

⁴⁰⁶ FERREIRA, Tania Maria B. da C... *Op. Cit...* 2005, p. 7.

⁴⁰⁷ *O Jornal das Senhoras...* Tomo 1, n. 3, p. 2, 1852....

⁴⁰⁸ *O Jornal das Senhoras ...* Tomo 1, n. 16, p. 8-9, 1852....

É possível que toda a situação fosse mera invenção da colaboradora, já que a mesma tinha dificuldade em continuar a escrever o artigo por falta de dados. No entanto, pela quantidade de vezes que continuou a tratar do Santos, e de suas informações fornecidas, podemos dizer que é possível que ele existisse. Mesmo porque, de alguma forma, a colaboradora passou a ser informada e colocar a público tudo o que se podia ver e ouvir no interior dos eventos e nos seus entornos, nas diferentes ruas e camadas sociais que conviviam e interagiam no mesmo contexto que era publicado *O Jornal das Senhoras*.

O criado Santos foi referenciado no interior do impresso em pelo menos dez números⁴⁰⁹ durante o período que Joana Manso de Noronha e Violante Bivar e Velasco estiveram na redação do *Jornal das Senhoras*. O que pode nos suscitar que, posteriormente, novas estratégias foram tomadas para que essas mulheres se mantivessem informadas acerca do cotidiano de uma cidade que apresentava locais que, nem sempre, uma mulher poderia frequentar. A importância de Santos no conteúdo do periódico deve-se não somente por colaborar com informações para o jornal, mas por demonstrar que essas mulheres tinham consciência dos limites que poderiam adentrar e aqueles que não poderiam.

Portanto, tendo consciência de certos limites e progressos que as mulheres poderiam vir a ter no decorrer desse tempo, o conteúdo do *Jornal das Senhoras* adentrava temáticas que, em geral, favorecia a informação de uma mulher ilustrada e atualizada, que deveria saber/aprender as novas normas de conduta e do dito “bom tom” que adentrava o cotidiano da cidade. Durante todo o período, esse jornal se propôs a defender o progresso da condição feminina tanto em vias sociais quanto morais e demonstrar que a mulher não era inferior ao homem em inteligência, apresentavam direitos, vontades e deveres no interior da sociedade que deveria ser conhecido por todos e todas⁴¹⁰. Os figurinos de moda, as partituras musicais e outras tantas temáticas impressas no jornal não se mostravam alheias a esses objetivos e nem a realidade vivenciada

⁴⁰⁹ Esses números são:

- 1- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 16, p.8-10, 1852...
- 2- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 17, p.8-9, 1852...
- 3- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 19, p.8-9, 1852...
- 4- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 20, p. 3-4 e p. 7 , 1852...
- 5- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 22, p. 6-7 , 1852...
- 6- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 23, p. 5 , 1852...
- 7- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 25, p. 9 , 1852...
- 8- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 34, p. 8-9 , 1852...
- 9- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 38, p. 7 , 1852...
- 10- *O Jornal das Senhoras*... Tomo 1, n. 42, p. 9 , 1852...

⁴¹⁰ *O Jornal das Senhoras* ... Tomo1, n.2, p. 6, 1852...

no período, mas cooperavam para a formação da mulher emancipada ou que deveria se emancipar dentro dos progressos que traziam novos ares ao Segundo Reinado brasileiro.

3 ANALISANDO UM IMPRESSO PORTUENSE

3.1 *A Esperança*: objetivos e práticas de um periódico feminino portuense

Este jornal é para todos. Nem pode envergonhá-lo a companhia, quando o artista o deixe sobre a mesa do trabalho, entre os utensílios do seu ofício, nem atemorizá-lo quando o homem de letras o confunda com os seus livros e os seus papeis, nem enchei-lhe de acanhamento quando as senhoras inteligentes e instruídas o perfumam com os aromas do seu Boudoir, guardando-o entre as joias do *Toilette* e as joias do coração... que são as mais preciosas⁴¹¹.

Do outro lado do Atlântico, o periódico português *A Esperança: Semanário de recreio literário dedicado às Damas* (1865-1866, Porto) apresentou temáticas próximas do *Jornal das Senhoras*, dentre elas, moda, literatura, poesia, eventos contemporâneos, a temática da emancipação feminina e a coincidência de ter sido criado no mesmo período que as linhas do norte e leste do país eram inauguradas não somente no território brasileiro, mas também em Portugal⁴¹². Porém, embora próximos, seu público-alvo, como mostra a citação acima, mostrava-se mais amplo.

Dedicado às Senhoras, inteligentes e instruídas, mas também não deixando de ser ofertado “ao artista e homem de letras”⁴¹³, era assim que o jornal portuense *A Esperança* inaugurava seu editorial. Segundo o próprio periódico, seu objetivo era levar instrução para um público que não se limitava ao próprio nome do jornal e afirmava: “Este jornal é para todos”. Esse “todos” é citado através dos seguintes exemplos: “[...] o artista [...], o homem de letras, [...] e a senhora instruída e inteligente”⁴¹⁴.

Essa abertura ao público pode ser compreendida tanto como uma estratégia de venda, como uma posição ideológica do próprio jornal. Pois, no período havia longos debates entre os intelectuais portugueses acerca do lugar da imprensa na divisão dos papéis entre os sexos. Dentro desses debates, questionava-se, por exemplo, se mulheres deveriam escrever somente para mulheres enquanto homens para homens⁴¹⁵. Ao abrir seu público, o periódico parece

⁴¹¹ *A Esperança: Semanário Literário dedicado às Damas*. Volume I. n 1, p. 3. Edição 1ª e 2ª. Porto: 1865. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>>. Acessado em: Fev. de 2019.

⁴¹² ROLDÃO, Helena. “A Mulher”. In: *Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Lisboa*, 2013, p. 3. <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AMulher/AMulher.htm>>. Acessado em: Set. de 2020.

⁴¹³ *A Esperança* ... 1865, p.1...

⁴¹⁴ *A Esperança*... 1865, p. 3.

⁴¹⁵ Ver mais em: LOPES, A. M. C...*Op. Cit* ... 2005. p. 348-351.

dialogar com essas discussões, ao mesmo tempo em que se beneficiou de um público letrado feminino e masculino emergente na segunda metade do XIX.

Outra peculiaridade que chama atenção nesse jornal é que seu título foi acionado por diferentes impressos de época. Dentre os periódicos que apresentavam esse mesmo título, em Portugal, destacam-se: *A Esperança: Jornal Político, literário e religioso* (Lisboa; 1852- 1854) e *A Esperança: Semanário dedicado à Associação dos Artistas Almadenses* (Almada; 1857). Essa prerrogativa suscita-nos afirmar que *A Esperança* era um título, em certa medida, recorrente no período, em diferentes províncias de Portugal. Afinal, após o fim das publicações do periódico portuense tomado pela presente pesquisa como fonte e objeto de estudo, outros periódicos com esse mesmo nome ainda podiam ser encontrados em Portugal: *A Esperança: edição popular da Nação* (Lisboa, 1878- 1882)⁴¹⁶ e *A Esperança* (1914)⁴¹⁷, administrado por Ernesto Dias e editado por Júlio Viterbo já no século XX

Essa diversidade de títulos em comum nos chama atenção, pois o editorial do referido periódico não teve a pretensão de explicar o porquê do título, passando-nos a ideia que se tratava de algo possivelmente óbvio ou do conhecimento do público alvo desse impresso. Nesse sentido, vale destacar o pensamento de Carlo Ginzburg (2002) que afirma que cada sociedade trabalha com signos e com princípios, comumente involuntários, que podem ser percebidos na convivência diária por seus contemporâneos. Esses signos se ocultam na maioria das vezes, mas podem ser apreendidos por observadores que, ao analisarem a produção artística da época estudada percebem os valores compartilhados nas entrelinhas de suas produções⁴¹⁸.

Ao procurar essas entrelinhas, compreendemos que o termo “esperança” habitou os debates da segunda metade do século XIX português relacionando-se tanto a uma questão política quanto religiosa. Isso é, adentrava o tecido político e cultural do território português da época. Em termos políticos, vale destacar o pensamento de Alexandre Herculano e sua explicação acerca da história de Portugal, publicada em 1842.

Herculano acreditava que as nações agem de modo similar aos indivíduos. Assim, a história de Portugal apresentou fases positivas e outras negativas como a vida dos seres humanos. A Idade Média seria um período de grandeza, o século XVI decadência e somente no XIX, para Herculano, passa a ocorrer uma “proximidade entre a sua época e o período

⁴¹⁶ RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela (Orgs.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 2001.

⁴¹⁷ *A esperança* / adm. Ernesto Dias ; red. e ed. Julio Viterbo Dias. - A. 1, nº 1 (7 mar. 1914) - a. 1, nº 10 (1 jun. 1914). - Funchal: J. V. Dias, 1914. Disponível na base de dados do Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal: <<http://purl.pt/24463>>. Acessado em: Ago. de 2019.

⁴¹⁸ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

medieval”, não como uma “esperança, mas um dado concreto”⁴¹⁹. Enfim, Paulo Motta Oliveira frisa que fazia parte desse contexto e não somente do pensamento de Herculano, o “binômio esperança/desistência” sendo esse “chave para entendermos muito da cultura portuguesa que vai da revolução liberal de 1820 às primeiras décadas do século seguinte”⁴²⁰. E tal questão, de alguma forma, acompanhou as crenças do periódico portuense, como se observa nos fragmentos abaixo:

Lisboa é a capital d’uma nação que descobriu a Índia e que morreu na África. A par d’uma certa grandeza que ilude um não sei o que de frio [...] que gela o coração⁴²¹.

Oh! Glorioso passado o nosso, que nos contenta no presente, e nos vai dourando os horizontes do futuro, com os lumes da esperança!

O nosso passado há de ser tão bom como o nosso passado... quem o não crê? Somos tronco que brotou de excelente árvore, não havemos de degenerar. Quando a monarquia leoneza se tornava rival aos olhos do Islamismo na península, e os descendentes dos Godos começavam a implantar, à sombra da cruz, as relíquias da sua civilização, que as hordas invasoras tinham envolvido e arrastada no seu tempestuoso caudal de destruição, então é que este torrãozinho se apertou da sua madrastra, não para rasgar-se as entranhas em facções internas, mas para erguer, no conceito de todos, aos olhos do mundo⁴²².

Em termos religiosos sabe-se do culto mariano à Nossa Senhora da Esperança, reconhecido desde o século VII pelo Concílio de Toledo. Nesse sentido, esperança, grosso modo, estaria ligada “ao Advento, tempo litúrgico em que a Igreja comemora o período de espera do Salvador prometido”⁴²³. No século XIX esse culto ainda parecia fazer parte da religiosidade portuguesa, pois, encontramos uma igreja que abrigava o mesmo nome da Santa, pintado em forma de litografia aquarelada por Joaquim Cândido Abranches (1830-1912), assim como, nome de rua⁴²⁴ e conventos⁴²⁵ em referência ao culto a Nossa Senhora da Esperança.

⁴¹⁹ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. [et al]. Literatura, história e política em Portugal (1829-1856). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p.111

⁴²⁰ *Ibidem*...p.113

⁴²¹ *A Esperança*... 1865, p. 89...

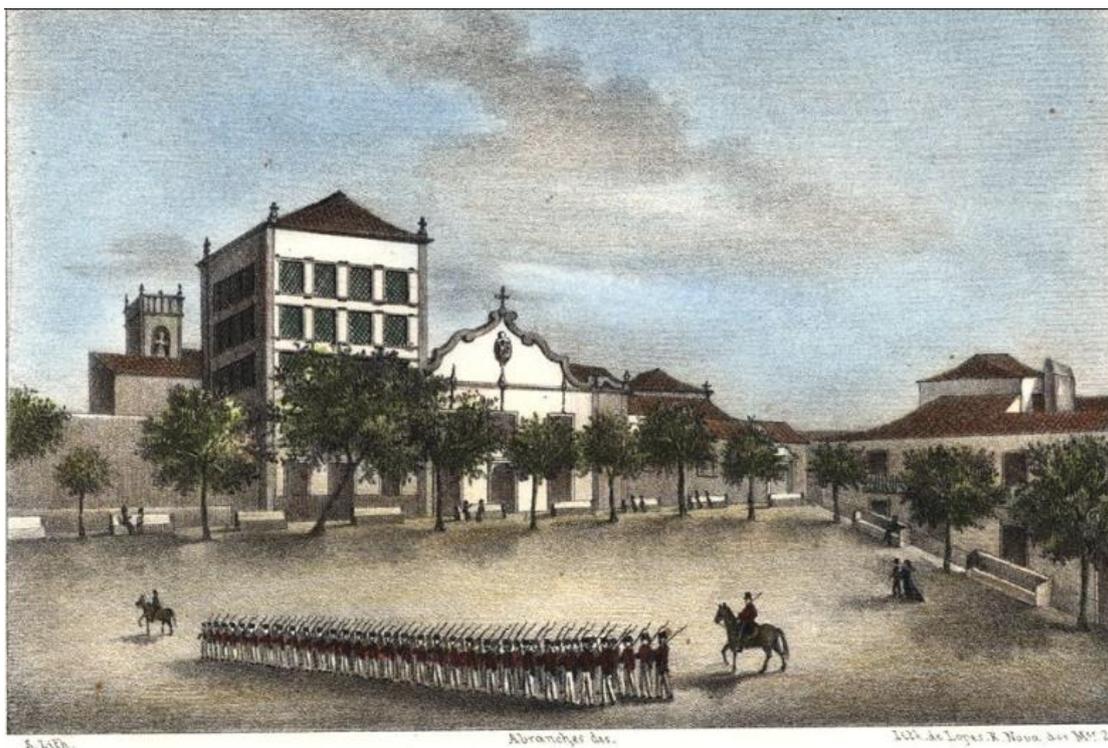
⁴²² *A Esperança*... 1865, p. 167...

⁴²³ Nossa Senhora da Esperança: 15 de agosto. Revista: Nos Passos de Maria s. n. p. 1. Disponível em: <<https://www.nospassosdemaria.com.br/Datas%20Marianas/NS%20da%20Esperan%C3%A7a-15ago.pdf>> Acessado em Ago. de 2019.

⁴²⁴ [Planta de alguns arruamentos de Lisboa]. - [Escala não determinada] [18--]. - 1 planta: manuscrita, p&b ; 12x17cm, em folha de 27x43 cm. A. Aires de Carvalho - Catálogo da colecção de desenhos, 1977, n.o 1100. Contém: Planta incompleta, apenas com alguns arruamentos, na margem inferior direita, delimitados pelas actuais: Rua do Quelhas, Travessa do Pasteleiro, Rua da Esperança, Rua das Trinas e Travessa da Bela Vista. Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/26350>>. Acessado em 13/08/2019.

⁴²⁵ Encontram-se conventos em Lisboa, em Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, e em Beja no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn>>. Acessado em: 13/08/2019.

Figura 10 - Igreja de Nossa Senhora da Esperança, Portugal.



Fonte: [Planta de alguns arruamentos de Lisboa]. - [Escala não determinada] [18--]. - 1 planta: manuscrita, p&b ; 12x17cm, em folha de 27x43 cm. A. Aires de Carvalho - Catálogo da colecção de desenhos, 1977, n.o 1100. Contém: Planta incompleta, apenas com alguns arruamentos, na margem inferior direita, delimitados pelas actuais: Rua do Quelhas, Travessa do Pasteleiro, Rua da Esperança, Rua das Trinas e Travessa da Bela Vista. Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/26350>>. Acessado em: Ago. de 2020.

Joaquim Cândido Abranches produziu, na segunda metade do XIX, juntamente com essa litografia da Igreja de Nossa Senhora da Esperança, diversas outras imagens de locais religiosos em seu *Albúm Michaelense*. Na obra, há locais que faziam alusão ao culto mariano e suas variações, como igrejas de Nossa Senhora da Estrela, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Esperança e outras.

Figura 11 – Matriz de N. S. da Estrella da villa da Ribeira Grande, Portugal.



Fonte: ABRANCHES, Joaquim Cândido, 1830-1912. Matriz de N. S. da Estrella da villa da Ribeira Grande / Abranches [des.] ; Serrano lith.. - [Ponta Delgada : Typ Manoel Corrêa Botelho, 1869] ([Lisboa]: Lith. de Lopes). - 1 gravura : litografia, aguarelada ; 10,8x16,2 cm (imagem sem letra). Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/12504>>. Acessado em: Ago. de 2020.

A partir dessas questões, percebemos que na segunda metade do XIX português verificamos uma religiosidade em suas instituições e produções culturais de modo tão enfático quanto em outras épocas de sua história – ainda que alguns políticos regeneradores buscassem reformas de cunho mais laico (como visto no capítulo 1).

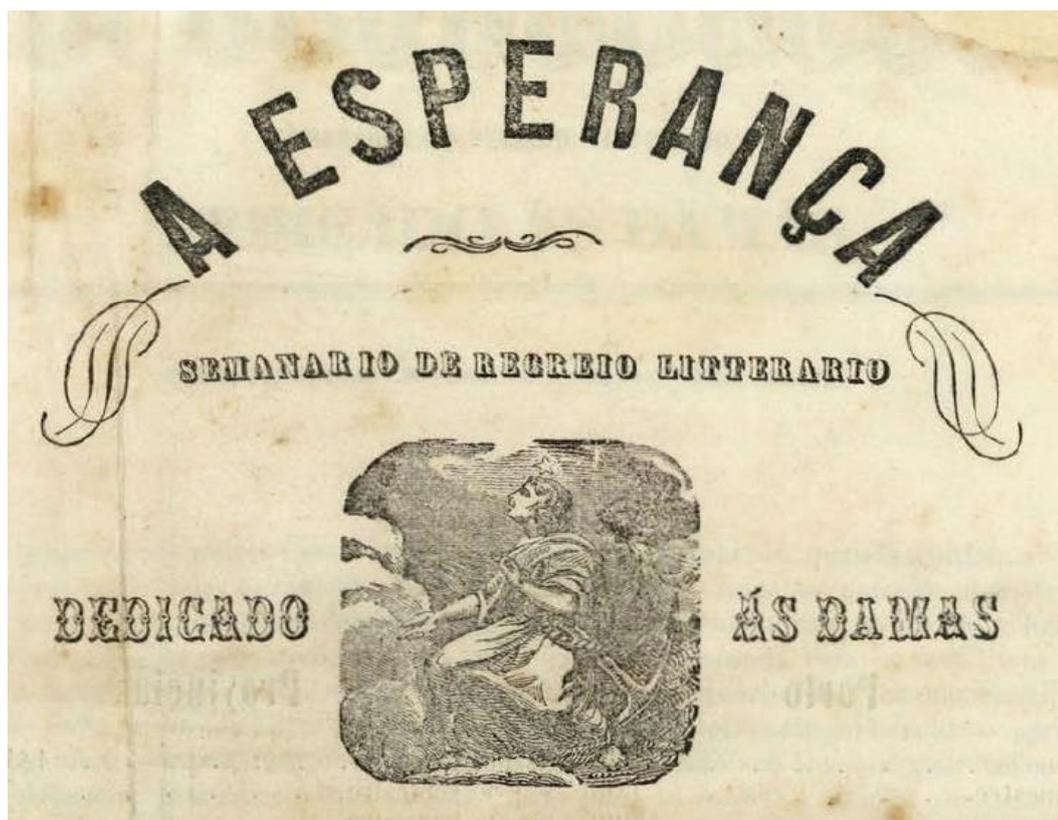
Toda essa religiosidade, principalmente, em torno da ideia de “Esperança” possibilita compreendermos o título do periódico aqui tomado como objeto de estudo, também, por essa chave analítica. Pois, embora o binômio esperança/desistência seja uma visão de mundo recorrente no período, ligando-se a um futuro melhor, relações de cunho religioso também são encontradas no interior do periódico *A Esperança*. Essa religiosidade está presente tanto nos artigos religiosos, presentes no jornal, quanto na imagem de sua primeira capa⁴²⁶.

A imagem a seguir foi a única litografia publicada durante os dois anos de existência desse impresso. Trata-se de uma figura humana próxima a nuvens e uma estrela iluminando-a.

⁴²⁶ Helena Roldão também compreendeu a imagem acima como sendo de cunho religioso. Ver mais em: ROLDÃO, Helena... *Op. Cit...* 2013, p. 4.

Essa composição tipográfica e litográfica pode nos fazer supor que o título “A Esperança”, provavelmente, fazia referência a uma determinada aparição de Maria – a de Nossa Senhora da Esperança – e a estrela litografada, outra aparição – a de Nossa Senhora da Estrela, também conhecida como Nossa Senhora da Guia.

Figura 12 - Ilustração da capa da 1ª edição de *A Esperança*



Fonte: A Esperança... Tomo1, p. 1... 1865...

Se Nossa Senhora da Esperança apresenta como tradição uma espera, a espera do menino Jesus, a história de Nossa Senhora da Guia remete à narrativa de dois padres, sendo que o primeiro teve um livramento em alto-mar e o segundo, embora tenha se perdido do primeiro, teve um sonho que o fazia compreender que estava no local certo para a pregação do evangelho. A tradição católica narra, que esse segundo padre viu, durante um sonho, “uma grande estrela cair do céu, queimando todos os arbustos e árvores” e ouviu uma voz que pedia a construção de uma igreja no local indicado pela estrela⁴²⁷.

⁴²⁷ Site Terra Santa. *História de Nossa Senhora da Estrela*. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-estrela/25/102/#c>. Acessado em 13/08/2019.

Tal questão pode nos fazer supor que uma possível explicação da estrela litografada, seja uma homenagem a N. S. da Estrela. Assim como, a nuvem de fumaça em volta da figura humana e a possível âncora ou ferramenta à esquerda da imagem sejam referências a essa mesma aparição. Enfim, embora a devoção mariana, símbolo do feminino nos meios religiosos, seja plausível para um periódico voltado ao público feminino, é necessário matizar que tais questões não foram explicadas ou desenvolvidas nas palavras dos próprios fundadores do jornal, mas que nos dão indícios das intenções referenciadas no título do periódico.

A Esperança: Semanário Literário Dedicado às Damas é considerado o 35^a periódico feminino editado em Portugal⁴²⁸ e apresentou páginas de aproximadamente 26cm⁴²⁹ cada, contendo textos em duas colunas na qual apresentavam assuntos que não se prendiam a seções específicas. Havia artigos de moda, crítica social, teatral e religiosa, crônicas, textos em prosa e em verso, romances folhetins, traduções, além de descrição de eventos contemporâneos e curiosidades de história e ciência. O periódico também apresentava textos transcritos de outros jornais da época, anedotas e alguns anúncios de obras literárias.

Embora seja difícil compreender quando começa e termina uma edição, visto que a única cópia digitalizada desse periódico encontra-se sem a capa das edições, ao averiguar os anúncios ou comunicados ao fim de algumas páginas, comumente localizado nas últimas linhas e uma edição – como assim acontecia nos demais impressos de época – pode-se observar que esses anúncios se repetiam em uma progressão de 8 em 8 páginas. Assim, estima-se que *A Esperança*, tal como *O Jornal das Senhoras*, era impresso contendo 8 páginas.

Inicialmente, *A Esperança* apresentou publicação semanal pela *Typ. de Rodrigo José d'Oliveira Guimarães* localizada no Largo de São Domingos, n^o 30, e dois editores: António Pereira da Silva e Ricardo Dias Cesar Rey. Este último ficou na redação menos de um ano, com a justificativa de se mudar da cidade do Porto em função de negócios, como aponta 8^a edição do periódico⁴³⁰.

⁴²⁸ LEAL; Maria Ivone. Um século de Periódicos Femininos – Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1826. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1992. p. 15.

⁴²⁹ Informação fornecida no catálogo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=S56553L582O13.93888&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!489525~!0&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=R.+D+C%C3%A9sar+Rei&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>>. Acessada em: Ago. de 2019.

⁴³⁰ *A Esperança...* tomo 1, 1865, p. 64.

Ricardo Dias Cesar Rey declara que, de bom acordo com o colega, deixou de tomar parte na empresa da ESPERANÇA, em consequência de se ter metido em negócios, que talvez o obrigue a retirar-se d'esta cidade. Porto 2 de março de 1865⁴³¹.

Não foi possível encontrar maiores informações acerca de Ricardo Dias Cesar Rey. Já Antônio Pereira da Silva é citado no *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva, como “Natural de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, nascido no ano de 1839”. Ele cursou estudos no Lyceu Nacional, se dedicou ao ensino particular e não podendo prosseguir ao ensino superior, entrou no ramo comercial, primeiramente, como guarda livros. Antônio Pereira ainda escreveu artigos em periódicos de época antes de ser dono de *A Esperança*⁴³². Em 1869, o nome de Antônio Pereira da Silva é citado como diretor do Lyceu Municipal de Setubal num relatório lido à Câmara Municipal da mesma localidade, nos levando a entender que após o término de *A Esperança*, em 1866, Pereira da Silva volta ao ramo da educação⁴³³.

Após a saída de Cesar Rey, Antônio Pereira da Silva passou a ser o único proprietário de *A Esperança* e o endereço tipográfico foi transferido para a tipografia *José Pereira da Silva e Filho*, localizada na Praça de Santa Teresa. Prerrogativa que, por meio do sobrenome do estabelecimento, nos faz supor que existiam relações familiares entre a nova tipografia e o redator Antônio Pereira da Silva⁴³⁴ e essas relações mostravam-se sólidas. Afinal, foi essa tipografia e esse redator que mais tempo publicaram e produziram *A Esperança*.

Antônio Pereira da Silva acumulou diferentes funções durante, pelo menos, 18 meses que esteve à frente do jornal. Nesse período, seu nome apareceu denominado como editor, redator e proprietário. Como se observa nas citações abaixo:

Aos Snrs. Assinantes

A redação d'este jornal pede aos seus digníssimos assinantes da província o obséquio de mandarem satisfazer o importe das suas assinaturas ao proprietário do jornal Antonio Pereira da Silva⁴³⁵.

⁴³¹ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 64.

⁴³² SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português VIII*. p.275. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=0new2ZifCQIC&pg=PA275&dq=inauthor:Silva,+Ant%C3%B3nio+Pereira+da+ca+18+-+&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjN9NPO77roAhUiGbkGHa04D64Q6AEIMjAB#v=onepage&q=inauthor%3ASilva%2C%20Ant%C3%B3nio%20Pereira%20da%20ca%2018%20-%20-&f=false>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴³³ SILVA, António Pereira da. RELATORIO LIDO À CAMARA MUNICIPAL DE SETUBAL NA SESSÃO SOLEMNE DA DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS AOS ALUMNOS DO LYCEU MUNICIPAL... / PELO DIRECTOR O MESMO LYCEU ANTONIO PEREIRA DA SILVA. Hemeroteca da Biblioteca Nacional de Portugal. 1869. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P5K5318694203.71446&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!699985~!270&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Antonio+Pereira+da+Silva+&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴³⁴ *Ibidem*... p. 65

⁴³⁵ *A Esperança*... Tomo 1... 1865, p.120.

ILLmo. Snr. Redator da ESPERANÇA – A vontade que tenho de ver prosperar o jornal que v. tão dignamente redige, me faz dirigir-lhe esta poesia [...] ⁴³⁶.

Tendo sido durante o espaço de 18 meses, editor do semanário literário – A Esperança – que hoje está gerindo debaixo das firmas dos snrs. Amaral e Gomes Coelho, faltaria ao mais sagrado dos meus deveres, se deixasse de agradecer a todos os Ilm.º snrs. colaboradores [...].

De [...] Amigo e respeitador
Antonio Pereira da Silva⁴³⁷

Isso significa que António Pereira da Silva concentrou grande parte da confecção de seu periódico nas próprias mãos. Diferentemente do *Jornal das Senhoras*, no qual as mulheres que estavam à frente da redação se legitimavam como “Redatora em Chefe”, aquelas que escreviam os “artigos de maior responsabilidade” e que “dirigia e orientava o trabalho do corpo editorial”⁴³⁸, António Pereira da Silva aparecia na folha de outra forma, com definições mais específicas: editor, redator e proprietário.

De acordo com *O Dicionário do Livro*, embora o aparecimento do “editor puro”, independente da figura do impressor e do livreiro, se firme apenas no século XX, no século XIX, nas décadas de 1830 ou 1840, o termo começa a ser empregado, demonstrando a complexidade da divisão do trabalho. No oitocentos, o editor não se desvinculava da tipografia e do livreiro, era um trabalho conjunto em que o entrosamento entre as partes fazia toda diferente para o andamento dos negócios. Assim, como editor, António Pereira da Silva era quem assumia “a responsabilidade pela produção, divulgação e difusão” do jornal. Planejava, procurava e escolhia os originais, determina o tamanho e as formas de edição. Ele tanto podia preparar os itens para o tipógrafo quanto apenas supervisionar essa atividade⁴³⁹. Como redator, ele era “membro fixo da redação” de *A Esperança*, no qual “centraliza e supervisiona os artigos dos jornalistas”⁴⁴⁰. Como proprietário, Pereira da Silva tinha a posse, o registro de pertencimento da empresa e, portanto, capacidade para decidir sobre seu destino. Eram tarefas de grande responsabilidade, que demandava tempo, responsabilidade e dedicação.

Foi somente no segundo ano de publicação de *A Esperança* que Francisco Pereira da Silva passou o cargo para A. P. do Amaral e G. G. Coelho, possivelmente, devido a alguma enfermidade que lhe roubou as “forças”, como é possível perceber no aviso publicado ao fim do 24º número de publicação:

⁴³⁶ *A Esperança*... 1865, p. 215.

⁴³⁷ *A Esperança*... Tomo 2... 1866, p.224.

⁴³⁸ FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 208.

⁴³⁹ *Ibidem*... p.271

⁴⁴⁰ *Ibidem*... p. 208

O editor que foi d'este jornal Antonio Pereira da Silva, declara aos seus ilustres subscritores que o coadjuvaram na sua empresa até ao número 24, que desculpem não terem recebido os números seguintes, porque justos motivos o levaram a não poder continuar com a sua publicação, e como ainda não se acha com forças bastantes para o dirigir, de algum comum acordo com os snrs. A. P. do Amaral e G. G. Coelho, lhe passo a empresa para eles poderem publicar como editores; enquanto satisfazem as condições do contrato contraído entre mim e eles⁴⁴¹.

Com Antônio Peixoto do Amaral e G. Gomes Coelho à frente do periódico, a redação e administração de *A Esperança* mais uma vez mudaram de lugar. Insere-se mais um endereço de assinatura⁴⁴², embora a localização tipográfica continuasse a mesma: Na *Tipografia José Pereira da Silva e Filho*. A redação e o novo local de assinatura passaram a ser na Rua da Fonte, na região de Masarellos, mais próximo ao Rio Douro, local de saída e chegada de pessoas, mercadorias e ideias.

Antônio Peixoto do Amaral e G. Gomes Coelho ficaram à frente da publicação durante 6 meses. Nesse tempo, não buscaram fazer transformações bruscas no jornal. O programa continuou sendo o mesmo com exceção da introdução do subtítulo “Mosaico” que tratava de uma gama de assuntos: anedotas, curiosidades, cartas e os textos de moda, diferenciando-se de antes, já que a moda era tratada como uma seção própria por Antônio Pereira da Silva, assim como os demais textos.

Ao fim desses 6 meses, Antônio Peixoto do Amaral é destacado como pessoa central de um possível terceiro ano de publicação de *A Esperança*⁴⁴³. Esse terceiro ano não foi localizado nas bases de dado do *Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal*, mas nos permite verificar uma promessa de continuação das publicações semelhante àquela do *Jornal das Senhoras*.

Em termos de localização da produção e assinatura do impresso, vale destacar que desde o começo do empreendimento os editores de *A Esperança* dispuseram os locais de assinatura de seu periódico em locais estratégicos. Primeiramente na Livraria Francesa e Nacional, na rua do Laranjal nº 2 a 16, e no Largo de S. Domingos nº 30, 1ª andar⁴⁴⁴. Dois pontos opostos da cidade do Porto. O primeiro mais ao norte de um dos marcos mais antigos e religiosos da cidade: a Sé, e outro mais ao Sul desse local.

⁴⁴¹ *A Esperança...* Tomo 2... 1866, p. 193.

⁴⁴² *A Esperança...* Tomo 2... 1866, p. 232.

⁴⁴³ *A Esperança...* tomo 2... 1866, p.260

⁴⁴⁴ *Ibidem...* p. 2

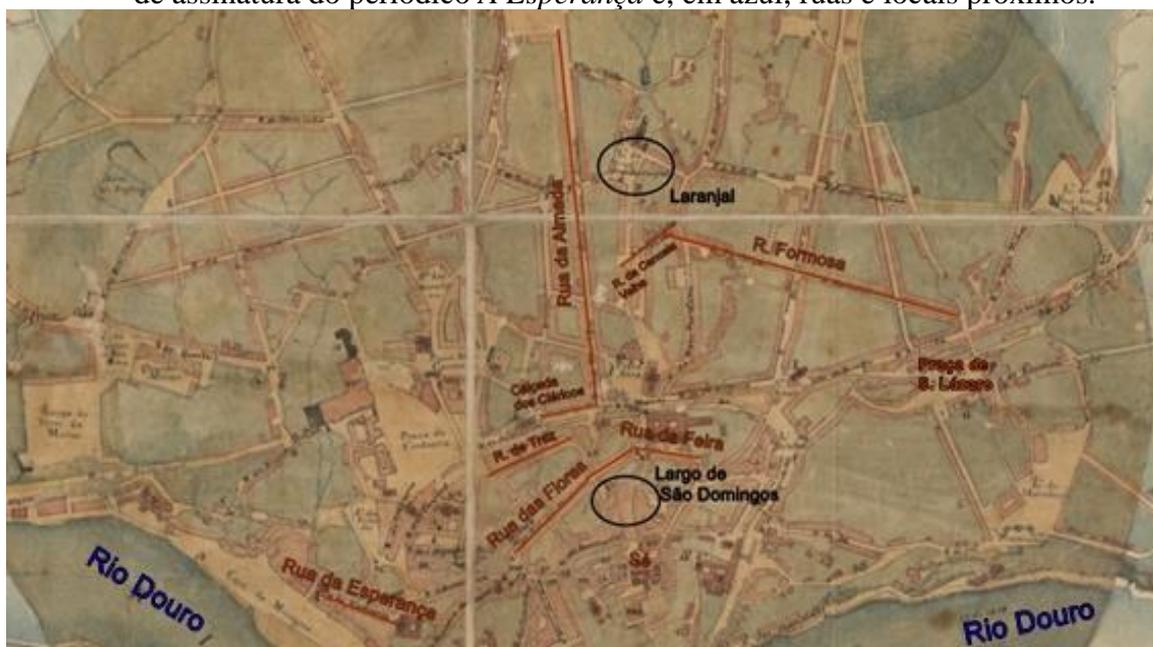
A Sé era uma referência da cidade do Porto e uma localidade que apresentava, em suas proximidades, um comércio que se voltava às modas, objetos de luxo e outros, como se observa no anúncio abaixo:

Modista de Chapéus

ABELINA Augusta de Araujo e Castro, na rua da Senhora de Agosto, n18, junto à igreja da Sé, faz e põe à moda toda a qualidade de chapéus de senhora e crianças, na última moda e por preços muito comosos⁴⁴⁵.

Inserir os locais de assinatura nessas proximidades era uma estratégia que visava conquistar um maior número de assinaturas e se assemelha à tática adotada pelo *Jornal das Senhoras*, ao buscar se fixar nas principais ruas do centro do Rio de Janeiro, local de circulação de pessoas letradas, de tipografias, de leitores interessados no comércio e nas novidades que chegavam a partir dos objetos e pessoas que desembarcavam da região portuária.

Figura 13 - Plano topográfico da cidade do Porto com destaque, em vermelho, para os locais de assinatura do periódico *A Esperança* e, em azul, ruas e locais próximos.



Fonte: Mapa datado do século XIX, recortado e anexado localizações e círculos em destaque nas cores azul e vermelho e preto, com programa gráfica. Mapa original nomeado como: PLANO TOPOGRAPHICO DA CIDADE DO PORTO IMPRESSO EM LONDRES EM 1813, E CONTINUADO AOS SEUS SUBURBIOS EM 1832, NO QUAL SE MOSTRA PELA ORLA ROXA A LINHA DE FORTIFICAÇÃO, E SUAS BATERIAS RECENTEMENTE CONSTRUIDAS EM CIRCUITO DA DITA CIDADE [MATERIAL CARTOGRÁFICO]. Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!636061~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁴⁵ *Jornal do Porto*, n. 80, 1865, p. 4. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-08/j-822-g_1865-04-08_item2/j-822-g_1865-04-08_PDF/j-822-g_1865-04-08_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-08_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

Como se observa no mapa acima, a Rua do Laranjal localiza-se na região situada mais ao Sul da Sé. Além de apresentar a Livraria Francesa e Nacional, nos arredores desse lugar existiu a Praça de Santa Tereza, segundo e último endereço tipográfico de *A Esperança*, e local que se podia assinar tal periódico a partir de sua 12ª edição, quando o periódico também passa a ser impresso nessa localidade, como aponta as citações abaixo:

Aos Snrs. Assinantes

A redação d'este jornal pede aos seus digníssimos assinantes da província o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assinaturas ao proprietário do Jornal Antônio Pereira da Silva, Praça de Santa Tereza, nº 63 – Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondência⁴⁴⁶.

Assina-se na Praça de Santa Teresa n. 63, na Livraria Frances a e Nacional, rua do Laranjal n. 2 a 16 – e no Largo de S. Domingos nº 30⁴⁴⁷.

Esse dado permite perceber que era comum, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Porto, o costume de fixar os locais de assinatura próximos aos locais tipográficos, possivelmente, por facilitar a circulação dos impressos e, portanto, a maior comodidade para as suas vendas.

O outro lugar de assinaturas era o Largo de S. Domingos, também antigo endereço tipográfico de *A Esperança*. O largo conectava algumas das principais ruas de venda e compra de serviços e objetos da cidade do Porto: Rua da Feira e a Rua das Flores, como aponta o mapa acima. Essas ruas eram famosas por seus mercadores e transições comerciais. Além disso, o Largo de S. Domingos apresentou um chafariz, demolido em 1845 e em seu lugar foi construído uma fonte em meados do século XIX, demonstrando ser um espaço de encontro, passagem e tradição. No largo de S. Domingos também havia o Convento de S. Domingos, construído entre 1239 e 1245, que ganhou reformas e novas funções no século XIX, depois de sucessivos incêndios. Mas seja como for, a religiosidade ainda imperava, nessa localidade, no momento em que o periódico *A Esperança* era impresso, pois próximo ao Largo havia, no começo da Rua das Flores, a igreja da Misericórdia, e a própria Sé do Porto (local religioso e monumental datado do século XII), dentre outros locais de religiosidade, nos fazendo perceber o quanto o periódico estava intrinsecamente relacionada a uma área geográfica de efervescência religiosa e econômica da cidade do Porto⁴⁴⁸. Além disso, eram locais que se situavam na parte mais oriental da cidade, área caracterizada por sua grande concentração tipográfica⁴⁴⁹.

⁴⁴⁶ *A Esperança*... Tomo 1... 1865, p. 96.

⁴⁴⁷ *A Esperança*... tomo 1... 1865, p. 104.

⁴⁴⁸ Ver mais em: <<http://portofofotos.blogspot.com/2010/06/20-largo-de-s-domingos-na-cidade-do.html>>. Acessado em: Dez. de 2020

⁴⁴⁹ PEREIRA, Maria da Conceição Meireles. *Jornais, editores e Tipografias do Porto (1866-1898)*, Porto: *Universidade do Porto. Faculdade de Letras*, 1988, p. 102-103. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8870>>. Acessado em: Dez. 2020.

A Rua da Fonte, na região de Masarellós, último endereço de assinatura de *A Esperança*, localizava-se mais próximo do Rio Douro, também na parte mais oriental da cidade do Porto. Masarellós ficava próximo da Praça da Ribeira, do Palácio de Cristal e do Jardim Botânico.

Figura 14 - Plano topográfico da cidade do Porto com destaque, em preto, para os locais de assinatura do periódico *A Esperança* e, vermelho, ruas e locais próximos.



Fonte: Mapa datado do século XIX, recortado e anexado. Localizações e círculos em destaque nas vermelho e preto, com programa gráfica. Mapa original nomeado como: PLANO TOPOGRAPHICO DA CIDADE DO PORTO IMPRESSO EM LONDRES EM 1813, E CONTINUADO AOS SEUS SUBURBIOS EM 1832, NO QUAL SE MOSTRA PELA ORLA ROXA A LINHA DE FORTIFICAÇÃO, E SUAS BATERIAS RECENTEMENTE CONSTRUIDAS EM CIRCUITO DA DITA CIDADE [MATERIAL CARTOGRÁFICO]. Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!636061~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>. Acessado em: Jun. de 2020.

Assim, com assinaturas fixadas na Rua do Laranjal, na Rua de Santa Thereza, no Largo de S. Domingos, e, por último, na Rua da Fonte, em Masarellós, quem quisesse assinar *A Esperança* assim conseguiria por 300 réis, para assinaturas no Porto, e 360 réis para as províncias dentro de um trimestre. Seus editores também visavam o outro lado do Atlântico, disponibilizando assinaturas para o Brasil por 2.200 réis ao ano⁴⁵⁰. Tal preço mostrava-se acessível e os entusiastas dos periódicos tinham ciência dessa vantagem. Afinal, nas páginas de *A Esperança* é possível perceber, desde as primeiras páginas, frases que denotavam que o periódico nutria “a ideia generosa de difundir conhecimentos, aflorando horas d’ócio numa leitura barata”. Além disso, o periódico se caracterizava, na visão dos redatores, como um “jornal literário e científico, bem redigido e d’um modestíssimo preço”⁴⁵¹. Isso é, em diferentes

⁴⁵⁰ *A Esperança*... 1865... p. 1-2

⁴⁵¹ *A Esperança*... 1855... p. 3.

momentos os entusiastas do periódico não deixaram de demonstrar a vantagem de comprar *A Esperança* devido ao seu bom preço.

Ao comparar esse custo com outros periódicos portugueses próximos percebemos que o preço mostrava-se acessível. O periódico diário *O Jornal do Porto*, em abril de 1865, mantinha sua assinatura na Rua Ferreira Borges n. 31 no valor de 1500 réis e 1900 réis por correio, a cada três meses⁴⁵². Já o semanário *O Mundo Elegante*, em fins de 1850, vendia suas assinaturas na Rua de Santa Tereza, n. 26 por 1800 réis para o Porto e para as províncias 1920 réis ao ano. O número avulso era 200 réis⁴⁵³. Tal comparação auxilia-nos a compreender como esse impresso se localizava na economia de seu período como um jornal barato, seu preço não destoava de outros semanários, era acessível e visava aumentar seu raio de circulação para além de suas fronteiras nacionais, embora com algumas dificuldades de impressão, como é possível perceber no 4ª número do primeiro ano de *A Esperança*:

Pedimos desculpas aos nossos assinantes pela retardação deste número, a qual foi devida à falta de papel igual aquela em que foram impressos os primeiros números – pois que este se acha a bordo do vapor Lusitania, que não tem podido descarregar em consequência da grande corrente que leva o Douro – motivo que lançamos mão deste, que apenas difere do formato.

Igualmente pedimos o favor de nos mandar avisar quando deixe-lhes de ser entregue algum número⁴⁵⁴.

A partir dessa informação percebemos que *A Esperança*, tal como *O Jornal das Senhoras* apresentou desafios que, muitas vezes, fugiam do controle de qualquer dono ou dona de periódico: como falta de papel, tinta, figurino, estampas ou aumento do custo de algum desses itens ou outros que fossem importantes para a confecção desses jornais femininos. Se no Rio de Janeiro as redatoras de *O Jornal das Senhoras* se desculpavam com o atraso da impressão de algum número devido aos eventuais problemas no desembarque de algum figurino de moda ou estampas litografadas que vinham diretamente de Paris, na cidade do Porto não foi diferente.

Como se observa nos mapas acima, o rio Douro era uma das principais vias de acesso à mercadoria da cidade do Porto. Era de lá que vinha o papel no qual tradicionalmente *A Esperança* era impresso e, portanto, era de lá que vinham as notícias que levavam António Pereira da Silva a atrasar e até fazer substituição do papel que era impresso seu periódico.

⁴⁵² *O Jornal do Porto*. Tomo 7, nº 74, 1865, p. 1. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-01/j-822-g_1865-04-01_item2/j-822-g_1865-04-01_PDF/j-822-g_1865-04-01_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-01_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁵³ *O Mundo Elegante*. Tomo 1, nº 1, 1858, p.1. *O Real em Revista*. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RealGabObrasRaras&pagfis=24303>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁵⁴ *A Esperança*... 1865, p. 32.

Não eram apenas *A Esperança* e seus entusiastas que acompanhavam e faziam parte das rotas da circulação e trajeto das matérias primas necessárias para o trânsito e confecção de impressos, mas a própria tipografia na qual *A Esperança* se abrigava empenhava-se em ter diálogos com outros locais para além do Porto e das fronteiras nacionais, como se observa no anúncio abaixo. Tal dado evidencia que a tipografia também podia sofrer com possíveis falta de matéria prima ou atrasos, como se observa na 21ª edição:

No escritório desta tipografia, recebem-se encomendas de livros tanto de Lisboa como da província, encarregam-se d'assinaturas para as edições que estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Paris e prontificam-se a mandar fazer bonitas encadernações⁴⁵⁵.

Vale lembrar que *A Esperança* também apresentou dificuldades não apenas por eventuais faltas de papel, mas também, em termos de renovação da assinatura ao longo de boa parte de suas publicações. Ao fim de algumas edições, avisos denunciavam o interesse, por parte do corpo editorial do jornal, em chamar atenção dos leitores tanto para as assinaturas atrasadas, que não foram renovadas, quanto para as edições que, por algum motivo, deixaram de ser compradas, como se observa abaixo:

AOS SNRS. ASSINANTES

Na redação deste jornal compram-se as coleções dos jornais da *Esperança*, que tem saído até o presente mês, ou então os números 3, 5, 8, 12, 25, 26, 29 e 30, separadamente, pelo preço da assinatura⁴⁵⁶

EXPEDIENTE

A redação deste jornal, extremamente penhorada pela proteção que os seus assinantes prestaram a sua empresa, tem também a atenção de os prevenir de que, visto ter acabado o semestre com o número 24, todos os snrs. que aceitarem o número seguinte serão tidos na conta d'assinantes. Aproveita esta ocasião para rogar o obséquio a alguns snrs. assinantes do Porto e da província de mandarem satisfazer o importe das suas assinaturas ao proprietário d'este jornal Antônio Pereira da Silva, Praça de Santa Tereza, n. 63⁴⁵⁷.

EXPEDIENTE

Pedimos aos snrs. assinantes das províncias que não têm pago por inteiro as suas assinaturas de ano, as mande satisfazer por toda a presente semana, para não sofrerem interrupções nas suas remessas⁴⁵⁸.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos ilustres assinantes da província, o favor de enviar a esta redação o importe das suas assinaturas equivalentes ao presente trimestre, em conformidade ao programa, em que diz ser feita a remessa adiantada ao editor Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Teresa n. 63 – Porto⁴⁵⁹.

COLEÇÕES Á VENDA

⁴⁵⁵ *A Esperança*... 1865, p. 168.

⁴⁵⁶ *A Esperança*... 1865, p.284.

⁴⁵⁷ *A Esperança*... 1865, p. 200.

⁴⁵⁸ *A Esperança*... 1865, p.312.

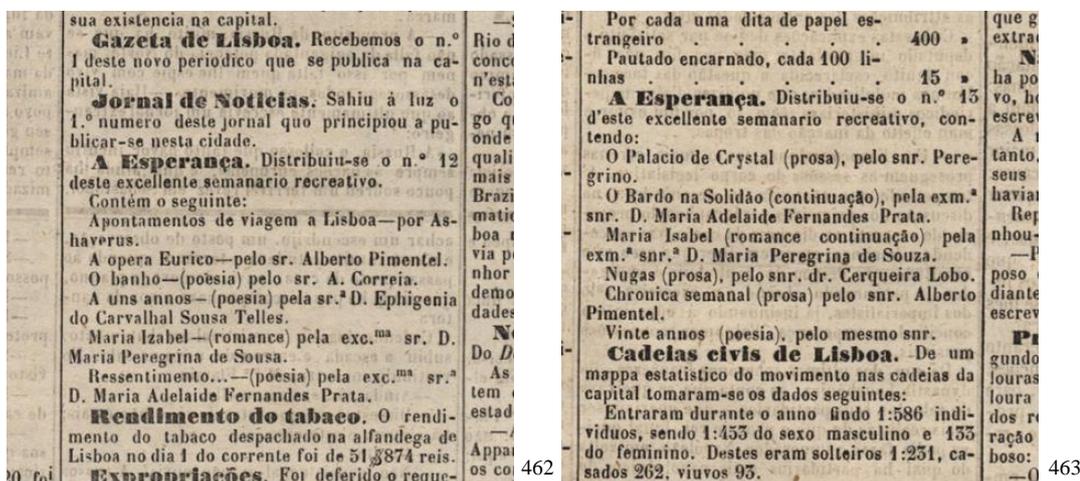
⁴⁵⁹ *A Esperança*... Tomo 2... 1866, p. 72.

Nesta redação acham-se desde já à venda sete coleções do primeiro ano d'este jornal, bem encadernadas, que se vendem pelo preço de 1\$500 réis cada uma. Também se enviam para a província a quem mandar em vales do correio o importe de 1\$600 reis adiantados, ao editor Antônio Pereira da Silva, Praça de Santa Tereza n. 63 – Porto⁴⁶⁰.

Utilizando-se subtítulos como “Aos Snrs, Assinantes”, “Expediente”, “Publicações Literárias” ou “Coleções à Venda” os anúncios, principalmente os que se concentravam a partir do 26ª número, do primeiro ano, buscavam chamar atenção do público leitor, uma vez que já se havia passado metade do período de 1 ano de assinatura e mostrava-se necessário renovar e galgar mais assinantes para que a empresa não fracassasse⁴⁶¹.

Esses anúncios também podiam ser publicados nas páginas do *O Jornal do Porto*, um dos principais diários da região, como se observa abaixo:

Figura 15 – Fragmentos do *Jornal do Porto*



Fonte: *O Jornal do Porto*, 1865.

É interessante salientar que tal método se assemelha ao adotado pelo *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro. Este também apresentou o intuito de promover as assinaturas do jornal por meio de anúncios que se inseriam tanto nos grandes impressos da época, quanto dentro do próprio periódico.

De qualquer forma, os anúncios de *A Esperança* buscavam demonstrar os locais de assinatura, os títulos que ficaram encalhados e os preços de aquisição do impresso. Estratégias

⁴⁶⁰ *A Esperança*... Tomo 2... 1866, p.112.

⁴⁶¹ *A Esperança*... 1865, p. 205.

⁴⁶² *O Jornal do Porto*, Tomo 7, n. 76, p. 2, 1865. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=160919N14MR89.95822&profile=bn&uri=full=3100024~!540156~!0&ri=1&aspect=s&ubtab11&menu=search&source=~!bnp&ipp=20&staffonly=&term=O+Jornal+do+Porto+&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁶³ *O Jornal do Porto* Tomo 7, n. 82, p. 2, 1865. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-11/j-822-g_1865-04-11_item2/j-822-g_1865-04-11_PDF/j-822-g_1865-04-11_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-11_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

que, sem dúvida, auxiliava a manter as vendas e renovações de assinantes ou diminuir os atrasos de renovação.

Tomando os anúncios de dentro das páginas de *A Esperança* para análise, pode-se dizer que esses acompanharam o periódico durante seus dois anos de publicação⁴⁶⁴ e denotavam uma estreita parceria entre o dono da empresa *A Esperança* e a *Tipografia José Pereira da Silva & Filho*. Afinal, em *A Esperança* havia anúncios que almejavam angariar leitores não somente para a assinatura do impresso, mas também, para os demais impressos de sua tipografia.

Durante os dois anos do impresso, os entusiastas do jornal encaixaram ora anúncios acerca de pedidos de renovação de assinaturas ora uma propaganda da *Tipografia José Pereira da Silva e Filho* e das obras impressas nela, como se observa na tabela abaixo:

Tabela 8 - Anúncios e informes de *A Esperança* (1865-1866)

Ano	Página	Presença de Anúncio/ informe do próprio jornal <i>A Esperança</i>	Título e assunto do Informe/ anúncio de <i>A Esperança</i>	Presença de Outros anúncios	Título e assunto dos outros anúncios e informes
1865	p.32	X	Expediente. Falta de papel; justificativa do atraso da edição.		
1865	p.40	X	Expediente. Motivo pelo qual não se pode dar publicidade a todos os escritos recebidos.		
1865	p.64	X	Expediente. Saída de Ricador Dias César rey do cargo de proprietário do jornal.		
1865	p.88	X	Expediente. Sobre a promessa de publicação de um figurino de moda de três em três meses.		
1865	p.96	X	Aos Snrs. Assinantes . Pedido de Assinatura e importes.	X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p.104	X	Aos Snrs. Assinantes. Pedido de assinaturas e importes.		
1865	p.110	X	Erratas.		

⁴⁶⁴ A partir do 9º número do segundo ano do periódico, também é possível observar anúncios de buscas de renovação de assinaturas. Ver mais em: *A Esperança...* 1866, p. 72.

			Possíveis correções		
1865	p.112	X	Snrs. Assinantes. Pedido de Assinaturas e importes		
1865	p.120	X	Aos Snrs. Assinantes. Pedido de assinatura e importes		
1865	p.144.	X	Aos Snrs. Assinantes. Pedido de assinatura e importes		
1865	p.160			X	Publicações Literárias. Anúncio do romance “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Souza; Obras de Arnaldo da Gama; “O Filho de Deus” de Maria Adelaide Fernandes Prata – todos impressos pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p.176			X	Publicações Literárias. Anúncio de “Maria Isabel”, romance de Maria Peregrina de Souza; Obras de Arnaldo da Gama; “Obra O Filho de Deus” de Maria Adelaide Fernandes Prata – Todos impressos pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p. 184			X	Publicações literárias. “O Filho de Deus”, de Maria Fernandes Prata. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p. 192	X	Expediente. Pedido de assinaturas e importes.	X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº..
1865	p. 200	X	Expediente.	X	Excelentes obras.

			Pedido de assinaturas e importes.		Anúncio de “O Filho de Deus”, de Maria Adelaide Fernandes Prata. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p. 208			X	Excelentes obras Anúncio de “O Filho de Deus”, de Maria Adelaide Fernandes Prata. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p. 224			X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	P. 240	X	Errata		Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p. 248.	X	Aos Snrs. Assinantes. Anúncio para compras de números antigos do jornal <i>A Esperança</i>	X	Publicações Literárias Anúncio do volume de versos “Estrofes” de Alberto Pimentel. impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e Fº Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº. Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas e Bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e Fº.
1865	p.256			X	Publicações Literárias. Anúncio de “O Filho de Deus”, de Maria Adelaide Fernandes Prata e anúncios do volume de versos “Estrofes” de Alberto Pimentel Nova Tipografia José Pereira da Silva e Fº.

					Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas, bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1865	p. 264	X	Aos Snrs. Assinantes. Pedido de compra do número 29 do periódico	X	Publicações Literárias. Anúncio do volume de versos “Estrofes” de Alberto Pimentel. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1865	p.280			X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e F ^o . Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas, bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1865	p.296	X	Expediente. Pedido de assinaturas e importes. Além disso, pede-se para que comunique a redação os assinantes que não queiram mais receber o jornal.		
1865	p. 312.	X	Expediente. Pedido de renovação das assinaturas anuais.	X	Publicações Literárias. “Estrofes”, de Alberto Pimentel e “O Filho de Deus”, de D. Maria Adelaide Fernandes Prata.
1865	p. 320.			X	Publicações Literárias. “Estrofes”, de Alberto Pimentel e “O Filho de Deus”, de D. Maria Adelaide Fernandes Prata.
1865	p. 336			X	Publicações Literárias. “O Filho de Deus”, de D. Maria Adelaide Fernandes Prata.
1865	p.352			X	Publicações Literárias. Anúncio da obra “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa.
1865	p. 368	X	Expediente. Sobre a renovação das assinaturas e o sobre o preço e o conteúdo literário do próximo ano	X	Publicações Literárias. Anúncio da obra “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa.
1865	p. 376			X	Publicações Literárias. Anúncio da obra “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa.
1865	p. 381	X	Editor pede desculpa por alguma falha e pede novas assinaturas.		
1866	p.24			X	Estrofes . Anúncio do volume de poesias de “Alberto Pimentel”.
1866	p. 32			X	Estrofes. Anúncio do volume de poesias de Alberto Pimentel
1866	p. 40.			X	Estrofes.

					Anúncio do volume de poesias de Alberto Pimentel e “O Filho de Deus” romance de Fernandes Prata
1866	p.48			X	Estrofes. Anúncio do volume de poesias de Alberto Pimentel
1866	p. 56.			X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e F ^o . Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas, bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p. 64			X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e F ^o . Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas, bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p. 72	X	Expediente. Pedidos de importes e assinaturas		
1866	p. 80	X	Pedidos de importes e assinaturas		
1866	p. 88	X	Expediente. Agradecimento pelas assinaturas e pedido de renovação para aqueles que estão em débito.		
1866	p. 96	X	Expediente. Agradecimento pelas assinaturas e pedido de renovação para aqueles que estão em débito.	X	Anúncio do livro “Literatura D’Homem” ou “Breves Reflexões sobre a questão Literária”, de Antônio Peixoto do Amaral. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o
1866	p. 112.			X	Coleções à venda. Anúncio de venda do primeiro ano de <i>A Esperança</i> Anúncio de “Primícias”, caderno de poesias de Augusto Queiroz . Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o
1866	p. 128	X	Expediente. Pedido de renovação de assinaturas		
1866	p. 136	X	Expediente. Pedido de renovação de assinaturas		
1866	p. 152			X	Anúncio do romance “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa e “Primícias”, de Augusto Queiroz. Todos impressos pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o

1866	p. 176			X	Nova Tipografia José Pereira da Silva e F ^o . Anúncio genérico acerca da publicação de Romances, Jornais Literários, programas, bilhetes e outros na Tipografia José Pereira da Silva e F ^o . Anúncio do romance “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o
1866	p. 192			X	Anúncio do romance “Maria Isabel”, de Maria Peregrina de Sousa;” A ciência do bom homem Ricardo, ou meios de fazer fortuna”, do escritor B. Franklin; “Primicias”, de Augusto Queiroz; “ O que faz a ambição”, de M. M. Rodrigues. Todos impressos pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o
1866	p.193	X	Aos nossos leitores. Saída de Antônio Pereira da Silva da edição do jornal.		
1866	p.199-200	X	Expediente. Pedido de importes e assinaturas		Mosaico. Anúncio do Romance “A casa negra”, de Ephigenia do Carvalho Sousa Telles. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o
1866	p. 208	X	Expediente. Mudança da redação e administração do impresso para Massarelos – rua da Fonte n. 9- Porto.		
1866	p.224			X	Anúncio de “Páginas Íntimas”, volume em prosa e verso, de Antônio Peixoto do Amaral. Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p.232			X	Anúncio de “Páginas Íntimas”, volume em prosa e verso, de Antônio Peixoto do Amaral. . Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p. 240			X	Anúncio de “Páginas Íntimas”, volume em prosa e verso, de Antônio Peixoto do Amaral. . Impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p. 248	X	Expediente. Pedido de importes e assinaturas.	X	Anúncio de “Páginas Íntimas”, volume em prosa e verso, de Antônio Peixoto do Amaral. Impresso

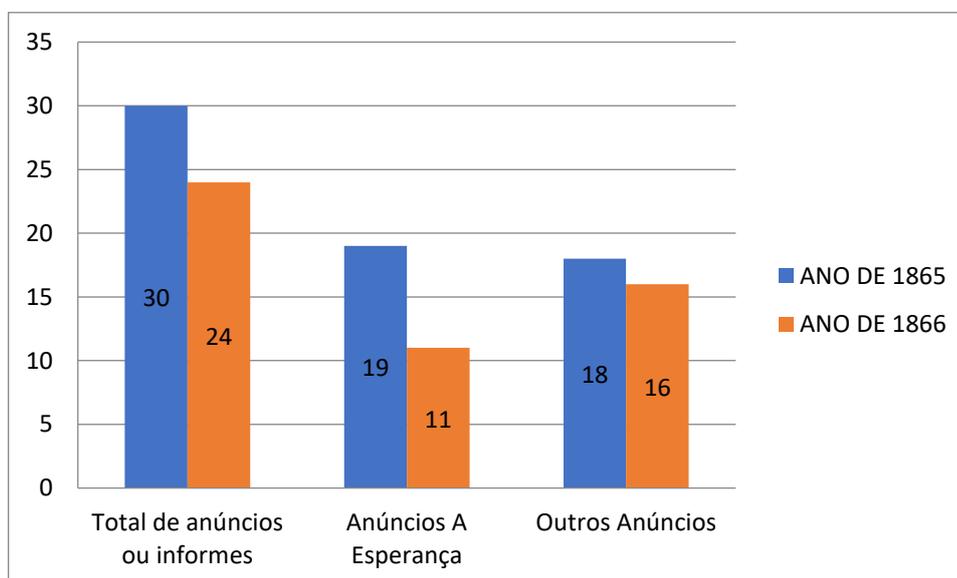
					pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .
1866	p. 260	X	Anúncio do terceiro ano de A Esperança	X	Anúncio do periódico “Garret”, impresso pela Tipografia José Pereira da Silva e F ^o .

Fonte: *A Esperança* (1865-1866). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Acessado em: 02/03/2020.

Como se observa, havia uma estreita parceria entre o dono da empresa *A Esperança* e a *Tipografia José Pereira da Silva & Filho*. Não à toa, dentro de *A Esperança*, o número de informes sobre o próprio periódico e sobre a tipografia que o abrigava eram muito próximos. Isso é, do total de 54 anúncios ou informes presentes nos dois anos de publicação, 30 eram sobre *A Esperança* e 34 sobre a *Tipografia José Pereira da Silva & Filho* e suas atividades.

Ao longo do período de publicação registra-se, inclusive, uma diminuição do número de anúncios que se referiam ao próprio jornal. Em 1865, num total de 30 registros, 19 eram relacionados ao periódico *A Esperança* e 18 referentes às outras atividades da *Tipografia José Pereira da Silva & Filho*. No ano seguinte, num total de 24 anúncios ou informes, os registros sobre o periódico caem para 11 e à atividade referente à tipografia passa a apresentar 16 registros, como revela o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Anúncios ou informes nas páginas de *A Esperança*



Fonte: *A Esperança* (1865-1866). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Acessado em: 02/03/2020.

Com anúncios de obras como as de Maria Peregrina de Sousa, Maria Adelaide Fernandes Prata, Alberto Pimentel, Antônio Peixoto do Amaral e outros, o periódico contava,

ainda, com desconto para os assinantes de *A Esperança*, nos proporcionando compreender uma importante tática de venda que atrelava a assinatura de *A Esperança* com outros impressos da *Tipografia José Pereira da Silva*:

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

MARIA ISABEL

Este excelente romance vai brevemente entrar no prelo, sendo impresso em tipo novo e excelente papel; Está calculado que terá aproximadamente 300 páginas de leitura.

PREÇOS

Para os assinantes da *Esperança*.. 260

Os não assinantes.....320⁴⁶⁵

Embora com alguns empecilhos próprios dos jornais femininos, que apresentavam um público ainda reduzido, *A Esperança* mostrava-se ser um espaço de destaque para outras publicações literárias e para sua própria tipografia. Essa era uma tática que, juntamente com as outras estratégias auxiliaram a manter as publicações.

Não à toa, *A Esperança* apresentou certa demanda de leitores que almejavam ser colaboradores desse impresso, como se observa na citação a seguir, presente em sua 5ª edição:

EXPEDIENTE

Na redação d'este jornal tem-se recebido vários escritos, tanto em prosa como em verso, a que não podemos dar publicidade. Esta redação prometeu ao público um jornal literário; há-de por conseguinte envidar todos os seus esforços para não faltar a tão sagrada promessa. Não queremos com isto afugentar as pessoas, que, não estando inseridas como colaboradoras, d'este jornal, nos fazem o favor de nos enviar os seus escritos; agradecemos sempre pelo contrário tais remessas como uma fineza; mas não conhecemos nenhum preceito de cortesia que nos mande dar publicidade a tudo quando recebemos. Como representantes d'este jornal, pertence-nos a nós o direito da escolha, boa ou má, mas, no entanto, tal como a entendermos. Sirva-nos isto de desculpa para as pessoas, que, tendo-nos enviado quaisquer escrito, os não vejamos publicados neste jornal⁴⁶⁶.

Esse impresso buscava, com seriedade e rigidez, amenizar as tensões entre colaboradores e assinantes que, muitas vezes, disputavam o mesmo espaço de publicação. Assim como buscava manter seu programa original compactuando com o movimento que, em termos de características editoriais, vai se deflagrar ao longo do final do século XIX. Pois, nesse período, cada vez mais os dirigentes dos periódicos passaram a “distinguir claramente os projetos que se constituem em torno de programas de edição e se afastam da simples resposta a solicitações de autores ou de publicações avulsas”⁴⁶⁷.

⁴⁶⁵ *A Esperança*... 1865, p.160

⁴⁶⁶ *A Esperança*... 1865, p. 40.

⁴⁶⁷ LISBOA, João Luís; MELO, Daniel. Traços de Edição em Lisboa na viragem do século em Lisboa na viragem do século XIX para o século XX. GRANJA, Lúcia e LUCA, Tania de (Org.). *Suportes e mediadores – A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. SP: Editora Unicamp, 2018, p. 142

A *Esperança* a todo o momento tinha o intuito de conter a baixa de assinantes não apenas com anúncios, mas mostrando qualidade em seus números. Inclusive, alguns números começaram a ser corrigidos e os erros diminuídos, como é possível ver no subtítulo “Errata”⁴⁶⁸ que ocasionalmente passou a ser impresso a partir de sua 13ª edição. Isso é, uma edição após a mudança de tipográfica para a *Tipografia José Pereira da Silva*, demonstrando que o zelo e cuidado com o impresso passou a ser priorizado. O subtítulo “Errata” era acionado sempre que algum erro, ortográfico ou tipográfico, fosse observado. Afinal, a qualidade do impresso, certamente, podia gerar renovações de assinaturas e novas vendas.

Todo esse empenho, possivelmente, deu certo. Pois, se verificam citações elogiosas acerca do impresso no 27º número, do 1ª ano do periódico. O colaborador Teófilo Braga, por exemplo, ao publicar uma poesia de Alfredo Añsur, fez um pequeno prólogo enfatizando e simpatia e admiração que nutria ao redator António Pereira da Silva e seu jornal, nos levando a entender que o impresso estava sendo bem acolhido em seu tecido cultural:

ILLmo. Snr. Redator da ESPERANÇA – A vontade que tenho de ver prosperar o jornal que v. tão dignamente redige, me faz dirigir-lhe esta poesia que um novo poeta que agora aparece em Coimbra me enviou. Como uma estreia é sempre a recordação mais doce da vida, desejava que ela fosse em um jornal que tantas simpatias merece. Demais, este nome de ESPERANÇA é um pressagio animador⁴⁶⁹.

Outro dado que demonstra que o jornal conseguiu superar as possíveis dificuldades, sem grandes prejuízos, é o fato de não ter aumentado o preço de assinatura durante os dois anos de publicação desse impresso. Ao fim do primeiro ano do jornal, por exemplo, o editor ressaltava em sua tradicional seção de anúncios, “Expediente”, que o preço de assinatura continuaria exatamente o mesmo do primeiro ano e explicava o processo dos custeios em relação ao envio do jornal para as províncias:

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos ilustres assinantes, que com o número 48 termina o primeiro volume d’este semanário; depois de concluído, entraremos na árdua tarefa do segundo; e, procuraremos empregar todos os esforços para que continue a ter o mesmo acolhimento que até então tem tido [...]

Os preços da assinatura é o mesmo.

Para o Porto, por ano, 1\$200 – semestre 600 reis – trimestre 300 reis – mês 120 reis – Para a província acresce o importe das estampilhas; e além d’isso só se considera assinantes o que mandar satisfazer em vales do correio o importe da sua assinatura adiantada, ao editor, Typographia de Pereira & Filho, Praça de Santa Theresa, n. 63 – Porto⁴⁷⁰.

⁴⁶⁸ *A Esperança...* 1865, p. 110.

⁴⁶⁹ *A Esperança...* 1865, p. 215.

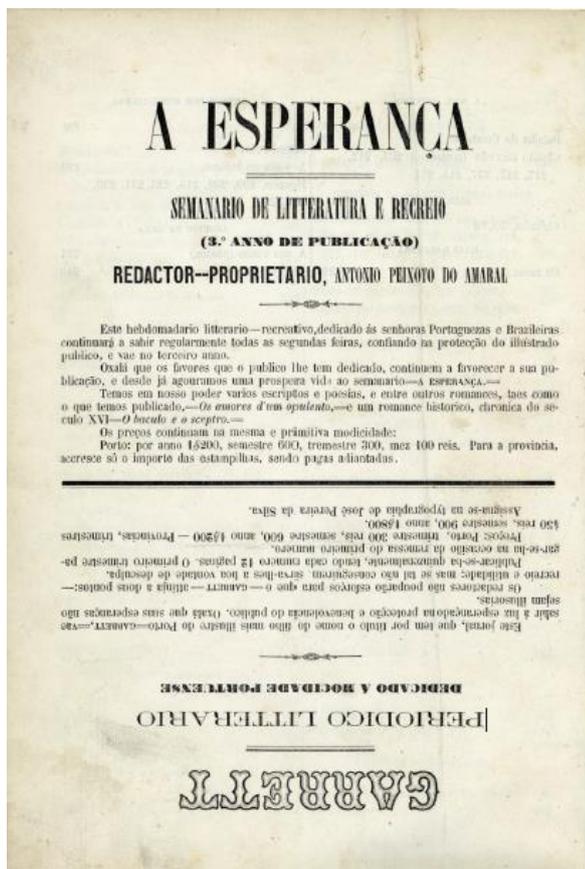
⁴⁷⁰ *A Esperança...* 1865, p. 368.

Mesmo com tamanho destaque e táticas de venda, *A Esperança* durou apenas 2 anos. Não se sabe as razões para o fim do periódico, mas os tradicionais anúncios de renovação de assinatura parecem demonstrar que a todo o momento, durante os dois anos de publicação, o jornal apresentou dificuldade em permanecer com certo número de assinantes em dia. Tal questão parece ter sido comum nos jornais de época, uma vez que desde o primeiro editorial, os editores já alertavam para o fato que no contexto: “[...] os indiferentes pelas coisas úteis são em número crescido, e nem a outra coisa se pode atribuir a vida efêmera que tem em Portugal os jornais como a *Esperança*”⁴⁷¹.

Além dessa efemeridade própria desse tipo de publicação, por apresentar um vínculo muito próximo com a tipografia que o produzia, o periódico *A Esperança* poderia ser trocado ou deixado de existir para dar lugar a um novo, em que novos adeptos poderiam surgir e sem a necessidade de ser dedicado às Damas, público ainda muito reduzido e que, portanto, poderia não gerar tantos lucros a empresa que já sofria por falta de assinantes. Tal intenção ficou clara na última página do último número de publicação, quando dois anúncios seguem juntos na mesma página. O Primeiro anúncio enfatizava a promessa do terceiro ano do jornal sob o título “A Esperança: Semanário de Literatura e Recreio” e não “Semanário de Recreio Literário dedicado às Damas”, como assim o era. Isso é, o jornal passava a ser, caso seu terceiro número fosse a público, um periódico para o grande público e não somente para as damas. O segundo anúncio destacava a inauguração de um novo impresso pela mesma tipografia: “Garret: Periódico Literário dedicado à mocidade portuense”⁴⁷². Prerrogativa que confirma o objetivo de abrir o público dos impressos, para que, assim, aumentasse as assinaturas.

⁴⁷¹ *A Esperança*... 1865, p. 3

⁴⁷² *A Esperança*... Tomo 2... 1866, p. 260

Figura 16- Última página do periódico *A Esperança*

Fonte: *A Esperança*... Tomo 2... 1866, p. 260

Assim, percebe-se que *A Esperança* era um periódico produzido numa área central da cidade do Porto, área com uma elevada concentração tipográfica, e de interesse na palavra impressa. Sua localização demonstra tanto a busca pela comodidade de estar próximo ao Rio Douro, local de onde vinha seu papel, quanto pela busca de um público leitor que circulava pelo comércio da cidade – como nas ruas da Feira e da Flores. Esse periódico compactuava com uma religiosidade católica que pode ser percebida ao atentarmos para os locais de assinatura, localização tipográfica e pela centralidade da única imagem litográfica impressa nessa publicação. Seu título podia remeter a religiosidade do período e, também, ao entusiasmo de um futuro de *Esperança*, prerrogativa que também se ligava à historicidade da década de 1860, época de reformas e efervescência econômica, em diferentes níveis. Enfim, embora perpassando dificuldades de impressão, próprio dos jornais femininos de época que contavam com um baixo número de mulheres letradas e, então, de assinantes, *A Esperança* contou com estratégias de venda tal como *O Jornal das Senhoras*. Essas, certamente, foram fundamentais para a manutenção do impresso.

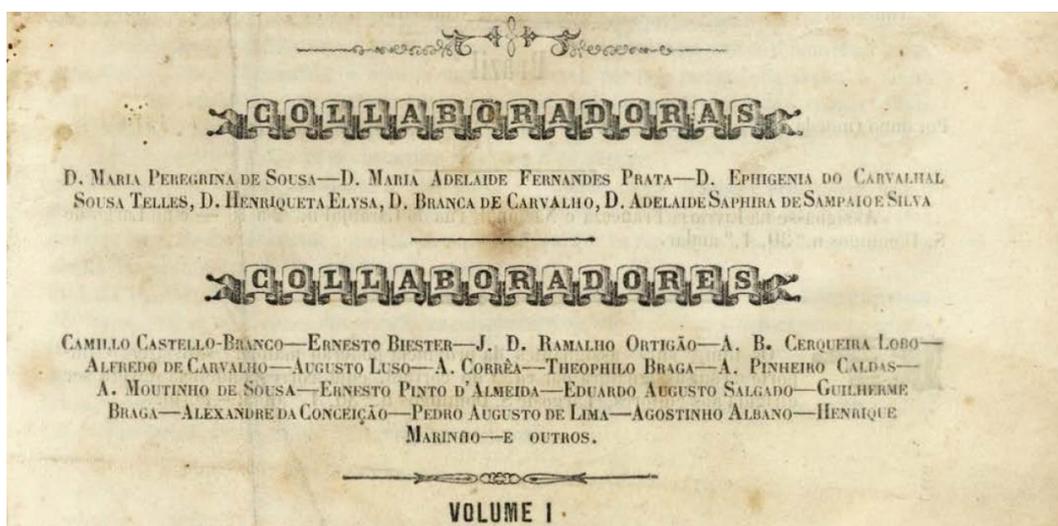
Vale destacar, ainda, que diferentemente do *Jornal das Senhoras*, em *A Esperança* é possível melhor identificar os colaboradores e colaboradoras desse periódico, já que poucos utilizavam pseudônimos, sejam os escritores, sejam as escritoras. Pois, como apontava a colaboradora Maria Adelaide Fernandes Prata, pelo menos em tese, podia “as damas com menos timidez erguer a frente e com mais animo lançar mão da pena”⁴⁷³.

É hora, portanto, de desbravar os bastidores, os atores que construíam os conteúdos de *Esperança*, suas ligações e proximidades.

3.2 Os bastidores de *A Esperança*

Além de seus editores, aqui já citados, *A Esperança* contava com a colaboração de escritores de ambos os sexos. Os nomes desses colaboradores foram publicados na capa anual de 1865 e no índice do seu segundo volume anual de 1866 de modo a demonstrar prestígio quanto aos nomes mencionados e enfatizar a presença de “colaboradores” e “colaboradoras”. Pois, embora o número de nomes de mulheres escritoras de *A Esperança* represente, em média, um décimo do de colaboradores, a escrita periodista feminina, tal como no Rio de Janeiro, ainda era uma novidade que precisava ser valorizada como um diferencial do jornal.

Figura 17 – Fragmento da Capa do Periódico *A Esperança*



Fonte: *A Esperança...* Tomo 1... 1865, p. 1.

Como evidencia o fragmento do jornal acima selecionado, o periódico contava com a colaboração de autores como Maria Peregrina Sousa, Maria Adelaide Fernandes, J. D. Ramalho

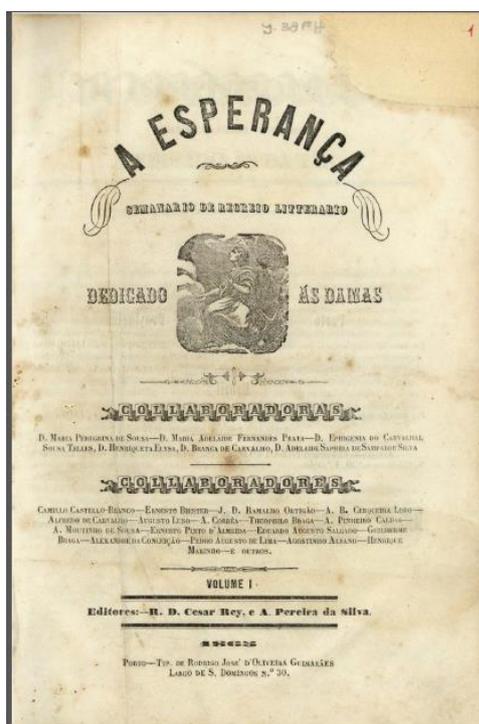
⁴⁷³ *A Esperança...* Tomo 1... 1865, p. 113.

Ortigão, Camilo Castelo Branco, Alberto Pimentel, F. M de Sousa Viterbo, Ana Plácido, Teófilo Braga, Ernesto Biester, Ernesto Pinto de Almeida e outros que, de maneira geral, eram escritores portugueses que se destacavam fosse na produção da literatura portuguesa em formato de livro, fosse em colaborações e edições de outros periódicos.

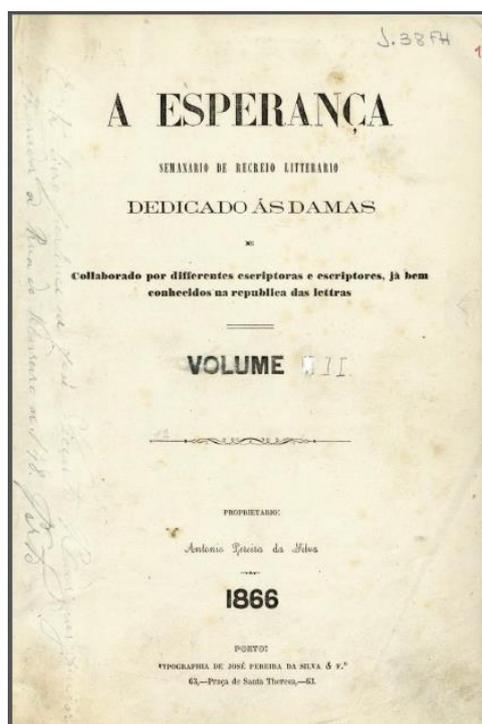
Não foi apenas no primeiro número que a presença dos colaboradores foi destacada. Ao observarmos as capas do 1º e 2º anos de publicação percebemos que, embora o periódico tenha apresentado um formato mais simplificado, possivelmente pelas trocas de tipografia, pode-se dizer que o empenho em demonstrar que havia a presença de “Colaboradoras” e “Colaboradores”, como afirmava a primeira capa, ou “Escritoras” e “Escritores”, como afirma a segunda, mantinha-se o mesmo.

Porém, se no primeiro ano optou-se por enumerar o nome dos autores, no segundo, o periódico salientava somente: “Colaborado por diferentes escritoras e escritores, já bem conhecidos na república das letras”⁴⁷⁴.

Figura 18 – Capa do 1ª e 2º ano de publicação de *A Esperança*



475



476

Fonte: *A Esperança*, 1865.

⁴⁷⁴ *A Esperança*... tomo 2... 1866, p.1

⁴⁷⁵ *A Esperança*... Tomo 1, 1866, p. 1.

⁴⁷⁶ *A Esperança*... Tomo 2, 1866, p.1.

Tal estratégia de omitir o nome dos autores, certamente, ajudava o editor de *A Esperança*, pois permitia que o mesmo publicasse textos de autores que não necessariamente estavam dispostos a colaborar com o jornal desde o começo das publicações. Assim como preservava a identidade dos colaboradores que não assinavam seus textos com seus próprios nomes, mas com pseudônimos ou abreviações, como é o caso de Camilo Castelo Branco e muitos outros.

Não é possível encontrar o nome de Camilo Castelo Branco assinando nos textos do periódico *A Esperança*. Porém, o mesmo foi citado como colaborador desde o primeiro número do impresso. Castelo Branco foi um escritor lembrado pela historiografia por sua cautela nos escritos no começo da carreira de escritor. Em pouco tempo, porém, suas ironias, críticas e autenticidade fizeram dele um publicista que não buscava “o agrado fácil”⁴⁷⁷. Além de apresentar uma vasta produção em periódicos, principalmente, a partir da segunda metade do XIX, Castelo Branco acreditava que um bom jornalista seria sempre “um ente malsinado e odioso para todos os governos”, não poupando, assim, nenhuma palavra que pudesse desagradar a quem quer que fosse⁴⁷⁸.

Começando a carreira, esse autor apresentou interesse pela teologia e pela carreira eclesiástica, mas logo começou a escrever sobre assuntos de compromissos públicos que se propagaram pela década de 1850⁴⁷⁹. Embora tenha aceitado se casar com Ana Plácido, por meio de cerimonial Católico, o desejo pela religião atenuou-se ao longo do tempo, pelo menos em seus escritos⁴⁸⁰. Para alguns de seus biógrafos houve um esfriamento religioso e prova disso seria seu suicídio em 1889. No entanto, tal questão não explica muita coisa, já que Camilo teve seu sepultamento no cemitério privativo da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, irmandade que admirava e guardava muito apressado.

Seja como for, sabe-se que Castelo Branco, de fato, passou a escrever sobre outras temáticas versando o romance folhetim e o romance histórico, principalmente, nas páginas de seu periódico *Gazeta Literária do Porto* (1868), inaugurado por ele dois anos depois do fim das publicações do periódico *A Esperança*⁴⁸¹. As temáticas históricas, embora não rendessem investimentos suficientes para o sustento do escritor, eram produzidas com demasiado cuidado.

⁴⁷⁷ SILVA, Francisco Ribeira da. *Jornais e Revistas do Porto no Tempo de Camilo. História do Porto*. p. 123. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8265.pdf>. Acessado em: 20/02/2020.

⁴⁷⁸ *Ibidem*... p. 123-124.

⁴⁷⁹ *Ibidem* ... p. 124.

⁴⁸⁰ *Ibidem* ... p. 126.

⁴⁸¹ *Ibidem* ...p. 128.

Inclusive, algumas vezes, Camilo apoiava-se em documentação, dando ar de veracidade ao enredo⁴⁸².

Considera-se que os escritos camilianos “espalharam-se por, pelo menos, 31 publicações”, nas quais, apresentou maior colaboração nos periódicos *O Nacional*, *O Portuense*, *O Porto e A Carta*. Enfim, a partir desses títulos já percebemos o destaque que a cidade do Porto teve na construção de sua carreira.⁴⁸³ E foi possivelmente por essa interligação com o tecido cultural de sua cidade, que o mesmo teve acesso e o interesse em ser colaborador de *A Esperança* – ainda que nenhum dos textos por ele escrito tenha sido impresso com seu próprio nome.

Ao longo da primeira capa de *A Esperança*, Ana Plácido, a esposa de Camilo Castelo Branco, também é citada como colaboradora desse jornal e ao folhearmos o impresso é possível averiguar pelo menos dois textos de sua autoria: a poesia “Há uns anos” e a prosa “N’album”. A proximidade entre Castelo Branco e Plácido nos faz perceber que os laços familiares eram comuns de serem encontrados nos bastidores desses periódicos femininos dos oitocentos, fosse no Brasil, fosse em Portugal, uma vez que Joana Paula Manso de Noronha e seu esposo colaboravam no *Jornal das Senhoras* e também apresentavam laços conjugais.

Outra colaboradora de *A Esperança* foi Maria Adelaide Fernandes Prata. Nascida no Porto, em 1826, Adelaide foi autora de um dos principais romances folhetins de *A Esperança*. Ele se intitulava “O Bardo na solidão”. Esse trabalho, composto em prosa e em verso, inaugurou *A Esperança* e foi publicado em 8 edições distintas desse impresso, nos fazendo perceber a importância de Adelaide para o periódico.

Os Bardos eram “poetas e cantores da Irlanda e das terras altas da Escócia”. Esses “usando o idioma céltico, o gaélico, nele compunham e/ou recitavam cantos sobre lendas divinas e feitos bélicos”. Assim, cada família (clã) teria um bardo e os seus conhecimentos passariam de geração em geração, confiados a uma oralidade sustentada pelos ritmos próprios da poesia épica. Segundo Maria Gabriela Buescu o destaque para os bardos e essa poesia chamada de “tradição ossiânica a partir da Irlanda e da Alta Escócia” remonta a entrada do estilo romântico na literatura portuguesa⁴⁸⁴. Segundo Buescu:

⁴⁸² *Ibidem* ... p. 134.

⁴⁸³ *Ibidem*... p. 138.

⁴⁸⁴ BUESCU, Maria Gabriela - A poesia ossiânica em Portugal : estudo da sua recepção translitológica. Lisboa: Universidade Aberta, 2005, p. 227-241, p. 227. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/247>>. Acessado em: Jan. de 2020.

É, contudo, Maria Adelaide Fernandes Prata (Porto, 1826 – Lisboa, 1881) que mais contribuirá para difundir os poemas ossiânicos em Portugal com a sua tradução integral de Fingal (Fingal, poema em seis cantos, Porto, 1867).

Embora não se saiba muito sobre a sua vida, Maria Adelaide Fernandes Prata foi autora de um volume Poesias oferecidas às senhoras Portuenses, (1859), O Filho de Deus (1867) e, nesse mesmo ano, Fingal, Poema em seis cantos, vertido d'Ossian. [...]. O obituário do Diário Popular (Lisboa) de 21 de Março de 1881 assinala a realização do seu funeral para o Cemitério dos Prazeres, sendo seu testamenteiro Joaquim Pinto Ribeiro, autor de uma das cartas que, à guisa de prefácio, acompanham a edição de Fingal⁴⁸⁵.

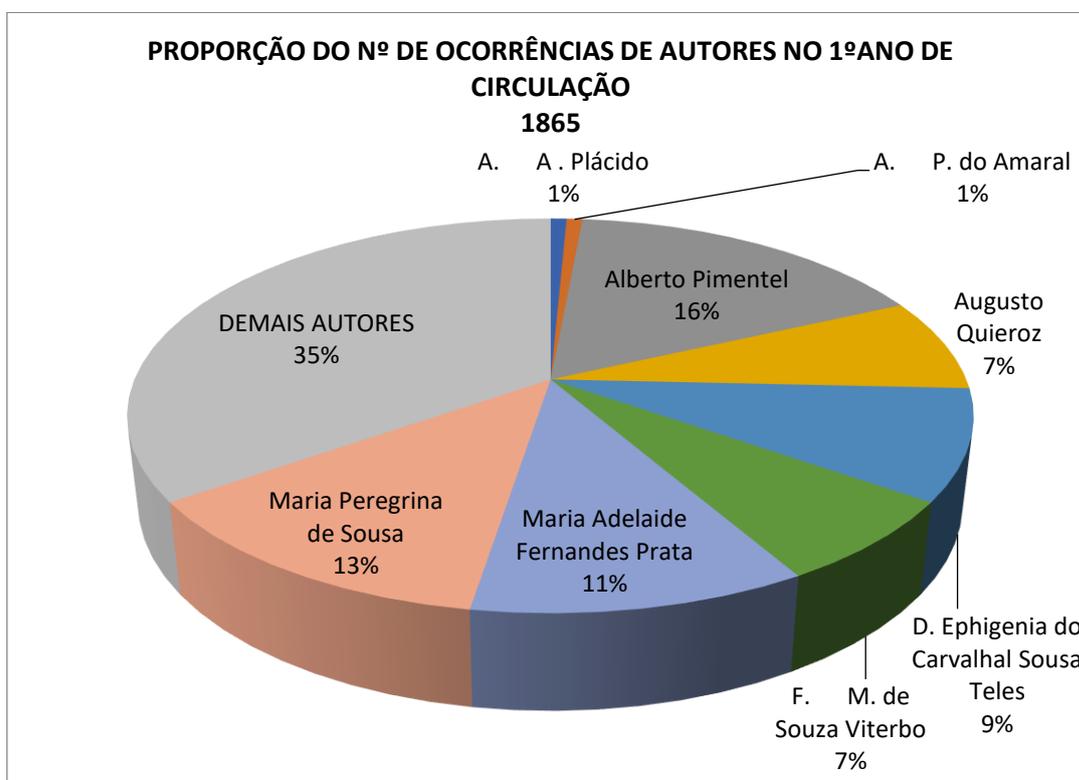
Nas páginas de *A Esperança*, além de *Os Bardos na solidão*, Maria Adelaide Fernandes Prata também publicou as poesias intituladas *Sonetos*, *Saudade*, *Uma Cativa*, *Adão Antes de Deus Formar Eva*, *A mãe que abandona o filho recém-nascido*, *À Religião*, *Amo*, *No dia da Chegada da Família Real ao Porto da Exposição Internacional*, *O Regresso D'um soldado à Pátria*, *Suplica D'uma Virgem*, *Desafogo*, *A Uma Amiga*, *Vozes do coração* e outros.

Fernandes Prata também publicou os textos: *Ressentimento*, dedicado à Maria Peregrina de Sousa, *Respostas às observações do Snr. Alberto Pimentel*, *Sexta-Feira Santa*, *Mulher perdida*, *Duas palavras*, dedicado a Pinto Ribeiro e outros. Em geral, seus escritos demonstravam que a mesma esteve atenta aos acontecimentos contemporâneos de seu tempo, assim como, as redes de sociabilidade que regiam a interação entre os colaboradores. Fernandes Prata também estava atenta à religiosidade e ao papel da mulher na sociedade portuguesa, que ainda enfrentava problemas, dúvidas e receios acerca da igualdade intelectual, como será tratado no capítulo 3.

Maria Peregrina de Sousa também foi uma das poucas mulheres que publicou em *A Esperança*. Além disso, foi destaque logo no primeiro ano do periódico, como se percebe nos números abaixo.

⁴⁸⁵ *Ibidem...* p.238.

Gráfico 3 - Proporção do nº de ocorrência de autores no 1ª ano de circulação de A Esperança (1865)



Fonte: *A Esperança*. Porto (1865). Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>>. Acessado em: Ago. de 2020.

Grande parte dessa porcentagem deve-se ao texto “Maria Isabel”, assinado por Peregrina e publicado desde a 1ª edição até a 35ª edição. Peregrina de Sousa nasceu no Porto em 13 de fevereiro de 1809 e morreu nesta mesma cidade, em 16 de novembro de 1894. Ela foi poetisa, romancista e folclorista. Era filha de António Ventura de Azevedo e de Maria Margarida de Souza Neves⁴⁸⁶. Segundo Maria do Sameiro Fangueiro, Peregrina apresentou grande parte de sua produção com romances e publicações em jornais de época:

Sua primeira oportunidade surgiu quando teve um de seus poemas impresso no jornal lisboeta *Archivo pitoresco: semanário ilustrado*, editado por Castro Irmão e Ca. Ltda, publicação existente entre 1857-1868. Utilizava pseudônimos como Mariposa, as iniciais D.M.P. e Uma obscura portuense.

Maria Peregrina teve sua obra divulgada em diversas revistas e jornais em seu país. Citamos *O Arquivo popular*, *Revista universal Lisbonense*, *Aurora*, *O Lidador*, *Bardo*, *Pobres do Porto*, *Grinalda* e *Miscelânea poética*. A revista *Iris*, do Rio de Janeiro, imprimiu em suas páginas, quatro de seus poemas: *Amoura de Lissibone*, *Ricardo e Margarida*, e *Bernardo Del Carpio*, que aparecem no v.1, de 1848, nestes, a autora assina como D. Maria Peregrina de Souza Monteiro. No v.2 desta mesma revista, e

⁴⁸⁶ FRANGUEIRO, Maria do Sameiro. Maria Peregrina de Souza. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/maria-peregrina-de-souza/>>. Acessado em: Jan. de 2020.

sob o pseudônimo de Mariposa, escreveu, O passeio do cemitério em vão. Publica também na revista Os Collegas, assinando como Maria Peregrina de Souza. Dentre os livros escritos figuram os romances Retalho do mundo: romance, (1859), Henriqueta (1863), Roberto (1864), Maria Isabel (1866). Este último, publicado inicialmente como folhetim na revista Esperança, em 1865. Existe, ainda, registrado como de sua autoria dois romances sem data: Chácara e Tradições populares do Minho⁴⁸⁷.

Na década de 1860, a autora foi elogiada por António Feliciano de Castilho (1800-1875) e biografada por ele. Sua biografia foi publicada no terceiro tomo da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, no ano de 1861 e, depois, em 1935, foi biografada por Adolfo Farias de Castro (1904-19--?)⁴⁸⁸.

A trajetória de Maria Peregrina de Sousa foi marcada por dificuldades financeiras e limitações comportamentais pelo simples fato de ser mulher. “A dança e a leitura eram permitidas com moderação; ainda assim, ela só poderia ler obras de escritores portugueses, contanto que submetidas previamente a sua mãe”⁴⁸⁹. Seu pai era comerciante e foi soldado. Ele lutou contra os liberais e quando resolveu não mais fazer isso, acabou preso. Durante sua prisão, a mãe de Peregrina morre, deixando órfãos a ela e a seus irmãos. Foi nesse momento que a escritora começou a se dedicar ao ramo das letras. Solteira, com uma irmã doente, um pai preso e um irmão para cuidar, seus escritos em anônimo logo chamaram atenção do público e dos editores por apresentar certo sentimentalismo. António Feliciano de Castilho⁴⁹⁰ foi um desses admiradores e se tornou um de seus maiores amigos⁴⁹¹. Após a morte de seu pai a situação de Peregrina piorou significativamente:

Morre o pai de Peregrina em 1856, e esta passa a viver apenas com a irmã, Maria do Patrocínio, enfrentando graves problemas financeiros. Em 1864, morre sua irmã e, novamente, por insistência de António Feliciano de Castilho, a autora continua a

⁴⁸⁷ *Ibidem...*

⁴⁸⁸ *Ibidem...*

⁴⁸⁹ COMANDULLI, Ana Cristina. Maria Peregrina de Sousa (1809-1894). *RCL | Convergência Lusíada*, n. 32, julho - dezembro de 2014, pp. 208-211. p. 208.

⁴⁹⁰ António Feliciano de Castilho além de entusiasta dos trabalhos de Peregrina, foi um importante romancista português, publicou em diferentes revistas e dirigiu a Revista Universal Lisboense por ele fundada. Nascido em Lisboa, em 28 de janeiro de 1800, sua formação se deu na Universidade de Coimbra, formando-se em Direito. Ingressou no IHGB, em 3 de agosto de 1843 e em 1847 mudou-se para S. Miguel, nos Açores, de onde regressou em 1850. Nos açores, estabeleceu uma tipografia e instituiu a Sociedade dos Amigos da Letras e das Artes. Além disso, ocupou o cargo de comissário geral da Instrução Pública (1853), sendo de sua iniciativa a abertura de cursos para professores em Lisboa, Leiria, Coimbra e Porto. Além de traduções para o português e colaboração em periódicos, publicou, entre livros e folhetos: Carta de Eco a Narciso (1821), A primavera (1822), Amor e Melancolia (1828), Tributo português à memória do libertador (1837), Estudo histórico e poético de Camões; Felicidade pela Agricultura (1849), Tratado de Metrificação (1851), Os Ciúmes do Bardo (1836), Quadros Históricos de Portugal (1838), Escavações Poéticas (1884) e outros. Necrológio publicado na Revista do IHGB, T. 38, 1875. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/AFCastilho.html>>. Acessado em: Jan. de 2020..

⁴⁹¹ *Ibidem...*

escrever e a publicar. Desta vez, em 1865, um folhetim de título “Maria Isabel”, no periódico *Esperança* [...] ⁴⁹².

Além de seu romance “Maria Isabel” ter sido impresso no periódico *A Esperança* – em homenagem a sua irmã já falecida – a obra também foi publicada em volume fechado pela *Tipografia José Pereira da Silva*, no ano seguinte, 1866, demonstrando como a autora inseria-se no ramo dos impressos com a mesma fórmula adotada por muitos outros literários de seu tempo: primeiro publicava-se em folhetim, depois, em livro. Tratava-se de uma prática corriqueira que atravessavam ambas as partes do Atlântico. Como afirma Elisa Verona fazia parte das práticas oitocentistas o diálogo entre a imprensa periodista e a literatura. Uma divulgava a outra. A “[...] primeira encarregou-se de divulgar as novidades editoriais do momento [...] bem como de publicar [...] o tão afamado folhetim. Já a literatura, principalmente a romanesca, não se cansou de indicar em suas histórias personagens ocupados com a leitura de jornais ⁴⁹³.

Outra colaboradora dedicada foi Ephigenia Carvalhal Sousa Telles. Embora não seja possível encontrar maiores informações sobre essa autora – pois, aparentemente, a historiografia pouco se dedicou a vasculhar sua trajetória – a partir de seus textos publicados em *A Esperança* sabe-se que seu nome apareceu diferentes vezes ao longo do ano de 1865, compondo 9% do total de textos assinados. Nesse ano, Sousa Telles produziu as poesias *Uma esperança desfolhada*, *A Nuvem Branca*, *Aos anos de meu adorado pai*, *Amizade*, *Uma saudade*, *A Borboleta*, *Encantos da Natureza*, *O Primeiro de junho*, *A um teatro* e o folhetim *Carlos e Laura*.

No segundo ano desse periódico, Ephigenia Carvalhal Sousa Telles foi um dos destaques do jornal com os romances folhetins intitulados *Clotilde* e *A Casa negra*. Também com os textos *Adeus* e *Dois Palavras de Explicação*. Pela frequência de vezes que enviou seus escritos para publicação, pode-se supor que Sousa Telles apresentasse proximidades com a cidade do Porto, assim como, com as redes de amizade dos literatos de época.

Augusto Queiroz, também foi um colaborador que esteve presente em ambos os anos de *A Esperança*. Embora não se tenha achado maiores informações sobre sua trajetória biográfica, em *A Esperança* esse autor é mencionado em demasia com seu nome assinado em poesias e romances. Dentre esses destacam-se: *Aos anos de minha irmã* (poesia), *Virginia* (romance), *À Sentida Morte do Snr. D. Pedro V* (poesia), *A uns anos* (poesia), *A Pobre* (poesia), *Melancolia* (poesia), *A Batalha de S. Mamede* (prosa), *A abertura da Exposição Internacional* (poesia), *Dor Maternal* (poesia) e outras. Pelos títulos, percebe-se que era um escritor atento

⁴⁹² *Ibidem...* p. 209.

⁴⁹³ VERONA, Elisa Maria. *Da Feminilidade Oitocentista*. São Paulo: UNESP, 2013, 20-21

tanto aos sentimentos do romantismo de época, quanto para informar, em tom poético, os acontecimentos conjunturais que perpassavam o país no decorrer desse tempo.

Francisco Marques de Sousa Viterbo (1845-1910), também colaborador de *A Esperança*, foi filho de comerciante e nasceu no Porto, freguesia de S. Nicolau, a 29 de dezembro de 1845. Frequentou o seminário Episcopal do Porto, mas não tendo vocação eclesiástica, logo decidiu fazer medicina na capital. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1876), serviu algum tempo na Armada como médico naval e foi redator e escritor de diferentes impressos durante todo esse período, o que certamente, auxiliava a manter seus estudos⁴⁹⁴. Vale citar alguns de seus trabalhos nesse ramo.

O mundo da imprensa já não lhe era desconhecido, pois desde os seus tempos de seminarista, que vinha publicando a sua poesia em jornais e revistas literárias, como *O Mundo Elegante* (1858-60), *Mosaico* (1865), *Aurora* (1867-68), *Grinalda* (1855-69) – do Porto; o *Boudoir* (1863-65) – de Lisboa; *A Chrysalida* (1863-64) e *A Folha* (1868) – de Coimbra. Foi ainda na sua cidade natal, o Porto, que alcançou o título de “redator”, com direito ao pagamento de proventos, questão fulcral para assegurar os estudos em Lisboa. Nesta nova etapa, foi fundamental a ligação com a imprensa generalista da cidade, nomeadamente com o *Jornal do Porto* (1859-1887); o *Jornal da Manhã* (1872?-1888), do qual chegou a assumir a direção política; o *Progresso Comercial* (1873); e o *Comércio Português* (1876-1887)⁴⁹⁵.

Em 1867, foi redator de *A Mocidade* e antes disso foi colaborar em *O Pirilampo*, folha satírica do Porto. Trabalhou no *Jornal da Manhã*, fundou a *Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses* e foi redator efetivo do *Diário de Notícias*. “Quando morreu, havia cinco anos que cegara completamente e estava inutilizado para todo e qualquer trabalho físico. Morreu na cidade onde nasceu em 29 de dezembro de 1910”⁴⁹⁶.

Em *A Esperança*, Sousa Viterbo publicou textos como *O último Adeus* (poesia), *A fada da inspiração* (prosa), *Estímulo Adelaide Fernandes Prata* (carta), *A Toureira – Historia D’m coração Frio* (romance folhetim), *Memorias d’Um Beijo* (romance), *Desafogo* (poesia), *Idyllio* (poesia) e o romance folhetim *Suicídio com Flores*, esse último já publicado no segundo ano de *A Esperança*. Seu nome pode ser encontrado nesse impresso, em diferentes momentos, nos mostrando sua dedicação em colaborar com a revista com textos diversificados, em prosa e em verso. Inclusive, pode-se notar que em suas cartas, o tom o cuidado com o outro, principalmente, as damas, foi um fator de destaque nos dois anos de atuação na revista. Tal

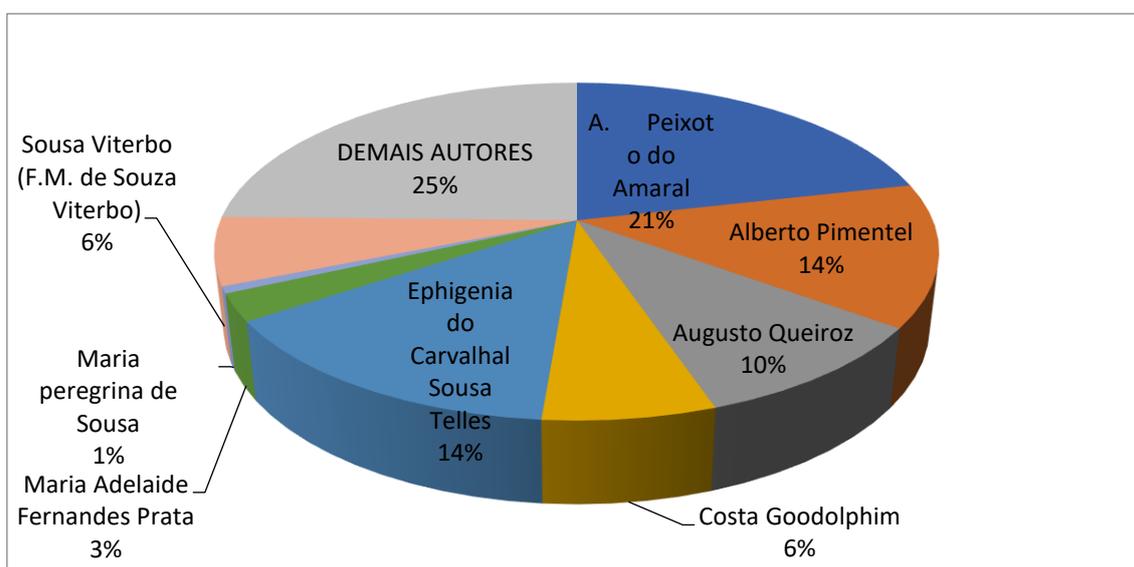
⁴⁹⁴ Informações disponíveis no site da Fundação Mário Soares Maria Barroso. Disponível em: <<http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/biografias?registo=Sousa+Viterbo>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁹⁵ CORREIA, Rita. *Sousa Viterbo*. Biblioteca Municipal de Lisboa. 2011, p. 1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/SousaViterbo.pdf>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁹⁶ Informações disponíveis no site da Fundação Mário Soares Maria Barroso. Disponível em: <<http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/biografias?registo=Sousa+Viterbo>>. Acessado em: Dez. de 2020.

característica se relaciona a um comportamento próprio desse escritor, afinal, como evidencia Rita Correia ao tratar de Sousa Viterbo: “Naqueles tempos de discurso facilmente inflamável, foi uma voz ao serviço da ponderação e do bom senso, não deixando de evidenciar um sólido sentido de justiça social, alicerçado em valores de solidariedade e de respeito para com o outro”⁴⁹⁷. Alberto Pimentel também pode ser destacado como um colaborador assíduo de *A Esperança*. No segundo número, por exemplo, o mesmo apresentou grande participação, com assinaturas que compunham, pelo menos, 14 % do total de textos assinados e publicados no impresso, ficando atrás, somente do editor A. P. do Amaral.

Gráfico 4 - Proporção do nº de ocorrência de autores no 2º ano de circulação de *A Esperança* (1866).



Fonte: *A Esperança*. Porto (1866). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Disponível em: 03/10/2020.

Na historiografia, Pimentel é considerado um portuense estudioso e crítico de sua própria cidade. Em *Memórias em Tempo de Camilo* o mesmo afirma: "Em geral, os portuenses apegam-se a um bairro, a uma rua ou a uma casa, e custa-lhes a mudar para longe; não são tão fáceis como os lisboetas em dar grandes saltos de bairro para bairro, do ocidental para o oriental ou vice-versa"⁴⁹⁸. Em suas obras, também é possível compreender uma análise acerca das

⁴⁹⁷ CORREIA, Rita. *Sousa Viterbo*. Biblioteca Municipal de Lisboa. 2011, p. 1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/SousaViterbo.pdf>>. Acessado em: Dez. de 2020.

⁴⁹⁸ Alberto Pimentel, *Memórias do Tempo de Camillo* -A. A., Porto, Magalhães & Moniz Lda. - Editora, 1913, págs. 54-55.

distinções de Lisboa e Porto e uma preocupação com a conduta de mulheres e homens dessa época. O tom moralista estava presente em grande parte dos escritos desse autor:

Aos domingos, no Porto, na grande avenida do Palácio de Crystal, as senhoras constituem grupos separados; e os homens, a não serem os maridos ciumentos e os solteirões reumáticos, passeiam quilometricamente, permita-se-me o adverbio, d'um lado para o outro, cumprimentando-as sem lhes falar. Ora em Lisboa, na grande rua do Passeio, é raro o grupo de senhoras em que não conversem dois ou três homens, e em que não haja uma certa animação gárrula. Seja, porém, dito em honra da verdade, se as senhoras do Porto são menos conversáveis que as de Lisboa, são muito melhores donas de casa, e em geral muito mais delicadas mães.⁴⁹⁹

Pimentel começou sua carreira com poesias, mas prosseguiu escrevendo outros textos, ainda que soubesse que, em sua época, na opinião do autor, os portuenses pouco valorizassem os literatos e preferissem os burgueses. Nesse tempo, os literatos, tanto no Brasil, quanto em Portugal, apresentavam dificuldades de viver de sua própria pena, tenho que recorrer, muitas vezes, a cargos públicos⁵⁰⁰.

Além disso, como se percebe abaixo, havia, no contexto portuense, uma dicotomia entre aqueles que se consideravam literatos e burgueses e Pimentel compactuava com a dicotomia:

Magalhães Basto, ao analisar o Porto do Romantismo, salienta as relações antagônicas que existiam entre literatos e burgueses: "O burguês era demasiado severo para com a geração nova; esta não o era menos para com o burguês." O autor explica este antagonismo pela divergência de interesses. Por conseguinte, os literatos "representavam o ideal, o sonho, a *Poesia*", ao passo que os burgueses simbolizavam "o prosaísmo das realidades da vida, a *Materia*". Daí que, Magalhães Basto conclua que, no Porto do Romantismo, literatos e burgueses nunca se poderiam compreender⁵⁰¹.

Ainda que compreendendo os literatos como poucos valorizados em sua cidade e em seu tempo, Pimentel não deixou de ser um. Ele foi um dos autores que mais colaborou em *A Esperança*, apresentou diferentes poesias e romances publicados em suas páginas e, também, em um volume de versos publicados pela *Tipografia de José Pereira da Silva*. Em suas contribuições no periódico é possível perceber escritos sobre mulheres, cartas trocadas entre os próprios colaboradores de *A Esperança*, assim como, assuntos relacionados a vivência em diferentes cidades e os eventos públicos que aconteceram no Porto.

No primeiro ano do jornal destacam-se os seguintes títulos de textos assinados por Pimentel: *Presentimento* (poesia), *Viver à Sombra* (poesia), *A Opera Eurico* (informativo),

⁴⁹⁹ Alberto Pimentel, *O Porto por Fora e por Dentro*, ob. cit., pág. 121.

⁵⁰⁰ FARO; Rute Santos de Castro Lopo e. *O Porto na Berlinda: Memórias de Alberto Pimentel*. Dissertação de Mestrado em Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p.63.

⁵⁰¹ FARO; Rute Santos de Castro Lopo e. *O Porto na Berlinda: Memórias de Alberto Pimentel*, p. 61. . Dissertação de Mestrado em Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. *Apud*. Artur de Magalhães Basto, *O Porto do Romantismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, pág. 73.

Sobre a campa de minha irmã (poesia), *Chronica* (informativo), *Carta à exm^a. D. Maria Adelaide Fernandes Prata* (Carta), *A Mulher diabólica* (romance), *Guiomar* (prosa), *Sobre o Tumulo* (poesia), *Amor de mãe* (poesia), *Quinze dias fora do Porto* (narrativo e informativo), *A Biblioteca de Braga* (narrativo e informativo), *O Demônio do Amor* (romance) e outros. Enfim, seu nome foi destacado nos dois anos do impresso nos mostrando o quanto seus escritos foram divulgados.

Ernesto Biester, pelo menos em tese, também foi colaborador de *A Esperança*. Ele nasceu em Lisboa em 1829 e morreu na mesma cidade em 1880. Ele se dedicou como empresário no Teatro Nacional D. Maria II, além de ter sido um escritor português de grande prestígio. Ele também foi também literário, jornalista, crítico e dramaturgo de seu tempo⁵⁰². Em *A Esperança* não é possível achar escritos com seu próprio nome, pois possivelmente utilizou-se de pseudônimos ao publicar nessa revista, mas o mesmo aparece como colaborador desde o primeiro ano do periódico.

Em outras publicações, porém, Biester é destacado por ter colaborado demasiadamente, sobretudo durante os anos 1846 a 1856, como é o caso de *O Panorama*. Esse autor também contribuiu de forma significativa em *A Ilustração Luso-Brazileira* tendo sido o autor de 54 textos diferentes e o principal autor do artigo “Chronica semanal” desse impresso⁵⁰³.

O mesmo caso ocorre com Teófilo Braga e Ernesto Pinto de Almeida, ambos são destacados como colaboradores de *A Esperança*, mas não foi possível achar textos assinados pelos mesmos. Ernesto Pinto de Almeida é lembrado por ter colaborado com o teatro português de seu tempo. Inclusive, produziu o Libreto L’arco di Sant’anna, no qual a peça saiu à público com uma composição musical do violinista português Francisco de Sá Noronha, o esposo de Joana Paula Manso de Noronha⁵⁰⁴. Prerrogativa que nos faz perceber os laços das elites letradas nos dois países – Brasil e Portugal – nesse contexto da segunda metade do XIX e a sociabilidades desses agentes culturais.

Já Joaquim Teófilo Fernandes Braga (Ponta Delgada, 24 de fevereiro de 1843 – Lisboa, 28 de janeiro de 1924) é destacado por seus biógrafos como político, escritor, crítico literário, jornalista e ensaísta português. No seu início de carreira foi marcado pela publicação *Folhas Verdes* (1859), “tímida imitação das Folhas Caídas, de Almeida Garrett”. Segundo a *Biblioteca Digital da Unesp*:

⁵⁰² VIEIRA. Lucas Schuab. Principais colaboradores e textos publicados na revista “A Ilustração Luso-Brazileira” (1856, 1858, 1859). *Revista Escrita da História* Ano II – vol. 2, n. 4, set./dez. 2015 p.164

⁵⁰³ *Ibidem...*

⁵⁰⁴ Informações fornecidas em: <https://www.teatroaberto.com/espetaculos/musica_palco/>. Acessado em: Dez. de 2020.

[...] os rumos de sua obra pareciam sinalizar a opção pela poesia, a exemplo do livro *Torrentes. Últimos versos*, publicado no Porto, pela casa Carneiro e Moraes Editores, em 1869. O subtítulo “últimos versos” indica que, com essa obra, Teófilo Braga vinha fechar o ciclo formado por *Visão dos Tempos* (1864), livro inspirado diretamente na *Legenda dos Séculos*, de Victor Hugo, *Tempestades Sonoras* (1864), sob clara influência de *Os Mártires*, de Chateaubriand, e *A Ondina do Lago* (1866), ambientado na Idade Média francesa, durante o período dos ciclos cavaleirescos. Em *Torrentes*, influenciado pela *Ciência Nova*, de Giambattista Vico (1668-1744), Braga dá prosseguimento ao projeto de compor uma epopeia cíclica da humanidade, conforme o plano geral da *Visão dos Tempos*, exposto no quadro sinóptico, que acompanha o prefácio da obra, e no qual o poeta se propôs a captar em versos a essencialidade do classicismo, do judaísmo e do cristianismo⁵⁰⁵.

Enfim, a partir dos colaboradores expostos percebemos que alguns autores foram lembrados com prestígio dentre seus contemporâneos e mostravam-se inseridos em diversas redes de sociabilidades. Inclusive, apresentavam ligação com indivíduos que interagiam e partilhavam ideias e espaços comuns, e, além disso, estavam atentos ao que havia de mais novo, como os álbuns de retrato e as revistas literárias.

Alguns desses colaboradores de *A Esperança* fizeram parte de um mesmo álbum de fotografias produzido por Joaquim Pedro de Sousa (1818-1878) e Silêncio Cristão de Barros (1792-1870), entre os anos de 1859 e 1865, e muitos desses nomes pertenceram à *Revista contemporânea de Portugal e Brasil* (Lisboa, 1859-1865) e à Academia Real de Belas Artes de Lisboa – como o próprio impressor Silêncio Cristão de Barros.

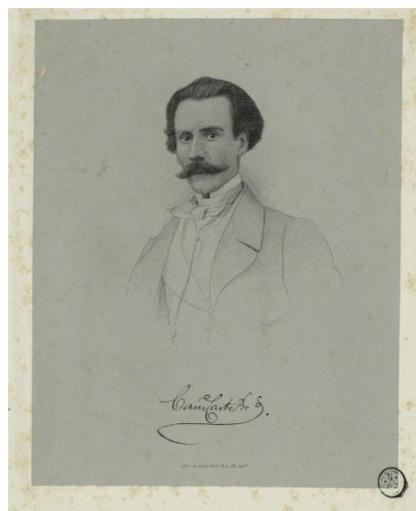
Esse álbum contém cem retratos em água-forte, com 31 cm cada, de personalidades como Pedro II, Fernando II, Pedro IV, Luís I (reis de Portugal), Maria Pia (rainha de Portugal) Almeida Garrett, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Rodrigo da Fonseca Magalhães (importantes escritores do período) e pelo menos cinco colaboradores do periódico *A Esperança*: Camilo Castelo Branco, Teófilo Braga, Ernesto Biester, Ernesto Pinto de Almeida e um retrato que é atribuído a Maria Peregrina de Sousa.

⁵⁰⁵ Informações fornecidas em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26006>>. Acessado em: Jan. de 2020.

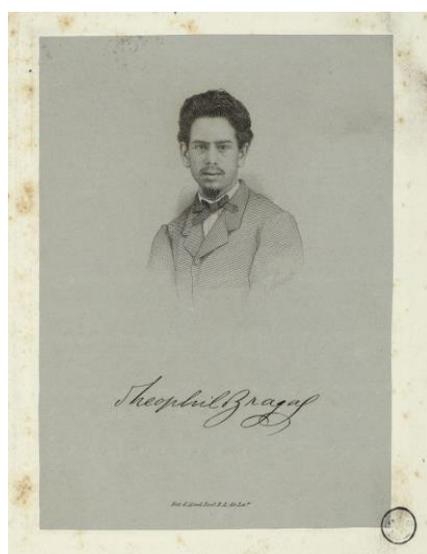
Figura 19 – Páginas do livro de Joaquim Pedro de Sousa e Silêncio Cristão de Barros



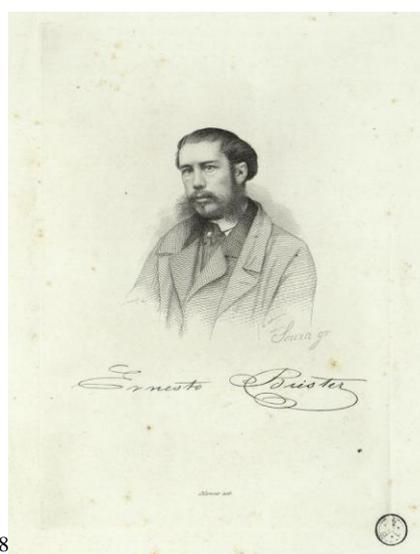
506



507



508



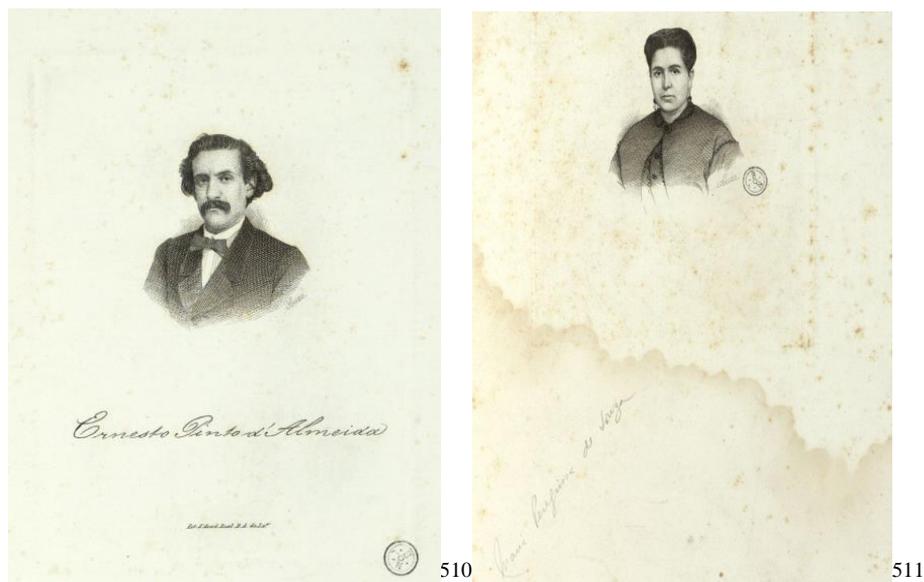
509

⁵⁰⁶ Capa. SOUSA, Joaquim Pedro de; 1818-1878; Barros, Silêncio Cristão de, 1792-ca 1870 (impressor)..RETRATOS DE PORTUGUESES DO SÉCULO XIX] [VISUAL GRÁFICO] / SOUZA. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/6376>> . Acessado em: Ago. de 2020.

⁵⁰⁷ Camilo Castelo Branco In: *Ibidem*, p.33.

⁵⁰⁸ Teófilo Braga In: *Ibidem*, p. 65.

⁵⁰⁹ Ernesto Biester. In: *Ibidem*, p. 77.



Fonte: SOUSA, Joaquim Pedro de; 1818-1878; Barros, Silêncio Cristão de, 1792-ca 1870 (impressor)..RETRATOS DE PORTUGUESES DO SÉCULO XIX] [VISUAL GRÁFICO] / SOUZA. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/6376> . Acessado em 11/08/2019

Utiliza-se a palavra atribuída em relação à Maria Peregrina de Sousa porque somente no canto esquerdo da página de seu possível retrato a grafia de seu nome foi encontrada escrita à Lápis. De modo geral, embora necessite de um estudo mais aprofundado, esse álbum nos permite observar que os retratos não foram agrupados em ordem alfabética, mas a partir de certa importância pública dessas personalidades. Com exceção da rainha D. Maria Pia, as demais cinco (5) mulheres presentes no álbum só aparecem a partir da metade da obra. Além disso, deve-se sublinhar que, devido a grande quantidade de páginas em branco e/ou páginas somente com marcas de uso, possivelmente essa obra apresentava mais personalidades. E, portanto, outros colaboradores do periódico *A Esperança* poderiam também fazer parte desse e das redes que o mesmo interseccionava.

Percebe-se que *A Esperança* foi um periódico que contou com intelectuais inseridos em redes de sociabilidades que não se limitavam ao Porto, local de produção desse jornal. Tal prerrogativa pode também ser vista justamente pelo fato desse periódico ser produzido na cidade do Porto, mas apresentar a possibilidade de circular em outras províncias de Portugal e, mesmo, no Império brasileiro⁵¹². Cada um dos escritores de *A Esperança* apresentava certa tradição no mundo dos impressos e nessa revista cada um participou de uma forma, possibilitando-nos compreender as redes de sociabilidade, os gostos e locais em comum de cada

⁵¹⁰ Ernesto Pinto de Almeida. In: *Ibidem*, p. 83.

⁵¹¹ Maria Peregrina de Sousa. In: *Ibidem*, p. 102.

⁵¹² *A Esperança*... p.2...1865

autor. Enfim, esse jornal deve ser visto como projeto coletivo, na qual só era publicado o que, de fato, atendia aos seus próprios objetivos editoriais e às perspectivas conjuntas de seus autores. Então, vale, agora conhecermos os principais conteúdos produzidos em *A Esperança* e como esses assuntos se inseriam no cotidiano da cidade do Porto.

3.3 Por dentro do conteúdo de *A Esperança*

Segundo Tania de Luca “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público leitor⁵¹³. Isso é, a ênfase em determinados temas, a linguagem e a natureza do conteúdo associam-se ao público que a revista pretende atingir. Há motivações que levam à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Dessa forma, questiona-se: o conteúdo de *A Esperança* se associa ao gosto do público feminino? Por que se publicava determinados assuntos? Quais eram esses? A partir desses questionamentos busca-se melhor delimitar e caracterizar os conteúdos impressos nesse periódico portuense.

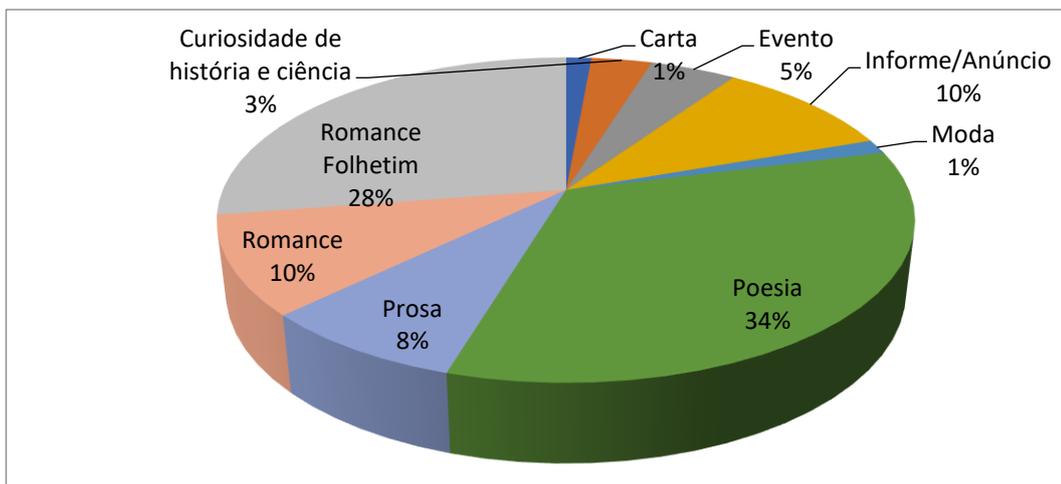
Em *A Esperança: Semanário de Recreio Literário dedicado às Damas* um dos principais assuntos foi estampado no próprio título do impresso. Esse era um semanário literário, seu carro chefe era, de fato, os textos literários, prerrogativa que se relacionava ao contexto que o produzira. Afinal, no Porto, diferentes periódicos se destinavam à temática na mesma época em que *A Esperança* fora inaugurado. Havia *O Facho Literário* (Porto; 1864-1865), *Diário Mercantil Político Literário, industrial e Agrícola de Portugal e Brasil* (Porto; 1860-1872), *Bocage: Piparotes Literários* (Porto; 1865-1867) e outros que costumavam chamar atenção de seu público leitor, principalmente, com romances folhetins e as poesias de cunho romântico.

Mas além de poesias, romances e, principalmente, romances folhetins, *A Esperança* também investiu em outros assuntos. Esse periódico apresentava textos sobre moda, curiosidades históricas e de ciência. Publicavam-se artigos sobre eventos públicos e privados de época, além de prosas, cartas informes e anúncios. Inclusive, no segundo ano de *A Esperança*, a temática “Mosaico” passou a ser estampada nas páginas desse impresso abrigando tanto os textos de curiosidades, quanto as cartas e os textos de moda numa tentativa de melhor organizar o conteúdo do jornal ou mesmo fixar uma possível seção.

⁵¹³ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 139.

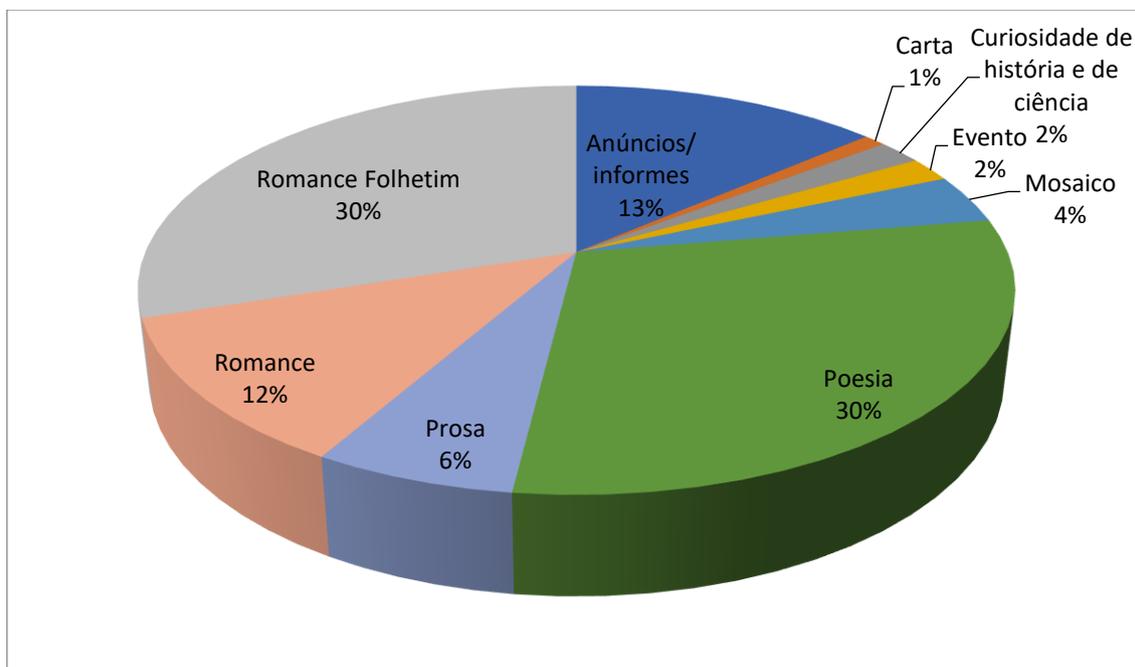
Ao mapearmos os assuntos de todos os textos publicado em *A Esperança* nas categorias Carta, Anúncios/ informes, Romance, Romance Folhetim, Poesia, Curiosidades, Moda, Eventos e Mosaico, observamos os seguintes dados:

Gráfico 5 - Classificação, por assunto, no periódico *A Esperança* – 1ª ano (1865)



Fonte: *A Esperança*. Porto (1865). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Disponível em: 03/10/2020

Gráfico 6 - Classificação, por assunto, no periódico *A Esperança* – 1ª ano (1866)



Fonte: *A Esperança*. Porto (1866). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Disponível em: 03/10/2020.

Os eventos apresentavam uma porcentagem pequena do periódico, de 2 a 5 pontos percentuais do total do impresso. Embora fizesse parte das páginas de *A Esperança*, esse não era o foco dessa publicação, possivelmente, por existir outros periódicos dedicados a tal tarefa, como a *Gazeta dos Teatros* (1863-1866), *Gazeta Homeopática* (1863-1866) *Emancipação: Folha Industrial* (1863-1864), *O Diário do Povo de Portugal e Possessões* (Porto; 1861-1863) *Diário do Porto: Notícias e Anúncios* (Porto; 1865-1866), *O Jornal do Porto* (Porto; 1818-1888) e outros.

Porém, diferentemente desses impressos, *A Esperança* tinha o objetivo de tratar dos eventos públicos e privados da cidade do Porto voltando-se para um público leitor distinto: o público feminino. Assim, esse periódico utilizava-se de textos que disseminavam informações sobre a cidade e o próprio país de modo deflagrar conhecimentos vistos como úteis a serem ensinados e informados às damas de época que apresentavam pouca liberdade de saírem sozinhas às ruas ou viajarem sem a autorização de seus pais e maridos.

Textos como *O Palácio de Cristal*, de Peregrino⁵¹⁴, *No dia da Chegada da Família Real ao Porto da Exposição Internacional*, de Maria Adelaide Fernandes Prata⁵¹⁵, *A Biblioteca de Braga*⁵¹⁶, de Alberto Pimentel e a própria seção *Chonica*⁵¹⁷, também escrita por Pimentel, denotam diferentes acontecimentos públicos e privados que ocorreram tanto no Porto, quanto em cidades próximas.

Ao folhearmos as páginas do *Jornal do Porto*, percebemos que tais eventos, publicados em *A Esperança*, estavam em sincronia com o que ocorria no contexto que o produzira, como se observa nos anúncios abaixo:

⁵¹⁴ *A Esperança*... 1865, p. 97.

⁵¹⁵ *A Esperança*... 1865, p. 288.

⁵¹⁶ *A Esperança*... 1865, p. 188.

⁵¹⁷ *A Esperança*... 1865, p. 131.

Figura 20 – Fragmento de *A Esperança* sobre a Exposição Internacional Portuguesa

Fonte: O Jornal do Porto... n. 76, 1865, p.4. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-04/j-822-g_1865-04-04_item2/j-822-g_1865-04-04_PDF/j-822-g_1865-04-04_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-04_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Jan. de 2020.

O objetivo era instruir suas leitoras, sinalizando de modo claro e adocicado os pormenores dos eventos, tanto os que ocorriam nos teatros e outras instituições culturais quanto em outros eventos públicos e privados de Portugal. Nesse sentido, a *Exposição Internacional Portuguesa* e o famoso *Palácio de Crystal* não passaram despercebidos entre os entusiastas de *A Esperança*.

Alguns textos ainda tramavam formas de fazer os homens levarem suas esposas aos acontecimentos. No texto abaixo, por exemplo, enfatiza-se ser mais rentável e vantajoso passear pelo Palácio de Cristal, acompanhado de sua esposa, que ir à Exposição internacional com toda sua família:

O meu leitor, que tem sete filhos e seis criados, prevê a exposição internacional como uma tempestade, que lhe há de levar a alegria e a alma da sua bolsa... Entretanto, compensa-lhe este mal o prazer de dar um passeio pelo Palacio de Crystal de braço dado com a cara esposa, contemplando ambos tantas maravilhas que os hão de fascinar

518

Vale destacar que assim como no *Jornal das Senhoras* em *A Esperança* também havia um destaque para o teatro. O mesmo foi mencionado em diferentes momentos do periódico portuense. Nesse impresso havia comentários sobre os teatros do Porto, seus atores, horários e data de uma peça ou concerto que era impresso juntamente com um tom de proximidade que, possivelmente, buscava atrair as leitoras. Inclusive, nesses textos pode-se encontrar comentários sobre as apresentações de Francisco de Sá Noronha, o marido da primeira redatora

⁵¹⁸ *A Esperança*... 1865, p. 132

do *Jornal das Senhoras*. Tal dado possibilita compreender como esses mediadores culturais atuavam em ambos os lados do Atlântico:

Deixamos estas considerações. Sigamos. O Snr. Francisco de Sá Noronha, um dos verdadeiros talentos musicais d'este pobre Portugal, escreveu há anos uma belíssima opera, que ele intitulara – BEATRIZ DE PORTUGAL. A criação era esplendida de harmonias e o talento do snr. Noronha bem conhecido já. [...]

[...]

A ópera estava pronta, o libreto escrito, as partituras divididas mas não havia concessão para ser posta em cena! ... Até que por fim, uma noite em que o *dilletanti* entrava o teatro de S. João, ouviu revoar em volta de sai aquelas vagas harmonias, que a alma de Noronha criara e pareceu-lhe estar imerso numa nuvem de rouxinões, que se equilibrava na imensidade calma... Não há obstáculos, que impeçam o vôo audaz do talento! O snr. Noronha continuou a escrever e dá-nos hoje uma outra ópera, que se chama: O Arco de Sant'Anna, cujo libreto foi extraído do excelente romance do visconde d'Almeida Garrett⁵¹⁹.

As curiosidades históricas e de ciências naturais foram publicadas poucas vezes no periódico. Por ter apresentado pouco eco nas páginas de *A Esperança*, podemos questionar se era um assunto incomum entre o universo feminino de época. As poucas vezes em que se falava dos astros celestes ou das personalidades da história de Portugal, falava-se em tom de curiosidade e até mesmo com certo humor. O texto “Fecundidade Extraordinária”⁵²⁰ nos dá uma ideia de como as informações históricas e de ciências naturais apresentam um tom de divertimento – ainda que mantendo o objetivo tanto de entreter quanto de informar suas leitoras:

Fecundidade Extraordinária

Segundo os naturalistas a rainha das abelhas põe 12, 000 ovos em dois meses, e em cinco gerações pode ser a mãe de 5,904, 900 descendentes; porém esta mesma fecundidade em nada é comparada à da formiga branca, que põe 211, 449. 6000 ovos n'um ano⁵²¹.

Alguns textos de história ou de ciência eram dedicados de modo específico, como o texto *O Sol*, caracterizado como “Estudo biográficos em que se faz importantes revelações por causa das dúvidas, dedicados à exm.^a snr^a D. Eufrazia”⁵²². A partir desse exemplo podemos dizer que os escritores do periódico compreendiam que se era a dúvida de uma senhora, poderia ser de outras, logo, esse era um texto apropriado para uma revista voltada às damas de época.

Enfim, normalmente os textos de curiosidades não apresentavam uma seção específica, mas a partir de seus últimos meses passaram a ser publicados sob os títulos “Variedades” e “Mosaico”, nos fazendo compreender a tentativa que os redatores tiveram em buscar fixar tais assuntos em seções específicas.

⁵¹⁹ *A Esperança*... 1865, p. 81.

⁵²⁰ *A Esperança*... 1865, p. 280.

⁵²¹ *A Esperança*... 1865, p. 280.

⁵²² *A Esperança*... 1865, p. 33.

A moda também foi inserida, nos últimos meses de publicação, sob o título Mosaico, mas a todo o momento ela fez parte do impresso. Os assuntos de moda eram publicados nas páginas de *A Esperança* de 3 em 3 meses e, tal como no *Jornal das Senhoras*, a referência à moda francesa era destacada como um diferencial do jornal. As colunas de moda tanto enfatizavam a descrição de estampas francesas quanto relacionava-se ao consumo das ruas do Porto, o que, certamente, atraía tanto a clientela de *A Esperança* quanto a das modistas e lojas de moda do Jardim de São Lázaro, local que, segundo os redatores, as leitoras poderiam achar as peças de roupas que eram descritas nas páginas de *A Esperança*, como se observa abaixo:

A redação deste jornal extremamente penhorada pelo obsequioso acolhimento, que ele recebera do público, vai dar aos snrs. assinantes uma prova do seu reconhecimento e gratidão, aumentando-o de três em Três meses com figurinos correspondentes às quatro estações, e um artigo de moda. Como esta publicação é dedicada às damas muito lhes ha de interessar a nossa inovação. Nos figurinos, encontrarão as leitoras estampada a moderna feição da moda, e ainda que distante da França, apresentarão no Jardim de S. Lazaro, á mesma hora, uma elegante *toilette* igual àquela com que a mais *coquete* parisiense se estará pavoneando⁵²³

Ao pesquisarmos sobre a região de S. Lázaro, percebemos que o Jardim de S. Lázaro era um local próximo ao Passeio, lugar de ver e ser visto, assim como, apreciar a música e o visual ao céu aberto. Já a Feira de S. Lázaro era onde se comercializavam diferentes objetos a um preço mais cômodo, como se observa nas citações abaixo, retiradas da seção “Noticiários”, presente no *Jornal do Porto*.

Feira de S. Lázaro. O tempo tem ocorrido favorável para os feirantes de S. Lázaro. A Feira tem continuado a ser ocorrida até tarde. As barracas tem-se fechado depois das 11 horas da noite⁵²⁴.

Feira de S. Lazaro. Foi no domingo o primeiro dia da feira de S. Lázaro. A concorrência foi imensa, sendo quase impossível transitar por aquele local. A gente das aldeias circunvizinhas que afluíu à feira e à feira e ao jardim era numerosíssima. Alguns desaguisados [...] foram apaziguados pela política. Alguns desordeiros [...] foram capturados e recolhidos na estação da guarda da biblioteca. Muita gente ficou sem lenços, mas não nos veio ao conhecimento que houvesse roubos de maior valia. Da 1 hora às 5 da tarde tocou no Jardim a banda regimental de infantaria 18, n’essa ocasião foi grande a multidão de povo que invadiu o passeio⁵²⁵.

⁵²³ *A Esperança...* 1866, p. 88.

⁵²⁴ *O Jornal do Porto*, Tomo 7, n. 78, 1865, p. 2. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-06/j-822-g_1865-04-06_item2/j-822-g_1865-04-06_PDF/j-822-g_1865-04-06_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-06_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵²⁵ *O Jornal do Porto* Tomo 7, n. 76, 1865, p. 2. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-04/j-822-g_1865-04-04_item2/j-822-g_1865-04-04_PDF/j-822-g_1865-04-04_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-04_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

O jornal *A Esperança* apresentava um público específico e compreendia quem usaria e onde usariam as roupas que eram estampadas em suas páginas. O periódico valorizava a decência, a moralidade, mas também, a moda francesa, questão que era apreciada em seu contexto de produção, como se observa nos anúncios abaixo:

Figura 21 – Anúncios em jornais portugueses



Fonte: *O Jornal do Porto*, 1865.

Enfim, embora ao longo de *A Esperança* seus textos de moda tenham sido reduzidos, colocados em subdivisões e publicados juntamente com outros artigos sob o título “Mosaico”, eles foram impressos até a última edição. Pois, tanto o romance-folhetim quanto a moda eram estratégias que auxiliavam no cultivo de leitoras. Ao tratar das revistas de moda, Ana Cláudia Suriani da Silva afirma que a “moda, pela sua natureza sazonal, e o folhetim eram bastante adequados para a publicação em fascículos. Assim, não é de surpreender que muitos editores com tino comercial combinavam esses dois polos culturais em um único veículo”⁵²⁸.

Dessa forma, assim como a moda, os romances e, principalmente, os folhetins, foram preservados durante todo o período de publicação de *A Esperança*. Eram os romances-folhetins que preenchiam as primeiras páginas do semanário. Eles ocupavam boa parte das 8 páginas do impresso e alguns mostravam-se demasiadamente longos, como se observa na tabela abaixo.

⁵²⁶ *O Jornal do Porto*, Tomo 7, n. 94, 1865, p. 4. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-27/j-822-g_1865-04-27_item2/j-822-g_1865-04-27_PDF/j-822-g_1865-04-27_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-27_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵²⁷ *O Jornal do Porto*, Tomo 7, n. 80, p.4. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-08/j-822-g_1865-04-08_item2/j-822-g_1865-04-08_PDF/j-822-g_1865-04-08_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-08_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵²⁸ SILVA, Ana Cláudia Suriani da. O texto e a imagem nas revistas brasileiras com conteúdo de moda. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia Regina de. *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018, p. 283.

Tabela 9 – Romances folhetins do jornal *A Esperança* (1865-1866)

Ano	Autor	Nome do folhetim	Quantidade de edições que o folhetim foi impresso
1865	Maria Peregrina de Sousa	Maria Isabel	35
1865	Maria Adelaide Fernandes Prata	O Bardo na solidão	08
1865	E. A. Salgado	Coisas	05
1865	F. M. De Sousa Viterbo	A Toureira	07
1865	F. M. de Sousa Viterbo	Memorias D'um Beijo	02
1865	Alberto Pimentel	Olhos Petos	02
1865	J. D'Ascensão	Amor no Oceano	04
1865	Alberto Pimentel	Branca	02
1865	Ephigenia do Carvalho Sousa Telles	Carlos e Laura	06
1865	Augusto Queiroz	Virginia	05
1865	Tradução de Emilia Rosa da Silva	As Duas Desafortunadas	03
1865	Tradução de Emilia Rosa da Silva	A Ruim Mãe	04
1865- 1866	Ephigenia do Carvalho Sousa Telles	Clotilde	09+20= 29
1865	Tradução de A. P. Y. da Silveira	Luzia e Melania	07
1865	Souza Vitervo	Amor dos Túmulos	02
1866	Augusto Queiroz	A Freira	03
1866	A. P. do Amaral	O Comendador da Malta	17
1866	Sousa Viterbo.	Um Suicídio com Flores	05
1866	Augusto Queiroz	Que Arrufos!	04
1866	Alexandre Dumas / tradução de J. N. R. Botelho	O Capitão Ricardo	07
1866	Antônio Peixoto do Amaral	Os dois irmãos	05

Fonte: *A Esperança* (1865-1866). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AEsperanca/AEsperanca.htm>. Acessado em: 02/01/2021.

A tabela nos faz perceber como os romances eram instigantes ao público leitor, a ponto de prorrogar o enredo da história para novas edições, sem findá-las de forma abrupta por até 35 edições, como é o caso do folhetim, *Maria Isabel*, de Maria Peregrina de Sousa.

Se os romances-folhetins iniciavam as edições, cabiam às poesias a proeza de se adaptarem nos poucos espaços que sobravam em suas páginas finais – juntamente com os informes e anúncios. As poesias, os folhetins e os romances em geral apresentavam a maior frequência de publicações e assim como eles, elas falavam de amor, melancolia, infância, dor, sentimentos típicos do romantismo de época. Mas, também elas podiam tratar de uma data comemorativa, como é o caso da poesia *Sexta-Feira Santa* de Maria Adelaide Fernandes

Prata⁵²⁹, À *Exm^a Snr^a D. Amélia C. A. M. (No dia do Seu casamento)*, de Augusto Queiroz⁵³⁰ e *A abertura da Exposição Internacional* de Augusto Queiroz⁵³¹. Elas também podiam homenagear algum parente que fazia aniversário ou mesmo aqueles que se encontravam doentes ou falecidos, como é o caso da poesia *A sentida morte de minha mãe*, de Augusto Queiroz⁵³².

Uma porcentagem pequena da folha era dedicada às cartas. As cartas de *A Esperança* serão melhor trabalhadas no próximo capítulo, mas é interessante já destacarmos que a maioria das cartas impressas eram correspondências trocadas entre os próprios colaboradores do periódico e não cartas de leitores. Essa prerrogativa se diferencia do *Jornal das Senhoras*, que apresentava uma seção específica com o nome “Correspondência”.

Também é interessante destacar que em *A Esperança* não há uma seção específica para essas cartas, elas são publicadas entre os textos literários, à medida que fosse necessário colocá-las à luz, publicava-se o diálogo entre os entusiastas do periódico. Títulos como *Respostas às observações do Snr. Alberto Pimentel*, de Maria Adelaide Fernandes Prata⁵³³, *Estimulo Adelaide Fernandes Prata*, de E. M. de Sousa Viterbo⁵³⁴ e outros evidenciam que as cartas poderiam ser “respostas” acerca de algum assunto mal solucionado ou demonstrava uma aprovação, um “estímulo” a alguma atuação ou postura de um colaborador.

Já os textos em prosa eram multifacetados. Havia aqueles dedicados à religião, ao mundo contemporâneo, às transformações do Porto e de Portugal. Também havia artigos tratando da educação feminina, da religião, a posição de Portugal no mundo das letras e o modo como se deveria prosseguir para alavancar a instrução pública em Portugal. A prosa era um modo do jornal informar suas leitoras com os problemas de seu tempo presente, com artigos que apresentavam argumentos e uma análise profunda e focada acerca de algum imprevisto, retrocesso ou avanço na história recente do país.

Portanto, *A Esperança*, tal como *O Jornal das Senhoras*, buscava atualizar as senhoras com textos sobre os eventos do contexto que o produzira e de seus arredores. Também apresentava o intuito de inseri-las nos contos literários, que enfatizavam histórias de amor, aventura e drama que quase sempre tinham um título de nome feminino. No caso de *A Esperança*, textos como *Maria Isabel*, *A Freira*, *Branca*, *Clotilde*, *Luzia e Melania* e *a Ruim Mãe*, dentre outros, são alguns desses textos que tanto voltavam-se ao público feminino, quanto

⁵²⁹ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 115.

⁵³⁰ *A Esperança*... Tomo 2, 1866, p. 63.

⁵³¹ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 332.

⁵³² *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 372.

⁵³³ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 106.

⁵³⁴ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 107.

tratavam de personalidades femininas com algum destaque. O periódico *A Esperança* também publicava cartas, textos de moda e de assuntos que se relacionavam à ciência e à história. Enfim, o jornal portuense periódico não se mostrava alheio ao contexto que o cercava, muito menos ao gosto de seu público, mas antes, interagiu com ele e buscava agradá-lo com temática que apresentava certa tradição na imprensa voltada ao público feminino.

4 ENTRE DEMÔNIOS DE SAIAS E ROSAS COM ESPINHOS: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

O conceito de representação, para Chartier, é “a imagem presente de um objeto ausente” e/ou a exibição pública de algo existente⁵³⁵. Assim, a representação, utilizada como metodologia de estudo, passa a ser a oportunidade de compreendermos como os próprios contemporâneos de um tempo histórico se enxergavam e eram caracterizados a partir das imagens criadas de si mesmos. Isso é, criadas a partir de códigos e valores compartilhados por determinados grupos de uma dada época.

Nesse sentido, o presente capítulo busca analisar a representação da mulher, abordada nos periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Almeja-se compreender como se davam os debates e os dualismos que projetavam às mulheres, muitas vezes, as imagens de *anjos* e *demônios*. Ao mesmo tempo, pretende-se entender, a partir desses impressos, as transformações e os padrões reservados aos perfis sociais femininos de ambos os lados do Atlântico: Rio de Janeiro e Porto.

Assim, entre práticas e representações, primeiramente, busca-se conectar os laços entre esses locais no tocante a própria busca da definição de mulher.

4.1 A busca da definição da “mulher” como um princípio

Em meados do Oitocentos, artigos e livros foram produzidos a fim de contemplar a definição do que é ser mulher. O alcance da valorização da figura feminina e de sua função na sociedade foi debatido não apenas nos periódicos que nos empenhamos em analisar, mas em diversos outros escritos do contexto, principalmente, aqueles que se intitulam “A mulher”.

Dentre esses impressos, nos deparamos com a obra *La Femme* (1859), do autor romântico Jules Michelet (1798-1874). Nessa obra, Michelet dirigiu-se aos maridos e noivos recomendando como tratar as esposas. Também voltou-se às noivas orientando-as como agir e o que esperar dos seus maridos. Para essa obra, o ideal de mulher deveria ser pautado na esposa dócil, meiga e frágil⁵³⁶.

⁵³⁵ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Á Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2002, p. 20.

⁵³⁶ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (Orgs.) [et.al.] *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008, p. 114.

Neste mesmo período, Michelet também poderia ser lido, pelo menos no Rio de Janeiro, conforme listagem de venda da Livraria Garnier, por meio de “un fragment sur l' education des femme au moyen-agê” [um fragmento sobre a educação das mulheres na Idade Média]⁵³⁷. Essa obra foi anunciada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de dezembro de 1854, e poderia ser comprada na Rua do Ouvidor nº 69, na famosa livraria dos irmãos Garnier⁵³⁸, “importantes atores e mediadores do universo dos livros no século XIX”⁵³⁹.

Em Portugal, o mesmo autor poderia ser consumido nas páginas do periódico que tinha como título *A Mulher* (Porto, 1879). Na opinião desse jornal, “Michellet, o divino autor de *La Femme e L'Amour*”, juntamente com outros escritores, empregou “todas as suas forças para a completa emancipação da mulher, e para a guiar no caminho do futuro”⁵⁴⁰.

Michelet parecia não somente ser lido, mas também um autor destacado na imprensa voltada para o público feminino do contexto, tanto no Brasil, quanto em Portugal com ideias que, em geral, caminhavam para a compreensão que a mulher precisava ser capacitada a fazer seu papel, exclusivamente, no seio da família⁵⁴¹.

O leitor em língua portuguesa interessado em ler sobre *A Mulher*, em meio ao século XIX, também poderia ter acesso à obra da brasileira considerada precursora da defesa das mulheres no Império do Brasil: Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta. Essa autora foi lida e elogiada em diferentes locais da Europa, como em Portugal. O autor português Alexandre Herculano, por exemplo, demonstrava apreço e admiração por sua escrita⁵⁴².

Nísia, em 1857, colocou a público seu texto *A mulher*, no qual ressaltou a questão da amamentação e dos cuidados maternos que as senhoras deveriam ter com seus filhos tendo em vista que ainda havia um velho costume português das senhoras não amamentar seus filhos, mas destinar isso às chamadas amas-de-leite⁵⁴³. Nísia fixou não apenas uma função à mulher,

⁵³⁷ *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1858). Edição 331, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michellet&pasta=ano%20185>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵³⁸ *Ibidem...* Edição 331, p.4...

⁵³⁹ GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia de (Org.). *Suportes e Mediadores. A circulação Transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018, p. p. 17.

⁵⁴⁰ HOLDÃO, Helena. *A Mulher*. Biblioteca Municipal de Lisboa, 2013, p. 3. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AMulher.pdf>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁴¹ HOLDÃO, Helena. *A Mulher*. Biblioteca Municipal de Lisboa, 2013, p. 3. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AMulher.pdf>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁴² TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das Mulheres In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora contexto, 2016, p. 405.

⁵⁴³ SILVA, Robson R. da. *A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX*. Antíteses, v.9, pp. 297-322, 2016 pp 302

como acionou o discurso higienista reinante à época, com o propósito de diminuir a mortalidade infantil e estimular algo considerado “natural”. Segundo sua perspectiva, muitas mulheres precisavam valorizar mais o dito “amor materno”, que se efetivaria através do cuidado com os filhos e a sua amamentação⁵⁴⁴.

Além destas obras, também era possível encontrar o escrito “*La Femme*” do francês Louis Julien Larcher, publicado em 1846 em traduções para a língua portuguesa. Esse livro foi traduzido em 1856, em forma de 16 folhetos, com o título *A Mulher* pela tipografia de Paula Brito, segundo um anúncio do jornal *O Correio da Tarde* (Rio de Janeiro, 1855-1862)⁵⁴⁵.

Nesse anúncio, a obra de Larcher era caracterizada como uma análise das mulheres perante a religião, a natureza, a justiça e a sociedade, sendo, portanto, “um rico e prestigioso mosaico de todas as opiniões emitidas sobre a mulher desde os séculos mais remotos até os nossos dias”⁵⁴⁶. Era, pois, uma análise que nos permite compreender as diversas visões acerca do feminino do que consideravam ser o começo dos tempos, a criação do paraíso terrestre, até os tempos modernos dos “grandes salões parisienses”⁵⁴⁷. Segundo as considerações do tradutor fluminense, mencionado nesse anúncio, o livro permitia identificar a definição do que é ser mulher e seria: “soma do bem e do mal, a mais bela e mais horrível coisa desse mundo, um anjo, um demônio, um abismo cujos mistérios ninguém conhece”⁵⁴⁸.

Louis Julien Larcher parece ter causado certo impacto no mercado editorial das traduções em língua portuguesa, pois ao pesquisarmos sobre ele, percebemos que em 1859 novos textos de sua autoria, em conjunto com o conterrâneo Aimé Martin foram traduzidos e publicados na imprensa brasileira, tendo como objetivos “julgar” a mulher como se observa no anúncio abaixo⁵⁴⁹.

⁵⁴⁴ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In: LOBO, Yolanda & FARIA, Lia (orgs.). *Voices femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p. 106.

⁵⁴⁵ *O Correio da Tarde*. Rio de Janeiro. Tomo 2, n. 136, 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090000&pesq=Defini%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher&pasta=ano%20185>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁴⁶ *O Correio da Tarde* (1855-1862). Tomo 2, n. 136, p.3, 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090000&pesq=L.%20J.%20Larcher>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁴⁷ *O Correio da Tarde* (1855-1862). Tomo 2, n. 136, p.3, 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090000&pesq=L.%20J.%20Larcher>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁴⁸ *O Correio da Tarde...p.3...*

⁵⁴⁹ Como é o caso do anúncio presente na *Marmota*. In: *Marmota* (RJ;1859-1864). tomo 1(1859), n. 1093, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=L.%20J.%20Larcher>>. Acessado em: 24 de Jan. de 2020.

Figura 22 - Anúncio presente em *A Marmota*

AS MULHERES

Julgadas pelas más linguas.

—

O titulo deste livro põe-n'o em tudo a descoberto, segundo o proverbio que—das más linguas ninguem se livra.

« Martin e Larcher » tem, nestes ultimos annos, feito da litteratura sobre o— bello sexo—uma verdadeira *mina de carvão*. Meros compiladores, elles não tomam a responsabilidade das obras que imprimem, não se sujeitam ás penas do que fazem apparecer em volumes de bellas edições *contra as mulheres*, nem se enchem de gloria pelo que publicam *a favor dellas*.

Revolvendo tudo, e obras de todos os tempos, já não tem conta o que se acha hoje no dominio da litteratura franceza *pró e contra*

« O sexo imbelle, que a vaidade adora,
« Do varonil sereia encantadora! »

Fonte: Marmota (RJ;1859-1864). Tomo 1, n. 1093, p.2, 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=L.%20J.%20Larcher>>. Acessado em: Jan. de /2020.

Tratava-se, portanto, de um autor que, juntamente com Martin, podia compilar diferentes visões a favor e contra a mulher. A mulher poderia ser tanto o sexo não belo e “que a vaidade adora”, quanto “sereia encantadora”⁵⁵⁰.

Ao folhearmos as páginas do *Jornal do Porto*, no ano de 1865, é possível compreender um pensamento parecido com a dicotomia mencionada acima num artigo periodista intitulado *As mulheres*. Nessa publicação, colocada a público sem assinatura, ao mesmo tempo em que se consideravam as mulheres a causa de muitos males, enfatizavam-na como “a Alegria, a paz, a felicidade” que se encontram na intimidade do lar doméstico:

As mulheres. Tornaram-se sempre as mulheres a causa de todos os transtornos da terra.
 Por uma mulher se perdeu Tróia.
 Por causa de uma mulher principiou a sangrenta guerra do Peloponeso.
 Por uma mulher, Alexandre Magno reduziu a cinzas os templos imperiais [...].
 Por uma mulher, manchou o grande Cézar a sua glória na Alexandria.
 Por uma mulher, principiou a guerra da Asia, a dos Sarcios e a da Frigia.
 Por Cleópatra, principiou a guerra do Egipto.

⁵⁵⁰ Como é o caso do anúncio presente na Marmota. In: Marmota (RJ;1859-1864). tomo 1(1859), n. 1093, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=L.%20J.%20Larcher>>. Acessado em: Jan. de 2020.

As mulheres perderam também Salomão [...]

Perderam o rei godo D. Rodrigo.

[...]

Muitos outros heróis, sábios, guerreiros e poetas, por quem a humanidade chora, foram igualmente vítimas das mulheres.

A Alegria, a paz, a felicidade perfeita que as mulheres dão no remanso obscuro e ignorado do lar doméstico, eis o que só referem as crônicas íntimas do coração.

A mulher que perde é no fim das contas uma exceção a grande regra da mulher que salva pelo amor, pela consolação, pela coragem, pela fé e pela ressignificação que nos inspira⁵⁵¹.

Esses exemplos nos explicitam que, no cenário da segunda metade do XIX, seja no Brasil, seja em Portugal, as discussões em torno da definição de um papel e de uma função feminina estavam em disputa e, de fato, tornaram-se amplos nos debates da época a ponto da figura feminina ser “julgada”, por diferentes opiniões, como destacava o anúncio publicado no *Correio da Tarde*. Nessas opiniões, percebe-se que o amor, o casamento, o lar doméstico, a maternidade, a amamentação e, também, certo desvio ou inclinação feminina à perdição e ao pecado fazia-se presente. Tratava-se de uma questão contextual em que, certamente, não se passou despercebido aos periódicos aqui analisados.

Nos periódicos *O jornal das Senhoras* e *A Esperança*, além das questões referentes à moda, poemas, romances e contos que desbravam o sentimentalismo, a melancolia e o amor idealizado, em maior ou menor número, esses impressos apresentaram em comum a preocupação em definir o que é ser mulher. Nessas definições, os conflitos de opinião e julgamentos se faziam presentes, tal como nas obras acima mencionadas.

Nesses periódicos, os artigos que apresentam o intuito de definir o ser mulher, de modo mais específico, por vezes, se encontravam com o mesmo título: *A mulher*. Porém, apesar de apresentarem o mesmo enunciado e se encontrarem presentes desde as primeiras edições desses jornais, a busca por certa definição feminina se desdobrou de diferentes formas nessas páginas impressas do Rio de Janeiro e do Porto.

No periódico português *A Esperança*, a mulher é compreendida da seguinte forma pelo colaborador que se identifica, somente, como H. Moreira:

Virgem pensativa [...] na sua consciência se refletem as primeiras impressões de amor platônico! [...] Parece que uma aureola divina lhe ilumina o rosto virginal! Mas não é uma luz divina, é uma luz humana, que lhe dá fogo aos olhos e vida ao coração⁵⁵².

⁵⁵¹ *O Jornal do Porto*. Tomo 7, n 75, p. 2, 1865. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-02/j-822-g_1865-04-02_item2/j-822-g_1865-04-02_PDF/j-822-g_1865-04-02_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-02_0000_1-2_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁵⁵² *A Esperança...* Tomo 1, 1865, p. 24.

Partindo de um discurso amoroso, romântico e idealizador, a mulher descrita pelo jornal português pode ser considerada um ser delicado, iluminado e sonhador. A sacralização dessa idealização feminina, porém, não se mostra de forma divina, mas humana, o que possibilita a existência do amor e do desejo.

Dando prosseguimento ao artigo *A Mulher*, do periódico português, percebemos que embora o autor do texto defina e concorde que o homem seja “[...] o verdadeiro rei da criação e nunca um inseto efêmero”, admite que “se Deus quando lançou o homem” tivesse-o isolado “desse ente feminino da criação humana” cairia sobre ele “a coroa do martírio”⁵⁵³. Sendo assim, por mais que concorde que o homem apresentasse uma hierarquia de rei, o periódico português considerava que a figura feminina era necessária e que era importante que ficasse próxima a ele. A mulher, nesse artigo, pode ser representada como um ser virginal, pensativo, desejoso do amor, mas, também, útil à companhia do homem. Já o homem, pode ser considerado, dentre outras coisas, um ser apaixonado e, ao mesmo tempo, o “rei da criação divina”⁵⁵⁴.

O discurso da necessidade de definição da mulher, sua importância, suas ações e funções, citado pelo colaborador do periódico *A Esperança*, de certa maneira, também apresentou, treze anos antes, repercussão e motivações na produção escrita das mulheres colaboradoras do periódico *O Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro. Porém, de modo distinto, a autora do artigo também intitulado “*A mulher*” procurou não apenas ser irônica, mas proclamar ideias contrárias ao que até então se escrevia e falava acerca delas e sua posição na sociedade.

Segundo o artigo *A Mulher*, presente nas páginas do *Jornal das Senhoras*, as mulheres são retratadas da seguinte forma entre os diferentes indivíduos sociais: para quem apenas ao fim da vida conseguiu uma conquista amorosa, a mulher pode ser classificada como “um demônio de saias, uma cobra, um monstro, uma fúria [...] para os que foram trocados por outro homem [...] “o símbolo da inconstância [...] traidora falsa.” A autora também considera a definição que se aproxima do jornal português nos ratificando a existência da definição da mulher para os apaixonados: “para o rapaz [...] que vai fazendo declarações amorosas à direita e à esquerda [...] as mulheres são anjos consolados, divindades.”. Porém, segundo o periódico, apenas os poetas “loucos e que as vezes dizem coisas boas, [...] compreendem que a mulher não veio ao mundo só para servir de – *machine à propagation* [máquina de propagação⁵⁵⁵]”⁵⁵⁶.

⁵⁵³ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 24.

⁵⁵⁴ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 24.

⁵⁵⁵ Tradução própria.

⁵⁵⁶ *O Jornal das Senhoras*... n. 1, 1852, p. 5...

É importante mostrar que essas reflexões não se tratava de críticas voltadas diretamente aos homens. Afinal, *O Jornal das Senhoras* também lamentava a perpetuação de uma definição de mulher que é difundida entre as próprias mulheres.

E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aqueles, e desconhecidas e menoscabadas por todos! E o pior do negócio é que as mesmas mulheres são muitas vezes contra si mesmas...⁵⁵⁷

Na opinião do referido artigo do *Jornal das Senhoras*, as mulheres podiam ser julgadas de diferentes formas, até mesmo entre elas, mas de modo algum elas eram, somente, máquinas de procriação, um objeto. Elas deviam ser seres atuantes em sociedade.

Ainda segundo esse artigo, o conhecimento de todas essas definições da mulher foram adquiridos enquanto a colaboradora – que escreve sob completo anonimato – estava em um café, “em terras distantes”, quando a mesa ao lado comentava sobre um “estudo profundo e particular”⁵⁵⁸. Segundo a autora, esse estudo era formado de dois capítulos: o último capítulo era destinado ao homem e no primeiro, o homem “tirava dos anjos para dar a mulher”. Tratava-se de um estudo, na visão do *Jornal das Senhoras*, que apresentava “a descompostura mais solene que jamais foi pregada”⁵⁵⁹. E ironiza deixando explícito um possível trecho da obra:

Mas de que servem minhas falhas, minhas iras, minhas fúrias? De que servem os elogios e homenagens, quando tu mulher com uma palavra, com um só olhar dominas o rei da criação que, malgrado eu, se prostras aos seus pés!⁵⁶⁰

A semelhança no discurso acima, citado e ironizado pelo periódico fluminense, bem como a utilização das mesmas ideias de “rei da criação” pelos colaboradores do jornal português, nos sugerem que ambos partilharam e tiveram acesso a ideias análogas. Apesar das especificidades dos respectivos contextos locais, esta aproximação de ideias não era algo incomum, dada a possibilidade da circulação de obras que abordavam esta dicotomia da mulher, ora vista como um anjo, ora como demônio, em ambos os lados do Atlântico.

Voltando ao texto *A Mulher* de *A Esperança*, percebemos que a figura feminina era compreendida como necessária ao homem, fosse devido à necessidade de apreciar sua beleza, fosse devido à felicidade que a mesma gerava a ele. Isso é, nas palavras desse impresso a mulher, “é necessária ao homem tal como o ar a vida” e sendo Deus um rei supremo compreendeu esse preceito da natureza muito bem, dando a mulher “encantos, graças e

⁵⁵⁷ *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 5...

⁵⁵⁸ *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 5...

⁵⁵⁹ *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 5...

⁵⁶⁰ *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 6...

atrativos.” Nesse sentido, o ideal de fragilidade, doçura e delicadeza é mais uma vez ratificado quando se trata de definir a mulher, nesse periódico.

Em *A Esperança* a definição da mulher podia ser vista como um ente iluminado, mas também, podia ser compreendida como um ser ruim. Afinal, o colaborador H. Moreira se questiona: “Mas a mulher, esse oceano de graças em que todo o homem deseja mergulhar é o ideal do paraíso personificado?” e prontamente responde:

Não, infelizmente, não: porque não havendo rosas sem espinhos, a mulher também tem os seus. Oh! e os espinhos da mulher evidenciaram-se bem cedo. O primeiro homem, no paraíso de delícia, mal precisava desprender suas meditações da terra, para saborear a felicidade na sua essência e não nos excessos, como nós voltando os olhos ao horizonte, interrogando as maravilhas da natureza na imensidão do espaço. E quem o arrancou a esse sublime paraíso? “Foi o espinho da primeira rosa”⁵⁶¹.

A mulher, então, aos olhos do jornal português, seria delicada, suave e bela como rosas, porém apresentando espinhos que aparecem desde cedo, referindo-se, possivelmente, ao paraíso bíblico do Éden, onde a primeira rosa, à qual o autor se refere – Eva – teria comido o fruto proibido e recebido como castigo sua expulsão e a de Adão do paraíso.

Por fim, apesar de concordar e admitir o “peso da imprudência” do que acredita ter sido a primeira mulher, H. Moreira, diz não se importar, pois “é ela que faz a felicidade do homem”, mostrando, portanto, mais uma vez, a ideia da utilidade feminina ser decorrente da necessidade masculina, assim como, a presença de dicotomias entre o bem e o mal quando se trata de definir o que é mulher. A mulher tem espinhos, desde a primeira rosa, mas traz a felicidade ao homem.

No periódico *O Jornal nas Senhoras*, no Rio de Janeiro, além de admitir diversas formas de definir a mulher e expor algumas, a colaboradora debate e discorda de modo sarcástico acerca da supremacia natural do homem ser “o rei da criação”. Desta maneira, a colaboradora afirma: “Que graça, que modéstia chamava o homem – o rei da criação! – bonito rei, cego e surdo que vive no mundo às apalpadelas”⁵⁶².

A crítica ao homem elucidada pelo jornal fluminense nos revela como a representação da supremacia masculina estava difundida sobre o argumento do homem ser “o rei da criação”. Assim como revela um quadro de disputa que não estava acabado, mas podia ser questionado, discutido. Afinal, se *O Jornal das Senhoras* se opõe a ideia do homem ser o “rei” da criação tal assunto, treze anos depois, no Porto, foi tratado de modo distinto, firmando a hierarquia de

⁵⁶¹ *A Esperança...* Tomo 1, 1865, p. 24.

⁵⁶² *O Jornal das Senhoras...* n, 1, p. 5, 1852...

superioridade de Adão e mostrando a necessidade da mulher, somente, porque “faz a felicidade do homem”⁵⁶³.

Além de discordar que o homem seja o rei da criação, o artigo *A mulher*, do *Jornal das Senhoras*, também discute a possível culpa de Eva. No entanto, a autora não busca ratificar tal culpa, mas justificar a “malícia da mulher” como forma de evolução ao quadro eterno de uma mesma condição: ficar no paraíso.

A malícia da mulher é de longa data... data do nosso pai Adão... Ele coitadinho era inocente, foi a mulher que o perdeu! [...] Ela fez mal, fez muito mal, olhem que senão fosse isso de certo o *Jornal das Senhoras* não vinha ao mundo, porque naturalmente Adão e Eva ficariam eternamente no paraíso a olhar um para o outro⁵⁶⁴.

A justificativa dessa colaboradora do *Jornal das Senhoras* quanto ao possível benefício da expulsão do primeiro casal bíblico do paraíso do Éden não se pauta somente no ideário de progresso material, mas também, em discursos científicos que ganhavam voz, fosse ao lado do discurso médico, fosse ao lado dos publicistas. Pois, ao continuarmos a leitura desse artigo do jornal fluminense, percebemos que o mesmo cita os frenologistas, estudiosos comuns ao século, que acreditavam que o caráter e as funções intelectuais humanas estavam associados às conformações do crânio e características físicas como todo ⁵⁶⁵. Eles são citados como forma de comprovar as ideias de defesa de Eva, presentes no periódico.

Por exemplo, segundo o *Jornal das Senhoras*, os “Frenologistas, [...] dizem que o instinto sensual sendo mais forte no homem é ele quem procura a mulher”. A colaboradora, portanto, argumentava em prol da justificativa ou possível inibição do que consideravam a culpa feminina quanto à história Bíblica de Adão e Eva, uma vez que, teria sido, em sua visão, Adão que procurou Eva e não Eva que procurou Adão e lhe deu o fruto proibido.

Tais ideias nos mostram como os discursos científicos se atrelavam aos religiosos nos argumentos da época. Além disso, nos levam a compreender que, em comparação com o jornal português, *O Jornal das Senhoras* mostrava-se mais aberto à defesa de certa condição feminina, proposta que se mostrava um dos objetivos principais desse impresso (como visto nos capítulos anteriores).

Daí o periódico buscar definir a mulher, assim como o jornal português, como algo indefinível desde seu primeiro número, mas não porque se trata de um ser misterioso ou incompreensível, mas por apresentar:

⁵⁶³ *A Esperança*... Tomo 1, 1865, p. 24

⁵⁶⁴ *O Jornal das Senhoras*... n. 1; 1852, p. 5...

⁵⁶⁵ Definição disponível em <<https://www.dicio.com.br/frenologia/>>. Acessado em: Abr. de 2020.

[...] alma [e] inteligência [...] Direito que Deus e a natureza lhe concederam [...] suscetível do bom e do mau [...] não é [...] um ser a parte da criação, [...] entra na partilha do bem e do mal, da inteligência e da estupidez. [...] A alma não tem sexo⁵⁶⁶.

A postura do *Jornal das Senhoras* reverberava a compreensão de que a mulher tem inteligência e é suscetível ao bem e ao mal, tal como o homem. Esse jornal fomentava a opção da mulher ser algo importante desde o momento da criação do mundo e defendia a ideia que homens e mulheres eram suscetíveis à atos bons e ruins. A malícia também podia ser uma característica dos homens.

A partir da comparação dos textos *A Mulher* presente em ambos os periódicos, foi possível perceber que, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Porto, existia uma preocupação acerca da temática da definição do feminino, bem como, seus estereótipos de época: ora um ser pensativo, iluminado e angelical, ora um “demônio de saia”⁵⁶⁷ ou uma rosa com espinho⁵⁶⁸.

As opiniões aqui levantadas também nos fazem perceber as possíveis propagações e apropriações⁵⁶⁹ de ideias que circulavam em ambos os lados do Atlântico. Pois, ainda que não se possa afirmar que tais jornais tiveram acesso à obra francesa “*La Femme*”, de Larcher, pode-se dizer que a semelhança no empenho de definição da mulher, as dicotomias e certa briga entre os “julgamentos” do que é ser mulher em sociedade eram próximas às debatidas nessas páginas periodistas. Isso é, existiam questões que aproximam esses escritos para além da semelhança quanto aos títulos.⁵⁷⁰

Em outras palavras, a partir dos textos mencionados, pode-se dizer que as discussões em torno da definição de um papel e de função feminina tornaram-se dominantes nos debates da época, de modo que nos permitem perceber que os colaboradores dos jornais aqui analisados também se viam imersos nessas discussões, que eram amplas e se atrelavam à rede de circulação do livro e dos impressos. Essa rede de circulação impressa, certamente, foi consumida de acordo com os contextos específicos de cada um dos periódicos aqui sinalizados, mesmo se tratando

⁵⁶⁶ *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 6...

⁵⁶⁷ *O Jornal das Senhoras...* n. 1, 1852, p. 5...

⁵⁶⁸ *A Esperança...* Tomo 1, 1865, p. 24.

⁵⁶⁹ Utiliza-se o termo de acordo com Roger Chartier que compreende que apropriações são feitas ao nível individual, e representações, feita em certo consenso dessas apropriações, em nível coletivo. Em outras palavras, de acordo com Chartier, o mundo é formado por representações, que são seguidas e disseminadas pelos indivíduos de uma sociedade. A apropriação permite a um indivíduo interpretar e recriar as práticas “impostas” pelas representações, modificando-as ou não. In: CHARTIER, R. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 11(5), 1991, pp.173-191.

⁵⁷⁰ *O Correio da Tarde*. Rio de Janeiro. Tomo 2, n. 136, 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090000&pesq=Defini%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher&pasta=ano%20185>>. Acessado em: Dez. de 2020.

de impressos que tinham em comum o público feminino e países com certa proximidade cultural: ligados por uma mesma língua e um passado em comum.

Cabe agora questionarmos se os debates sobre a busca de definição do feminino ficaram apenas nos artigos do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança* que tinham como título *A Mulher*. Assim como, cabe questionarmos quais eram as crenças e ideais que sustentavam ou ancoravam a proporção dos debates em torno da definição da mulher. Isso é, cabe aprofundarmos a pesquisa para além das primeiras definições.

4.2 Para além das primeiras definições

Essas representações são numerosas e antigas, muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida, é um grande tema romântico⁵⁷¹.

A necessidade de compreensão do ser mulher, assim como a frequência de certa dicotomia nas representações do feminino foi uma constante não somente nas primeiras páginas de *O Jornal das Senhoras*, do periódico *A Esperança* e dos textos que tinham como título *A Mulher*, mas também fez parte de diferentes escritos dentro e fora das páginas desses impressos. Tratava-se de um tema, como afirma Michelle Perrot⁵⁷², recorrente, em que os textos bíblicos e suas personagens femininas podiam estar no centro dos debates.

Segundo Guacira Lopes Louro, a oposição entre dois modelos femininos, de fato, se mostrou um consenso de referenciais para as mulheres, cujo teor era essencialmente religioso. A força dessa moral religiosa que se colocava como veículo de ensino do que era considerado decente persistiu até as últimas décadas do século XIX, que a todo tempo “apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria”⁵⁷³.

Ainda segundo Louro, a escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não escolha, uma vez que se esperava que a moral feminina se espelhasse somente pela imagem da pureza da Virgem. Isso é, sob a uma visão santa e pura, inspirada no recato e pudor, buscando a perfeição moral e a aceitação de sacrifícios ao se educar e cuidar dos filhos e filhas⁵⁷⁴.

⁵⁷¹ PERROT, Michelle. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 168.

⁵⁷² PERROT, Michelle. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 168.

⁵⁷³ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. Ed. 10a.. São Paulo: Contexto, 2015, p 447.

⁵⁷⁴ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. Ed. 10a.. São Paulo: Contexto, 2015, p 447.

Nesse período, os argumentos de cunho religioso em torno da figura feminina eram instigados tanto por textos literários, quanto aqueles considerados oficiais na história da Igreja, como é o caso do dogma da Imaculada Conceção de Maria, datado de 1854. A partir desse dogma, Maria não só tinha dado à luz permanecendo virgem, como também fora concebida sem pecado, sem mácula. A igreja passou a incentivar sua vida como um modelo a ser seguido pelas senhoras da época. Pois, além de pura, era boa mãe, caminho do progresso, do bem, da moral e da ordem cristã. Maria se tornava, a partir de então, o modelo mais bem acabado de mulher a ponto de até mesmo os teóricos do catolicismo passarem “a assinalar o imenso poder das mulheres como condutoras rumo ao bem, mas sempre no âmbito doméstico, onde alcançariam a sua realização com o casamento”⁵⁷⁵.

Assim, ao lado de Eva, o culto mariano não passou despercebido nos ideais de representação feminina dos periódicos aqui analisados. Em *A Esperança* havia textos que sacralizavam a figura da Virgem Maria e a relacionavam à figura de Mãe, revelando uma religiosidade em torno da personagem. Tal prerrogativa podia ser vista tanto na referência da única figura litografada nesse periódico (como visto no capítulo anterior), quanto nos textos religiosos publicados em suas páginas, como se percebe no seguinte fragmento abaixo:

[...] Para as chagas ir limpar
de seu corpo sacro-santo,
ir lavá-las com seu pranto
que tanto afeto contém.
Lançarem aqueles lábios
As súplicas tão sentidas
E serem vozes perdidas
Pobre Mãe!

Olhar a frente do filho
E ver a coroa d’espinhos;
olhar além os caminhos
que os perigos de sangue têm.
Ver o tormento horroroso
Que sofre sem dar um ai!
Suor que [...] lhe cai!
Pobre Mãe!

Olhar a turba que folga,
Que sorri em derredor,
Dirigindo ao Salvador
Tudo o que à mente lhe vem.
Ver o sarcasmo, o motejo
Ao filho seu que tanto ama,
Por quem aflita chama
Pobre Mãe!
[...]

⁵⁷⁵ LIMA, Raquel dos Santos Sousa. “A Igreja Católica e o discurso sobre a mulher no século XIX: questões de gênero na santidade de Rita de Cássia”. *Anais do II Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões*, Recife, 2015. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/>>. Acessado em: Dez. de 2020.

Contemplai esta agonia
 Contemplai tamanha dor
 Ao filho do seu amor
 Chorando a Virgem Maria⁵⁷⁶.

Também vivendo esse contexto, *O Jornal das Senhoras* apresentou textos religiosos, em referência a santos como Santo Antônio⁵⁷⁷ Santa Odila⁵⁷⁸, e, com maior frequência, à Virgem Maria⁵⁷⁹, que podiam, inclusive, ser assinado por padres:

Tudo deves, mulher, à lei de Cristo:
 Essa lei sacrossanta,
 Que o jugo vil da escravidão quebrando
 Teus direitos outorga.
 Quando do paganismo as atrás nuvens
 Nosso globo enlutavam,
 Tu não eras do homem companheira
 E sim sua escrava.
 Nessa Grécia, quiçá civilizada,
 Na belicosa Roma
 Que o mundo de bárbaro o tratava,
 Do homem ao capricho
 Tua sorte somente dependia
 [...]
 O déspota ali reina
 O prazer sensual só escutando [...]
 Para o gozo d'um homem mil mulheres
 Vegetam desgraçadas!...
 [...]
 Nova lei no Calvário promulgada
 A mulher enobrece,
 D'uma Virgem no Ventre Imaculado
 O Verbo 's'incarnando
 O amor conjugal é consagrado
 Pela voz do SENHOR
 Canta, canta, mulher, hosana, gloria,
 Ao filho de David:
 Pelo padre J. C. Fernandes Pinheiro⁵⁸⁰

Nesses fragmentos, percebemos o culto mariano como algo a ser valorizado. E podemos compreender que mesmo em 1852 – antes do dogma da Imaculada Conceção – no Rio de Janeiro, já era possível valorizar a figura de Maria como uma personagem de distinção. Os textos a seu respeito mostravam uma evolução na condição feminina em que Maria podia ser caracterizada como um elemento divisor de águas da representação da mulher. Ela retirava a mulher de uma condição de “escrava” para uma condição de agência e importância na sociedade. Afinal, em suas palavras, a partir do calvário, “A mulher enobrece”.

⁵⁷⁶ *A Esperança...* 1866, p. 111...

⁵⁷⁷ *O Jornal das Senhoras...* n. 24, 1852, p.2...

⁵⁷⁸ *O Jornal das Senhoras...* n. 33, 1852, p.6...

⁵⁷⁹ *O Jornal das Senhoras...* n. 13, 1852, p.7...

⁵⁸⁰ *O Jornal das Senhoras...* n. 10, p. 4, 1852...

Além de mãe, a Virgem Maria também podia ser caracterizada por esse periódico fluminense como um ser delicado, meigo e consolador, como se observa:

Há uma virgem no mundo
D'um culto santo o objetivo;
Um voto ao altar lhe apende:
Esta Virgem é Maria,
Que tão meiga nos atende.

O nauta que na borrasca
Perde a força e a esperança,
Pra ver tornar a bonança
Inova a estrela do mar:
É Maria a clara estrela,
Só ela o faz esperar.

A donzela que chorosa
Vê brigar o fido amante
E só por Maria chama:
Não abandona a quem ama [...] ⁵⁸¹

Percebe-se que tanto no Rio de Janeiro, quanto no Porto, Maria era não somente referenciada, como também, adjetivada com características que evidenciavam o fato dela ser mãe, meiga, dedicada, pura, consoladora, dentre outros. A ligação entre Maria e as mulheres leitoras desses periódicos se relacionava de modo a evidenciar em diferentes momentos Maria como um exemplo a ser seguido, como se percebe abaixo, no jornal *A Esperança*.

Salve oh! Virgem graciosa,
Mãe de Deus Onipotente,
Eu vos louvo, eu vos adoro
Junto com este inocente

Assim orava
Mãe extremosa,
Tendo nos braços,
Filha mimosa

Com um sorrir d'inocente,
Brando, meigo, lhe pagou
Cara filhinha, os afagos
Que lhe fez, quando beijou:

Mãos delicadas,
Então alcançando
Da mãe o colo
Foi abraçando [...] ⁵⁸²

Porém, juntamente com a idealização do feminino em torno de uma figura santa e pura, em ambos os periódicos persistiam dicotomias que podiam compreender a representação do feminino como algo pecaminoso e que levava a perdição. O periódico *A Esperança*, por

⁵⁸¹ *O Jornal das Senhoras...* n. 13, p. 7, 1852...

⁵⁸² *O Jornal das Senhoras...* n. 16, 1852, p. 4...

exemplo, definia a mulher tanto como algo proveniente do divino, quanto um “Éden de Perdição e do Pecado”, como evidencia a poesia *Primeira Saudade*, de Alfredo Ansur:

Pérola do colar da divindade,
Lírio formoso e meigo do Senhor
[...]
Não é mais lindo o sol não é mais puro,
Que teu olhar angélico, divino;
[...]
Flexível, delicada sensitiva.
Formosa como a opala
[...]
De amor um sonho lindo e caprichoso
Éden de perdição e do pecado,
És, mulher, brando velho acetinado
Onde se esconde o ansiado gozo⁵⁸³.

As dicotomias eram marcantes e nas páginas de *O Jornal das Senhoras* não era diferente. Além de Maria, a figura de Eva também se mostrava uma constante da representação do feminino. Engana-se, porém, quem pensa que a todo o momento Eva era acionada como um ser ruim e pecaminoso. Nas páginas de *O Jornal das Senhoras* é possível encontrar textos que buscavam reconstruir ou reformular grande parte da versão bíblica do Jardim do Éden. No texto impresso na 36ª edição de *O Jornal das Senhoras*, sem assinatura e intitulado *A Mulher perante Deus e o Mundo*, é possível perceber uma narrativa que explicitava uma série de argumentos refeitos acerca da história bíblica do Jardim do Éden, como se observa no prólogo do texto:

Querida leitora vou apresentar-vos os meus princípios e ideias, francas e leais, como sabem ser francas e leais todas as mulheres que devotamente têm cooperado para o progresso de seu semelhante. Tende, pois, paciência que eu dê começo com as palavras de um atleta pugnador dos nossos direitos, e com elas formule a serie dos meus artigos seguintes⁵⁸⁴.

Essa série de artigos apresentam discursos que atenuavam o estigma à “Eva”, presente no contexto produtor do periódico. Assim como atribuiu a Adão características como soberba, sentimento de posse, “instinto de mandar” e despotismo, que segundo o dicionário de Antônio de Moraes Silva pode ser definido como “Autoridade, poder absoluto, arbitrariamente [...] Abuso de poder contra a razão [...]”⁵⁸⁵.

Tal prerrogativa demonstrava que as palavras do discurso político da época, de alguma forma, também habitavam os argumentos a favor da condição feminina que *O Jornal das*

⁵⁸³ *A Esperança...* 1865, p.216...

⁵⁸⁴ *O Jornal das Senhoras...* n. 36, 1852, p.3...

⁵⁸⁵ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831, Tomo 1, p. 591.

Senhoras reverberava. Nesses argumentos, inclusive, o periódico classificava Adão como “rei absoluto”, como afirmam as palavras da autora:

Em todas as épocas, em todas as idades, em todos os espíritos de todos os tempos, tem-se desenvolvido mais ou menos primorosamente este belo pensamento de harmonia – a mulher.

[...]

Deus, o sábio organizador de uma criação admirável, foi o primeiro que depôs na imortalidade da sua obra, o magnífico epílogo – ou a razão – do que havia criado. Quando tudo estava formado, quando modelara de terra o soberbo homem da terra e o fizera marchar de cerviz altiva entre os outros animais da criação, viu em Adão, seu senhor orgulhoso, lançar para tudo que o cercava o seu olhar de rei absoluto.

Era um despotismo da matéria que tinha espírito.

Era como se nele houvesse já a ideia da propriedade.

[...] esse homem volveu a cabeça para todos os lados, abaixou-a e levantou-a, e como despertando de seu sono pétreo, deixou de ser imóvel, tremeu e avançou dizendo – tudo isto é meu!

A mulher, nessa reconstrução bíblica de trechos do livro de *Gênesis*, é compreendida como “belo pensamento de harmonia”, “pensamento de paz”, mas também aquela que educa e ao mesmo tempo em que faz o homem se manter em sua “missão de progresso”. Era, pois, um “anjo” que ajudava e salvava o homem de suas próprias imperfeições.

Deus havia legado ao homem uma alma para o homem, faltava, porém, a expressão da sua própria alma, que educasse aquela, pode-se dizer: faltava um raio puro e suave da porção diviníssima da alma do céu.

Porém sem limites, sem freio à sua vontade, correria esse homem só, obedecendo a esse instinto de mandar, e esquecendo talvez também a sua missão de progresso – esquecendo o pai que o havia criado tão sabiamente.

Quando então adormecida essa criatura orgulhosa, sonhando na sua prepotência, na sua vassalagem, despertou desse sono de rei, ia abrir os olhos para ainda contemplar o que era seu, e seu despertar foi n’um sorriso de Eva, a formosa que mostrava ao seu lado para deslumbrar os olhos do homem que se cria só na terra.

Era a primeira mulher, a dadivosa dos primeiros sorrisos de encantar, a senhora das graças.

Era a harmonia, a suave passagem ou passamento da paz, que vivia na terra, como um anjo da missão da brandura.

Nem lhe fora preciso a palavra doce para fazer despertar o senhor despótico que dormia, apenas o roçar dos seus cabelos pelo rosto do homem adormecido, para abandonar a expressão selvagem⁵⁸⁶.

Mais uma vez o periódico fluminense chamava atenção para o fato que Eva teria uma missão positiva na história bíblica, ou seja, tinha uma missão positiva na história desde os começos dos tempos, na visão de época. A mulher, representada na história a partir de Eva, era compreendida como um anjo auxiliador do progresso. Além disso, era vista como um ser que

⁵⁸⁶ *O Jornal das Senhoras...* n. 36, 1852, p. 3-4...

podia, com apenas o toque de um cabelo, retirar características selvagens, compreendido na época como traços de cunho “bruto, irracional, feroz”⁵⁸⁷ que ainda existiam em Adão.

Em outras palavras, em *O Jornal das Senhoras* havia a construção da representação feminina em torno de um ser transformador que apresentava uma missão em sociedade. Essa missão dizia respeito tanto a zelar pela educação do homem, quanto trazer paz e harmonia afastando, de certa forma, os sentimentos de orgulho e posse que, na visão do periódico, o homem (Adão), de fato, apresentava. Além de atrelar ao discurso bíblico uma visão de progresso e civilização própria do cenário produtor desse jornal, o mesmo buscava desmistificar certa visão de Eva. Essa desmistificação, em meados do XIX, parecia uma oportunidade de retirar a herança de culpa que caía sobre as mulheres no contexto do *Jornal das Senhoras*. Afinal, na visão desse periódico, Eva podia ser considerada a mãe das mulheres da humanidade, já que era a primeira mulher⁵⁸⁸.

Quanto ao ato de comer o fruto proibido, esse mesmo jornal fluminense, mais uma vez, buscava expor que homens e mulheres são, ao mesmo tempo, responsáveis pelo ocorrido.

Diz o velho livro da criação, que fora ela, Eva, que nas delícias do Paraíso buscara distinguir o bem e o mal – a serpente amaldiçoava-a, porque o vil e rasteiro réptil é venenoso, e não ama a doçura de uma alma serena e clara; o homem porém, compreendendo melhor a sua missão, abertos os olhos pela mulher, ligado a ela pelo amor, embriagado em tanta beleza, fora-se com sua mulher a morrer ou viver por ela, suando por sustenta-la, armando o seu braço por defende-la.⁵⁸⁹

No trecho acima, além da figura feminina ser compreendida a partir de uma ação positiva, é possível perceber que o amor era um fator de união e de abrandamento dos possíveis conflitos entre os sexos que podia ser visto desde a criação do mundo. Cada um apresentava um papel. A mulher era bela, doce e vulnerável, mas, mesmo assim, buscou distinguir o bem e o mal. Já Adão era mais ciente de sua existência e se ligava à Eva sob a ideia de amor. E, cabia a ele tanto amá-la quanto sustenta-la e protege-la.

No jornal *A Esperança* também é possível compreender o amor como meio de ligação entre homens e mulheres, começando no paraíso bíblico. Porém, como se percebe já pelo título do texto *Adão antes de Deus formar Eva*, o periódico tinha como objetivo mostrar os sentimentos, angústias, circunstâncias e agências do personagem Adão e não de Eva – característica que, embora apresentasse o mesmo objetivo de narrar a história bíblica do Éden, se diferenciava de *O Jornal das Senhoras* por atribuir outras agências aos indivíduos narrados:

⁵⁸⁷ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831, Tomo II, p. 706.

⁵⁸⁸ *O Jornal das Senhoras*... n. 35, 1852, p.4...

⁵⁸⁹ *O Jornal das Senhoras*... n. 36, 1852, p. 6...

Neste belo paraíso,
 Por que não sou eu ditoso?!
 Por que não enche minh'alma
 Este quadro majestoso?!

A terra cheia d'encantos,
 Este sol que me ilumina,
 Para mim formou Deus tudo;
 Mas eu ainda mais queria!...

Mais... porém, não sei o que.
 O que mais quero fluir...
 O coração pulsa forte,
 A Deus não sei o que pedir!...

Ai, além, o cordeirinho
 Salta alegre na ladeira,
 Não tem mais que desejar
 Oh! Tem uma companheira!...
 [...]

Sim, eu devo só viver
 Para amar o Criador,
 Admirar suas obras
 E dar-lhe infinito amor.

Mas rebelde esta minha'alma
 Quer da terra uma afeição,
 Ah! Ela a busca incessante,
 Incessante, sempre em vão!...

Se também me fora dado
 Uma companheira ter,
 Ao lado seu mais ditoso,
 De Deus louvara o poder!
 [...] mais bela a imagino,
 Qual estrela a cintilar,
 Mais linda que a rubra rosa
 Que a lua a luzir no mar!
 [...]

E cismando sobre a relva
 Adormece apaixonado,
 Eis que Deus a mulher forma
 Que ele vê já despertado.
 [...]

E curvado para o céu
 Ergue as mãos agradecido;
 [...] ele a quisera em troca
 Do paraíso perdido...

Com ela a vida fluir,
 Antes quer sujeito à morte,
 Quer junto dela perder-se,
 Sofrer o rigor de sorte!

Sem a mulher que sois vós
 Sol, estrela, lua, flores?
 O primeiro homem sem ela,

Em vós não achava amores!

Ela só encerra em si
O mundo, céu, paraíso,
Para ser ditoso, ao homem.
Basta um seu meigo sorriso!⁵⁹⁰

Diferentemente de *O Jornal das Senhoras* as páginas de *A Esperança*, com mais frequência, explicitam que Eva foi criada não porque Deus achou que fosse uma maneira de diminuir o orgulho e sentimento de posse que o homem tinha ao ver a criação divina, mas foi criada porque o próprio Adão almejava isso. Nesse sentido, Adão é caracterizado como um ser solitário, rebelde, desejoso de uma companheira. Já Eva, é caracterizada como um ser belo, próximo às estrelas e flores, aquela que leva amor à vida do homem.

As diferenças nos discursos nos levam a compreender a visão que cada um desses impressos reservava no tocante à representação do feminino e sua agência em sociedade. Ambos os periódicos ancoravam-se em discursos religiosos como forma de legitimação de uma verdade e apresentavam uma preocupação em narrar a passagem bíblica do Jardim do Éden, mas cada um do seu jeito.

No caso de *A Esperança*, havia um forte argumento que colocava uma maior importância ao que compreendiam como o primeiro homem, Adão, e seus almejos. Nesse sentido, a mulher teria sido criada por Deus pelo simples motivo de trazer amor, beleza e graça ao homem. Isso é, porque apresentava uma utilidade a ele e porque Adão quis, almejou e pediu a Deus tal feito em troca do paraíso. Por sua vez, em *O Jornal das Senhoras* a figura de Eva mostrava-se como um ser belo, mas também, que apresentava uma missão no mundo: ela quem primeiro distinguiu o bem e o mal, ajuda o homem e o inseria no progresso da civilização.

A beleza, a formosura, o amor e certa idealização feminina também faziam parte das definições da mulher construídas nas páginas de *O Jornal das Senhoras*. Isso é, esse periódico não negava a beleza da mulher, sua utilidade para o homem enquanto mantenedora da harmonia e sua própria educadora, mas a todo o momento o periódico buscava demonstrar uma atuação feminina ao relatar a passagem bíblica do jardim do Éden que se diferencia do periódico português que enfatizava mais o querer e visão de mundo de Adão do que de Eva e sua agência positiva na história bíblica do livro de Gênesis.

O destaque ao papel materno da Virgem Maria aparece tanto no periódico *A Esperança*, quanto no *Jornal das Senhoras*. Contudo, neste último, a maternidade está para além da

⁵⁹⁰ *A Esperança*... 1865, p. 186-187...

representação de Maria, apresentando uma releitura de Eva, muito diferente daquela que reconhece a primeira mulher somente como pecadora: a Eva-mãe.

Em breve gemiam as espessas florestas debaixo do braço de Adão, as entranhas da terra foram aprofundadas, as águas desviadas, a terra cultivada, e no meio de toda a terra ainda selvagem, levantou-se singelamente a choça do primeiro homem formado com o braço guiado pela inteligência animada pela proteção que dele exigia a criatura formosa, como o primeiro movimento dos feitos da vida humana.

Essa família feliz aumentou-se: e agora, aos sorrisos amorosos da mulher esposa, juntaram-se os primeiros cicios de amor maternal.

Eva era mãe.

Foram as suas, sobre a terra, as primeiras carícias que um filho recebera de uma mãe – a primeira mãe e o primeiro filho riam-se e entendiam-se.

Mais eloquente mais sublime essa mulher – mãe, do que a natureza-mãe que havia amamentado Adão, ela houvera entregado sua existência toda inteira para salvar seus filhos da mancha do pecado original - mas sua alma era imortal⁵⁹¹.

Embora seu discurso tenha se atenuado ao longo das edições, *O Jornal das Senhoras*, procurou defender uma posição do ser mulher que buscava retirar sentimentos de culpa e pecado. Afinal, a mulher considerada a primeira pecadora, também era mãe e esposa. Ela, assim como Adão, teria participado do momento da criação. Ambos comeram o fruto proibido e se Adão protegia a família, era Eva que cuidava e amamentava os filhos da humanidade. Nesse discurso, percebemos que o periódico, embora buscasse dar uma maior importância a Eva e negar o homem como “rei da criação”, ele não nega o papel de mãe e esposa das mulheres. Inclusive, o valoriza como atributo positivo e efetivado pelas mulheres desde Eva.

A mulher, porém, sempre firme na sua sagrada missão, foi sempre a mesma mãe para todos os filhos, para todas as idades, e em todos os tempos: ela, a sábia e eloquente mestra do homem, nascera com o espírito cultivado para o seu fim.

Assim, aparecia ela sempre à frente da criação, porque era, por assim dizer, o espírito puro de um Deus de amor, quando cansado de criar só matéria, criara-a com mais abundância de espírito⁵⁹².

A partir daqui, pode-se compreender que tanto em *O Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança* havia um cenário com o intuito de definir o que era mulher a partir de exemplos de figuras femininas bíblicas. Os artigos de ambos os jornais, buscavam influenciar as mulheres a seguir o exemplo de mãe, zelosa, cuidadora e pura. O exemplo de Maria era um destaque e embora *O Jornal das Senhoras* tentasse legitimar Eva, o mesmo nada mais fazia que aproximar Eva dos atributos que, com o passar do tempo, cada vez mais passaram a se pautar no exemplo de Maria: a maternidade, o zelo e cuidado com os filhos. Ambos os impressos, para buscar definir a mulher em sociedade, voltavam a história do Jardim do Éden fosse para culpar, fosse

⁵⁹¹ *O Jornal das Senhoras...* n. 36, 1852, p. 6...

⁵⁹² *O Jornal das Senhoras...* n.1, 1852, p. 6...

para defender os feitos de Eva, mas sempre, compreendendo na maternidade e no amor a fórmula de se chegar à felicidade e harmonia entre homens e mulheres.

Enfim, sendo impressos em um momento em que discursos religiosos legitimavam um modelo de mulher a ser seguido e em que os textos literários buscavam “julgar” a mulher em sociedade, vale analisarmos como essas representações e definições dicotômicas do feminino adentravam o cotidiano dessas mulheres, seus almejos, funções e práticas. Afinal, os discursos são representações que não somente espelham essas mulheres, mas efetivamente as produzem⁵⁹³.

4.3 A escrita feminina periodista: entre práticas e representações

Durante a instrução a mulher converse o silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que conserve, pois o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão⁵⁹⁴.

Ser escritora de *O Jornal das Senhoras* ou do periódico *A Esperança* em uma época em que a representação feminina pautava-se em dualismos de cunho religioso e julgamentos dicotômicos não era nada fácil, pois, como afirmava o apóstolo Paulo, a tradição bíblica atribuía o silêncio às mulheres. Lançar-se no ambiente público dos impressos era, de alguma forma, quebrar esse silêncio, legitimado e sacramentado ao longo dos séculos, como afirma Michellet Perrot⁵⁹⁵.

Vivendo um período em que poucas mulheres conseguiram atuar no ambiente público, Joana Paula Manso de Noronha, primeira redatora de *O Jornal das Senhoras*, trabalhava juntamente com as colaborações de seu esposo. Ela atuava no periódico alternando o público e o privado. Afinal, Manso de Noronha dividiu o espaço interno de sua casa com o ofício de jornalista ao receber as cartas desse impresso em sua própria casa⁵⁹⁶. Ela organizava e redigia *O Jornal das Senhoras* em seu endereço doméstico, evitando deslocamentos desnecessários e mantendo-se sempre perto de sua família, como ditava o protocolo das senhoras brancas e letradas de época⁵⁹⁷.

⁵⁹³ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. Ed. 10a.. São Paulo: Contexto, 2015, p 465.

⁵⁹⁴ Primeira Epístola a Timóteo. Capítulo 2, 11-14. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

⁵⁹⁵ PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. SÃO Paulo: Contexto, 2016. p. 16-17.

⁵⁹⁶ *O Jornal das Senhoras*, Tomo 1, n. 1, p. 2, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&PagFis=1>>. Acessado em: Jun. de 2020.

⁵⁹⁷ KARASCH, Mary. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.p.117-118.

Essa ambiguidade, como afirma Fernanda Bicalho, era compatível ao papel feminino que começava a ser matizado na época: colocado entre as obrigações do ambiente privado e as novas oportunidades de algumas mulheres se inserirem no ambiente público. A imprensa feminina permitiu “tanto no interior da família como na sociedade, que algumas mulheres” pudessem se lançar “através da imprensa à esfera pública como autoras, na afirmação de uma nova missão”⁵⁹⁸. Mas como colocar-se a público na disseminação dessa missão? Como ser representada em um ambiente que, majoritariamente, ainda era composto por escritores homens e discursos que os legitimavam?

Nas páginas de *O Jornal das Senhoras*, é possível compreender a caracterização de uma colaboradora desse impresso. Segundo Noronha, a colaboradora dos artigos de moda era “jovem, inteligente e espirituosa” e devia encarregar-se do trabalho com “o mais rigoroso incógnito”. Tal dado nos leva a pensar como o ato de se colocar no meio público, quebrar o silêncio, por meio da palavra impressa ainda podia gerar problemas para uma mulher a ponto de o anonimato ser uma condição valorizada pelo periódico como forma de proteção, maneira de se evitar uma demasiada exposição dessas senhoras.

Ao analisarmos as páginas de *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* é possível verificar cartas enviadas aos colaboradores e redatoras que podiam revelar um cunho íntimo e de amizade, mas também, as inquietudes e incertezas da escrita periodista feminina. A colaboradora da seção moda de *O Jornal das Senhoras*, por exemplo, afirmava:

[...] minha querida redatora, não me cabe essa fortuna; o que vos digo é que simpatizo com essa certeza e resolução dos espíritos elevados e das inteligências ilustradas [...] estou tremendo, suando e arfando de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até a Tijuca, e por ora ainda me levantei da cadeira em que há boa meia hora estou sentada. Esta educação! Esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido!

[...]

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o efeito da incompleta educação que recebemos [...]. Mau, que estou fora da ordem. Pois bem, então guardei segredo, que eu entro em ordem⁵⁹⁹.

As inseguranças na escrita dessas mulheres, assim como seus temores, eram justificados pela falta de educação de qualidades às senhoras de época. Ao mesmo tempo, o segredo, o

⁵⁹⁸ BICALHO, Maria Fernanda. "O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX". In: COSTA; Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Rebeldia e Submissão: Estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: Fundação Carlos Chagas, 1989. p.85

⁵⁹⁹ *O Jornal das Senhoras*... n. 1, p. 2, 1852...

silêncio, mostrava-se presente e era visto como um mecanismo de colocar a mulher nas ordens pré-estabelecidas.

Mas se alguns assuntos precisavam ser silenciados – como a educação feminina – outros pareciam ser mais tolerados nessas sociedades do Atlântico. Citando os teatros de época, o cotidiano da cidade nos dias comemorativos, os bailes em Botafogo, os batismos no Jardim Botânico e os modos como cada uma das mulheres se vestiam, a escrita feminina de *O Jornal das Senhoras* mostrava-se atenta ao cotidiano de seu contexto produtor e ao gosto do público a quem se dirigia. Cada viagem, cada ida a um baile, cada momento e lugar eram espaços para deixar a pena fluir. Afinal, não era sempre que as mulheres adentravam o ambiente público. Assim, quando encontravam a brecha de partilhá-lo, anotavam suas próprias impressões acerca da música, dos costumes e até mesmo as distinções e semelhanças nas condutas de homens e mulheres, como se observa no relato de viagem abaixo:

É a par d’essa música [música cubana] que tão habilmente e pulsa todas as fibras d’alma, vêm-se ondular pelos salões leves e graciosas formas, brancas e velozes como as borboletas da primavera; são as moças cubanas, entre os braços de seu par, ambos dançando ao compasso d’aquela música. Arrebatadora.

Se desde os primeiros dias do mês de junho, vires dançar em todas as casas, e ranchos de moças grupadas em carros descobertos correr a cidade cantando em altos gritos, saudando todo o mundo com champagne ou cerveja, não vos admireis – isso tudo chama-se correr São João.

[...]

Durante a São João ninguém pensa em dormir; de dia e de noite, passeia-se, dança-se, há máscaras, bailes, serenatas, caçoadas, tudo é permitido – está-se no São João!

[...]

As mulheres são as mais bonitas da ilha; mas os rapazes são do tipo acanhado, afeminado, e despojados d’essa característica dos homens da zona que se revela pelo brio e as proporções superiores, signo de força e verdadeira beleza no homem.”⁶⁰⁰.

Essa escrita periodista era atenta aos detalhes. Falava-se sobre as bebidas, os comportamentos, as festas comemorativas e o tipo de música de diferentes locais. Esses registros cotidiano, como qualquer documento de época, inseria-se em seu contexto produtor e reproduzia estereótipos da época. Cabiam as mulheres serem “as mais bonitas” e ter certo acanhamento, já aos homens, cabiam os signos de “força”, pois, caso contrário, ele seria “afeminado”. Isso é, aquele que tem “delicadeza do corpo, ou do animo [...] própria das mulheres”⁶⁰¹.

⁶⁰⁰ *O Jornal das Senhoras...* n, 9, p. 6-7, 1852...

⁶⁰¹ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831, p. 643.

A escrita periodista feminina também se mostrava atenta às apropriações que precisavam fazer de cada informação observada. Elas selecionavam cada conteúdo e, por vezes, não se contentavam com o que viam para a formulação de seus escritos:

Estou rodeada de todos os jornais franceses de modas de Paris, quem tal diria! Não são menos de vinte e cinco os que tenho à vista, e não são lhes encontro novidade alguma, a exceção das fantasias de carnaval⁶⁰².

Por mais que pudessem ler artigos de jornais franceses como *Moniteur de la Mode*, *Petit Courier de Dames*, *Le Modes Parisiennes*, *Les Femmes*⁶⁰³ e outros, a todo o momento essas mulheres precisavam se fazer acessíveis, com uma linguagem própria para o entendimento de suas leitoras. No momento da Quaresma, por exemplo, as autoras explicavam a necessidade da roupa preta. Além disso, mostravam preocupação em explicar que os franceses não seguiam essa moda de Quaresma, como se observa abaixo:

Paris não segue esta moda, porque as suas instituições religiosas são outras, porque enfim não há a solenidade da Semana Santa com as mesmas formalidades que entre nós se observa: daqui vemos que os franceses nestes dias usam, como em qualquer outra época, e nenhuma etiqueta guardam no seu traje, por isso que em o seu país não há tal costume; ora nós, que estamos em nossa terra, e que a formalidade é outra, devemos continuar com a nossa moda. E se por acaso quisermos imita-las imitemos antes na perseverança de seus costumes⁶⁰⁴.

É interessante notar como essas mulheres escritoras mediavam a moda e suas possibilidades não somente de aquisição, mas de seus materiais, cortes, tecidos e locais que pudessem comprá-los ou produzi-los.

No jornal *A Esperança* não foi diferente. A influência da cultura francesa, o interesse pela moda e em escrever textos que atualizavam as jovens leitoras faziam parte da escrita periodista feminina e da missão das mulheres vistas como já educadas ou instruídas, como é possível observar abaixo, nos escritos assinados por Laura Dumard, publicado, também, durante a Quaresma:

Le monde marche, diz Eugenio Pelletan, sonhador do progresso; *la mode marche*, diremos nós, que fala com franqueza, sonhamos mais com o progresso das modas, que com o progresso do sábio francês.

Muito bem, amáveis leitoras, vou brindar-vos com a descrição de dois bonitos vestidos, da mais completa elegância. As minhas encantadoras amigas, seguidoras das modas, esperam pela novidade, não é assim?

Quer sim, quer não, aí vai o que sei, e o que prometi

Vestido de *moire antique*, cor escura, guarnecido com uma facha de peles escuras[...]⁶⁰⁵

⁶⁰² *O Jornal das Senhoras...* n. 13, p. 1, 1852...

⁶⁰³ BARBOSA, Everton Vieira. Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855). In: BESSONE, Tânia [et. al]. *Imprensa, Livros e política no Oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 199.

⁶⁰⁴ *O Jornal das Senhoras...* n.10, p.1-2, 1852...

⁶⁰⁵ *A Esperança...* 1865, p. 64...

Apresentando uma voz amigável que se comprometia a atualizar suas leitoras, ambas as publicações informavam as mulheres desde os mais mínimos detalhes, o que demonstrava que as escritoras precisavam estar a todo o momento em contato tanto com as informações do mundo da moda que vinham da França, quanto o que estava ocorrendo no próprio cenário em que se assentava seu público leitor (como o momento religioso da Quaresma). Processo que se verifica com frequência de detalhes, nas palavras das colaboradoras do periódico fluminense:

Hei de visitar, já agora que principiei, todos os armazéns de mais bom-tom da rua do Ouvidor e vos irei dando noticiais – do bom e do melhor- que for encontrado, para satisfação das vossas Assinantes⁶⁰⁶.

A sinceridade e a proximidade com o público leitor podem ser observadas no interior das páginas de *O Jornal das Senhoras* com demasiada frequência:

Minhas queridas leitoras é quase meia noite, tenho muito sono, mas Deus me defenda de deixar de falar-vos do espetáculo de hoje; bem vedes que é quinta-feira e eu estou sentenciada a mandar os originais amanhã bem cedo para a tipografia⁶⁰⁷.

Em *A Esperança* observamos com menos frequência como se dava as etapas do processo de criação da moda ou da coleta de qualquer outra informação do ambiente público das ruas pelas penas femininas, possivelmente, porque o periódico destinava pouco espaço para os artigos de moda, como se verifica nas palavras da colaboradora dessa seção:

Por falta d'espço não podemos dar hoje uma crônica completa de modas, para acompanhar o primeiro figurino, com que brindamos os nossos assinantes, o que faremos com mais vagar, qualquer número próximo. Hoje apenas explicaremos brevemente a estampa para melhor inteligência das nossas leitoras⁶⁰⁸.

No periódico fluminense a escrita feminina tinha mais espaço, em comparação ao periódico *A Esperança*. As colaboradoras de *O Jornal das Senhoras* falavam, inclusive, de questões cotidianas e expunham suas opiniões pessoais com maior frequência, revelando que a escrita feminina, ainda que sob a linha tênue de um possível silenciamento tinham suas brechas para se fazer ouvir.

A escrita feminina era representada como um meio de sociabilizar saberes e disseminar novidades que encontravam nas poucas vezes que frequentavam o ambiente das ruas⁶⁰⁹. As autoras, no entanto, também podiam ser alvo de desconfiança, a autoridade feminina e sua capacidade intelectual eram frequentemente colocadas à prova. Por exemplo, como não era comum a escrita periodista feminina, desconfiavam que a autoria dos escritos do *Jornal das*

⁶⁰⁶ *O Jornal das Senhoras*... n. 3, p. 3, 1852...

⁶⁰⁷ *O Jornal das Senhoras*... n. 3, p. 10, 1852...

⁶⁰⁸ *A Esperança*... 1865, p. 119...

⁶⁰⁹ *O Jornal das Senhoras*... n. 18, p. 4, 1852...

Senhoras pudesse ser feito por homens. Mas, prontamente, a colaboradora da seção “Crônica da Semana” afirma:

[...] estamos por enquanto tão mal conceituadas no juízo da metade ou na metade do juízo dos homens, que por certo eles não acreditarão, e o que é mais lastimável, haviam de dizer por aí que a produção não era minha. Ora dá-se... E eu queimando as minhas pestanas!

Quantas vezes tenho ouvido dizer [...] – O artigo tal do *Jornal das Senhoras* não é feito por mulher; nada, aquilo não é linguagem de mulher.

Querem mais claro? E a mulher não pode usar da linguagem do homem! É portanto uma linguagem privilegiada, uma dicção tão incompreensível, que a mulher, pobre coitada, não pode atingir – nunca poderá, dizem eles!⁶¹⁰

Algumas edições depois, as acusações persistiam e a colaboradora, mais uma vez afirmava:

É uma graça ouvir a esses [...], que não faltam em toda a parte, dizer, com a arrogância e fatuidade que lhes facilita a sua tolice ou a sua vaidade, que vem a ser a mesma coisa – qual! Não acredito que a linguagem do *Jornal das Senhoras* – seja linguagem de mulher.

Ora e por que não acreditam vossas mercês em tão pouca coisa? Isso é força do gênio. Pensam então que a mulher, que os criou, há de sempre ser a mesma por todos os séculos dos séculos? Que graça.

Não admitis[...] com seu lindo cabelo repartido, anelado, lustroso e cheirosos, que a mulher do nosso país pode escrever e falar, como muitas outras já escreveram e falaram em outros tempos, e como as que escrevem e falam hoje em toda a Europa?

Ora, senhores, não sejais assim tão injustos com as vossas patrícias: escutai a este respeito as capacidades da vossa terra, e não vos cause suores frios essa inteligência e ilustração que elas vão desenvolvendo à custa de sua aplicação e estudo, porque não hão de por certo de roubar-vos a glória da vossa muito alta, muito nobre, e até mesmo muito conhecida ilustração. Coitadinhas! Nem pretendem pedir privilégio.

O que é verdade é que d’essa acanhada inteligência que vos fazem a esmola de dar e a mal dirigida educação que recebemos, vão surgindo inteligências tão nobres e audaciosas, que nem um dia ainda vos hão de dar um quinhão. Se até lá vos tornardes velhos caducos.

Quereis saber o que faz a Snra. D. Christina para dar a público artigo todas as semanas? [...] Coisa bem simples. Arremeda como pode o estilo de um dos escritores que mais lhe tem agradado, e escreve junto dele o que lhe vem à cabeça, da mesma forma a que muitos de vossas mercês o fazem, para que passe por seu, aquilo que nunca lhes há de pertencer, ainda que cem anos vivão. Já vedes que não é grande façanha⁶¹¹.

Utilizando-se de ironias e demonstrando a forma com que, normalmente, essa escritora se inspira, ao se colocar no ambiente público, a citação acima revela que, não somente o contexto produtor desse impresso julgava que se podia existir uma linguagem própria das mulheres, mas também, que sua palavra ainda tinha pouco valor em sociedade, a ponto dessa colaboradora destinar dois números de sua seção para explicitar que era uma mulher que os escrevia, não um homem.

⁶¹⁰ *O Jornal das Senhoras...* n. 20, p. 9, 1852...

⁶¹¹ *O Jornal das Senhoras...* n. 31, p. 1-2, 1852.

Por mais que nas páginas do *Jornal das Senhoras* existissem ideias que defendiam que “a mulher deve ser a sentinela vigilante de si mesma”⁶¹², a insegurança sempre estava presente e no ato da confecção desse impresso as colaboradoras, muitas vezes, deixaram isso transparecer. A necessidade de detalhar as condições em que estavam quando escreviam ou colhiam informações para o conteúdo do jornal era uma preocupação constante. Assim, sempre que possível, as colaboradoras frisavam que estavam no ambiente público acompanhadas de um parente homem. Pois, isso fazia toda a diferença na compreensão da moral de época e sua representação em sociedade:

Participo-vos que estive na quarta-feira no fascinador Armazém de modas do Wallerstein e C. (será bom dizer-vos que fui acompanhada pelo dito meu primo [...]), mostraram-me tantas fazendas de bom gosto chegadas no último vapor, que n’um instante me vi rodeada de chales, manteletes, visitas, paletós, camisinhas, colarinhos, leques, lenços, e tanta fazenda bonita, que desafio a moça mais decidida, que como eu, se não colocasse na difícil posição da escolha, à vista de centenas de objetos, cada qual o mais tentador!⁶¹³

A necessidade de mostrar que estava com uma figura masculina ou mesmo a insegurança em escrever não era algo visto apenas entre as colaboradoras, mas também nos dizeres da redatora Joana Paula Manso de Noronha. No artigo *Quem eu sou e os meus propósitos*, a primeira redatora de *O Jornal das Senhoras* se colocava como uma mulher experiente, que teve “contato com os vícios humanos, ao fogo ativo do desengano do mundo”. Não se compreendia, dessa forma, como uma mulher “romântica” e inocente, mas “uma mulher escritora; de mais e mais redigindo um jornal”⁶¹⁴. Além disso, prometia se empenhar em “Falar em diferentes coisas, e sobretudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão, etc”. Ao mesmo tempo, afirmava que só tratará dessas questões:

“se Deus não dispuser outra coisa, e se a este jornal, lhe não acontecer o que aconteceu lá na Espanha [...] quando do El-Rei D. Fernando queria fazer reviver a Inquisição, houve proibição formal sobre a introdução de livros e quando o livro ia à Alfândega era levado a uma comissão de Dominicanos”⁶¹⁵.

Joana relatou nas páginas de *O Jornal das Senhoras* seu medo da censura e de sofrê-la como aconteceu com Rousseau e outros autores. Afirmava ainda: “Quem sabe, se o inocente *Jornal das Senhoras*, não vai sofrer algum auto de fé privado”⁶¹⁶. O medo da censura, a insegurança nos escritos, a dualidade do público e do privado e a necessidade de mostrar a legitimidade da escrita feminina fizeram parte de grande parte da representação e das práticas

⁶¹² *O Jornal das Senhoras*... n. 11, p. 12, 1852...

⁶¹³ *O Jornal das Senhoras*... n. 2, p.3, 1852...

⁶¹⁴ *O Jornal das Senhoras*... n. 2, p.3, 1852...

⁶¹⁵ *O Jornal das Senhoras*... n. 2, p.3-4, 1852...

⁶¹⁶ *O Jornal das Senhoras*... n. 2, p.4, 1852...

da cotidiano periodista das mulheres que compunham tanto o *Jornal das Senhoras* quanto o *A Esperança*. Pois, juntamente com as penas femininas que preenchiam as páginas desses impressos pesavam os vários anos do silenciamento feminino, sacralizado, inclusive, nos textos bíblicos. Porém, mesmo tendo consciência dos desafios da escrita periodista feminina, as entusiastas desses impressos mantinham-se empenhadas em colocar a público seus objetivos acerca da melhoria da condição feminina, pois isso promoveria, no entender de época, certas mudanças morais e sociais.

Do outro lado do Atlântico, por exemplo, em *A Esperança*, mesmo com receios de possíveis censuras, o incentivo à escrita feminina também pode ser observado. Numa carta intitulada *Resentimentos...* Maria Adelaide Fernandes Prata escreveu a sua “amiga” Maria Peregrina de Sousa algumas questões acerca da escrita feminina que se assemelham ao que encontramos nas páginas do *Jornal das Senhoras*:

Continua a minha amiga cultivando o espírito, ora lendo, ora escrevendo e dando-nos o prazer de vermos algumas das suas lindas produções publicadas. Bem haja minha amiga que engrandece assim o seu sexo servindo-lhe d’incentivo para imita-la. Anime-nos minha amiga, diga-nos que escrevamos, pois não falta quem nos censure e nos mande concertar as meias!... Será receio que o nosso sexo venha um dia a ofuscar sua glória? Se assim é, não devemos descorçoar porque nos dá isso a certeza de termos as mesmas faculdades e de podermos raciocinar como eles, deixar expandir o nosso pensamento e compor também um romance, tirar sons da lira e quem sabe? Compor até um poema! Mas não; nós não devemos falar em semelhantes coisas que nos não é permitido!

O medo da censura e a insegurança em ser bem aceita no meio público dos impressos era uma constância nos textos de do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Mas em ambos os lados do Atlântico as escritoras se auto incentivavam a continuar a utilizar suas penas. Além disso, acreditavam que podiam fazer mais que costurar uma meia, por exemplo. Elas podiam fazer ambas as coisas sem prejuízos de qualidade, pois suas escritas seriam feitas nas “horas d’ócio”, como se observa abaixo:

O sol nasce só para eles; as lágrimas que a aurora derrama sobre as florinhas e a relva são eles só que as querem ver e espargir, erguendo-se a maior parte das vezes quando o astro do dia vai já em meio do seu giro! E nós que nos levantamos ao raiar d’aurora, não nos é concedido contemplar esse belo quadro e descrevê-lo inspiradas pela mão oculta do criador que se revela com tanta majestade em meio a natureza!
O parnaso é pouco para os nossos poetas, as musas são-lhes todas precisas; e nos cedem a nós, nem sequer a mais debilitada!
Que sejam mais indulgentes conosco, que nos deixem ler e escrever, que nos sobra ainda tempo para fiar
Não há ninguém que não tenha as suas horas d’ócio e essas podemos empregá-las como nos aprouver. Que lucram eles com a estupidez da mulher? Não lhes será mais agradável conversar com ela sendo instruída? Não educará melhor os seus filhos fazendo com que eles se desenvolvam mais depressa, corrigindo-os, já na leitura, já na conversação e ensinando-lhes as lições antes d’irem para as aulas?

Longe de nós a ideia de querermos competir com os homens literatos; não são essas as nossas aspirações que não temos estudos nem talentos para isso; nós somos as que lemos com prazer os seus escritos, somos as suas admiradoras e humildes discípulas, o que nós não podemos, nem queremos aprender, é o seu orgulho!⁶¹⁷

Maria Adelaide Fernandes Prata – autora da citação acima – comparava a liberdade de escrita dos homens de seu tempo e os desafios que as mulheres enfrentavam para serem reconhecidas como escritoras, condição que, segundo a autora, engrandecia o seu “sexo”. Em diferentes graus, pode-se dizer que ambos os jornais almejavam não apenas um melhor papel feminino ou um melhor modelo de mulher a ser seguido, como também, buscavam a educação feminina e a igualdade intelectual entre homens e mulheres.

Porém essa busca pela escrita e pela atividade de publicistas poderia gerar alguns empecilhos à representação pessoal dessas mulheres. Elas podiam ser não apenas caluniadas, mas também, julgadas por diferentes vozes que ora escutavam-nas, ora toleravam-nas, num cenário em que os discursos religiosos em torno da representação da mulher ainda possuíam vez e o silêncio feminino era uma regra a pouco tempo rompida.

Em *O Jornal das Senhoras*, por exemplo, a autora mostra ser muito amiga da Família Real e apresentava um incômodo em relação às pessoas que a julgavam com a “fama de republicana, socialista e não sei que mais”. A mesma afirma: “fui sempre muito afeiçoada à toda Família Imperial, as Augustas irmãs de S. M e a sua digna excelsa Esposa”⁶¹⁸. Ser mulher e estar no ambiente público dos impressos, mesmo sob o anonimato, podia gerar diferentes julgamentos tanto em termos religiosos, quanto políticos, o que nem sempre agradava o discurso vigente, como nos explica Norma Telles:

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair⁶¹⁹.

Em Portugal, nas páginas de *A Esperança*, Alberto Pimentel, por exemplo, explicava que as mulheres não se interessavam pelos jornais porque eles eram políticos e que apenas após a entrada do folhetim é que elas passaram a se entreter com o mundo dos impressos, pois os folhetins não tratam de política. Nesse julgamento, a ideia que as mulheres não apresentavam atributos para discernir leituras vistas como mais pesadas ficava claro, assim como, a

⁶¹⁷ *A Esperança*... 1865, p. 96...

⁶¹⁸ *O Jornal das Senhoras*... n. 3, p. 10, 1852...

⁶¹⁹ TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das Mulheres In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora contexto, 2016, p. 407.

compreensão de um total afastamento dessas mulheres letradas ao jogo do poder, como se observa abaixo:

O sexo feminino importava-se pouco com os jornais políticos. E tinha razão. Nunca a mulher lançava mão d'um periódico e se lançava, relanceava apenas os olhos por sobre a variada gazetinha, porque o seu gênio travesso e folgazão não comportava as discussões áridas e pesadas da política. Um dia, um elegante francês [...] dando-se ares de gente fina e adotado d'um gênio altamente progressista originou admirável revolução no jornalismo português. Teve o espirituoso francês uma recepção maravilhosa, em Portugal.

[...]

Teve o literato parisiense uma hospedaria no baixo das colunas de cada jornal político. Da maravilhosa recepção que tivera, nascera a imensa popularidade, que grandeara. Chamava-se *Feuilleton* o bom do francês.

[...]

Apareceram então os folhetinistas. [...] O certo é que depois da inovação o periódico tanto entrava na câmara da mulher como no escritório do político. [...].

O folhetinista é o homem de bom gosto, com um gênio travesso como o d'uma criança, que passa por sobre as novidades do dia [...]: um homem, que tendo uma alma altamente progressista enterra o chapéu de feltro até as orelhas para não ouvir as discussões bombásticas da política⁶²⁰.

Ao contrário do que previa as páginas de *A Esperança*, podemos dizer que as relações de poder adentravam a vida dessas mulheres, ainda que não pudessem participar como eleitoras ou candidatas. Isso é, se elas não tinham o poder, compreendido a partir da conotação política, elas apresentavam “poderes”, pois atuavam na sociedade a partir do privado, do familiar e mesmo no social a partir das mais diferentes formas e frequências⁶²¹, como pelo correr de suas penas ao construírem os textos da escrita periodista feminina.

As críticas a certos hábitos ou comportamentos femininos não param por aí. Pimentel, por exemplo, nas páginas de *A Esperança*, comentava e criticava os escritos de Maria Adelaide Prata, de modo a tirar os créditos dos argumentos de Adelaide em relação ao seu anseio por educação feminina e do direito a ler e a escrever:

Agora, se a senhora D. Maria Adelaide Fernandes Prata m'o permite, queria dizer-lhe duas palavras em relação a uma carta sua, dirigida à senhora D. Maria Peregrina de Sousa, publicada no número antecedente d'este jornal.

Os homens não têm receio, que o sexo feminino venha um dia a ofuscar a sua gloria, como v. exc^a diz. Eu entendo que a irradiação d'um talento, não cega os olhos dos admiradores, que contemplam outro. O grande é sempre grande [...] Os homens, que trilham a escabrosa estrada das letras, querem que a mulher leia, pense e escreva como eles. As mulheres têm também enriquecido a história da literatura. [...]. O sexo masculino quer que a mulher se nobilite pelo talento [...]. Mas a nobreza que o talento dá, ganha-se pelo estudo e a produções que o sexo feminino, atualmente, tem lançado ao mar da publicidade, diga-se francamente, não são das mais corretas⁶²².

⁶²⁰ *A Esperança*... 1865, p. 103...

⁶²¹ PERROT, Michellet. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 167.

⁶²² *A Esperança*... 1865, p. 104...

Pimentel compreendia que a escrita feminina seria erguida pelo talento e isso era independente do querer do homem. Para ele, Adelaide estava equivocada, ponto que fica mais claro quando o mesmo autor, ao fim dessa carta, ironiza seus pensamentos ao citar uma poesia publicada por Adelaide, como se observa abaixo:

Diz v. exc^a. Que os homens, levantando-se pela maior parte ao meio dia, só querem para si a inspiração bebida no sorrir gracioso da aurora e não permitem a vv. Exc^a. O descreê-la. Isto não me parece assim, porque v. exc^a no seu volume de poesias, publicado em 1859, descreve a aurora, na poesia intitulada – AO NASCER DO SOL – e os homens pouco se importam com isso⁶²³.

A escrita feminina poderia, mesmo nas páginas voltadas às mulheres leitoras, ser facilmente desqualificada por outro escritor. Ela ainda podia ser silenciada. Porém, o silêncio parecia estar pouco a pouco sendo rompido nas páginas de *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Pois, nesses periódicos, a crítica à escrita feminina existia, mas as escritoras não calaram frente a elas, o que possibilitava, certamente, afirmar que transformações na forma com que as mulheres eram vistas e compreendidas nas representações de época estavam em disputa e ainda que timidamente caminhavam para mudanças sociais aparentes.

No periódico portuense, por exemplo, na altura da página 106 do impresso – possivelmente na 14^a edição – Maria Adelaide rebate as críticas de Pimentel com uma carta destinada ao próprio autor nominalmente:

Bem sei, snr. Pimentel que os homens não têm receio que o sexo feminino lhes venha nunca a roubar a sua glória [...].
Sei também que os homens literatos gostam que a mulher se instrua; mas alguns querem n'a instruída até certo ponto; isto é, que converse bem, que escreva com ortografia; porém, que não ouse dar publicidade aos seus escritos e que se lembre que foi destinada para os mistérios domésticos; mas o gênio que não escolhe sexo e que as vezes lhe trasborda na mente, faz com que ela s' esqueça por momentos da roca, para lançar mão da lira e então esse gênio sem estudo torna-se a poetisa da natureza [...]
Se eu tivesse orgulho, ou desse algum valor ao que tenho publicado ficaria agora completamente desapontada; porém não acontecerá assim com outras senhoras que tiveram a consciência d'escrever melhor e eu apesar de não ser competente para lhes fazer uma análise, tenho ouvido elogiar as obras d'algumas a pessoas muito entendidas⁶²⁴.

Afirmando sua tese e mostrando simplicidade, a escrita de Adelaide era receosa e tímida, ainda que pudesse se infiltrar em conflitos que dissessem respeito ao seu sexo. Tal questão nos leva a pensar o quão difícil era, para uma mulher, manter-se no meio público da palavra impressa – ainda que revelando seus questionamentos, dúvidas e anseios por mudança. Ser

⁶²³ *A Esperança*... 1865, p. 104...

⁶²⁴ *A Esperança*... 1865, p. 106...

respeitada por sua legitimidade intelectual não era nada fácil. Elas podiam ser a musa inspiradora, mas não a criadora. Assim, muitas vezes, a escrita feminina precisava ser um local de debate e enfrentamento, ainda que mantendo o decoro e a simplicidade ao se voltar contra um escritor homem. Se Adelaide Fernandes Prata afirmava que as mulheres poderiam ser poetizas e escritoras, dedicar-se não somente a roca de fiar e aos afazeres domésticos, no *Jornal das Senhoras* as respostas às críticas não eram muito diferentes.

No Rio de Janeiro, o artigo *Resposta*, publicado no 6º número do periódico, buscava responder a carta de um remetente que apresentava o pseudônimo de “O Homem”. Esse artigo evidencia uma escrita feminina que inseria a imprensa numa arena de debate e opiniões. Nesses debates pode-se perceber que o “silêncio” era algo esperado à postura de uma mulher, como nos revela a escrita, ainda que combativa, de Joana Paula Manso de Noronha:

[...] pensastes que por ser mulher recuaría espantada e não teria ideias minhas!
Sois vós, por ventura, o único materialista que pugna contra a natureza, contra a vontade do criador, e que supõe parar a roda incessante do progresso humano?
De certo que não é!
[...]
Eu esperava encontrar um opositor às minhas doutrinas, e como isso me dá pouco abalo, eu irei avante, segura de preencher uma santa missão, e com toda coragem do verdadeiro apóstolo da verdade”⁶²⁵.

Em *O Jornal das Senhoras*, Joana Paula Manso de Noronha mostra conhecimento teórico tal como Adelaide Fernandes Prata e rebate seu crítico. Além de citar autores como Michellet, como discursos de autoridade, a redatora Manso de Noronha também explica que seu crítico pertence “a escola materialista, absolutista e inimiga do progresso do gênero humano” e ela pertence “a propaganda humanitária e progressista”. Além disso, afirmava que essa carta “em comparação a obra colossal” a que vem se empenhando, “é apenas mais um espinho na carreira perigosa” que se inseriu “há dez anos!”⁶²⁶. Enfim, a representação da mulher como um ser silenciado, pois havia comido primeiro do fruto proibido, ainda se sucedia como via de regra a ponto de, como afirma Manso de Noronha, se colocar no meio público da palavra impressa ainda podia ser compreendido como algo perigoso a elas.

Por fim, vale ressaltar que a escrita periodista feminina também apresentou aliados. Também existia espaço para práticas de defesas que estavam para além dos argumentos de autoridade que as mulheres apresentavam ao se autodefenderem. No Porto, por exemplo, Sousa

⁶²⁵ *O Jornal das Senhoras...* n. 6, p. 2, 1852...

⁶²⁶ *O Jornal das Senhoras...* n. 6, p. 1, 1852...

Viterbo defendeu Adelaide Fernandes Prata considerando que a mulher tanto poderia ser mãe, quanto escritora e nesse sentido elogiou Prata e mostrou estímulo à mulher pensadora:

Gosto tanto de ver uma mulher com a cabeça sobre o seio, que lhe bebe o pranto amargurado d'uma saudade indebel! E quando essas lágrimas caem sobre a cabeça d'uma criança loura, a quem ela, no justo estremecer do coração, chama, com toda meigura seu *filho!*?

Mas muito mais me apraz vê-la ainda na mesma posição, isto é, com a cabeça reclinada, deixando cair de cima da sua janela languidamente e por descuido, a vista sobre o lago, ao mesmo tempo que levanta com a delicada ponta dos dedos, e lança para trás os cabelos soltos, que lhe a nuvem a fronte, que pensa!

[...]

E esta força de simpatia por todas as mulheres, que se arremessam no vago das cogitações, que me leva para ti. Cuido-te pensadora, e não posso deixar de atirar-te aos pés um grão do meu tributo e sincero reconhecimento. [...] ⁶²⁷

No caso de *O Jornal das Senhoras*, um de seus primeiros aliados na defesa da escrita feminina foi o prospecto do periódico *Jardim das Damas*, publicado em Pernambuco. Nesse prospecto um escritor defendia a educação da mulher e as mesmas ideias colocadas por Joana Paula Manso de Noronha. Não à toa, o prospecto do texto foi impresso em *O Jornal das Senhoras* juntamente com um prólogo que explicava como havia escritores que também defendiam as mesmas ideias que o periódico colocava a luz pública⁶²⁸. O que, certamente, nos leva a compreender que, para além dos discursos religiosos, o discurso de um homem poderia servir como um argumento de autoridade eficaz à escrita e defesa das questões das mulheres letradas de época. O discurso masculino era um argumento de autoridade.

Transcrevemos o Prospecto do – Jardim das Damas – que foi publicado em Pernambuco a 4 de janeiro deste ano. É com extraordinário jubilo que damos este extrato às nossas assinantes. Assim [...] vós que tivestes o arrojo de levantar o estandarte do idiotismo da mulher, vede que já não é uma senhora quem se apresenta na arena do Jornalismo a pugnar pelos direitos e pela ilustração da mulher, são os homens, os mesmos homens que compreendem a necessidade de bases mais sólidas para a educação da mulher, os mesmos que compreendem que Deus não quis, na sua obra, grandiosa, estreitar o circulo da vida d'aquela que foi destinada para ser esposa e mãe.

O Prospecto do Jardim das Damas é um tiro de metralha, que varre até aos seus alicerces os castelos de papelão dos materialistas, que intendem com os seus impotentes gritos imprimir na humanidade um movimento retrogrado, quando os dois elementos da existência universal são – AMOR E PROGRESSO⁶²⁹.

A escrita periodista feminina, nas páginas de *O Jornal das Senhoras* se orientava na busca por igualdade de condições intelectuais e de julgamentos. Acreditava-se que as mulheres tinham as mesmas condições intelectuais que os homens, bastavam-lhe apenas uma educação de qualidade para a equidade transparecer. Além disso, essa escrita destacava que homens e

⁶²⁷ *A Esperança...* 1865, 107...

⁶²⁸ *O Jornal das Senhoras...* n. 6, p. 6, 1852...

⁶²⁹ *O Jornal das Senhoras...* n. 6, p. 6, 1852...

mulheres tinham as mesmas pré-disposição ao bem e ao mal. Afinal: “as molas [...] de que a alma se compõe, é o mesmo no homem que na mulher. A única diferença que existe, é que sentimos com mais veemência e somos mais impressionáveis”⁶³⁰, segundo as palavras de uma colaboradora. Isso é, a mulher, na visão do periódico *O Jornal das Senhoras* apresentava uma perspectiva mais sentimental e isso, em ambos os lados do Atlântico podia ser compreendido ora como algo positivo, ora como algo negativo se inserindo na ambiguidade dos julgamentos que recaíam sob a representação da mulher nessas sociedades.

Julga-se ordinariamente que as mulheres são muito sensíveis e muito fracas, eu, pelo contrário, as julgo menos sensíveis e menos fracas que nós. Sem força de corpo, e sem estudo que possam arrancá-las as suas penas e faze-las esquecer de alguns momentos, elas as suportam, as devoram e sabem algumas vezes oculta-las melhor que nós. Esta firmeza mostra nelas ou uma alma pouco suscetível de impressões profundas, ou uma coragem de que não temos ideia. Quantas crises cruéis há a que os homens não resistem senão distraídos pelo turbilhão das ocupações que os acarretam? Os prazeres das mulheres serão menos penetrantes e menos vivos que os nossos? Não o deverão ser. Suas penas vêm ordinariamente do coração; as nossas não tem algumas vezes outros princípios além da vaidade e da ambição [...] Não louvarei que as mulheres sustentando que o pudor lhes é natural; isto seria pretender que a natureza não lhes tinha dado nem necessidades nem paixões; a reflexão pode reprimir os desejos, mas o primeiro movimento (que o da natureza) as guia sempre a livrarem-se⁶³¹.

Enfim, percebe-se que a escrita da mulher, nesse sentido, entrelaçava-se com a busca de sua missão em sociedade. Elas buscavam e questionavam o direito de escrever, ler e se educar como os homens. Elas eram julgadas e até reverberavam inseguranças ao se colocar nas páginas públicas dos impressos, mas também não se calaram, evidenciando um cenário em que havia rompimento no silêncio feminino, sob alguns ruídos de resistências. Por fim, como evidencia a citação acima, o sentimentalismo e o que entendiam ser uma escrita voltada para o coração poderia ser admirada por alguns ou mesmo, ser motivo de crítica de outros. Mas seja como for, o assunto era palco de debate em ambos os lados do Atlântico, demonstrando como a escrita feminina era motivo de enfrentamentos e questionamentos tanto no Rio de Janeiro quanto no Porto. Enfim, o dualismo, os debates e os julgamentos se faziam presente nas práticas e nas representações do feminino tanto em *O Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança*.

⁶³⁰ *O Jornal das Senhoras*... n. 10, p. 3, 1852...

⁶³¹ *O Jornal das Senhoras* ... n. 33, p. 4, 1852...

4.4 Educar para emancipar, emancipar para cuidar: as idealizações e desejos.

Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a submissão⁶³².

Na segunda metade do XIX, pode-se observar que a representação da mulher estava em disputa tanto nas páginas do *Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança*, os silêncios pouco a pouco iam sendo rompidos e a instrução/ educação tornavam-se algo a ser almejado, mas que, ao mesmo tempo, era motivo de embates entre homens e mulheres, em ambos os lados do Atlântico.

Nesses debates, forjava-se uma orientação para o comportamento das mulheres em sociedade e, simultaneamente, emergia a ideia de sua emancipação. Nesse sentido, vale destacarmos como tal processo se dava e como o termo “emancipação da mulher” aparece tanto em *O Jornal das Senhoras*, quanto n’*A Esperança*.

No Rio de Janeiro, o periódico *O Jornal das Senhoras* publicou em seu 35º número uma carta de uma jovem leitora que tinha como nome Maria Clementina da Cruz. Clementina afirmava, ter apenas 14 anos, mas que ainda assim, já se mostrava consciente de ter uma missão em sociedade. Nessa carta, a autora sintetizava os objetivos e os anseios acerca do propósito da emancipação, demonstrando que esse termo se atrelava a ideia de busca por educação feminina e igualdade intelectual entre os sexos:

Quando a maior parte dos pais de família procuram dar uma educação às suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desapreciam as suas faculdades intelectuais, e quando finalmente tentar-se-á cultivar a sua inteligência, deixando que a liberdade do pensamento flutue em seus escritos? Não entendo que uma mulher por saber música tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever tenha completado a sua educação, não; a meu ver, quando ela se acha neste estado, é que literalmente falando, principia os seus verdadeiros trabalhos, isto é, cultivamento e expansão de suas ideias por meio de um apurado estudo de filosofia, uma grande leitura primeiramente dos clássicos, e depois da história universal e particular das nações, e muita paciência no enfadonho estudo das línguas, e penetração no seu fraseado; alguma aplicação a poesia e as ciências físicas e químicas. Ora, quando uma mulher, á força de paciência e de resignificação, tem introduzido em seu espírito a base essencial de tudo quando a leva a ter consciência de si, já se vê que não pode haver entre o esposo e a esposa diferença alguma nos seus pensamentos; portanto, estabelecida a liberdade de ideias entre dois entes que entendem e se presam, igualmente fica conhecido que se dá a emancipação intelectual da mulher.⁶³³

A chamada emancipação da mulher era um desejo, um almejo de futuro e de transformação que começava no bojo do lar, nas relações entre o marido e a esposa. Assim

⁶³² Primeira Epístola a Timóteo. Capítulo 2, 11-14. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

⁶³³ *O Jorna das Senhoras*... n. 35, p. 3, 1852...

como se ligava a uma busca de instrução de qualidade, que devia ir além do coser, do bordar e do piano. Elas deveriam expandir seu conhecimento com os clássicos, com as ciências físicas e químicas, história universal e particular, o estudo da língua. Tratava-se, na visão da colaboradora, de uma “Ressignificação”, pois, a liberdade de pensamento e a igualdade intelectual entre homens e mulheres, conseguidas, a partir da educação passava a ser outra.

Em outros trechos desse jornal, a própria redatora Joana Paula Manso de Noronha afirmava que não se tratava de uma “revolução” – dever o mundo “as avessas”⁶³⁴, mas, uma “reforma” na condição feminina⁶³⁵. O homem não deixaria de ter o poder no interior da casa. Ele continuaria sendo o protetor, mas a mulher emancipada, educada, se igualaria intelectualmente a ele, proporcionando, assim, melhores condições para a vivência nas conversas do lar e na educação dos filhos. Educada, ou “ilustrada” como se observa abaixo, a mulher passaria a não ter habilidades fúteis, mas teria ciência da religião e seu dever de filha, esposa e mãe:

Nada, urge desengano o mundo que eu não quero de modo algum contrariar a natureza; tenho-me esforçado toda a minha vida em adivinhar o pensamento do Criador e cumprir o que ele me ensina. Não entendo por emancipação moral da mulher subtrai-la à proteção do homem – Sempre que essa proteção tenha por base a amizade, será justa. Não entendo, porém, por proteção, um domínio brutal [...]. Não entendo por emancipação

Moral da mulher subtrai-la à sua missão marcada pelo Criador – a mãe e esposa.

[...]

Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é – sua ilustração. Não entendo por ilustração habilidades fúteis: a ilustração na mulher deve entender-se em primeiro lugar – uma religião⁶³⁶.

Em uma rápida busca acerca do termo “emancipação da mulher”, percebemos que o mesmo foi usado em textos publicados no *Diário do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro; 1821-1858)⁶³⁷, *O Liberal* (Rio de Janeiro; 1848-1855)⁶³⁸, *Diário de Pernambuco* (PE; 1850-1859)⁶³⁹ e *A Semana* (1850-1851)⁶⁴⁰, alguns anos antes de Joana Paula Manso de Noronha defende-lo

⁶³⁴ O Jornal das Senhoras ... n. 4, p. 3, 1852...

⁶³⁵ O Jornal das Senhoras... n. 2, p. 4, 1852...

⁶³⁶ O Jornal das Senhoras... n.4, p. 4, 1852...

⁶³⁷ *Diário do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro; 1821-1858). Ano 24, n. 6992, p.2, 1845. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher%22>. Acessado em: Jun. de 2020.

⁶³⁸ *O Liberal* (Rio de Janeiro; 1848-1855). Ano 4, n. 00187, p. 4, 1851. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=823295&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher%22>>. Acessado em: Jun. de 2020.

⁶³⁹ *Diário de Pernambuco* (PE; 1850-1859), Ano, 1, n. 000157, p. 2, 1851. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher%22>. Acessado em: Jun. de 2020.

⁶⁴⁰ *A Semana* (1850-1851). Ano 1, n. 1, p. 305, 1850. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896314&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20da%20Mulher%22>>. Acessado em: Jun. de 2020.

desde as primeiras páginas de *O Jornal das Senhoras*. Já “emancipação moral da mulher”, como inicialmente, a mesma colocava, apresentou poucos resultados de busca. Durante toda a década de 1850, segundo dados da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*, somente três jornais citaram tal expressão, incluindo *O Jornal das Senhoras*. Os outros dois jornais⁶⁴¹ trataram do termo após as longas páginas que Joana Paula Manso de Noronha disponibilizou para explicá-lo e firmar sua defesa acerca dele.

Tal circunstância evidencia a importância de *O Jornal das Senhoras* dentro de seu tecido cultural de época, pois ele não somente defendia a emancipação da mulher, como cuidadosamente destacava sua aplicação moral. Ele complexificava tal expressão ao lado de uma preocupação acerca da moral feminina incitando as leitoras a compactuarem com suas ideias de modo específico. O periódico chamava atenção para as regras, os costumes e tudo aquilo que se ligava ao modo como as mulheres eram vistas e tratadas em sociedade, assim como, o que estavam sendo ensinados a elas até então.

Nesse pensamento, o jornal defendia a reforma da educação moral feminina, sua liberdade de voz e de ações na sociedade, como é possível perceber nas palavras da colaboradora de *O Jornal das Senhoras*:

Reformai a educação moral, deixem os homens de considerá-la como sua propriedade. Ser que pensa, e não coisa que se muda de lugar sem ser consultada. [...] a principal tendência é a emancipação moral da mulher.⁶⁴²

Tanto a educação como a ideia de emancipação perpassavam palavras como “ressignificação” e “reformas”. Tratava-se de um processo dicotômico, estereotipado e incerto, em que o receio e a insegurança ainda imperavam. O periódico apresentava um olhar no futuro e outro na tradição, principalmente, a de moral religiosa.

A ideia de ressignificação ou reformas também pode ser vista pelo fato dessa educação, almejada e publicada nas páginas do periódico fluminense ao mesmo tempo em que almejava disciplinas específicas, não abandonava o piano, a costura, o bordado e nenhuma outra forma de afazeres domésticos. Afinal, o próprio jornal incentivava suas leitoras a fazerem coisas manuais, como os bordados:

Vem a propósito apresentar-vos nesta ocasião o nosso padrão de riscos de diversos bordados a ponto inglês, para deles fazerdes o uso que melhor entenderdes. Alguém dirá que nós de tais padrões na carecemos, hoje que temos os bordados de todos os

⁶⁴¹ Trata-se do *Correio Mercantil* (Rio de Janeiro; 1848 -1868) e *Periódico dos Pobres* (Rio de Janeiro; 1850-1871). Ver mais em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_407940.1563684.DocLstX&pasta=ano%20185&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20Moral%20da%20Mulher%22>. Acessado em: Jun. de 2020.

⁶⁴² *O Jornal das Senhoras*... n. 6, 1852, p. 6...

valores e especiais importado pelo estrangeiro por um custo favorável e ao alcance de todos: assim é. Mas, um proveito ainda assim eu vejo que se pode tirar destes padrões. Tenho observado que a maior parte dos colégios não cuidam dessa seção de um trabalho tão importante como é o bordado a ponto Inglês, e somente aplicam as meninas ao bordado de lã ou seda, que também é muito bonito, mas não tem o destino imediato d'aquela. Pois bem, em casa, junto de sua terna e boa mãe aprendam elas a fazer também os bordados da nossa estampa porque lá virá uma ocasião em que desejarão bordar, por suas próprias mãos, um lenço para uma de suas melhores amigas, uns delicados paninhos de barba para o seu querido esposo, um colarinho ou uma polka para o extremoso filhinho, e contentes irão executar o seu intento⁶⁴³.

A preocupação em definir o termo emancipação e educação mostrava-se uma necessidade do *Jornal das Senhoras*, já que esse era o objeto do impresso e ao mesmo tempo, uma novidade para o público leitor do jornal. O periódico, dessa forma, procurou definir o termo em diferentes momentos, como se observa abaixo:

[...] o que vem a ser tal emancipação moral da mulher?
Eu vos digo.
É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhes rouba, e dos quais a deserdá, porque tem em si a força material, e porque não se convenceu que um anjo lhe será mais útil que uma boneca⁶⁴⁴.

Na representação da época, a emancipação é colocada como uma transformação da mulher como “boneca”, para a mulher como “anjo”. É uma forma de transformação da mulher como objeto, para formas atuantes dessa em sociedade. Era mais que uma mudança na forma como a figura feminina era vista, mas uma expectativa de transformação que se relacionava às suas funções sociais. Elas deviam ser úteis, ao mesmo tempo, delicadas e divinais como anjos.

O *Jornal das Senhoras* defendia a emancipação da mulher, mas, ao mesmo tempo, não questionava que o homem era o “chefe” natural da família⁶⁴⁵. Esse periódico compreendia que mudanças deveriam ocorrer no modo pelo qual os homens e mulheres eram educados, mas sem deixar de lado os bons princípios, a moral, a religião e atributos vistos como próprio do feminino: ser esposa e mãe. Isso é, cabia a mulher se civilizar, tornar-se polida, educada e abandonar o estado de barbárie⁶⁴⁶, mas, ao mesmo tempo, não se afastar dos preceitos religiosos e “naturais”. Afinal:

O que devemos, pois entender por educação?
Quais as bases sobre que deve versar esta doutrina?
Entenderemos por educação essas habilidades agradáveis ou frívolas, que ornem de leve os espírito sem ilustra-lo?

⁶⁴³ *O Jornal das Senhoras...* n. 21, 1852, p. 2-3...

⁶⁴⁴ *O Jornal das Senhoras...* n.2, p. 4 ...

⁶⁴⁵ *Ibidem...*

⁶⁴⁶ FERES JÚNIOR, João. DE SÁ, Maria Elisa Noronha. Civilização. In: FERES JÚNIOR, João (Org.). *Léxico da História dos Conceitos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 212.

Entenderemos por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fazem o distintivo do homem de sociedade?

Entendemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos indivíduos?

Entendemos por educação os próprios conhecimentos artísticos ou científicos que adornam um indivíduo, e que as vezes o denotam como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educação não é uma palavra.

É um princípio que não entende só com o espírito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo; a educação é a nossa segunda natureza é a pai das más paixões.

A educação é a retidão, a honra, a justiça, a probidade, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para conosco.

A educação são as nossas ações, é o nosso procedimento.

[...]

Entendemos por base única de toda a educação – a religião, o amor a Deus – símbolo da humanidade⁶⁴⁷.

A educação era compreendida como uma doutrina. Não se tratava de algo frívolo; ela também não se relacionava somente aos conhecimentos artísticos ou científicos. Ela ligava-se ao aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo. Ela relacionava-se aos sentimentos e aos deveres com os seus semelhantes. Assim, tratava-se de algo que se conectava ao sagrado e ao profano, ao mesmo tempo, nos fazendo perceber o quanto a escrita feminina se orientava, de fato, sob ressignificações e não transformações bruscas.

Nas páginas de *O Jornal das Senhoras* havia a defesa que as mães deveriam ser instruídas tanto quanto os homens. Elas deveriam ensinar as primeiras lições aos filhos, pois só assim uma nova visão da mulher poderia ser ensinada às crianças e, logo, colocada em voga na sociedade como um todo. Nas palavras da redatora: “Mas enquanto a educação do homem não for reformada, enquanto ele considerar a mulher como sua propriedade, nada teremos feito”⁶⁴⁸.

Emancipação e educação mostram-se, assim, relacionáveis ao longo das páginas desse periódico feminino. No entanto, a educação é vista como algo mais amplo que um ensino regular, não se reduz a conhecimentos específicos, mas um instrumento de transformação de opiniões, gostos e costumes que, inclusive, pode trazer novos olhares para a representação e função da mulher em sociedade.

Nessa segunda metade do XIX brasileiro, período de construção da ordem Imperial e muitas preocupações acerca do fim da escravidão⁶⁴⁹, na visão desse periódico, as mulheres poderiam ser comparadas, inclusive, a uma escrava⁶⁵⁰, pois não desempenhavam uma função

⁶⁴⁷ *O Jornal das Senhoras...* n.7, 1852, p.3...

⁶⁴⁸ *Ibidem...*

⁶⁴⁹ CARVALHO, J... *Op Cit...* 2012.

⁶⁵⁰ Segundo Morais e Silva a definição de escravidão era “O estado de escravo, cativo, servidão”. Porém, a definição de escravo expande o sentido, se aproximando aquele utilizado pelo *Jornal das Senhoras* e *A Esperança* que se relaciona aquele “que não goza dos direitos, e liberdade”. SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831, Tomo 1, p. 744.

efetiva em sociedade que pudessem ser valorizadas. Além disso, não apresentavam ou não conheciam, até então, uma missão social, sendo, em última análise sujeitas a serem “propriedades” e sem direito a opinar, nem mesmo no ambiente doméstico⁶⁵¹.

E porque o homem diz: - Minha mulher – com a mesma entonação de voz com que diz – meu cavalo, minhas botas, etc. etc. etc.

E já se sabe que o cavalo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ele está dispensado de lhes dedicar atenção de espécie alguma!

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseveram que ela não tem suficiente juízo para se conduzir por si mesma!!!

Destinada expressamente a ser vítima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidez!!!

Tudo lhe está mal; se olha, se fala, se ri; e porquê? Perguntamos nós!

Sim, é porque a modéstia... E que mais?

Não poderá uma senhora ser modesta senão olhando sempre para o chão, respondendo por monossílabos?⁶⁵²

Esse jornal se coloca, assim, contra a mulher representada como mero objeto do lar e reivindicava um perfil feminino agente no interior da casa e no progresso da nação. Essa agência/emancipação poderia ser alcançada pela melhoria da educação feminina, já que essa geraria a igualdade intelectual entre os sexos, como pode perceber no seguinte trecho do jornal:

Eis porque desejamos a emancipação moral da mulher; porque lutamos sempre em demonstrar que ela não é inferior ao homem em inteligência, e porque pugnaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida⁶⁵³.

Essas mulheres buscavam espaço e elaboração de uma “missão” feminina, que como se percebe na citação a seguir, caminhava para uma justificação de sua atuação a partir do contexto de valorização das novas ideias acerca da educação e ação social, mas também, de algo considerado próprio do feminino e sacralizado nos discursos literários e religiosos de época: a maternidade⁶⁵⁴.

Perguntarão como? Pois a mulher pode ter outra influência além das panelas? Outra missão além das costuras, outro provir que não seja o rol da roupa suja? Pois escuteme e a educação de seus filhos?⁶⁵⁵

Tal como nos discursos bíblicos que inseriam as mulheres no ideal de mãe, muitas vezes representadas por Maria, a maternidade não passou despercebida pelos ideais do *Jornal das Senhoras*, mas antes, fez parte do discurso de valorização do papel da mulher na sociedade de época. Compreendia-se que, dentro do lar, as mulheres conseguiriam melhor instruir os seus

⁶⁵¹ *O Jornal das Senhoras...* n.2, p. 6...

⁶⁵² *O Jornal das Senhoras...* n. 2, p. 5...

⁶⁵³ *O Jornal das Senhoras...* n. 2, p. 5...

⁶⁵⁴ *O Jornal das Senhoras...* n.2, p. 4...

⁶⁵⁵ *O Jornal das Senhoras...* n.2, p. 6...

filhos, o futuro do país, e assim, contribuírem com o progresso da civilização e da nação que se construía nessa segunda metade do XIX.

Tal questão, de maneira geral, fez parte do pensamento de época e é colocada pela historiografia como de origem francesa sob o termo de *maternidade cívica*⁶⁵⁶. A apropriação dessa mentalidade ao contexto brasileiro não promove somente a percepção das influências francesas no interior desse periódico feminino, como também, possibilita observar como essas mulheres colaboradoras, leitoras e redatoras estavam atentas às mudanças que se sucediam no período juntamente com o discurso religioso em voga. Elas estavam com olhos atentos aos novos modos comportamentais do feminino, palpitando sob sua própria educação, buscando a igualdade intelectual e quebrando, ainda que com muito cuidado, o silêncio da escrita feminina sob a justificativa, muitas vezes, de serem boas mães, tal como foi Maria (ou mesmo, Eva).

Após mais de uma década, em Portugal, os debates acerca da emancipação feminina continuavam na pauta da imprensa e nas expectativas, cada vez mais amplas, acerca da mulher e de sua posição em sociedade.

Segundo José Tengarrinha, é possível que um dos primeiros jornais dedicados a tratar da busca por libertação social das mulheres tenha sido o periódico *A Emancipação feminina* (Porto; 1868)⁶⁵⁷. Porém, nas páginas de *A Esperança*, em 1865, já se podia observar certo anseio pelo direito à educação das mulheres, utilizando-se, inclusive, do termo “emancipação” para se tratar de educação feminina, embora em menor número comparado a outros assuntos do impresso.

Um dos primeiros textos publicados em *A Esperança* acerca da temática da educação feminina e da emancipação da mulher foi o artigo, *A mulher – Sua Educação*, de Henriqueta Elisa Pereira de Sousa (1843-?). Embora tenha publicado poucos escritos no jornal portuense *A Esperança*, a mesma foi poetisa, jornalista, muito elogiada por homens de seu tempo como D. Antônio da Costa, que em 1892 a enalteceu na obra *A Mulher em Portugal*⁶⁵⁸. Além disso, em 1862 publicou o texto introdutório do jornal revista *Hymnos e Flores*, o que, segundo Ana Maria Lopes, nos faz supor se a mesma não fosse sua redatora ou proprietária, já que não há

⁶⁵⁶ Em geral o termo pode ser compreendido pelo atributo que “A ‘mulher-modelo’ revolucionária deveria preocupar-se com sua postura moral, com sua instrução formal e, acima de tudo, em ser a educadora dos futuros cidadãos através da maternidade cívica, sendo este um meio honroso de atuar na sociedade”. Cf: SANTOS, Lúvia Assumpção V. dos. *A mulher por ela mesma*. Anais do XVIII Encontro de história da Anpuh Rio: *História e Parcerias*, 2018, p. 2. Disponível em: <<https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares#L>>. Acessado em: 30/01/2021.

⁶⁵⁷ TENAGRRINHA, José... *Op Cit...* 1989, p. 241.

⁶⁵⁸ LOPES, Ana Maria... *Op. Cit...* 2005, p. 320.

nenhuma outra assinatura na folha que demarque quem eram os proprietários, colaboradores e diretores desse impresso⁶⁵⁹.

Henriqueta Elisa defendeu que “a emancipação da Mulher não era a sua bandeira”. Para ela, a emancipação era “uma ficção, um sonho irrealizável [e] seria uma grande desgraça para ambos os sexos”⁶⁶⁰. Em sua visão, não havia a necessidade do homem elevar a posição feminina sob “o poder” masculino, com luxos e ostentações, apenas educá-la, pois:

a mãe instruída pode e sabe educar seus filhos e a ignorante não o poderia fazer. [...] não quero provar que a mulher fosse por Deus destinada só e exclusivamente para ama e mentora das crianças; mas sem que, sendo essa a sua principal função, a ela que primeiro cumpre atender⁶⁶¹.

Além de sublinhar que o destino feminino era definido a partir de sua própria atuação na sociedade, como assim também compreendia seu principal referencial teórico, sublinhado ao final de seu texto, Aimé Martin em *Educação das Mães de Família* (1834), Henriqueta Elisa lança uma forma de compreender a emancipação que em primeiro momento, se distancia dos argumentos em favor da educação feminina que se encontravam presente no periódico *O Jornal das Senhoras*, mas, ao mesmo tempo, se aproximava do periódico feminino no tocante à educação feminina ser atrelada à maternidade e ao lar.

Nesse texto, percebemos um discurso que chamava atenção para que a mulher apresentasse “uma educação e princípios coerentes com sua natureza e, sobretudo, com a dupla condição de esposa e de mãe”⁶⁶². Isso é, a autora não contraria o papel feminino como pertencente ao lar, muito menos a ideia que cabia ao homem sustentar a “luta no interior de sua casa [...] para não abdicar a dignidade do seu poder”⁶⁶³.

Trata-se de um discurso que culpa o homem por ter deixado a emancipação, entendida como ambição, luxo e ostentação feminina, se infiltrar no interior da família. Nas palavras de Lopes, “Para Henriqueta Elisa cabia ao homem a tarefa de educar quem tinha deseducado”⁶⁶⁴. Ao mesmo tempo, Henriqueta busca uma educação que reverta esse estado de coisas por meio da atuação da mulher no interior de seus lares. Henriqueta tanto defende uma educação voltada para o lar quanto para o que era compreendido como um dever “natural” da mulher: ser mãe e esposa.

⁶⁵⁹ LOPES, Ana Maria... *Op. Cit...* 2005, p. 312.

⁶⁶⁰ *A Esperança...* p. 49 ... 1865...

⁶⁶¹ *A Esperança...* p. 57 ... 1865...

⁶⁶² *A Esperança...* p. 49 ... 1865...

⁶⁶³ *A Esperança...* p. 50 ... 1865...

⁶⁶⁴ LOPES, Ana Maria... *Op. Cit...* p. 313.

Nas páginas do jornal *A Esperança* há uma defesa de uma educação feminina que “regenere” o “vácuo da família” que se mostrava, na visão de época, abalado devido aos “desmaios dos primeiros rigores” e o fato da mulher passar a ser “lisonjeada, festejada e adulada [...] e acusar de tirano, quem outrora, lhe parecera submisso escravo”. Como se percebe na citação a seguir:

Não a educais somente para a sociedade, educai-a antes para a família: deixe-a tomar o voo que seu espírito naturalmente procura, se quereis esposas, se quereis mães. Não a modeleis em vossa fantasia, pelo tipo de rainha da sala, se seus triunfos satisfazem momentaneamente vossa vaidade, mais tarde achareis que eles vos são nocivos, quando carecereis da força para dominar seu império. Se quereis regenerar a sociedade, substituir a corrupção pela virtude, educai a mulher, só ela o poderá conseguir⁶⁶⁵

Enfim, em *A Esperança* há uma acusação ao homem. Critica-se que ele deixou se instaurar uma nova relação de poder entre homens e mulheres e defende uma educação feminina que seja para educar e ensinar as mulheres a cuidarem de seus filhos, compondo novamente o seio das famílias e não possibilitando que “as amas” de leite, “os mentores” e os “colégios “influenciem e interfiram” no que compreenderam como “deseestruturação familiar”⁶⁶⁶

Ainda que, aparentemente, ao comparar os discursos sobre a emancipação da mulher entre os periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, percebe-se que se utilizem de argumentos diferenciados, suas semelhanças também podem ser compreendidas. Pois, em ambos os periódicos, os deveres domésticos se atrelavam a certa justificativa pela educação feminina. A educação almejada nas páginas desses impressos perpassava as necessidades de melhoramento da condição feminina para sua atuação no lar. Dentro do lar a mulher instruída poderiam melhor cuidar de seus filhos, ensinar-lhes as primeiras lições, não deixá-los com estranhos, melhor conversar com o marido, aconselhá-lo e, a partir daí, agir na civilização da nação, mas sem com isso deixar a moral religiosa de lado.

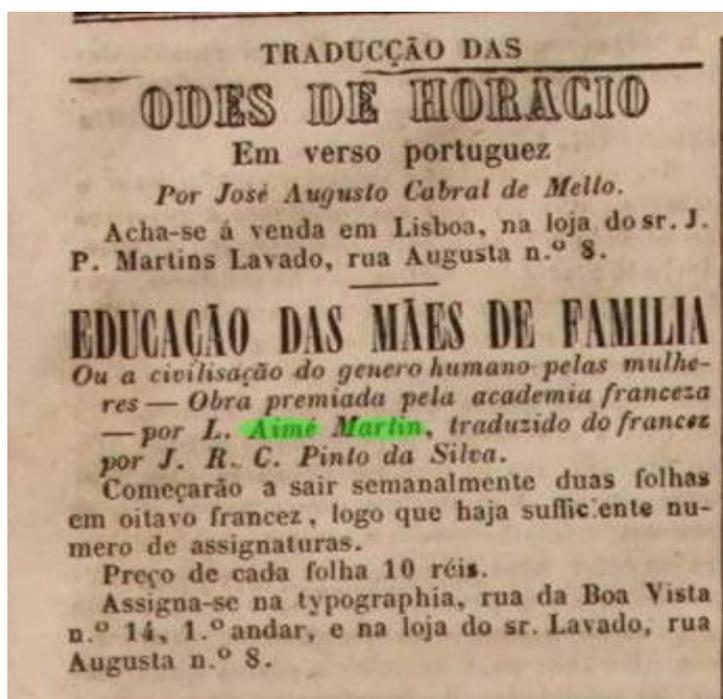
Em *O Jornal das Senhoras*, a mulher era vista como um potencial de anjo do lar, como uma espécie de salvadora, anjo da guarda, da casa, do homem e do marido. De dentro de casa, nessa função, a mulher atuaria no progresso da nação, pois estaria auxiliando aqueles que intervinham no meio público de época. Já em *A Esperança* a mulher era vista, também, como um mecanismo de ajuda. Ela poderia regenerar o vácuo familiar, reconstruir a família e, assim, colaborar com o progresso juntamente com os homens.

⁶⁶⁵ *A Esperança*... p. 51... 1865...

⁶⁶⁶ *A Esperança*... p. 50... 1865.

Além destas semelhanças discursivas, também podemos observar L. Aimé Martin sendo citado nos dois jornais, a fim de legitimar estas ideias. Isso é, esse autor francês era usado em ambos os lados do Atlântico como modo de convencer, dialogar e combater aquilo que não agradava os entusiastas desses impressos. Ele era um caminho para o que entendiam ser a educação das mulheres e podia estar presente nos dizeres dos periódicos *O Jornal das Senhoras*⁶⁶⁷ e *A Esperança*, quanto nas colunas de vendas de livros e impressos de ambos os lados do Atlântico, tanto do Brasil, quanto de Portugal – como no *Correio Mercantil*⁶⁶⁸, *Imprensa e Lei*⁶⁶⁹, *O Bem Público*⁶⁷⁰ e outros. – proporcionando-nos compreender a influência desse autor e as redes de circulação de ideias que seus escritos construía nessas sociedades - ainda que pudessem ser lidos e apropriados de modo diferenciado.

Figura 23- Anúncio do periódico *Imprensa e Lei*



⁶⁶⁷ Em relação ao arsenal teórico do *Jornal das Senhoras* é possível achar frases que delineiam os seguintes: “Seguimos para esse fim as instruções de Mm. Leneveux, Mme. Charlotte de la Tour e Mr. Aimé Martin e outros”. Cf: *O Jornal das Senhoras*... n. 6, p. 4, 1852...

⁶⁶⁸ Como em: *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*. Rio de Janeiro. Tomo 5, n. 231, p. 3, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&pesq=L.%20Aim%C3%A9%20Martin&pasta=ano%20185>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁶⁶⁹ *Imprensa e Lei*. Rio de Janeiro, Tomo I, n. 195, p. 4, 1854. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896969&pesq=L.%20Aim%C3%A9%20Martin&pasta=ano%20185>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁶⁷⁰ *O Bem Público*. Rio de Janeiro. Tomo I, n. 20, p. 3, 1857. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890278&PagFis=195&Pesq=L.%20Aim%c3%a9%20Martin>>. Acessado em: Dez. de 2020.

Fonte: *Imprensa e Lei*. Lisboa, Tomo I, n. 195, p. 4, 1854. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896969&pesq=L.%20Aim%C3%A9%20Martin&pasta=ano%20185>>. Acessado em: 20/01/2020.

Como se pode perceber no anúncio exemplificado acima a obra *Educação das Mães de Família*, de L. Aimé Martin era valorizada, no contexto de meados do Oitocentos, por ter sido premiada pela academia francesa. Tratava-se de um estudo que considerava que “É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem”⁶⁷¹. Isso é, as transformações ou reformas, as ressignificações na humanidade ocorrem a partir da mulher, cabendo a ela, portanto, compreender o seu papel e ser educada para esse fim: ser mães de família⁶⁷².

Assim, embora *O Jornal das Senhoras* compreenda o termo emancipação como um atributo positivo, uma etapa que deveria ser alcançada ao se educar a mulher e, assim, equiparar sua condição intelectual ao homem, em *A Esperança* o mesmo termo podia ser compreendido como um sonho irreal e a causa de certo vácuo familiar. Porém, a educação, em ambos os casos era um fator de transformação da figura feminina e era uma defesa, uma orientação a ser seguida.

Portanto, ao se comparar *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* encontramos diferentes empregos do termo emancipação. O que, certamente, evidencia que embora ocorra circulação de ideias francesas entre o Porto e o Rio de Janeiro, nessa segunda metade do XIX, como os escritos de Aimé Martin, de modo algum essas ideias se mostravam “fora do lugar”⁶⁷³. Mas antes, eram apropriadas de diferentes formas, mesmo em sociedades culturalmente próximas como Brasil e Portugal.

⁶⁷¹ MARTIN, Aimé. Educação das mães de família. *Apud*. SANTOS, Mirian Cristina dos. Resende, Maria Ângela de Araújo. *Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher: conselhos literários de Elisa Lemos.. UFJF: Darandina Revista Eletrônica*. Volume 02, Número 3, Dezembro/2009, p. 7. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/darandina/anteriores/v2n3/simposio3/>>. Acessado em: Jan. de 2020.

⁶⁷² Até o momento não foi possível ter acesso ao livro original de Aimé Martin, para compararmos se em suas ideias, ele usa reforma ou revolução. Mas cabe sublinhar que os jornais aqui analisados evitam a ideia de revolução, como também melhor preferia a cultura política luso-brasileira. Afinal, deve-se ter em mente que, nessa segunda metade do XIX, o conceito de revolução não era mais usado no sentido da rotação dos astros e, muito menos, no sentido de restauração. Revolução apresentava um sentido” [...] preciso e geograficamente circunscrito, como a Revolução Gloriosa [...]”, e já se atrelava na ideia de ruptura e mudança. Porém, na perspectiva das “Luzes Ibéricas, das quais a América Portuguesa foi herdeira, o ideal reformador limitava-se à proposição de uma mudança conduzida pelo poder oficial”. Assim, havia uma perspectiva de se evitar a palavra revolução em favor de revolta ou perturbação, seja devido ao ideal reformista do mundo luso-brasileiro, seja devido à limitação que se dava a uma mudança somente pelo poder oficial. Cf: NEVES, Lucia Maria Bastos P. & NEVES, Guilherme Pereira das. *Revolución/Brasil*. In: Guilherme Zermeño (Org.). *Revolución*. Madrid, Euskal Herriko Unibertsitatea/ Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2014, v.1, p.76

⁶⁷³ Utiliza-se a expressão de Stuart Shuwartz somente no sentido da “difícil relação entre referências intelectuais originalmente estrangeiras e a realidade social na qual atuam” como também sublinho Ricupero, Bernardo. In: RICUPERO, Bernardo. *Da Formação à Forma. Ainda as ideias fora do lugar*. Lua Nova, São Paulo, 73: 59-69, 2008, p. 10.

Enfim, a emancipação foi um assunto que habitou as páginas de *O Jornal das Senhoras* e de *A Esperança*. Os argumentos podiam mudar em cada um desses periódicos, mas o silêncio feminino e sua condição educacional eram pouco a pouco remodelados, também, pelas mulheres. As mulheres buscaram, ainda que sob críticas e cautelas interferir e almejar os meios de sua educação, uma educação que em ambos os lados do Atlântico caminhavam para uma agência feminina na sociedade que se circunscreviam no interior dos seus próprios lares: lendo, escrevendo, ajudando, auxiliando e cuidando de seus esposos e do futuro da nação.

4.5 Ideias e funções vistas como próprias do comportamento feminino: o ser mulher, mãe e esposa.

Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuários sinuosos; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém as mulheres que se professam piedosas. [...] E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade⁶⁷⁴.

O dualismo entre a mulher transgressora e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de salvação, entre mulheres más e boas, entre anjos e demônios – e algumas vezes entre Eva e Maria – não ficou apenas nas discussões teóricas desenvolvidas dentro do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Mas antes, adentravam os almejos, os projetos de futuro. E, ao mesmo tempo, o próprio comportamento, as condutas e as práticas cotidianas dessas mulheres. Esses discursos afirmavam funções como as de mãe e esposa, mas também, estereótipos àqueles comportamentos que fugiam ao padrão construído na época.

Nas páginas do periódico *O Jornal das Senhoras*, por exemplo, uma mulher poderia, facilmente, deixar de ser um anjo e se tornar um “batalhão das fúrias do inferno” simplesmente porque não se calou e não concordou com a opinião ou posicionamento de um homem.

Uma senhora, por exemplo, porque rejeitou e repeliu um perverso [...] de boa, de generosa, de interessante, de anjo que lhe era, passa imediatamente com baixa redonda para o batalhão das fúrias do inferno: é má, é doida, é escandalosa, tem praticado um cento de atos reprovados; fervem as mentiras e infâmias; e [...] já não presta para nada [...]

E a mulher é má porque um homem o disse...⁶⁷⁵

⁶⁷⁴ Primeira Epístola a Timóteo. Capítulo 2, 11-14. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

⁶⁷⁵ *O Jornal das Senhoras*... n, 36, p. 9, 1852...

Estar dentro das ordens estabelecidas em sociedade ou estar fora delas era uma linha tênue que as páginas desses periódicos nos permitem verificar. Principalmente, quando esses buscavam atualizar suas leitoras às condutas que as mesmas deveriam seguir, os limites e direitos que poderiam caminhar.

No romance *A Mulher Diabólica*, Alberto Pimentel, nas páginas do periódico *A Esperança* narra a personagem Beatriz como uma mulher dos bailes, dos galanteios, do dinheiro, da pouca modéstia. Então por isso, seu final, parecia estar longe de uma salvação.

Logo ao cumprimentá-la mesmo sem ser frenologista achei, que devia ser uma mulher pouco vulgar. Parei no vão d'uma janela, meio-escondido por trás d'uma bambinela de seda branca e fitei, por algum tempo, os olhos na beleza d'aquela rosto, que tinha um não sei que de sinistro e mau... Rodeavam- na meia dúzia de galanteadores, soldados do baile, que no ponto do ataque desfecham uma descarga de frases amatórias e laudativas com que procuravam conquistar a mulher [...]

Nesse momento tocava-se no piano uma valsa. Ela atirou-lhe voluptuosamente aos braços do primeiro homem quem a requisitara [...]

[...]

Vamos ao desenlace, que tem seus laivos de tragi-comédia. A traquinas da fortuna, que tão volúvel é tantas voltas dera durante seis meses, casara Beatriz com fidalgo provinciano, morgado, estúpido como uma pedra e feio como um ourang-outang.

Não sei se ela se bestificará com a convivência do morgado, o certo é que morreu o ano passado com uma terrível indigestão de lampreia, apesar de que os jornais diziam, que tinha sido vítima d'uma dispepsia...⁶⁷⁶

Ter modéstia, submissão e nunca dominação, como dizia São Paulo, nas Escrituras Sagradas, era a orientação destinada ao comportamento feminino. Caso contrário, como explicita o romance de Pimentel, a mulher poderia ser chamada de diabólica e seu destino não era a felicidade, mas o seu próprio fim, a morte. Cabia à mulher ouvir com atenção, ser instruída, ensinada, justamente para saber discernir o bem e o mal, como afirmava as páginas do *Jornal das Senhoras*:

A mulher cumpre, à força de perseverança, de constância e brandura, adoçar a vida do homem e tornar-se lhe necessária; e daí concluo que, nascendo a confiança no espírito da mulher, e tendo esta as noções do bem e do mal por meio da instrução que se lhe der, não quererá por maneira alguma sacrificar a sua honra e reputação à meia hora de prazeres passageiros⁶⁷⁷.

Se uma mulher diabólica podia ser aquela que almejava homens, dinheiro e os bailes repletos de galanteios, uma mulher decente, moralmente correta deveria ser instruída, ter uma reputação a zelar, não se lançar aos amores passageiros, mas também, ler tantos livros de ciência/ natureza, quanto a Bíblia, como narra o romance *Memórias D'um Beijo*, de Sousa Viterbo:

Lia de contínuo no livro da natureza. Ao ajuntar os caracteres brilhantes, dispersos no firmamento, criava novas amenidades à poesia mais íntima de seu coração. Depois

⁶⁷⁶ *A Esperança*... 1865, p. 138-140...

⁶⁷⁷ *O Jornal das Senhoras*... n. 30, 1852, p. 3...

d'este, as páginas, que mais lhe roubaram o zelo do entendimento eram as da Bíblia, que sua mãe lhe tinha ensinado a soletrar, Raras vezes, antes de pousar a cabeça no travesseiro, deixava de ler algum trecho, e todo se deliciava, quanto aos singelos cânticos de Salomão lhe vazavam na alma os suaves devaneios d'um amor cheio de castidade, e o episódio de Ruth lhe principiava a encher um vácuo, que sentia no seu peito⁶⁷⁸.

Percebe-se que essas páginas femininas desenhavam um cenário em que as condutas se modernizam e se civilizam, ao mesmo tempo, a decência cristã, a prudência também era acionada como um mecanismo positivo para os novos hábitos⁶⁷⁹. Em *O Jornal das Senhoras*, por exemplo, se explicava:

Antigamente ia fazer-se uma visita a esta ou aquela senhora, e ia de necessidade esperar uma boa hora pelo menos, que a dona da casa se fosse vestir e preparar, porque ela se achava em um completo desalinho, o que antigamente também se chamava estar a gosto. Resultava d'aquela visita mortificar-se na sala e a dona da casa no quarto, ainda mesmo tendo empregado a competente soma de beliscões nas afadigadas mucambas, aparecendo depois muito vermelha e quase sempre mal vestida e vexada. No dia seguinte repetia a mesma coisa.

Hoje, porém, já acontece outro tanto; todas as senhoras de educação sabem perfeitamente vestir-se, todas elas distinguem a sua roupa de andar em casa, espartilham-se e preparam-se à hora destinada de receber visitas. Porque hoje também já nos vamos acostumando ao uso cristão de fazermos visitas a horas certas e determinadas pela prudência e pelo estado da nossa civilização [...]

Está sabido portanto, no círculo da gente de boa sociedade, quais são essas horas dedicadas às visitas, e o profano que ignorar essa mui conveniente etiqueta, que aprenda a sua custa e ouça o recado que lhe dá a criada lá de cima da escada – Minha ama por agora não pode falar a ninguém, volte o Senhora às cinco horas da tarde. Este já ficou para outra vez⁶⁸⁰.

Na Modernidade oitocentista, as mulheres deveriam se atualizar no que tange às condutas civilizadas, ao mesmo tempo em que se mantinham na decência, na modéstia, no pudor e nos deveres já sacramentados desde os textos bíblicos. Os hábitos comportamentais vistos como “cristãos” se relacionavam às práticas modernas e civilizadas, já o “profano”, era algo antiquado, ultrapassado que, possivelmente, não merecia atenção.

O civilizado e moderno se atrelavam nessas páginas ao sagrado e ao recato. No cotidiano doméstico, por exemplo, os homens podiam despir-se de suas casacas sem grandes problemas e cerimônias. Já, as mulheres apresentavam normas e condutas que não as possibilitavam ir “com eles”. Elas não podiam ficar despidas, ou simplesmente desacolchetarem os vestidos, elas tinham trajés apropriados até mesmo para estarem em casa:

Por esta forma goza cada um de nós de um tempo dado em livremente nos aplicamos aos nossos deveres, e podemos então estar ao nosso gosto, como diziam os antigos e ainda muita gente o diz. Mas nós não iremos com eles que, para estarem ao seu gosto tiram a casaca os homens, e desacolchetam os vestidos as senhoras. Nós temos as

⁶⁷⁸ *A Esperança...* 1865, p. 137...

⁶⁷⁹ Prerrogativa também sinalizada em: SOARES... *Op. Cit...* 2012, p.78

⁶⁸⁰ *O Jornal das Senhoras...* n. 17, p. 1...

roupas largas para esse fim; e o modelo da presente estampa vos mostrará uma das mais distintas e cômodas⁶⁸¹.

A modéstia era uma temática valorizada tanto em *O Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança*, pois na visão de ambos os países, a religião não era algo a parte das transformações que estavam vivenciando, mas se fundiam aos ideais e conquistas do decorrer desse tempo. Em *A Esperança*, trechos como “Contam-se por milhões os convertidos à fé por esforços religiosos de Portugal. São outros tantos milhões de operários na estrada da civilização, porque a religião de Deus, é a única e verdadeira base de toda a civilização”, exemplifica tal prerrogativa⁶⁸². E em *O Jornal das Senhoras* não era diferente:

[...] Entendemos que a religião é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com nossos irmãos – o verdadeiro conhecimento dos deveres que cada criatura tem para consigo mesmo, e a subdivisões desses deveres da mulher: - como filha – esposa – como mãe – como ser formado para a obra imensa do progresso social [...] Quero que a mulher saiba que ser esposa, não quer dizer simplesmente casar-se. Quero que ela estude acuradamente toda a sublime abnegação que encerram estes nomes – Filha, Esposa, Mãe. Quero que, que uma vez persuadida de sua missão e de seus direitos e de seus deveres, sinta nascer no seu coração a bela dignidade, esse santo e nobre orgulho do ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetrável, onde nunca chegarão outros olhos que os de Deus; e as vezes de uma mãe!⁶⁸³

Assim como os deveres de mãe e esposa – e as vezes, os de filha – nas relações entre homem e mulher o amor romântico também era uma questão apontada em diferentes momentos dos periódicos aqui analisados. Mas todos esses temas se inseriam dentro de uma visão dicotômica e moralizante. Nesses textos, enfatizavam-se atributos vistos como próprio do feminino de modo idealizado, como se os homens pudessem ser salvos pelas mulheres.

Só o amor pode dar ao pensamento humano sua sanção; o coração é a pedra de toque das ideias. Não faleis, homens sem corações, já que não amais! Mas nós que amamos e que vivemos, bem dizendo Deus e agradecendo à mulher que nos deu a vida, porque a mulher é duas vezes nossa mãe; e quando ela nos dá o amor, concede-nos uma segunda vida, porém mais divina; Ela salva-nos ferindo-nos, e nos cura ao desfalecimento da morte, fazendo sofrer os doces tormentos do amor⁶⁸⁴.

No periódico portuense não foi diferente, *A Esperança* compreendia o amor entre o homem e a mulher como necessário para a constituição da família e para o próprio bem do indivíduo. No texto *Os destinos da Poesia Contemporânea* percebemos tais questões da seguinte forma:

O Operário, curvado dias inteiros sobre a incude, indiferente a dor como a alegria, baratando nas tavernas o santo óbolo do trabalho, ouve em distância aquela voz

⁶⁸¹ *O Jornal das Senhoras*... n. 17, p. 2...

⁶⁸² *A Esperança*... 1865, p. 168...

⁶⁸³ *O Jornal das Senhoras*... n.4, p. 4, 1852...

⁶⁸⁴ *O Jornal das Senhoras*... n. 32, p. 3, 1852...

desconhecida e diz: –“é música!” – detém-se a escuta-la e depois, quando ela se cala, olha para si e vê-se nu como Adão. Então conhece que pensa, sente que chora e compreende a necessidade que tem d’um amor, d’uma família com quem reparta a melhor parte da sua alma e o pão colhido na produtiva ceara do trabalho e amassado com o suor que lhe distila da fronte e lhe forma um como diadema de pérolas⁶⁸⁵.

A família, o amor e o casamento eram compreendidos, nesses periódicos, como algo necessário ao homem. Era a partir deles que se podia compreender a vida, partilhar o trabalho e as bonanças. Eram atributos que fatalmente era desejo que fizesse parte da vida de homens e mulheres no decorrer desse tempo.

Tal questão pode ser vista, principalmente, nos romances-folhetins, como se percebe abaixo no texto *O Amor Recompensado*, publicado em *A Esperança*, onde se compreende o amor como “o gérmen da futura felicidade”:

[...] n’este momento admiravam ambos a majestade de tais cenas e confundiam seus sentimentos, agradecendo ao Autor de tanta grandeza e sublimidade o haver-lhes dado dois corações, onde existia o gérmen da sua futura felicidade, a qual costuma fugir, quase sempre, aquela que a segue, imaginando alcança-la⁶⁸⁶.

Percebe-se que no amor romântico, a suavidade, ingenuidade, harmonia e certa sacralização divinal também podiam ser encontradas ao se descrever o feminino. Tais atributos podiam atrair os homens e eram vistos como comportamentos aceitos e esperados das mulheres. No folhetim portuense, Sousa Viterbo afirmava:

E a tarde cada vez mais calmosa, sem resfriar um instante, sempre ardente como os fogos do meu coração! E na natureza sem haver um bulício! E o mar em atirar uma brisa, que venha erguer aquelas cortinas! Milagre! Tremulam os panos, que fecham aquele santuário de virgindade e de amor. Eis que se erguem, que se afastam, e, à luz d’um clarão ignoto, eu posso ver o riso de Deus, materializado na mulher! Porque não tem meus olhos mais avidez, para sorverem, para com mais pressa reproduzirem na mente, tanta ingenuidade, tanta harmonia de combinações suaves!⁶⁸⁷

Os periódicos enfatizavam que os homens deviam proteger as mulheres nas diferentes circunstâncias do cotidiano em que viviam. Nas páginas de *O Jornal das Senhoras*, tal questão se evidencia, principalmente, ao nos aproximarmos dos textos publicados sob o subtítulo de *Pensamentos*. Nesses textos, o periódico elencava diferentes formas de pensar a mulher em sociedade e colocava a público o que lhe achava mais conveniente:

O espírito de sociedade e o grado é comumente a partilha das mulheres; parece, geralmente falando, que elas são feitas para suavizar os costumes dos homens. *Voltaire*. [...]
Os esposos se devem mutuamente fidelidade e auxílio; o marido deve proteção a sua mulher, a mulher obediência a seu marido. *Portalis*⁶⁸⁸.

⁶⁸⁵ *A Esperança*... 1865, p. 12...

⁶⁸⁶ *A Esperança*... 1865, p. 53...

⁶⁸⁷ *A Esperança*... 1865, p. 106...

⁶⁸⁸ *O Jornal das Senhoras*, n. 17, 1852, p.3...

Tanto o *Jornal das Senhoras* quanto o *A Esperança* idealizavam o amor como meio de se chegar à felicidade, as mulheres como fator de suavidade e os homens, de proteção às mulheres. O casamento religioso, nesse sentido, não era algo questionado, mas colocado como uma aspiração, um dia especial na vida dos noivos, cabendo a noiva, inclusive, estar a par das novidades em torno dos seus trajes, se atualizando à chamada moda do “bom tom”, ao mesmo tempo em que mantendo a modéstia:

Pois bem, dir-vos-ei então que, por ser o casamento em França uma solenidade feita de manhã, a moda entendeu que a noiva de bom tom deve estrear dois vestidos no dia do seu desposório – um com que vai a igreja, e o outro com que assiste ao jantar, sendo o primeiro afogado e de mangas semi-compridas; e o segundo decotado com mangas curtas; ao passo que o véu e a grinalda acompanham-na em ambos os *toilettes* até o fim desse dia tão venturoso⁶⁸⁹.

A busca pelo casamento e a felicidade encontrada a partir dele pode ser observado em diferentes momentos do periódico. No folhetim *Karolina: Novela polaca do XIX Século*, *O Jornal das Senhoras* deixava claro que não era a favor do casamento por interesse, mas o casamento por amor, pois só esse gerava a verdadeira felicidade ao casal⁶⁹⁰. No poema de Antônio Pinto, publicada nesse mesmo impresso, evidenciava-se o desejo por felicidade às mulheres casadas e às solteiras a sorte, na busca de seus companheiros:

Santo Antônio, oh milagroso!
 Ouve meu voto sincero;
 Para mim nada quero,
 Quero p'ra um sexo mimoso:
 Dá-lhe um porvir bem ditoso
 A todas com igualdade,
 A's casadas, felicidade.
 A's viúvas, boas sortes,
 A's solteiras, bons consortes,
 E com muita brevidade⁶⁹¹.

Nas páginas de *O Jornal das Senhoras* o casamento era algo desejado. A procura por igualdade intelectual não anulava o papel de esposa, ao contrário, era visto como uma possibilidade para melhorar o diálogo e as relações familiares:

Sim, o amor, essa fusão misteriosa de duas almas confundidas em uma só.
 Essa proteção mútua e constante de dois corações irmãos.
 E, por ventura, essa união inteiramente moral poderá nunca realizar-se entre o senhor e sua escrava?
 Não.
 Porque ante a superioridade de um dos sexos – o amor – se define, desaparece, e troca o seu [...] riso em lágrima silenciosa

⁶⁸⁹ *O Jornal das Senhoras*... n. 23, 1852, p. 2...

⁶⁹⁰ *O Jornal das Senhoras* . . . n. 25, p. 8, 1852...

⁶⁹¹ *O Jornal das Senhoras*... n. 24, p. 3, 1852...

Se os homens pudessem compreender, todas as amofinações e profundas magoas que despedaço o coração da mulher!...
 O único porvir que lhe deixaram, a única esperança da vida inteira é- o amor!
 Por isso o casamento é para ela, o alvo, o fim da sua existência⁶⁹².

Em outras palavras, como explica Soares: *O Jornal das Senhoras* defendia que o casamento era o “destino natural e social da mulher e que sua emancipação não se daria pela rebelião, mas pela compreensão da importância de seu papel na evolução e no progresso da sociedade.”⁶⁹³

No jornal *A Esperança*, romances como o intitulado *O Casamento da Lavadeira*⁶⁹⁴ e outros buscavam informar as leitoras acerca dos pormenores de um casamento. Assim como, alertavam para a ambiência, trajas e rituais típicos destinados a essa data. O casamento era caracterizado como algo importante e uma divisão de águas na vida de uma mulher, como se observa abaixo, no texto *Casamento no Juca*:

É costume ofertar à noiva um pedaço de pão negro, e depois uma fogaça e vinho, para que lhe dar a entender que o seu novo estado traz consigo trabalhos e deleites. Chegada finalmente a hora da ceia vão sentar-se à mesa, onde as mulheres apenas aparecem de fugida; mas os homens ocupados em cantar e beber à farta, não a deixam toda a noite⁶⁹⁵.

Percebe-se que o respeito mútuo, o amor e felicidade mostravam-se uma fórmula almejada em ambos os lados do Atlântico. Tais questões eram, inclusive, atribuídas como uma necessidade do homem e da mulher desde os princípios dos tempos:

É no meio dessa antiguidade – desse começo de humanidade, que se ergue primorosamente essa porcentagem – a mulher – com todos os singulares atributos: a paciência, a dedicação e a humanidade.
 Escrava sublime, sujeita ao barbarismo supersticioso daqueles tempos bíblicos, entreabria apenas as pálpebras, foco da vida de sua alma, para obedecer cegamente ao mundo tirano dos seus senhores – ou para contemplar a furto o fruto do seu amor obrigado.
 E n’alma iam lhe sentimentos elevados, que, ela devia agrilhoar nas algemas do seu martírio, chamado: *dever*.
 O diálogo que não era ouvido pelos homens, ouvia-o a criancinha estendida brincando ou chorando sobre as palhas.
 O homem então era surdo, e só via na mulher um instrumento, como outros, que servia à reprodução. Não compreendia o quanto havia de imensamente espiritual na sua companheira – não compreendia que o amor a Deus agrinalda sempre o amor à mulher – que a mulher, a perfeita composição do criador, a suave passagem da alma para a matéria, era, como ele, destinada aos mesmos fins – se não a fins mais nobres⁶⁹⁶.

⁶⁹² *O Jornal das Senhoras*... n. 2, p. 5...

⁶⁹³ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça educada, Mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru, Sp: Edusc, 2012, p. 143.

⁶⁹⁴ *A Esperança*... 1865, p. 221...

⁶⁹⁵ *A Esperança*... 1865, p. 208...

⁶⁹⁶ *O Jornal das Senhoras*... n. 37, p. 3, 1852...

O *Jornal das Senhoras* evidenciava uma preocupação em relação à felicidade da mulher. A união devia ser em par de igualdades em termos intelectual e sem interesses financeiros. Havia, inclusive, uma grande preocupação com a idade ideal para que o casamento ocorresse. No texto *Educação moral* o periódico evidencia que não compreende que há mal algum ter um casamento juvenil. Pelo contrário, é algo bom pois o homem, quando mais jovem, mais está flexível “são menos aferrados a seus hábitos do que as pessoas avançadas em idade” o que gera menos queixas e desgostos. Assim como argumenta-se que o casamento prematuro também faz com que o moço não passe a vida apresentando relações nocivas à saúde e por fim, esse mesmo casamento auxilia na criação dos filhos.

Meu caro – Desejais que vos diga francamente a minha opinião acerca dos casamentos prematuros, respondendo ao mesmo tempo as inúmeras censuras que se tem feito ao vosso. Lembrar-vos-eis que na época em que me consultastes sobre esta matéria, deixei-vos entrever que não considero a idade juvenil do homem e da mulher, como impedimento do matrimônio [...] hoje estou inclinado a crer que a demasiada juventude oferecerá sempre aos nossos esposos relances mais reais de felicidade; os homens de pouca idade tem em geral um caráter mais flexível, são menos aferrados a seus hábitos do que as pessoas avançadas em idade; acostuma-se mais facilmente um com o outro; daí menos reiteradas queixas, ocasiões mais raras de desgosto. Os moços que se casam de certo que não tem toda essa prudência exigida para o regime melindroso de uma família; mas nem por isso lhes faltam parentes ou amigos de idade madura sempre disposto a coadjuvá-los com os seus conselhos, e sempre pronto a suprir a falta de experiência deles. O casamento prematuro habita cedo os moços a uma vida frutuosa e regular; e é mesmo possível que, casando-se nessa idade, se possa felizmente prevenir alguns desses desagradáveis acidentes, evitar muitas relações nocivas à saúde, à reputação não só de um, como de ambos [...] Entre outras inconvenientes que apresentam os casamentos tardios, notarei com especialidade a pouca probabilidade que eles oferecem aos pais de viver tanto quanto for necessário para velar na educação de seus filhos – os filhos que nascem tarde, cedo ficam órfãos – diz um provérbio espanhol⁶⁹⁷.

Enfim, enquanto esposas, as mulheres apresentavam a possibilidade da felicidade, mas também, de possíveis queixas e desconfortos que poderiam ser atenuados casando-se com homens mais novos. A opção, portanto, era a busca de alternativas para melhor se inserirem dentro do casamento, mas não deixarem de se casar. Do mesmo modo era a maternidade na vida dessas mulheres:

A mulher, porém, foi sempre mãe. Eis uma verdade que não desfigura. Ou se o não foi, ao menos foi sempre esse ser respeitado ou antes amado e admirado pelos homens.⁶⁹⁸

Enquanto mãe cabia à mulher cuidar, ensinar aos filhos as primeiras lições, para assim fazerem nascer “bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos”. Os ensinamentos

⁶⁹⁷ *O Jornal das Senhoras...* n. 35, 1852, p. 2...

⁶⁹⁸ *O Jornal das Senhoras...* n. 36, 1852, p. 4...

deveriam ser tanto de cunho moral quanto intelectual, na qual se alicerçava pela religião, como evidencia um anúncio de *O Jornal das Senhoras*.

O nosso Exm. Bispo acaba de fazer publicar pelos jornais desta corte uma edificante e bem elaborada Pastoral pedindo a reverencia e observância dos Domingos a todos os fiéis cristãos do império. Nós que temos hasteado a bandeira – Religião – a emancipação moral da mulher – e convencidas estamos que só esta é a base sobre a qual o edifício social se poderá erguer e sustentar-se inabalável, de cujo poder nasceram bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos, exultamos de prazer vendo para esse fim começados os primeiros passos da igreja, que os acompanharemos com as nossas débeis forças⁶⁹⁹.

Nos textos de moda desse mesmo impresso a preocupação com os filhos também era acentuada. Por exemplo, era possível, não apenas encontrar figuras litografadas com mulheres utilizando-se da moda francesa do momento, mas também descrição de trajés infantis que evidenciava uma preocupação com a moral da criança.

Parece de pouco ou nenhum alcance, de nenhuma consequência, o traje das crianças? Como se enganam... Se eu pudesse estender um artigo a este respeito estou que provaria evidentemente os funestos resultados que colhem estas inocentinhas criaturas quando as fazem chegar antes do tempo ao gozo de pequenos tragos da vaidade, que elas vão sorvendo na taça das vãs persuasões, para terem de si convicções falsas que lhes produzem falsas impressões, funestíssimas ao seu futuro desde tenra idade – na qual tudo fica e nada esquece...⁷⁰⁰

O periódico fluminense buscava ensinar às leitoras que deveria existir um cuidado com seus filhos/futuros filhos. Esses cuidados, dentre outras coisas, se relacionavam ao medo da vaidade e a utilização de certos trajés antes do tempo.

Trinta e seis números do *Jornal das Senhoras* têm sido publicado até o Domingo passado e um artiguinho de modas ainda não apareceu [...] que se ocupasse das crianças, desse renovo das gerações! Como se elas não tivessem também um cantinho reservado, e necessário, nas distinções e variações da moda deixamo-las entregues às disposições da tesoura inexperiente que ao acaso talha e retalha, e tudo o que sabe é bom – porque é para criança. Isto até aos oito anos; porque depois desta idade o costume é outro: se é menina passa logo de cabelo cortado à suspirada trança e o mais que desejado pente, descem-lhe a bainha do vestido – e está *mocinha*; principia daí em diante a fazer parte do montam das *vítimas* dos elogios indiscretos e fatais; e se é menino – uma casaca, um chapéu redondo, um par de botins envernizadas e uma bengalhinha é o fato com que o vestem, e eis um senhor homenzinho formado do pé para mão, passeando livremente, quando sai do colégio de tarde, pelas ruas e praças da cidade, onde vai aprender as regras convenientes para tornar-se moço prematuro, e por via de regra⁷⁰¹.

O periódico evidenciava um zelo com o que as crianças vestiam, seus modos de se comportarem em sociedade e diferenças entre os sexos, de acordo com os padrões do período. Ser mulher, nesse tempo, significava compreender todas essas instâncias, pois se tratava de cuidar do “renovo das gerações”. Cabiam às mulheres compreenderem as diferentes faixas

⁶⁹⁹ O Jornal das Senhoras... n. 29, p. 1, 1852...

⁷⁰⁰ O Jornal das Senhoras... n. 37, p. 1, 1852...

⁷⁰¹ O Jornal das Senhoras... n. 37, p. 1, 1852...

etárias e os trajes correspondentes a elas. A mulher devia, então, saber quem usava cabelo curto, trança, vestido mais comprido ou mais curto, quem passeava “livremente”, quem aprendiam as regras de conveniências no ambiente público e a quem era reservado o ambiente doméstico e possíveis “vítimas dos elogios indiscretos” que, fatalmente, deveriam ser repelidos. Isso é, as colaboradoras deveriam atualizar suas leitoras acerca da “definição mais estrita do público e do privado e dos papéis sexuais”⁷⁰².

Na condição de mães, cabia às mulheres a transmissão dos valores simbólicos, morais e de civilidade. Caso contrário, o filho seria “malcriado”, como se pode evidenciar o texto *O Filho Malcriado*, publicado nesse impresso:

Uma senhora de qualidade tinha um filho, a quem tanto temia desgostar contradizendo a menor de suas vontades, que o menino se tinha tornado um pequeno tirano, insuportável a toda a família. Seu marido, parentes, amigos, lhe representavam que deste modo perderia seu filho: tudo era inútil. [...] A senhora ficou tão envergonhada desta cena ridícula que se corrigiu de sua fraqueza desarrazoada; e daí em diante deu melhor criação a seu filho. Muitas mães precisariam de uma semelhante aventura⁷⁰³.

A mulher devia zelar pela postura de seus filhos e, também, pelos adornos que os mesmos apresentavam. Ao homem recaía o dever de viés financeiro, à mãe ou futura mãe, leitora do periódico, se atualizar ao modo como as crianças se vestiam, evitando os excessos de vaidade:

Em toda e Europa a criança é criança, e como tal tratada, até aos 10 anos; daí aos 16 é menina; moça é só aos 20; e então a fluir as distinções e cortejos da sociedade. Que resultados tão felizes não se tira desta invariável educação... Já se vê portanto que só em palavras isto não fica: o traje da criança, da menina e da moça, são apropriadamente empregados; o luxo está sempre na razão da idade, o amor paternal, por mais rico de dinheiro, não ousa transtornar essa gradação de vestuários, e a criança, a menina e a moça estão contentes de si, sorrindo assomos de inocência e candura, miram seu traje, e não lhe encontram um só incentivo que vá germinar em seu tenrinho coração a pernicioso vaidade, e transtornar a sua juventude⁷⁰⁴.

O cuidado com o vestuário da criança também fazia parte das preocupações do jornal *A Esperança*. Nessas páginas, sempre que se falava de uma peça de roupa infantil alertavam “trajes de meninas” e quando se tratava de uma roupa adulta não precisava sinalizar às leitoras, mas elencava certos códigos comportamentais, representações culturais de época, que evidenciava que se tratava de uma roupa de adulto. Nesse sentido, o cabelo com trança, a saia

⁷⁰² PERROT, Michellet. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 173.

⁷⁰³ *O Jornal das Senhoras...* n. 9, p. 6-7, 1853... .

⁷⁰⁴ *O Jornal das Senhoras...* n. 37, p. 1, 1852...

comprida ou mesmo o cabelo preso fazia parte dessa representação que com todo o cuidado, com os exageros, era partilhada em ambos os lados do Atlântico:

Penteado *empire* – os cabelos são frisados na frente e em *bandeaux* levantados e tufados nos lados. Atrás uma trança e um pouco pendente. Uma coroa de fita de seda é posta em diadema; esta fita forma tufo presos por placas quadradas d' aço; e, depois de ter formado atrás anéis, cai pendente com pontas de tule semeado de estrelas d' ouro – sobre cada tufo do diadema há um grupo de *cocas* um tanto levantadas. Saia comprida de seda terminada por um volante com pregas. Corpete e saia de cima de *granadine* branca. [...] ⁷⁰⁵.

Assim como alertava *O Jornal das Senhoras* o luxo não era bem vindo no periódico portuense não apenas entre as crianças, mas também, entre suas mães. As mulheres podiam se interessar pela moda, mas exercê-la com prudência. A prudência no vestir, no falar, no pensar e no agir eram questões que acompanhavam a representação do feminino seja no Rio de Janeiro, seja no Porto, como transparece o fragmento do texto *Bugios e Papagaios*.

São poucas hoje as pessoas que não se ocupem com o seu penteado, com o seu vestido, do mesmo modo como com o negócio mais importante, e que não respeite o bom gosto d' um alfaiate, ou d' uma inventora de modas, como merecimento distinto. A ideia da nossa imortalidade vai perder-se no meio de mil bagatelas. Parece incrível até onde chega o furor que há pelo luxo, que baixeiras o motiva, e que vergonhosos ofícios têm criado entre as mulheres! Depois que um miserável luxo se tem feito o meio d' ostentações, cada dia sofrem novos ataques a razão, a honra, e a virtude. O luxo, é na maior parte das mulheres, como a espada na mão d' um furioso, só o empregam na própria ruína ⁷⁰⁶.

Cabia à mãe a modéstia, a atualização dos costumes, mas também, a cautela com o luxo e a vaidade. Elas deviam cuidar, zelar e ensinar, mas não tinham a mesma autoridade dos homens do período. Nas páginas de *A Esperança*, por exemplo, cabia a mulher, a mãe, o carinho e ao pai, o conselho, nos fazendo perceber que a mulher apresentava uma representação voltada à emoção, ao cuidado sentimental com os filhos e aos homens, a razão, a autoridade que se exercia com o livre arbítrio de um conselho.

No espaço de um ano vi morrer meu pai e minha mãe. Deixaram-me dinheiro, muito dinheiro, mas que me importava o dinheiro, se eu tinha ficado órfão? O dinheiro não compra conselhos de pai, nem carinhos de mãe ⁷⁰⁷.

A maternidade era, então, um fator de destaque tanto no *Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança*. A missão da mulher era ser, da melhor forma possível, educada sob as bases da

⁷⁰⁵ *A Esperança*... 1865, p. 303...

⁷⁰⁶ *A Esperança*... 1865, p. 344....

⁷⁰⁷ *A Esperança*... 1865, p. 363...

moral cristã, e com conhecimentos intelectualmente iguais aos oferecidos ao homem, para que assim, pudessem encontrar modos de cuidar de seus filhos da melhor forma:

Es tu, minha flor, tão murcha e solitária, gemendo neste canto do mundo?
 És tu, anjo, que deixastes o sorriso, e gemes com uma dor, qual a dor humana?
 És tu, mimosa virgem, que não sonhas mais, que não brinca na natureza risonha da tua terra?
 És tu, filha querida, delicado botão de nobre tronco, que não ouves de tua triste mãe as queixas pungentes?
 És tu, terníssimo pensamento, que mudastes teu doce cismar em doloroso gemido?
 Deus te fez, mulher, para mãe – para o sacrifício de tua própria vida e para sofreres por teus filhos.
 Não sentes em tua alma uma dor egoísta! Não sentes que quiseses gemer e sofrer por tua filha?
 Há! Quanto é nobre o sacrifício! E mais nobre ainda, porque o sabes consumir, sem uma queixa, mas com dedicação!⁷⁰⁸

Portanto, entre Marias e Evas; anjos e demônios; flores e espinhos; ingênuas e pensantes; e más e boas, a representação da mulher se firmava a partir de dualismos que não passaram despercebidos nas páginas de *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Embora o desejo por emancipar ou educar a mulher fosse uma aspiração das colaboradoras, redatoras e mesmo dos colaboradores desses impressos, esse desejo culminava na justificativa de algo quase que divino: a maternidade, conseguida a partir do casamento religioso e por amor. Maternidade essa que se atrelava à dor, desafios, agência, missões e deveres, tal como já demonstrava os escritos de São Paulo. Se nas *Cartas de Paulo aos Efésios* a mulher era salva do pecado original “pela sua maternidade, desde que com modéstia” permanecesse na “fé, no amor e na santidade ⁷⁰⁹”, o anseio por educar a mulher de meados do XIX, caminhava por esses mesmos preceitos religiosos atrelado ao anseio da época que compreendia que as mulheres poderiam ser seres atuantes no interior dos lares, por repassarem conhecimentos às futuras gerações. Nesse contexto, compreendendo o peso da moral religiosa das sociedades produtoras desses jornais, pode-se dizer que, o desejo por educar-se ou educar a mulher só se mantinha possível porque se atrelava moralmente à finalidade de ser mãe, questão que dava ares conservadores à própria ideia de emancipação que, muitas vezes, se mostrava como mais uma das faces do ato civilizatório e normatizador da época.

⁷⁰⁸ *O Jornal das Senhoras*... n. 28, 1852, p 5...

⁷⁰⁹ Primeira Epístola a Timóteo. Capítulo 2, 11-14. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recentes estudos acerca da história da Imprensa no Brasil e em Portugal, de maneira geral, não se debruçaram sobre a forma como a representação da mulher era vista e construída a partir das páginas da imprensa feminina de ambos os países de modo comparado. Devido a isso, o presente trabalho se debruçou sobre tal lacuna, buscando aproximar os laços entre esses países no tocante à imprensa voltada à mulher leitora, seus anseios, representações e práticas.

O recorte cronológico privilegiado se caracterizou entre os anos de 1852-1866, tendo como pano de fundo a estabilidade política do Segundo Reinado brasileiro e o período conhecido pela historiografia portuguesa como Regeneração. Nesses cenários, tanto Brasil quanto Portugal enveredaram em projetos que buscavam a construção ou regeneração de suas nações pautando-se no ideal civilizacional e modernos, assim como espelhando-se em países como França e Inglaterra. Esse contexto de modernização proporcionou condições significativas para o surgimento de jornais e escritos de autoria feminina no meio público da palavra impressa, além de discussões em torno da redefinição dos papéis reservados às mulheres, seja no Brasil, seja em Portugal. *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e *A Esperança* (1865-1866) não ficaram alheios a essa conjuntura. Ao contrário, a partir desses jornais pode-se compreender parte significativa da cultura impressa que era reservada às mulheres leitoras nas primeiras décadas de meados do século XIX. Devido a tal importância, esses impressos foram tomados, nesse estudo, como fonte e objeto.

Na conjuntura de inauguração e circulação desses periódicos, a imprensa não apenas se expandiu em termos de número de tipografias e títulos de impressos, mas também, passou por diversos aprimoramentos técnicos, de ensino e nos transportes. Com a melhoria dos sistemas de ensino, a introdução do vapor nos transportes e a ampliação das redes ferroviárias, os impressos tornaram-se acessíveis a um maior número de pessoas de modo mais rápido e dinâmico. Assim como deixaram de ter um cunho somente político-partidário, oficial e local, e se abriram para temas diversos, públicos distintos, interesses diferentes, redatores e até redatoras. Essas transformações se mostraram de suma importância para a maior circulação, não somente de pessoas, mas de ideias que se propagavam pela força do impresso em ambos os lados do Atlântico.

No Brasil, embora desde 1820 houvesse a presença de manifestos coletivos e de caráter político assinados somente por mulheres⁷¹⁰, foi na segunda metade do século que elas se estabelecem como redatoras e colaboradoras de distintos periódicos. No cenário de meados do oitocentos do Império do Brasil, propagaram-se jornais voltados ao público feminino e até mesmo escritos por mulheres em diferentes cidades, principalmente as litorâneas, como foi o *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1852-1855.

Com o objetivo de defender a educação feminina, a igualdade intelectual entre os gêneros e voltando-se para “o belo sexo”, “o bom tom” ou as “senhoras da corte e províncias do Império do Brasil” o periódico *O Jornal das Senhoras* foi inaugurado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha. Depois a redação passou para as mãos de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, por último, Gervásia Nunézia Pires dos Santos Neves entrou na redação do impresso. Além das redatoras, consideradas entre as primeiras a estar a frente de impressos femininos no Brasil, *O Jornal das Senhoras* também contava com colaboradores que nem sempre era possível de serem identificados, devido a prática do uso do anonimato, tomado como condição editorial desde os primeiros números deste impresso.

Embora não seja possível identificar todos os colaboradores do *Jornal das Senhoras* e, portanto, as relações entre os diferentes atores sociais que contribuíam para a formação dos conteúdos desse impresso – devido ao anonimato de alguns textos –, o estudo das trajetórias das três redatoras do *Jornal das Senhoras* possibilitou compreender que todas, direta ou indiretamente, apresentavam proximidades com os locais de encontro e lazer do Rio de Janeiro, como as lojas de moda, gostos literários e os teatros. Por exemplo, Joana Paula Manso de Noronha colocava suas peças e os concertos musicais de seu marido para serem apresentados nos teatros da corte. Violante Bivar e Velasco tinha seu pai atuando no Conservatório Dramático Brasileiro, bem como o esposo de Gervásia Nunézia Pires dos Santos, que trabalhava na mesma instituição.

Ao longo do século XIX português a imprensa feminina também se mostrou presente. Embora desde 1807 existissem jornais voltados às mulheres leitoras em Portugal, foi ao longo do século XIX que a imprensa feminina também se expandiu nesse país. Em meados do século XIX, cidades como Lisboa, Porto, Coimbra apresentavam diferentes jornais voltados ao público feminino. Existiam periódicos feitos *por e para* mulheres, juntamente com a inauguração de

⁷¹⁰ MARTINS; LUCA... *Op. Cit...* 2008, p. 42.

jornais literários que também tinham como objetivo a educação feminina, como o periódico *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas* (Porto; 1865-1866).

Diferentemente do *Jornal das Senhoras*, *A Esperança* era produzido por redatores homens e apresentava a possibilidade de circular em outras províncias de Portugal e, mesmo, no Império brasileiro, por meio dos importes e subscrições. Voltava-se para leitores de diferentes lados do Atlântico e, ainda que o seu título fosse “dedicado às Damas” também admitia sua aquisição pelos homens de letras como tática de venda de suas assinaturas. O periódico portuense apresentava uma preocupação em ampliar seu público leitor. Tal expansão de público era viável, possivelmente, pelo fato desse impresso contar com a atuação de intelectuais inseridos em redes de sociabilidades que não se limitavam ao Porto, local de produção desse jornal. Havia colaboradores que ao mesmo tempo em que fizera parte de *A Esperança* cooperavam em revistas de Portugal e algumas em parceria com letrados do Império do Brasil.

Ao nos aproximarmos do corpo editorial dessas publicações, dentre outras questões, foi possível identificar proximidades literárias e a presença de um mesmo mediador cultural atuando nos conteúdos publicados no Rio de Janeiro e no Porto. Esse é o caso do marido da primeira redatora do *Jornal das Senhoras* e colaborador dessa mesma publicação: o português Francisco de Sá Noronha. Sá Noronha era um músico que no ano de 1865 esteve no Porto e foi citado nas páginas de *A Esperança* com elogios e descrições de suas apresentações, de modo semelhante ao exposto no *Jornal das Senhoras*, em 1852, no Rio de Janeiro. Tal prerrogativa nos mostra que, possivelmente, o passado e o idioma comum de Brasil e Portugal facilitava a interação cultural entre esses países mesmo após a independência de modo a ser possível as frequentes viagens dos agentes culturais desse tempo entre tais países. Questão que também pode ser exemplificada pelo caso da brasileira Nísia Floresta, referenciada no *Jornal das Senhoras*, após sua viagem à Portugal.

Ao analisarmos os conteúdos de *O Jornal das Senhoras e A Esperança*, também foi possível observar que tanto Brasil quanto Portugal percebiam a França como centro civilizacional da cultura ocidental. Se em *O Jornal das Senhoras* observa-se a apropriação de imagens de modas de origem francesa, em Portugal não foi diferente. Em *A Esperança*, Paris era considerada a capital da moda e suas peças poderiam ser descritas e apropriadas ao gosto das leitoras portuenses. Do mesmo modo, em *O Jornal das Senhoras* os figurinos franceses eram não apenas descritos, mas também litografados. Isto é, em ambos os lados do Atlântico

os textos de moda, ainda que com frequências diferenciadas, preenchiam as páginas desses periódicos tendo a moda francesa como um exemplo a ser seguido.

Essa proximidade francesa também pode ser notada, inclusive, em relação aos estilos ou manias literárias de época, como a prática de se disseminar romances que tinham como título “Mistérios”, cujo o primeiro foi de o famoso *Mistérios de Paris*, de Eugénio Sue (1804-1857). Nessa prática, Brasil e Portugal não ficaram à parte. Existiam *Os Mistérios do Rio de Janeiro* (1881), de José de Rocha leão e *Os Mistérios de Recife* (1875) de Carneiro Viela⁷¹¹ e outros. Mas também existiam aqueles que eram de autoria do próprio corpo editorial dos jornais estudados pela presente pesquisa. Como pode-se perceber, nas próprias páginas do *Jornal das Senhoras* existia o folhetim intitulado *Mistérios del Plata* (1852), de autoria de sua primeira redatora Joana Paula Manso de Noronha. E, quanto *A Esperança*, seu colaborador Camilo Castelo Branco, por sua vez, também produziu o romance folhetim *Mistérios de Lisboa* (1854), nos fazendo compreender como as ligações literárias estavam em vigor no decorrer desse tempo em ambos os lados do Atlântico.

Do mesmo modo, quanto ao conteúdo desses impressos, foi possível perceber a presença de textos literários de autoria dos próprios colaboradores dos impressos estudados, além de traduções do francês que, por vezes, apresentavam ser de um mesmo autor francês. Se *O Jornal das Senhoras* publicou *Um amor de mulher* (1853), tradução incompleta de Alexandre Dumas, do outro lado do Atlântico, o periódico *A Esperança* também publicou textos de Dumas. Tratava-se do romance *O Capitão Ricardo*, publicado no ano de 1866 nas páginas do periódico portuense.

Enfim, o conjunto dos romances que começavam com o termo “Mistérios”, assim como a utilização de traduções de Alexandre Dumas e outras não devem ser compreendidas como meras cópias dos conteúdos franceses, mas uma apropriação que perpassava a crítica e julgamentos dos autores empreendido nessa tarefa. Do mesmo modo, devem ser compreendidos os inúmeros figurinos de moda que eram descritos e até litografados tendo como molde o exemplo francês. Cada texto, palavra e imagem eram julgados por seus redatores e colaboradores de modo que fossem interessante e de compreensão do público leitor a que o impresso se destinava.

Ambos os periódicos publicavam em suas páginas romances folhetins, textos em prosa e em verso, de informações históricas e de ciência, de utilidades domésticas e religiosas, assim

⁷¹¹ RAFAEL, Gina. Jornais, Romance- Folhetim e a Leitura Feminina no Século XIX: Influências Transatlântica? Recife: *Revista Iris*. Vol 1. N.1. p. 32-42. Jul/dez 2012. p.35. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/IRIS/article/view/248117>>. Acessado em: Dez. de 2020.

como artigos de moda, dos teatros e dos acontecimentos públicos e privados que perpassavam suas cidades produtoras. E isso não dizia respeito apenas ao *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Ao levantarmos listagens dos títulos, periodicidades e locais de publicação dos impressos voltados para o público feminino, foi possível perceber que tais temáticas, com diferentes frequências, acompanharam os impressos que tinham como público alvo as leitoras da época.

Ao analisar *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, além dos conteúdos impressos, foi possível compreender suas trajetórias de publicidade, produção e manutenção de assinaturas. De periodicidades curtas, de 2 a 5 anos de publicação, esses jornais voltados à mulher leitora contavam com o desafio de se dirigir para um público ainda muito reduzido, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Porto. E, talvez, por isso, muito foi investido nas táticas de venda pelos dirigentes desses impressos. Nesses jornais, as estratégias adotadas para diminuição dos gastos excessivos e perdas de assinantes foram muitas e diversas. Utilizaram anúncios, os vínculos com a tipografia que os abrigavam, a localização das assinaturas e o empenho para agradar o público leitor. Afinal, não eram apenas os impressos redigidos por e para mulheres – como o *Jornal das Senhoras* – que tinham dificuldades de se manter, mas os impressos voltados ao público feminino, redigido por homens – como *A Esperança* – também apresentavam tal dificuldade. Isso é, na segunda metade do XIX, o interesse de “semear” leitoras pode ser observado em ambos os lados do Atlântico. Não bastava buscar temáticas que se firmavam como de interesse da mulher leitora, era necessário firmar táticas de venda e produção para manter-se nos prelos.

O Jornal das Senhoras, por exemplo, apresentou não somente em seu título um ideal de se dirigir às senhoras, mas procurou inserir figurinos de moda, recebendo cartas de redatoras – e assim estimulando o contato com o público leitor –, sendo vendido em locais de fluxo de mulheres, não aumentando os preços de aquisição do impresso, e ainda, apresentando uma postura em que o termo “escrito por mulheres” poderia ser um diferencial de venda. *A Esperança*, por sua vez, apresentou temáticas de venda próximas as do *Jornal das Senhoras*. Esse periódico também se localizava numa área central e de elevada concentração tipográfica. Sua localização demonstrava tanto a busca pela comodidade de estar próximo ao Rio Douro, local de onde vinha seu papel, quanto pela busca de um público leitor que circulava pelo comércio da cidade – como nas ruas da Feira, das Flores, na Praça de S. Lázaro e outras. Além disso, o periódico se utilizava de estratégias de venda que se relacionavam aos anúncios, à ampliação do público leitor, à inter-relação entre a tipografia e a assinatura do jornal e a manutenção de um mesmo preço até o fim de suas publicações.

Além de analisar a ambiência do *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*, seus redatores, colaboradores, práticas de venda e produção, por fim, o presente trabalho também pôde observar a representação das mulheres que era construída e reproduzida no interior dessas páginas periodistas. Nessa análise foi possível averiguar que a própria definição da mulher era um debate travado em ambos os lados do Atlântico no momento em que *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* vieram à luz pública. Esses debates, por vezes, apresentavam referenciais de teóricos franceses e de contemporâneos de época, como os de Voltaire, Rousseau, Aimé Martin L. Larcher e outros. Porém, a apropriação desses autores pelos jornais aqui analisados não se deu ao acaso. A apropriação se assentava sob uma representação feminina já sacralizada desde os textos bíblicos. Tratava-se de uma apropriação que não esquecia a compreensão de mulher cunhada pelo viés religioso. A representação das mulheres, na época, reinventava-se, sob o dogma de Imaculada Conceição de Maria, em que a pureza, o não pecado e o ser mãe e esposa eram valorizados.

Em diferentes textos dos jornais estudados foi encontrada a representação da mulher que, em geral, partia de um olhar dicotômico: ora Maria, ora Eva, ora anjo, ora demônio, ora rosas, ora espinhos e assim por diante. Nessa dicotomia, o modelo de mulher ideal adotado por ambos os periódicos caminhava para a representação de mãe protetora, zelosa e sacra vistas tanto no Brasil, quanto em Portugal como um exemplo a ser seguido.

Enquanto o jornal fluminense se preocupava na doutrinação de uma mulher agente de seu contexto produtor e que buscava uma versão mais compreensiva e em defesa das mulheres, mesmo frente ao estigma da personagem Eva, no Porto, havia, com mais frequência textos que reafirmavam Eva e sua “malícia”, assim como considerava o homem como o “rei da criação”. Porém, embora se observe tal distinção e até recusa do *Jornal das Senhoras* em achar o homem “o rei da criação”, ambos os periódicos adotaram ao fim de suas reconstruções de Gênesis o homem como o protetor da família e a mulher a ajudante, o ser de virtude, o anjo conciliador e atuante no lar, tendo como principais funções ser esposa e mãe.

Em meio a esses debates, a emancipação da mulher, sua educação, leitura e letramento também entravam nas preocupações dos impressos aqui estudados. Enquanto o termo emancipação, para o jornal portuense, podia ser compreendido como luxo, ostentação, elevação da mulher ao poder do marido e apresentação da defesa da educação e não da emancipação, *O Jornal das Senhoras* compreendia a emancipação como a própria educação da mulher. Educação que, assim como no Porto, devia ser valorizada, principalmente, a partir dos atributos que a auxiliariam a serem melhores esposas e mães aos moldes da moral religiosa católica.

Com uma educação que se voltava ao lar, a representação de uma mulher instruída, letrada e atuante na imprensa periodista não foi nada fácil, fosse no Rio de Janeiro, fosse no Porto. O meio público dos impressos era um local de insegurança, críticas, julgamentos e formas de deslegitimar/legitimar a escrita feminina. Assim, ao mesmo tempo em que as colaboradoras desses impressos buscavam sua afirmação enquanto publicistas, também recebiam críticas. E, à medida que buscavam uma educação que tivessem, em suas pautas, matérias como português, matemática estudos de História, Geografia, alguma língua estrangeira, também queriam o estudo religioso para suas funções de mãe e esposa.

Percebe-se que a inserção da escrita periodista feminina no mundo dos impressos – que ocorria em ambos os países nessa mesma conjuntura histórica – muitas vezes, se chocava com a ideia de que a mulher deveria ser somente mãe e esposa e circunscrita ao lar – ainda que estivessem fazendo a atividade periodista dentro de suas casas. A comparação entre a força e racionalidade do homem e a fraqueza e sentimentalismo da mulher eram dualismos aparentes que geravam a insegurança das jovens escritoras dos impressos aqui analisados.

Enfim, o casamento e a maternidade apareciam como um dever na vida dessas mulheres e o exemplo mais bem acabado de mulher, na época, era a mãe zelosa, atenciosa, modesta e religiosa, tal como foi Maria, mãe de Jesus. Todas essas questões nos levam a pensar que, como herança colonial, não somente a língua portuguesa pode ser considerada como um forte indicativo de proximidades, mas também, a própria religião católica. Pois, na busca por instrução formal, a aplicabilidade dessa educação destinava-se também ao lar. Ser boa mãe e esposa tratava-se de um modelo a ser seguido que gerava não somente a “salvação” das senhoras, como diziam os textos bíblicos, mas nas páginas desses impressos tornavam-as “potências civilizadoras”, que ao atuarem dentro do lar, interviriam no progresso ou regeneração da nação. Pois dentro da domesticidade do ambiente privado elas cuidariam e ensinariam as primeiras lições de vida ao futuro da nação: as crianças. Essa função, no compreender da época, seria uma maneira de formar mulheres mais atuantes e ajudantes na causa do progresso da nação.

Tais características habitaram, em distintos níveis, as páginas de *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* e essas descobertas abrem indagações para novos trabalhos, assim como para o entendimento que, de fato, a representação da mulher do Rio de Janeiro e do Porto era dicotômica e tinha na religião católica um forte fator de legitimação das funções e papéis destinados ao feminino: ser mãe e esposa.

Para além das proximidades da representação da mulher em sociedade, o trabalho abre precedentes para estudos que busquem, a partir da história comparada, outras temáticas que nesses periódicos podem ser exploradas. Os distanciamentos identitários entre aqueles que se viam como portugueses e brasileiros nesses impressos, por exemplo, é um deles. Assim como a recepção do jornal *A Esperança* no Império do Brasil, haja vista que o mesmo apresentava a possibilidade de ser assinado em sua ex-colônia na América. Por fim, também não foi possível explorar outros papéis que eram destinados às mulheres, para além de esposa, mãe e jornalista (desde que dentro das ordens estabelecidas e sem atrapalhar os papéis de esposa e mãe). Tratava-se dos papéis de filha, amiga prima e outros em que, com diferentes frequências, se abrigavam nessas páginas impressas, mas não pode ser explorada na presente pesquisa devido ao tempo.

A partir da história comparada foi possível perceber que embora oposições e divergências próprias de seus contextos nacionais existissem nas relações entre Brasil e Portugal, na segunda metade do XIX, algumas situações mostravam-se sincrônicas mesmo após a Independência do Brasil. Afinal, Brasil e Portugal guardavam um passado comum, inseridos nos laços de ex-colônia e ex-metrópole, constituídos sob as bases da religião católica, da língua portuguesa e sob os aspectos reformistas (ou regeneradores) que habitam tais nações. Todas essas questões entrelaçavam-se nesses países e proporcionaram visões semelhantes acerca da representação da mulher sob as réguas da religião católica, do reformismo e das leituras em comum. .

Portanto, a comparação entre esses periódicos leva a pensar que, no terreno do cultural, a diacronia não é o bastante para compreender a dimensão e a evolução dos debates acerca da busca por novas representações e papéis femininos. Além disso, nos desmistifica a ideia de que a emancipação era um termo compreendido a todo o momento como algo positivo na estratégia de busca por instrução da mulher. As jornalistas compreendiam que precisavam auxiliar no processo de construção da nação e adentrar ao ambiente público dos impressos desde que estivessem em seus lares e sem atrapalhar suas funções já exercidas dentro deles. Tratava-se de um cenário em que o silêncio da escrita feminina tinha sido rompido, mas críticas ou ruídos quanto ao potencial intelectual poderiam ainda existir. Enfim, percebe-se que, como considerou Lopes, a luta pela melhoria da condição feminina foi incerta, utilizou-se de diferentes argumentos, termos, posturas, significados e representações. Uma vez as vozes foram

veladas e fracas, “outras declaradas e tenaz”⁷¹², na qual “a evolução parece, assim, muitas vezes, contraditória”⁷¹³, mesmo em sociedades sincrônicas como no caso do Brasil e Portugal

⁷¹² LOPES, A... *Op Cit*, 2005, p. 337.

⁷¹³ LOPES, A... *Op Cit*, 2005, p. 338.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Joaquim Cândido, 1830-1912. Igreja de Nossa Senhora da Esperança / Abranches des.; S. lith.. - [Ponta Delgada : Typ Manoel Corrêa Botelho, 1869] ([Lisboa] : : Lith. de Lopes). - 1 gravura : litografia, aguarelada ; 10,8x16,2 cm (imagem sem letra). Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/12494>>. Acesso em: 13 out. de 2019.

ABRANCHES, Joaquim Cândido, 1830-1912. Matriz de N. S. da Estrella da villa da Ribeira Grande / Abranches [des.] ; Serrano lith.. - [Ponta Delgada : Typ Manoel Corrêa Botelho, 1869] ([Lisboa] : : Lith. de Lopes). - 1 gravura : litografia, aguarelada ; 10,8x16,2 cm (imagem sem letra). Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/12504>>. Acesso em: 11 out. de 2019.

A Esperança: Semanário Literário dedicado às Damas. Porto (1865-1866) Tomo 1- Tomo 2. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (1844-1885). Tomo 7, n. 7, p. 373, 1850. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394x&pesq=%22Desmarais%22&pasta=ano%20185>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro... Tomo 9, n. 9, p. 471, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394x&pesq=%22Desmarais%22&pasta=ano%20185>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícia*, Rio de Janeiro, 1852-1853. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/milicias.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

A Marmota na Corte. Rio de Janeiro (1849-1853). Tomo 4, n. 247, p. 1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706906&pasta=ano%20185&pesq=>>>. Acessível em: 12 jun. 2020.

A Marmota. Rio de Janeiro. (1859-1864). Tomo 1. n. 1307. p. 2. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=>>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (1856-1889), Tomo 3, n. 236, p.2, 1858. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830330&pesq=Jornal%20das%20Senhoras>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

AUGUSTI, Valéria. “Polêmicas Literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do XIX”. In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

_____. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: Sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

_____. A escrita feminina periodista no Brasil em meados do século XIX. São Lourenço, RS: *Encontro Estadual de História Anpuh/RS*, 2014.

_____. Em buscas de (in)formação: estratégias editoriais femininas na corte (1852-1855). In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina (et. al.) (Orgs). *Imprensa, livros e política nos oitocentos*. São Paulo: Alameda. 2018.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BETHELL, Leslie. O Brasil no Mundo. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012.

BICALHO, Maria Fernanda. O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Rebeldia e Submissão: Estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: Fundação Carlos Chagas, 1989.

BLOCH, Marc. *História e Historiadores* ; textos reunidos por Étienne Bloch; Tradução de Telma Costa. Portugal: Editora Teorema, 1998.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações euroaméricas, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDON. Albert-Alain. *História de Portugal*. Paris: Edições texto e grafia, 2010.

BRANCO, Camilo Castelo. Amor de Perdição, 1862. Universidade do Amazônia (Unama). Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16586>. Acesso em: 12 maio 2020.

BUESCU, Maria Gabriela - A poesia ossiânica em Portugal : estudo da sua recepção translitológica. In : "Viagens pela palavra". Lisboa: Universidade Aberta, 2005 p. 227-241, p. 227. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/247>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *A Imprensa Feminina*. 2.ed. São Paulo: Ética, 1990.

Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponíveis em:
<<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012.

_____. Elites políticas e construção do Estado. In: *A construção da ordem e Teatro das sombras*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996.

_____. [et. al]. *Linguagens e Fronteiras do Poder*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e Representações. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Cecília, 1882. Henrique Pousão (1959-1884), óleo Sobre Tela. 82,3x 57,2 cm. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis. Disponível em:
<<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cecilia-henrique-pousao/>> Acessado em: 13 maio 2020.

COMANDULLI, Ana Cristina. Maria Peregrina de Sousa (1809-1894). *RCL / Convergência Lusíada*, n. 32, p. 208-211, jul./dez. 2014.

COSTA, Isadora de Mélo. *Discutindo a Emancipação Feminina: O Jornal das Senhoras (1852-1855) e sua recepção na província do Rio de Janeiro*. 2019. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal. Rio de Janeiro. (1848-1868). Tomo 2, n. 230, p. 4, 1849. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%20%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal... Tomo 5, Edição 32, n. 4, 1852. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%20%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

Correio mercantil, e instructivo, Político Universal... Tomo 6. n. 281, p. 1, 1853. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%20%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal... Tomo 9, n. 1, p.3, 1856. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%20%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

Correio Mercantil, e instructivo, Político Universal... Tomo 10, n. 347, p. 1, 1857. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=%22O%20Recreio%20das%20Senhoras%20Brasileiras%22>>. Acessado em jan. de 2020.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2006.

D'INCÃO, Maria Ângela. “Mulher e Família Burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DE LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Orgs.) [et al]. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2006.

Diário do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro* (1821 a 1858). Tomo 30, n. 8714, p. 4. 1851.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michell&pasta=ano%20185>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Diário do Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 32, n. 257, p. 4, 1853. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michell&pasta=ano%20185>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Diário do Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 32, n. 291, p. 4, 1853. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michell&pasta=ano%20185>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Diário do Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 32, n. 295, p. 3, 1853. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michell&pasta=ano%20185>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Diário do Rio de Janeiro (1821 a 1858). Tomo 34, n.193, p. 4, 1855. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=Jules%20Michell&pasta=ano%20185>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DUARTE, Constância Lima. *A Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX*. Dicionário Ilustrado. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. “Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX”. In: LOBO, Yolanda; FARIA, Lia (orgs.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

Extra Conversion. Disponível em:

<<http://extraconversion.com/pt/comprimento/covados/covados-para-metros.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 208.

FARO; Rute Santos de Castro Lopo e. O Porto na Berlinda: Memórias de Alberto Pimentel. Dissertação de Mestrado em Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. “As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da leitura”. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005, p. 5. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31141>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

_____. Perspectivas da Cidadania no Brasil Império. In: CARVALHO, José Murilo de Carvalho; CAMPOS, Adriana Pereira Campos. *Livros e Cidadania no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FONSECA, Fernando Tavares da. Flutuações e Crises Econômicas. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*, v. 5: O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998.

Gazeta Literária do Porto. Porto. Tomo 1, n. 1, p. 12, 1868. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/GazetaLiterariadoPorto/N01/N01_master/GazetaLiterariadoPortoN01.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALES, Guilherme Domingues. *Moda e Emancipação Feminina: Um Estudo do Jornal das Senhoras*. 2014. Monografia (apresentado ao final do curso de história) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GRANJA, Lúcia. LUCA, Tania de (Orgs.). *Suportes e Mediadores : A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2018.

HAHNER J. E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850- 1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Hemeroteca da Biblioteca Municipal do de Lisboa. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>>. Acesso em: 06 jul 2020.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

História de Nossa Senhora da Estrela. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-estrela/25/102/#c>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

HOLANDA; Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. 14. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JEANNENEY. Jean-Noel. A Mídia. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2003.

Imprensa e Lei. Lisboa. Tomo I, n. 195, p. 4, 1854. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896969&pesq=L.%20Aim%C3%A9%20Martin&pasta=ano%20185>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 18, n. 297, p. 4, 1845. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%20%20Jornal%20das%20Senhoras%22. Acesso em: 10 jan. 2021.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 21. n. 355, p. 4, 1848. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 22, n. 3, p. 2, 1849... Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2021.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 23, n. 189, p.4, 1850... Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2021.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 24, n. 311, p. 3, 1851. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 25, n. 10, p.3, 1852. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 25, n.32, p.3, 1852... Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 25, n.130, p.3, 1852. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 25, n. 351, p.3, 1852. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 25, n. 241, p. 1, 1852. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 26, n.113, p.3, 1853. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 08 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 26, n. 349, p. 3, 1853... Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 06 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 27, n.15, p.3, 1854... Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (1827-2013). Tomo 27, n. 230, p.3, 1854. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&PagFis=2989&Pesq=%22O%20Jornal%20das%20Senhoras%22>. Acessado em: 21 jan. 2020.

KARASCH, Mary. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.

KROETZ, Itiana Daniela; GAI, Eunice T. Piazza. *Jornal das Senhoras e a Busca pela Emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. Leitura Comparatismo e crítica Social*, fev. 2015.

_____. *Literatura e história perspectivas de interpretação de narrativas e ensaios do Jornal das senhoras*. Dissertação (Mestrado em Letras). UNISC, Programa de Pós-graduação em Letras: Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul - RS, 2015.

LEAL, Maria Ivone. Um século de Periódicos Femininos, *Cadernos Condições Femininas*, Lisboa, n. 35, 1992.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia e possibilidades: Os Jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. *Revista Escritas*, v.7, n.1, 2015.

LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo* (RJ, segunda metade do século XIX). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012.

_____. *Jornal das Senhoras, olhares femininos sobre a urbanização na Corte*. Anais XIX Encontro Regional de História Regional: Poder, violência e exclusão. ANPUH/SP – USP. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 397-403, dez. 2012.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. A Igreja Católica e o discurso sobre a mulher no século XIX: questões de gênero na santidade de Rita de Cássia. *Anais do II Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões*, Recife, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/>. Acessado em: 27/01/2020.

LISBOA, João Luís; MELO, Daniel. Traços de Edição em Lisboa na viragem do século em Lisboa na viragem do século XIX para o século XX. GRANJA, Lúcia e LUCA, Tania de (Org.). *Suportes e mediadores : A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. SP: Editora Unicamp, 2018.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma Exilada em três Pátrias. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, 1. Sem. 2009.

LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015

LOPES; Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005.

LUCA, Tania Regina. Fontes Históricas. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanzi (Org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto: 2008.

LUCAS, Maria Manuela. Organização do Império. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades. Rio de Janeiro (1854 a 1858). Tomo 2, n. 547, p. 1, 1855. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=0>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

MARZANO, Andrea. *Cidade em Cena – O Ator Vasques, O Teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha seca: FAPERJ, 2008.

MATTOSOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

MENDES, J. Amado. Etapas e Limites da Industrialização. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

Moça lendo em Itu, s.d. José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899), óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/>>. Acessado em: 13 maio 2020.

MONTILHA, Monique Ribeiro. *Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)*. 2015. 280f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

MOREIRA, Nadilza M. de B. Júlia Lopes de Almeida: O lugar do Feminino na Imprensa oitocentista brasileira. *Letr Viv@*, v. 9, n.1, 2008.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza ; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

NETO, Vítor. O Estado e a Igreja. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das... [et al]. *Literatura, história e política em Portugal (1829-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. (Org.) *Livros e impressos : retratos dos setecentos e dos oitocentos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____. *Literatura, história e política em Portugal (1829-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. [et. all]. *Linguagens da Identidade e da Diferença no Mundo Ibero-americano (1750-1890)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

_____; MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NÓVOA, António. Do Mestre-Escola ao Professor de Ensino Primário – Subsídios para a história da Profissão docente em Portugal (séculos XV-XX). *Revista Análise Psicológica*, 3 (v), p. 413-440, 1987. Disponível em: http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987_3_413.pdf. Acesso em: 27 maio 2020.

Novo Correio das Modas. Rio de Janeiro (1852-1854). Tomo 1, n. 2, p. 144, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pesq=>>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

Nossa Senhora da Esperança: 15 de agosto. *Revista Nos Passos de Maria*, s. n. p. 1. Disponível em:

<<https://www.nospassosdemaria.com.br/Datas%20Marianas/NS%20da%20Esperan%C3%A7a-15ago.pdf>>. Acesso em: 15 ago 2019.

MARTINS, Ana Luiza ; LUCA, Tânia Regina (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

O Correio da Tarde: Jornal Comercial, Político, Literário e Noticioso. Rio de Janeiro (1855-1862), Tomo 5, Edição 40, p. 3, 1859.

O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro (1852-1855). Tomo 1-Tomo4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=n%c3%a3o%20recuo&pagfis=1>>. Acesso: em jan-dez. 2020.

O Jornal do Porto. Tomo 7, n. 82, p. 2, 1865. Disponível em: <https://purl.pt/14338/1/j-822-g_1865-04-11/j-822-g_1865-04-11_item2/j-822-g_1865-04-11_PDF/j-822-g_1865-04-11_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1865-04-11_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf>. Acessado em: Dez. de 2020.

OLIVEIRA, Cláudia de. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado”. In: KNAUSS, Paulo, MALTA, Marize, OLIVEIRA, Claudia de, VELLOSO, Mônica (Orgs). *Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Maud X: FAPERJ, 2011.

O Mágico. Rio de Janeiro (1851-1852). Tomo 2, n. 11, p.1-2, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717428&pesq=&pagfis=1>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

PEREIRA, Maria da Conceição Meireles. *Jornais, editores e Tipografias do Porto (1866-1898)*. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5283.pdf>> Acesso em: 03 abr. 2020.

PEREIRA, Miriam Halpern. Nação, Cidadania e Religião em Portugal nos Séculos XIX-XX. In: CARVALHO, José Murilo; CAMPOS, Adriana Pereira. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Periódico dos Pobres. Rio de Janeiro. (1850-1871). Tomo 3, n. 14, p. 1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709697&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20moral%20da%20Mulher%22&pasta=ano%20185>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Periódico dos Pobres. Rio de Janeiro. (1850-1871). Tomo 3, n. 14, p.1, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709697&pesq=%22Emancipa%C3%A7%C3%A3o%20moral%20da%20Mulher%22&pasta=ano%20185>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

PERROT, Michellet. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, (4), p. 9-28, 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 12 jun. de 2020.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

Planta de alguns arruamentos de Lisboa - [Escala não determinada] [18--]. - 1 planta: manuscrita, p&b ; 12x17cm, em folha de 27x43 cm. A. Aires de Carvalho - Catálogo da coleção de desenhos, 1977, n.o 1100. Contém: Planta incompleta, apenas com alguns arruamentos, na margem inferior direita, delimitados pelas actuais: Rua do Quelhas, Travessa do Pasteleiro, Rua da Esperança, Rua das Trinas e Travessa da Bela Vista. Disponível no Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal em: <<http://purl.pt/26350>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

Plano topográfico da cidade do Porto impresso em Londres em 1813. Disponível em: Catálogo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal.

<<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!636061~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PRIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 10^a.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

RAFAEL, Gina Guedes. *A Leitura Feminina na segunda metade do século XIX em Portugal*. 2011. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

_____; SANTOS, Manuela (orgs.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 2001.

_____. Romance-Folhetim e a Leitura Feminina no Século XIX: Influências Transatlântica?. *Revista Iris*, v. 1, n.1. p. 32-42. Jul/dez 2012. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/37992>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

Recreio das Damas. Nova Goa. Tomo 1, n. 1, p. 1, 1863. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=E59085657R2W0.79802&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!601908~!0&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Recreio+das+Damas+&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>>. Acesso em: 13 maio 2020.

Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e theatro. Rio de Janeiro, 1852- 1856. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700070&Pesq=homens&pagfis=1>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

RÉMOND, René (dir.). *Por uma história Política*. Rio de Janeiro. 2. ed. Ed. FGV, 1996.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. A Regeneração e seu significado. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

_____. *Portugal e a Revolução de 1848*. Coimbra: Livraria Minerva, 1990.

ROLDÃO, Helena. A Esperança: semanário de recreio litterário Dedicado ás Damas (Porto, 1865-1866). Lisboa, *Hemeroteca Municipal de Lisboa*, 26 de Fevereiro de 2016.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do Político*. São Paulo: Alameda, 2010.

ROVERE, Maxime. *Arqueofeminismo – Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas, séculos XVII-XVIII*. 1ª edição. São Paulo: n.1edições, 2019.

SALVADOR, Teresa. “Em torno dos periódicos femininos”. In: *Cultura: Revista de história e teoria das ideias*. Lisboa, vol. 26, 2009, 2013.

SANTOS, Livia Assumpção V. dos. *A mulher por ela mesma*. Anais do XVIII Encontro de história da Anpuh Rio: História e Parcerias, 2018, p. 2. Disponível em: <<https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares#L>>. Acessado em: 10 jan. 2021.

SANTOS, Mirian Cristina dos. Resende, Maria Ângela de Araújo. Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher: conselhos literários de Elisa Lemos. Simpósio internacional literatura, crítica, cultura iii: interfaces. ufjf: *Darandina Revista Eletrônica*, v. 2, n 3, dez. 2009, p. 7. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/anteriores/v2n3/simposio3/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SANTOS, Simone Cléa dos. *Mulheres Leitoras: Representações Iconográficas na Pintura de Almeida Júnior (1890-1900)*. Universidade Federal de Uberlândia: Mestrado em Educação, 2015.

SCOT. Joan. Gênero. Uma categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, jul/dez. 1995.

SHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. “O Texto e a Imagem nas Revistas Brasileiras com conteúdos de Moda”. In: GRANJA, Lúcia. LUCA, Tania de (Orgs.). *Suportes e Mediadores: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2018.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831.

SILVA, Francisco Ribeiro da. “Jornais e Revistas do Tempo de Camilo”. In: *História do Porto*, 1990. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8265.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português VIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.

SILVA, Robson R. da. “A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX”. In: *Antíteses*, v.9, pp. 297-322, 2016. p. 302
Disponível em: www.redalyc.org/service/redalyc/downloadPdf/1933/193346401016/6.
Acesso em: 08 abr. 2020.

SIRINELLI, Jean François. “Os intelectuais”: In: REMOND, René (Org). *Por uma história Política*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1996.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz*. São Paulo: Edusc, 2015.

_____. Entre Anjos e Demônios surgem as mulheres de Alencar. *Revista Mosaico*, v.3, n.1, p. 61-66, jan/jun. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

SOUSA, Joaquim Pedro de; 1818-1878 ;Barros, Silêncio Cristão de, 1792-ca 1870 (impressor). *Retratos de Portugueses do século XIX*. Disponível em: Biblioteca Nacional de Portugal <<http://purl.pt/6376>>. Acessado em Ago. de 2019

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. “Um olhar na história: A mulher na escola (Brasil: 1549-1910)”. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>,

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

TENGARRINHA, José (Org.) *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

_____. *História da Imprensa periódica Portuguesa*. 2ª ed. revista e ampliada. Lisboa: Caminho, 1989.

VARGUES, Isabel Nobre. RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “Ideologias e Práticas Políticas”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*: quinto volume – O liberalismo (1807-1890). Editora Estampa, 1998.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

VIEIRA, Lucas Schuab. Principais colaboradores e textos publicados na revista A Ilustração Luso-Brazileira (1856, 1858, 1859). *Revista Escrita da História*, v. 2, n. 4, set./dez. 2015.

VILLIERS DE L'ILE-ADAM, J. de, Visconde. Planta da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1850. *Acervo digital da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart161233/cart161233.jpg>. Acesso em: 06 dez. 2020.